1955

ABRIL - N.455

EU SEI TUDO

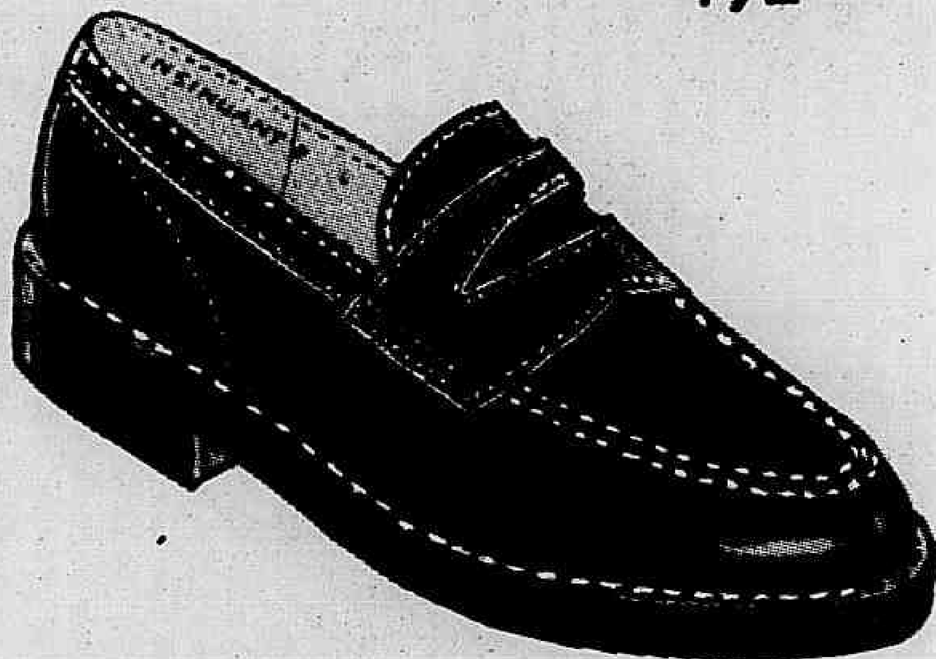




VOCÊ ACORDA À HORA QUE DESEJA? ★ UM SÁBIO À PROCURA DE ADÃO ★ NOVO MILAGRE PARA SALVAR O CORAÇÃO ★ MÊDO — ENFERMIDADE MORTAL DO HOMEM MODERNO

Mande os seus filhos á ESCOLA!


192


193


194


195

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

192 Cr$ 150.00 — Sapato esportivo, de vaqueta preta, saltos de borracha, cem por cento colegial. Um sapato para a aluna ou para a professôra.

193 Cr$ 175.00 e Cr$ 195.00. Respectivamente de 28 a 32 e de 33 a 39. Sapato esportivo — colegial, adotado nas principais escolas do país. Ótima vaqueta preta, saltos de borracha.

194 Cr$ 200.00. Número de 28 a 37. Grande sapato para meninos e rapazes em vaqueta preta sola dupla.

195 Cr$ 135.00 — Cr$ 150.00 — e Cr$ 195.00. Respectivamente de 23 a 27 — 28 a 32 — 33 a 40. Sapato Normalista, artigo de primeiríssima.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

É insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. SEMOG.

QUE ACHA O LEITOR?

AQUI nos dirigimos aos nossos leitores (os velhos amigos de trinta e sete anos e os últimos que conseguimos conquistar) a fim de realizar entre êles uma "enquête" para saber aquilo que mais apreciam em EU SEI TUDO, o que gostariam de ver alterado, aumentado ou simplesmente cortado, enfim pedir que nos indiquem como gostariam de ter cada mês, esta publicação. Para ajudar, vamos apontar alguns detalhes técnicos e aguardar a resposta dos nossos bons amigos, que deverá ser pelo Correio e dirigida à Redação do EU SEI TUDO (INQUÉRITO). Rua Visconde de Maranguape n. 15 — Lapa — Rio de Janeiro.

ROMANCES

O leitor prefere que continuem sendo publicados dois romances, com oito páginas cada um, ou apenas um romance, com 16 páginas?

Que tipo de romance prefere? De amor, aventuras, policial, fantasioso, alegre, trágico...?

De autor nacional ou estrangeiro? (Sublinhar a sua preferência).

CONTOS

Prefere que continuem sendo publicados quatro ou cinco, por edição, ou em número muito menor, porém com histórias mais desenvolvidas? (Sublinhar o que prefere).

Que gênero prefere, em matéria de contos? — Amor, policial, misterioso, alegre, trágico? (Sublinhar o que prefere).

Que autores prefere? Franceses, inglêses, norte-americanos, espanhóis, italianos... ou nacionais? (Sublinhar os de sua preferência).

CIÊNCIA

No vasto campo da ciência, que prefere? Astronomia, Medicina, Matemática, Geografia, Cirurgia, Hipóteses audaciosas, Viagens, Arqueologia, Astrologia, etc.? (Sublinhar a sua preferência).





SEÇÕES

Quais as que prefere em EU SEI TUDO?

□ ....
□ ....
□ ....
□ ....
□ ....

Quais as que gostaria de ver incluídas em nossas páginas?

□ ....
□ ....
□ ....
□ ....
□ ....

QUAIS OS ASSUNTOS QUE MAIS LHE AGRADARAM NO PRESENTE NÚMERO?

□ .... □ .... □ ....
□ .... □ .... □ ....

NOTAVEL!

O ANUÁRIO do ESPORTE Ilustrado









Cr.$ 20,00



1951
1952
1953
1954
1955

AGUARDEM!



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO E LITERÁRIO. FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550; Publicidade: — L. S. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega. Distribuição e venda em São Paulo: — Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, telefone: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00

A mulher traída

Novela de P. L. WANNER

ELA trabalhava com as agulhas de tricô, tendo o olhar voltado para o relógio colocado sôbre a cômoda.

Era uma noite de primavera. Pela janela entreaberta, os perfumes da terra viva penetravam no salão-de-estar. Ana estava só. Trabalhava sem parar, para o bebê que viria no próximo verão. Mas seu olhar estava prêso ao relógio. Esperava seu marido.

Não viera jantar. Um encontro de negócios, coisa urgente, segundo lhe enviara recado por uma vizinha que tinha telefone. Voltaria tarde para casa.

Meia-noite! No quarteirão, as vozes anônimas dos rádios tinham emudecido. De tempos a tempos, a descida de uma porta de aço quebrava o silêncio, que logo renascia. E seu marido não chegava!

Com os olhos cansados, as pálpebras ardentes, ela esperava.

Aquilo começara seis meses antes. Pouco tempo depois do primeiro aniversário do seu casamento. Bruscamente! Ela, porém, levara semanas a perceber. Êle, que passava as noites junto dela, a conversar ou simplesmente a ler, começara a sair, a ver seus camaradas. Primeiramente, uma ou duas vêzes por semana, depois suas ausências se haviam multiplicado e não tardou, mesmo, a que cessasse de preveni-la.

Quando ela julgou compreender, chorou... em segrêdo, pois que desejava esconder seu sofrimento. Acolhia-o, sempre, com um sorriso claro, mais lento a surgir sôbre os lábios da jovem espôsa bruscamente amadurecida.

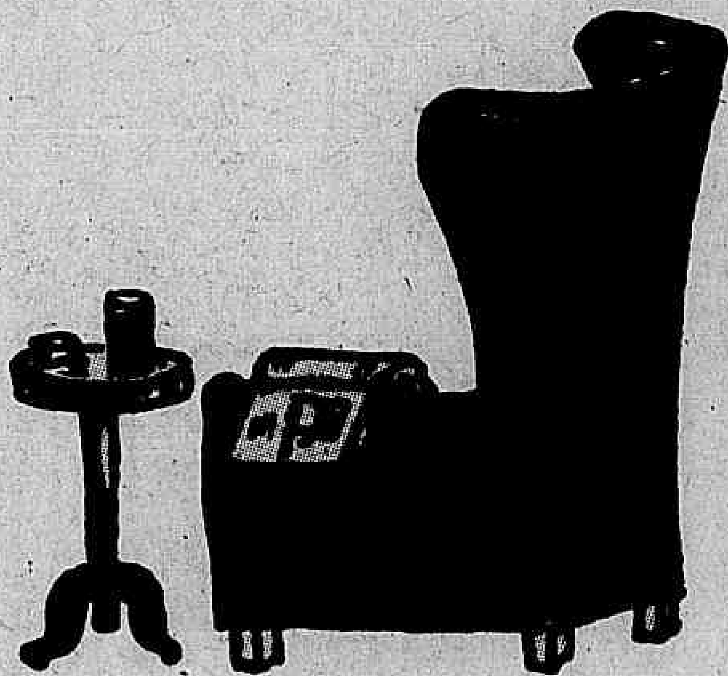
Alguma coisa havia mudado na vida de seu marido. Uma mulher? Ela o temia, embora não estivesse segura. Com ela, René continuava afetuoso. Mas, às vêzes, ficava distraído, fugitivo. Bem que tentou interrogá-lo... Mas

seu ar indeciso a levou a compreender que era melhor renunciar. Não tinha a coragem de incitá-lo a dizer-lhe uma mentira.

O tom de René, falsamente calmo e despreocupado, um ar de franqueza que evitava o olhar da espôsa, pareciam-lhe piores que uma bofetada.

— Tenho negócios, você compreende... Negócios que... Você não quer que eu fique sempre com o que ganho atualmente, não é mesmo?

Ela tentou acreditar. Sua situação não era, realmente, brilhante. Haviam casado por amor; e, desgraçadamente, a coragem e a mocidade não podem substituir a fortuna. Ela depositara sua confiança nêle e também lhe dera o seu sorriso que devia iluminar sua vida. Quanto a René, além de muita esperança e bastante energia, ocupava um modesto emprêgo de técnico, que lhe permitia apenas viver. Seu pai morrera repentinamente, e René não pudera terminar seus estudos. Mas Ana não era exigente. Tinha muita ordem, que sabia aplicar ao lar, com muito gôsto e economia.



Pena que René não tivesse podido prestar os últimos exames de engenharia e conseguir seu diploma! "Mas havia dito êle, quando combinavam casar: Nada está perdido". Durante os primeiros meses de sua união, êle falava em retomar os livros, de fazer as inscrições necessárias, a fim de prestar os exames finais. Teria, sim, que estudar muito, é claro. Que trabalhar muito, principalmente à noite. Ela o ajudaria com sua presença, sua coragem... Um ano só seria suficiente. Depois, tudo mudaria.

Os meses passavam... e René não falava mais de seu projeto. Voltava para casa com ar distraído, o ar distante, para tornar a sair, quase em seguida. Um dia em que ela havia perguntado, timidamente:

— E aquêle projeto grandioso, René?

Êle estremecera, respondendo, a seguir, com ar meio zangado:

— Como quer você que eu faça? Onde arranjar tempo? E fôrças? Mais tarde, talvez. Preciso, antes de tudo, conseguir outro emprêgo.

E acrescentara, com êsse tom de falsa franqueza, que lhe rasgava o coração:

— Justamente, esta noite, vou visitar Bertet a respeito de um lugar de mecânico, no pôsto de lubrificação. Precisam de um técnico. Oh! Se pudesse conseguir... Quase o dia todo sem nada para fazer. Então, sim, terei folga para estudar...

Ela apenas sorrira, para esconder sua tristeza. E René jamais tornara a falar em seus planos.

A êsse tempo o bebê anunciara sua vinda. René, com grande surprêsa de sua jovem espôsa, mostrara-se quase louco de alegria. Uma alegria estranha, superior, como se o fato devesse ocorrer a léguas de distância do mundo em que vivia. Mas concluíra:

— Desta vez, tenho que melhorar de vida!

Naquela noite, ela chorara muito. Quando êle voltou, muito tarde, encontrara-a adormecida, com um lencinho amarrotado junto do rosto pálido.

— Como os homens são fracos... — pensava ela constantemente. — Tenho a certeza de que êle me ama como antes. Apenas... não sabe resistir.

Acreditara que êle fôsse mais forte, êsse companheiro ao qual se entregara alegremente... Não conseguia acreditar que se havia enganado a êsse ponto. Às vêzes, o observava às escondidas. Tornava, então, a encontrar em seus gestos, nos seus traços fisionômicos a mesma expressão de desafio, que a seduzira.

Pensava, então: "Meus receios são realmente tolos. Tudo há de mudar."

Mas, dia após dia, o tempo punha entre êles êsse "écran" sempre mais opaco, sôbre o qual cada um dêles encontrava apenas uma sombra. René desaparecia tôdas as noites. Pela manhã, levantava-se com maior dificuldade. Ela era obrigada a sacudi-lo por um ombro, para arrancá-lo do leito; nem sequer ouvia mais o despertador.



Ana estava só. Fazia tricô, com o olhar fixado no relógio...

Após o almôço do meio-dia, acontecia mesmo adormecer sôbre uma cadeira.

Ela não procurava saber que vida êle levava. Entretanto, René começara a lhe dar menos dinheiro; pedia-lhe, humildemente, que se arranjasse com aquilo... E desculpava-se.

— Preciso um pouco mais de dinheiro, neste momento... Você compreende... Tôda essa gente com quem ando...

Sem jamais pronunciar uma queixa, ela conseguiu cobrir a mesa sem nada modificar.

Na semana precedente, ela soubera de um fato que a deixara sobressaltada.

A vizinha do andar inferior subira até o seu apartamento. Chamavam o sr. René Durban ao telefone. Êle acabara de sair. Ana desceu. Era do escritório técnico onde seu marido trabalhava. Pediam que êle passasse naquele mesmo dia na sala do diretor.

Ana acreditou não ter ouvido direito.

— Como? Mas René devia estar aí nesse momento.

Soube que, nos últimos três meses, seu marido não aparecera no escritório.

Então... René não trabalhava mais? Onde passava suas noites? Onde conseguia o dinheiro com o qual estavam vivendo?

Horas inteiras, ela refletiu. Pressentia uma catástrofe. Mas compreendeu que não devia, ela mesma, transmitir ao marido a enigmática mensagem telefônica e pediu à vizinha que lhe dissesse. Esta aceitou com alegria, feliz por se ver metida num mistério que já acreditava desvendar. As mulheres se apóiam de bom grado, entre si, quando não têm nenhuma razão para agir de outro modo.

Na manhã seguinte, apenas René chegou à porta da rua, a vizinha surgiu na casa de Ana.

— Transmiti-lhe o recado — disse ela. — O sr. Durban pareceu aborrecido e recomendou-me que não dissesse nada a quem quer que fôsse, mesmo à senhora. "Quero fazer-lhe uma surprêsa!" — disse êle. A senhora... não entrevê o que possa ser?

Ana viu que os olhos de sua vizinha sorriam maldosamente.

Isso tinha sido cinco dias antes, e René nada lhe dissera. Tornou a sair tôdas as manhãs, à hora do escritório, mais pálido, mais cansado.

Uma vez mais, os olhos de Ana consultaram o pequeno relógio: uma hora e quinze! Sentiu frio. Dobrou cuidadosamente a roupinha do bebê, quase terminada; levantou-se, sentindo as pernas pesadas. Era tempo de ir dormir.

Num aparador, apanhou o jornal da noite, que esquecera de ler e levou-o para o quarto de dormir.

Invadida por um torpor gelado, pressentia que a catástrofe estava próxima. Não apagou a lâmpada; com os cotovelos sôbre o travesseiro, percorreu com um olhar desinteressado as páginas do jornal: na primeira, miss Joan Andrew, uma cantora norte-americana, desafiava aos que a censuravam por ter casado pela quarta vez. Uma greve, acidentes, o anúncio de um produto caseiro... Repentinamente, seu olhar que flutuava foi atraído para duas sílabas familiares: Durban, o nome de seu marido.

Em poucas linhas, o jornal anunciava que o primeiro prêmio dos concursos da Escola Politécnica, constante de uma viagem de estudos, de dois anos, aos Estados Unidos, fôra atribuído a um jovem engenheiro: René Durban.

Leu e releu essas linhas pasmosas. Não seria um êrro? Mas... a ortografia era a mesma: René Durban. Mas... seu marido não era engenheiro! Quando teria êle encontrado tempo e vontade para ser engenheiro? Repentinamente, um albor de certeza se levantou no fundo dela mesma. Suas ausências, sua fadiga... o abandono do emprêgo... Uma chave na fechadura... os passos de René...

— Ainda acordada, querida?

O rosto de seu marido estava pálido; como havia emagrecido!

Mas logo sentou-se, alegremente, no próprio leito, retardando o instante de beijar sua espôsa.

— Confessa, querida, que levei uma vida indigna do marido de uma mulherzinha como você!

Consultou o relógio:

— Vinte para as duas! Mas, também... Quanta gente tive que ver...

Ela o fitou; as palavras não podiam sair de seus lábios. Finalmente, pôde articular, apontando para o jornal:

— René... Isso é verdade?

— Como? Você já sabe?

Levantou-se para tomá-la nos braços.

— Minha pobre querida...

Ela soluçava, deixando fugir tôdas as lágrimas que havia conseguido conter todo êsse tempo, todos êsses longos meses de agonia. Mas eram lágrimas diferentes daquelas que tanto receara chorar, de um momento para outro.

— Meu René... Como sou feliz por tornar a encontrar o meu marido!

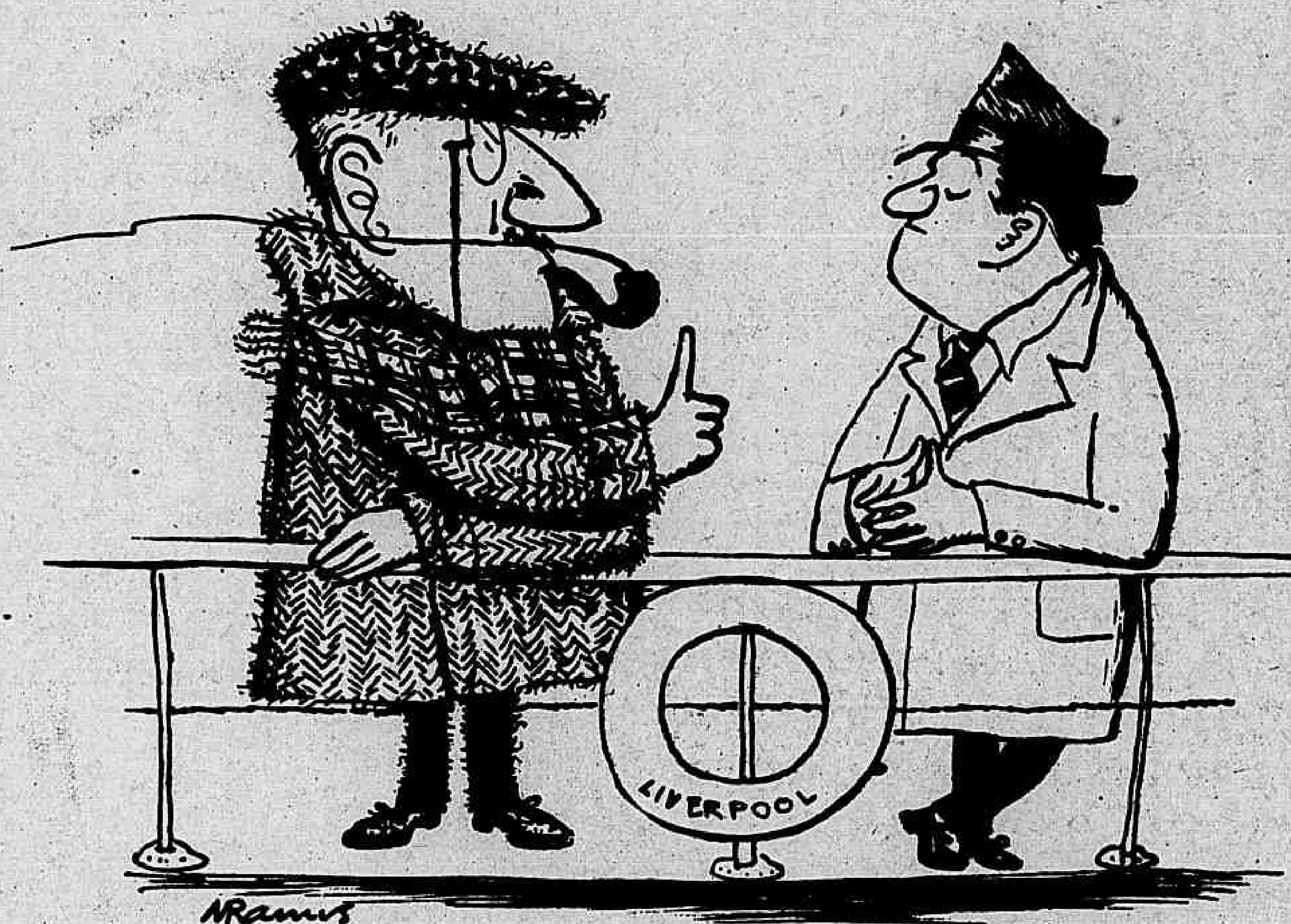
★ ★

CORTESIA "YANKEE"

OS quarenta mil membros da "Sociedade Inglêsa dos Amadores da Rosa" receberam enxertos de uma nova e magnífica rosa, que os floricultores norte-americanos acabam de criar e à qual deram o nome de Lilibeth, que é o diminutivo do nome da rainha da Inglaterra. Os amadores de rosa inglêses não cabem em si de contentamento por essa homenagem dos floricultores norte-americanos. Tanto mais que êstes fizeram colossal publicidade em tôrno do produto de seus esforços, sustentando com grande cortesia que a nova rosa "Lilibeth" simboliza, acima de tudo, os dotes físicos da soberana.

★

A "BOA RESPOSTA" DO MÊS



APÓS saborearem um gostoso jantar, os visitantes, sr. e senhora Couto, procuraram as melhores poltronas do **living-room**, onde se instalaram. Muitas horas depois, tendo expressado seus pontos de vista sôbre todos os assuntos, desde Hollywood até à alta política, continuavam animadíssimos e buscando assunto, ao passo que os anfitriões faziam esforços tremendos para continuar de olhos abertos.

Ia para as duas horas da madrugada, o sorriso da anfitriã se tornara fixo, num ricto facial que mais parecia uma careta, enquanto o seu marido não mais continha os bocejos. Quando o relógio já se aproximava das três, o casal Couto, finalmente, sugeriu que "já eram horas de partir".

Uma hora mais tarde estavam êles à porta, de pé, recordando-se de coisinhas interessantes para contar e repetindo as despedidas. A anfitriã continuava com o mesmo sorriso careteante e parado, pensando no escritório, que o aguardava quatro horas depois, mal se sustentava sôbre as pernas.

Já prestes a rodar nos calcanhares e sair de uma vez por tôdas, a senhora Couto declarou, num largo sorriso:

— Realmente, não pretendemos passar a noite aqui!

— É pena, realmente! Seria ótimo... se tivessem pensado nisso!

MAMÃE ANDORINHA

NA cidade de Seaford, Estados Unidos, Louis Hirsch, grande construtor norte-americano, resignou-se a perder 250 dólares por dia (cêrca de 19.000.00) a fim de permitir a uma andorinha chocar tranqüilamente seus ovos. O citado cavalheiro havia dado ordem aos seus operários de derrubar velhos casarões, em cujo terreno construiria um grande bloco de 65 residências modernas.

Os operários, logo no início dos trabalhos, descobriram uma andorinha em cujo ninho estavam três ovos. O senhor Hirsch, não ousando perturbar a atividade maternal da andorinha, deu ordem para suspender a demolição, até que nascessem os filhotes.

A interrupção durou uma semana e o prejuízo, como fàcilmente se verifica, foi muito grande.

**A MEDICINA "HER
OS ASTROS — OFE
PANTO. ENTRETAN
O EXTREMO DE DE**

porque está ligada a um sistema filosófico que não mais é o que adotamos.

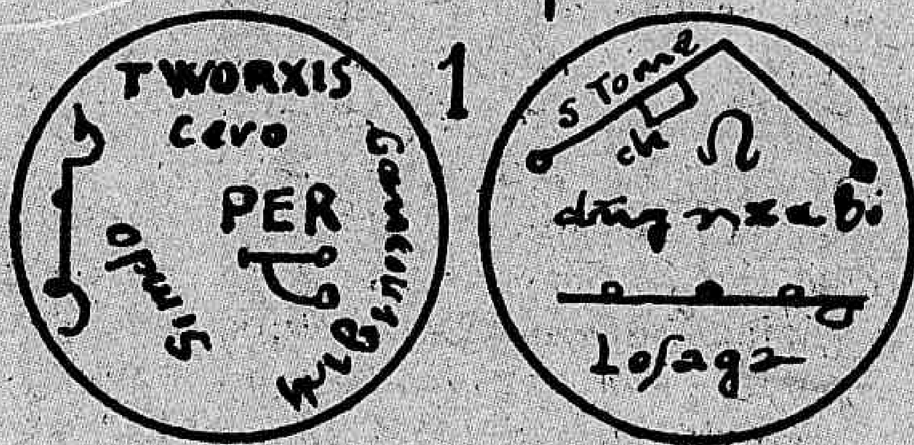
Segundo essa medicina hermetista — que está intimamente ligada à astrologia — existe um "ritmo" que põe o homem em acôrdo com os movimentos do universo. Se êsse ritmo é destruído — pensam os hermetistas — a harmonia do espírito ou do corpo fica comprometida, provocando, segundo os casos, o **pecado ou a enfermidade**.

AS CORRESPONDÊNCIAS: — Sem dúvida o leitor já encontrou algumas pessoas que usam, discretamente, em redor do pescoço, num dedo ou em local menos visível, uma pedra gravada segundo um símbolo astral.

— Superstição... — terá dito o leitor. E, de fato, como pode haver, ainda hoje, gente que acredita em talismãs?

No entanto, tais pessoas talvez sejam simplesmente ENFERMOS que tenham confiado a própria cura à medicina hermetista ou astrológica, coisa um tanto bizarra

Ad Lepram.



Eis uma linguagem que parece estranha, mas que foi usual entre os Antigos, os homens da Idade-Média, continuando a ser, mesmo hoje, o vocabulário dos indus e dos chineses. É a linguagem da tradição

EM PLENO SÉCULO VINTE OS MÉ

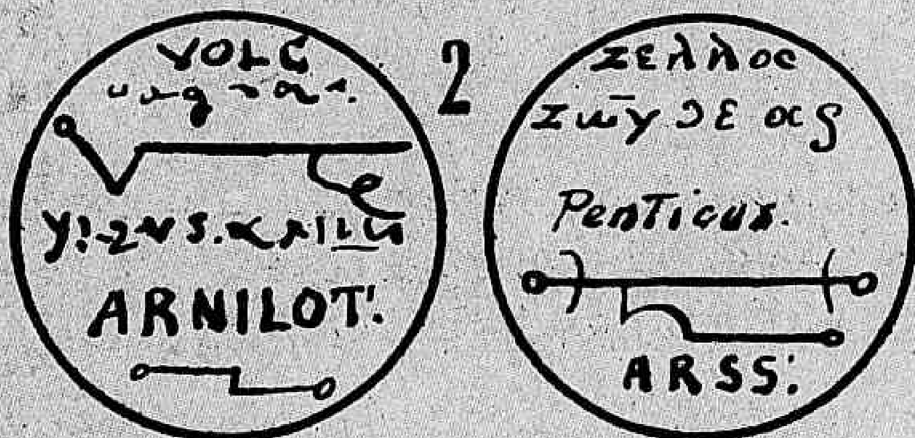
MÉTICA" — OU A ARTE DE CURAR SEGUNDO RECE AO LEITOR MOTIVO PARA ALGUM ESTO CERTOS DOENTES NELA ACREDITAM ATÉ CLARAR-SE CURADO. E, NÃO É O ESSENCIAL?

chamada iniciativa, da qual possuímos apenas retalhos.

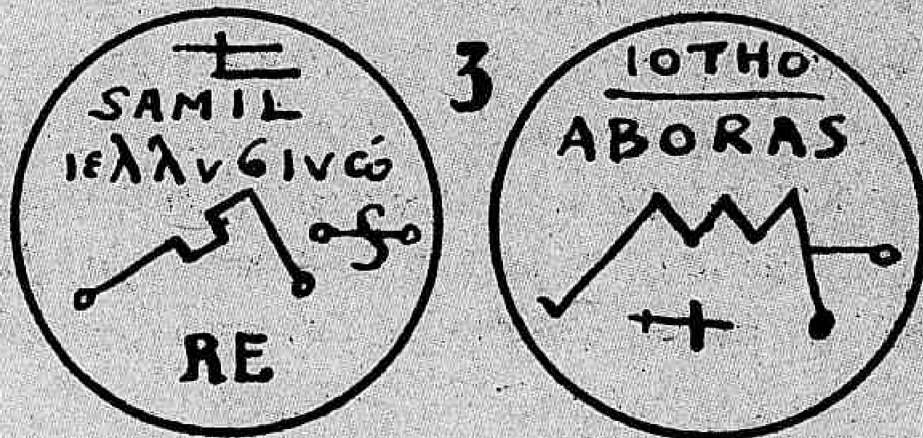
O médico hermetista conhecia os processos capazes de recolocar os doentes em contacto com as fôrças espirituais que são a alma da matéria e por êsse processo procurava curá-los. É êsse mesmo um espírito das célebres palavras de Ambrósio Paré: "Eu cuido dos enfermos. Deus é quem os cura".

OS FOGOS CRUZADOS DAS INFLUÊNCIAS ASTRAIS: — O antigo médico também era astrólogo, especializado no conhecimento das "assinaturas". Segundo as teorias hermetistas, realmente, a influência dos astros se repercute no infinito sôbre três reinos: animal, vegetal e mineral. Cada ser, planta ou pedra, é "assinado" por

Ad Vertiginem.



Ad Spafmum.



tal ou tal planêta, representando-o e sofrendo sua influência.

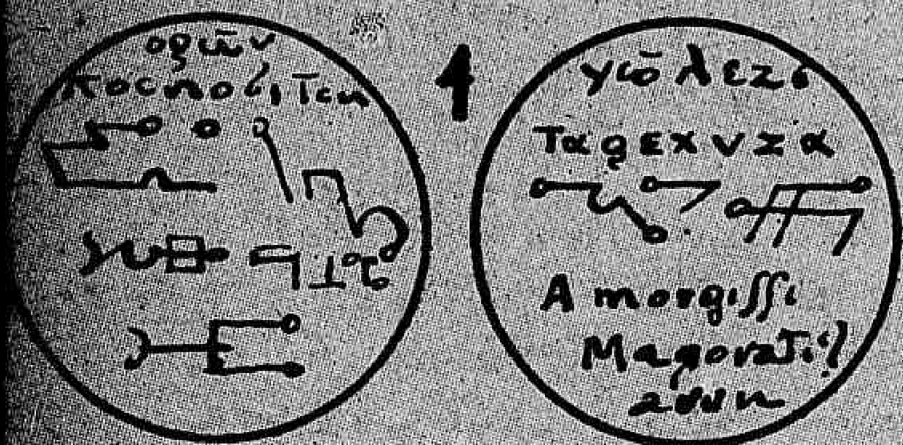
Tôda moléstia é provocada por uma fraqueza ou deficiência e nessas condições os hermetistas a caracterizam pelo sinal "menos". Para curar é necessário encontrar a coisa dotada do sinal "mais", isto é, contendo o princípio do qual o organismo está momentâneamente privado. O hermetismo pretende que a tôda moléstia corresponde um remédio, porque "a natureza colocou o remédio ao lado do mal". Ambos são complementares.

Nesse sentido, o hermetismo não ataca o mal pròpriamente dito, mas o terreno (vemos, portanto, que a medicina **de terreno** ou "de terreiro", que tanto tem progredido ùltimamente, está relacionada com a teoria hermetista). Para o hermetismo, por exemplo, um tuberculoso não é um doente por ter sido infectado pelo bacilo de Koch, mas porque o seu estado geral, deficiente num instante dado, o predispunha a sofrer êsse ataque.

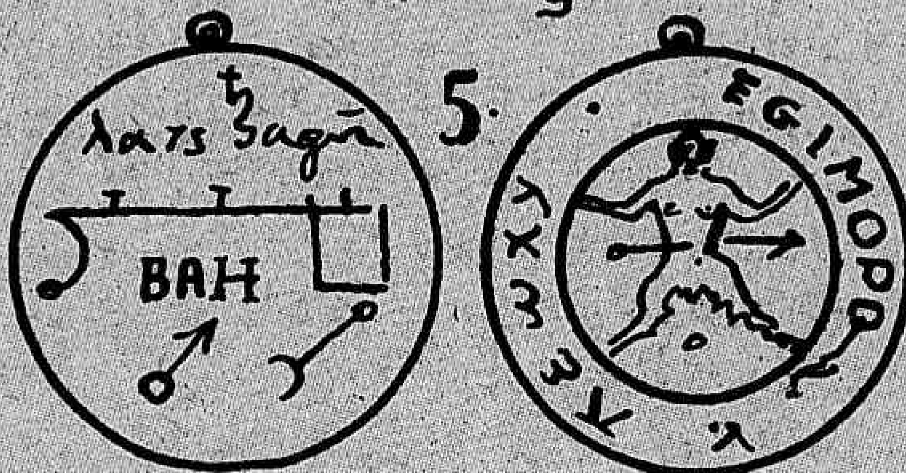
COMO OPERA A MEDICINA HERMETISTA: — Ecomo sabe o médico hermetista que enfermidade enfrenta? Como conhece a "assinatura astral" que caracteriza o enfêrmo? Sem o auscultar e sem mesmo tomar-lhe a temperatura ou a tensão arterial. Perguntando-lhe, simplesmente, a data exatíssima do seu nascimento, inclusive hora e minuto.

DICOS RECEITAM PELOS ASTROS

Ad. Palpitationem Cordis.



Ad Podagram.



Contra M



Por meio dêsses dados, construirá o horóscopo de seu enfêrmo, pois considera que terá dessa forma, muito mais que o examinando, polegada a polegada, um retrato perfeito do seu paciente, quer se trate do seu temperamento, do seu caráter ou de suas tendências. Sôbre o horóscopo — ou "tema astral" — estão figuradas simbòlicamente tôdas as influências planetárias que presidiram o nascimento do doente. Êste é, por si mesmo, o resultado.

Lendo estas linhas, muitos leitores poderão sorrir. Os hermetistas, porém, responderão afirmando que a medicina astrológica possui bases **empíricas** muito sérias.

Foi por meio de observações pacientes e repetidas que os hermetistas conseguiram perceber ,por exemplo, que num tema natal, o planêta Júpiter, situado na linha zodiacal do Sagitário (caso nada venha entravar sua radiação), "assinará" provàvelmente um homem de boa constituição, de sangue generoso e faces coradas.

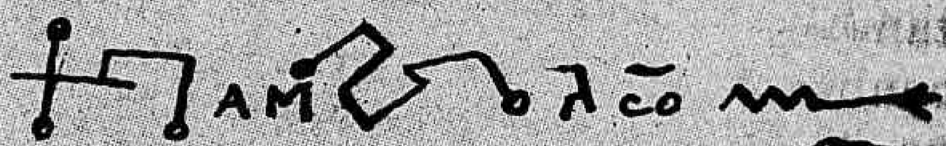
O mesmo Júpiter, no instante do nascimento, estando na constelação do carneiro e recebendo os raios nefastos de um outro planêta (Marte), o homem estará predisposto às dores de cabeça e mesmo de congestão cerebral. Por que essa interpretação? Porque os hermetistas notaram que, no ser humano, Júpiter governa a circulação sanguínea, enquanto que o signo do carneiro rege a cabeça.

OS QUATRO TIPOS HUMANOS DOS HERMETISTAS: — Devemos recordar que

9

Ad Membra Genitalin

AVCALLIRIOR



a classificação dos hermetistas se baseia sôbre às quatro qualidades ou estados elementares: o quente, o úmido, o sêco e o frio.

Estas qualidades provocam por sua vez quatro elementos: o fogo, o ar, a terra e a água. Êsses elementos se combinam, se-

Ad profluutum Menstrum Mulierum



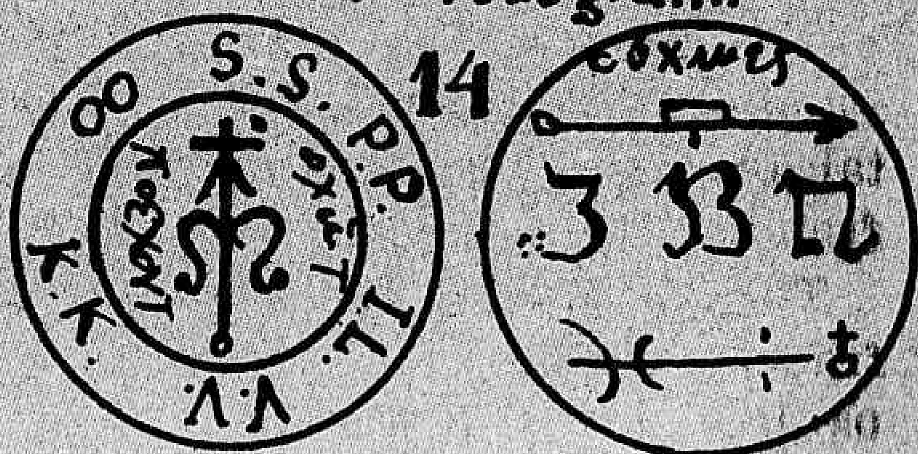
contra Mures.

ALBOMATOX

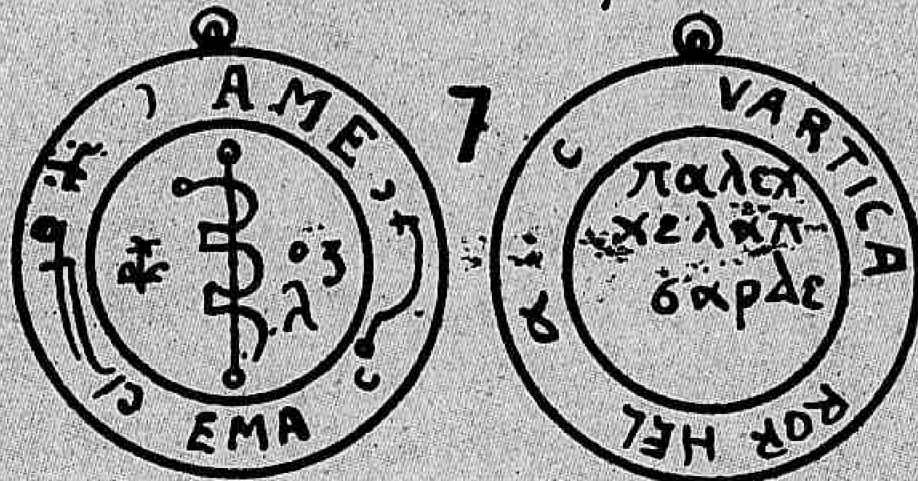
13

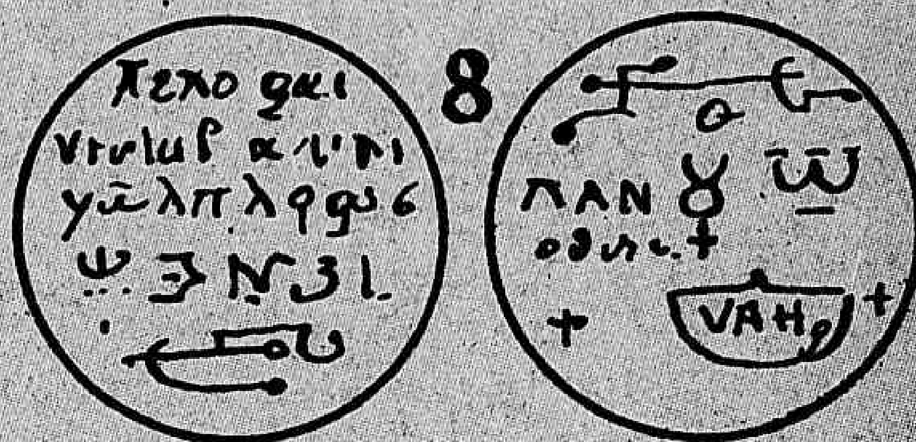
O NATURA SVA

Ad Podagram.



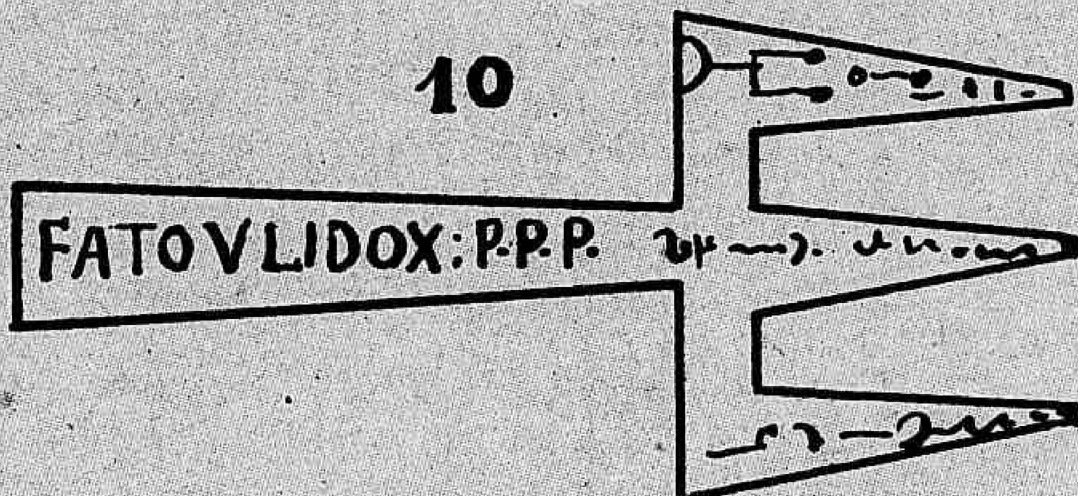


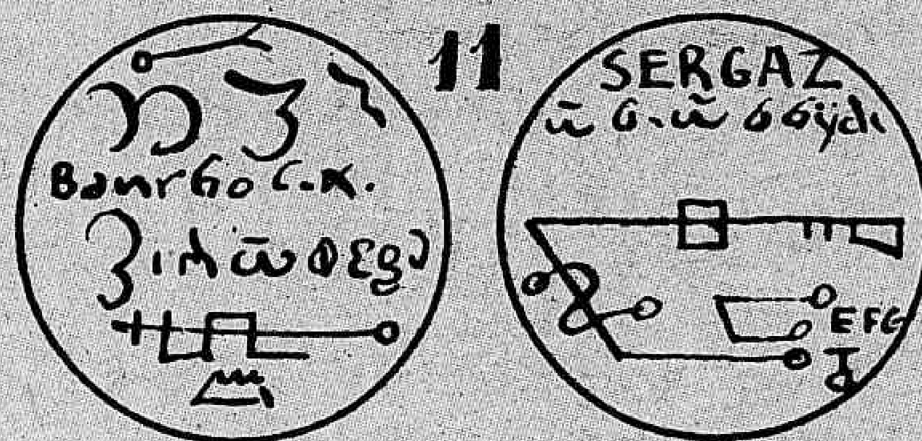




gundo diversas fórmulas, na composição dos planêtas, das estrêlas e de tudo o que vive no céu: substância, criaturas dos três reinos. Mèdicamente falando, essa divisão conduz aos 4 tipos comuns predominantes:

ELEMENTOS		
Fogo	Quente e sêco	Bilioso
Terra	Sêco e frio	Melancólico
Ar	Úmido e quente	Sanguíneo
Água	Frio e úmido	Linfático

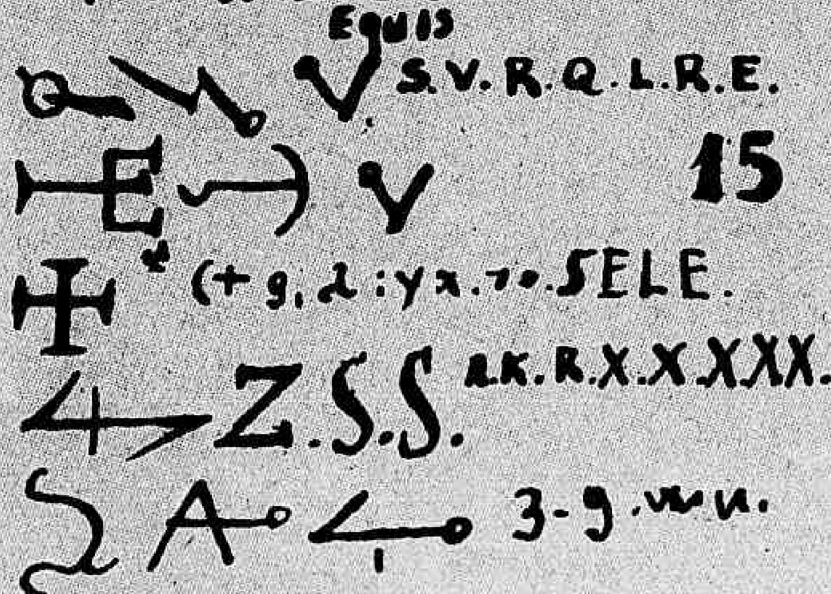


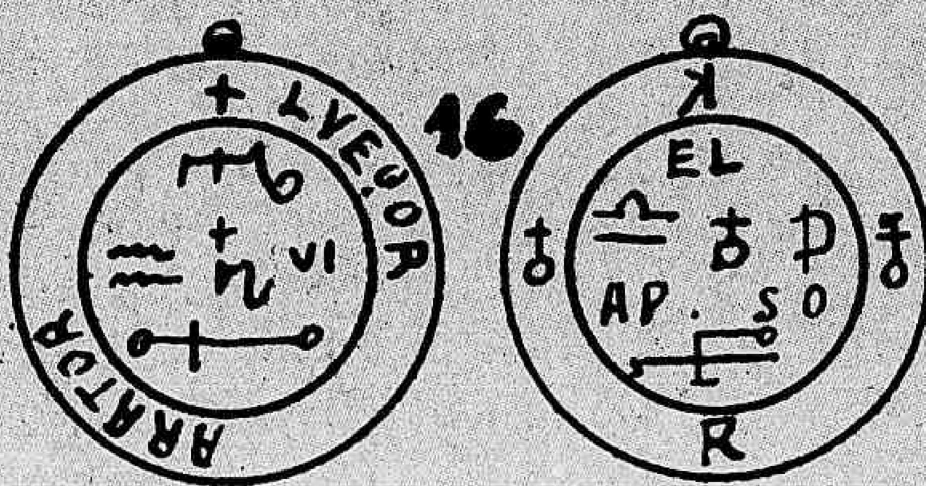


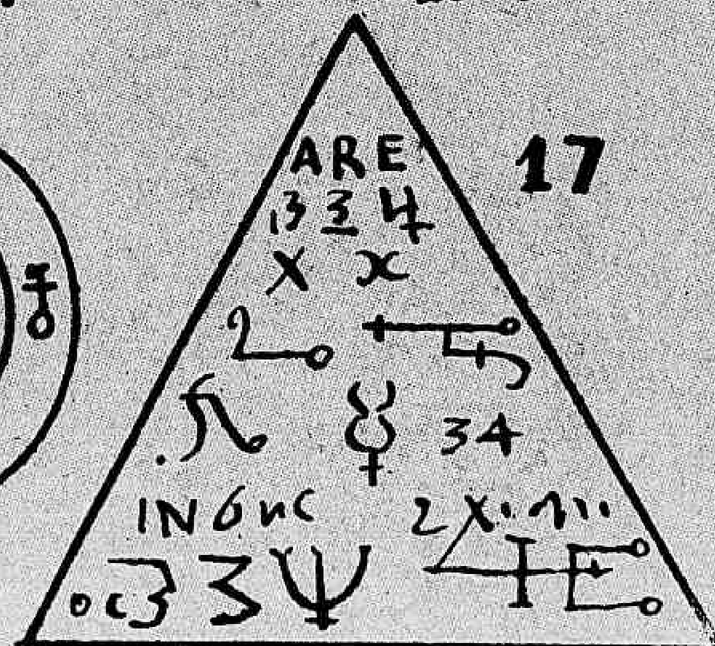
Poucos homens representam, na realidade, êsses tipos no estado puro; são, ao contrário, compostos dêsses tipos, segundo a disposição dos co pos celestes sob os quais nasceram.

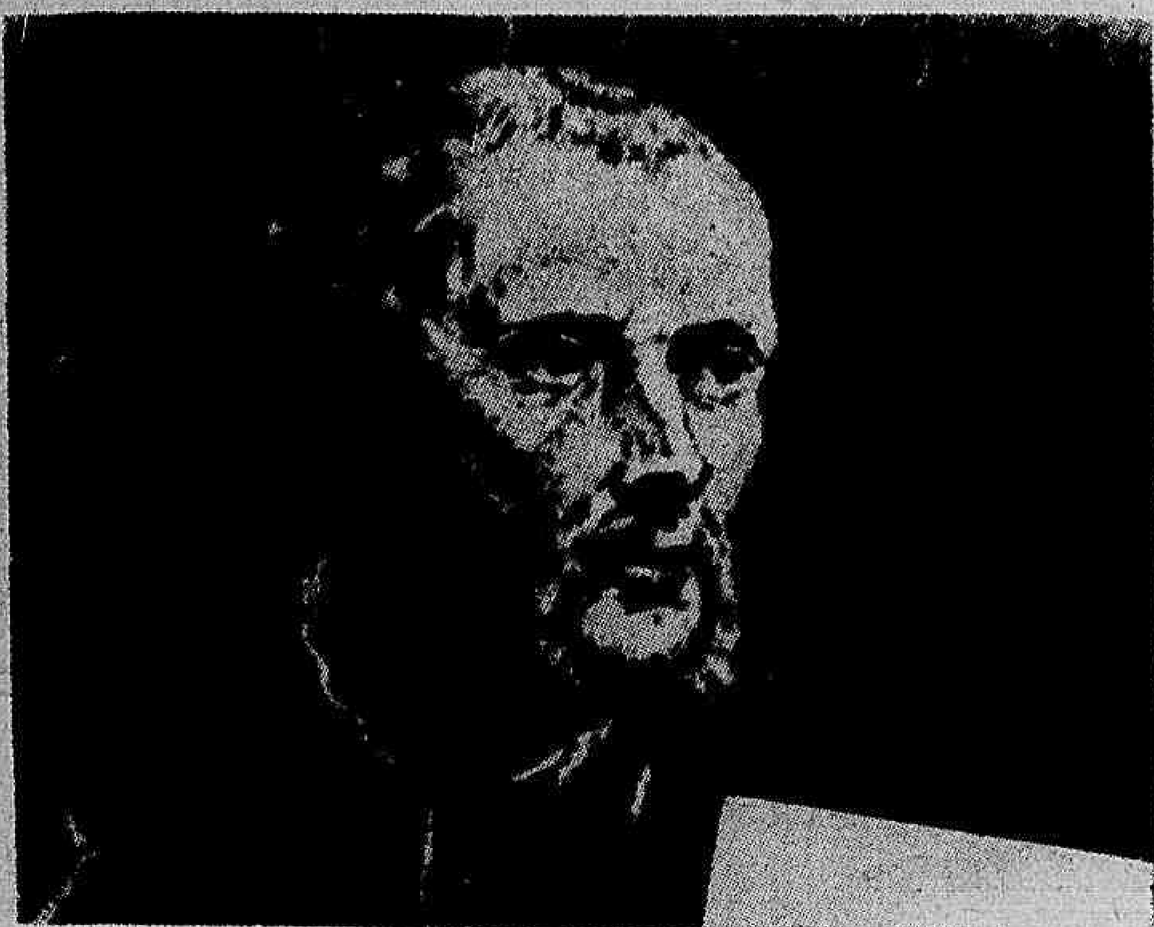
Conhecendo a "fórmula" particular a cada um, o médico hermetista ordenará, portanto ao seu doente as substâncias medicamentosas susceptíveis de restabelecer essa fórmula. Ora a reforçará com remédios da mesma espécie, ora a modificará com o uso dos remédios contrários. Tomemos um exemplo simples:

Um doente se apresenta ao médico hermetista. Pertence quase inteiramente ao tipo **fogo**. Nessas condições seu planêta dominante é Marte. Trata-se de um bilioso e há noventa por cento de pròbabilidades









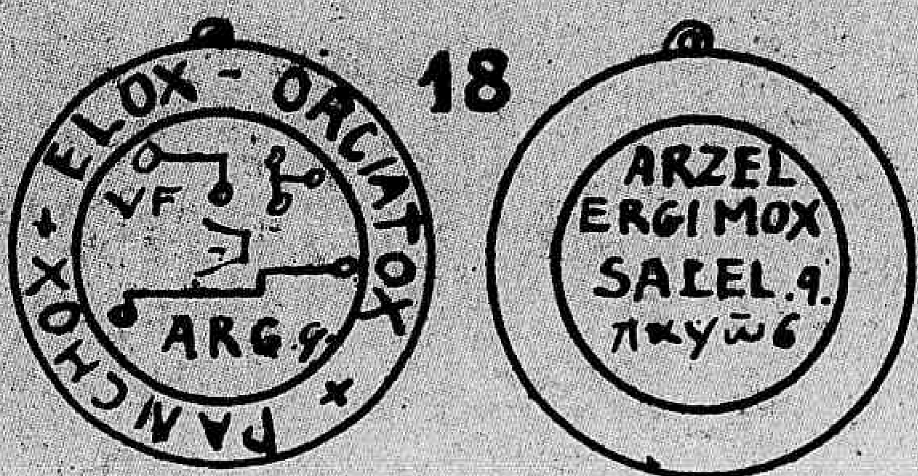
O fundador da medicina hermetista: Paracelso.

de que venha consultar porque sofre do fígado ou do estômago. O médico ordenará que se abstenha de todo e qualquer alimento **quente**, vinhos e carnes, devendo adotar um regime de contrários, isto é de vegetais **úmidos** e **frios**: saladas, frutas, legumes verdes e tôdas as plantas pertencentes à Lua, senhora das águas.

Mais ainda: os hermetistas e os espagiristas de antigamente fabricavam selos e talismãs compostos de metais e pedras relativos aos planêtas apropriados, e que os pacientes deverão usar constantemente sôbre a parte **enfêrma**.

Assim é que a queridonia tem fama de agir sôbre o fígado. O sêlo, para ter seu máximo de eficiência, deve ser fabricado na hora ou no instante em que o influxo planetário procurado atinja o seu máximo de intensidade.

Foi reconhecido que o indivíduo sob influência de Marte, intimamente ligado a tudo o que é fogo, está sempre arriscado a sofrer queimaduras. Os hermetistas pretendem ter experimentado que o sêlo do planêta Júpiter, no momento em que êste passa pelo signo úmido dos Peixes, cura as queimaduras ocasionadas pelos metais em fusão.



Examinemos um outro caso. Ao contrário do Marciano, o Lunar é linfático e portanto anêmico: necessitará de se alimentar com todos os alimentos proibidos ao outro. Tem necessidade de ferro, metal de Marte, como também necessita de chumbo, metal do "melancólico" Saturno, que une os tecidos, muito relaxados nesse enfêrmo. O médico ordenará que tome "água branca" (acetato de chumbo) e mandará compor para êle um sêlo feito com os compostos de ferro e de chumbo.

ALGUMAS ENFERMIDADES E SEUS REMÉDIOS: — "Eis uma curiosa maneira de curar..." — dirá o leitor.

De qualquer maneira tem ela os seus adeptos — responderemos.

— E assim, por exemplo, os hermetistas curam a "insônia" por meio de sais de prata ou o uso dêsse metal sôbre o pléxus solar, "dado que a prata é um metal cujas vibrações pertencem à Lua, rainha das noites".

— Para as **perturbações da circulação,** têm uma infinidade de remédios, todos ligados a Júpiter e a Vênus, planêtas reguladores dessa função orgânica. O coral, substância venuziana, é muito indicado.

Quanto ao herbanário astrológico, o açafrão é a planta recomendada. Se as perturbações sanguíneas são devidas à acridade do sangue, é preciso recorrer aos preparados à base de plantas aromáticas.

— Os resfriados e as corisas, devidos aos deslocamentos dos humores, sendo regidos pela Lua, são curados por meio de decocções ou tisanas de Urtiga, planta sêca de Saturno.

— Contra a ciática, mal que ataca principalmente aos jupiterianos, convém colocar um fragmento de alúmen (substância marciana) sôbre o trajeto do nervo ciático.

— Os **males dos olhos**, de que se queixam todos os sêres nascidos sob um signo solar, devem ser tratados por meio de preparados

em que entrem o alecrim (de Júpiter) ou umbrelíferas (de Mercúrio).

— Contra as **más digestões**: beber verbena, tendo o cuidado de apertar na palma da mão um topázio.

— Se a **respiração** é defeituosa, coisa muito freqüente entre os mercurianos, açúcares e carvões são recomendados, assim como tisanas de labiados.

— Não contentes com tratar as perturbações funcionais (isto é: as perturbações não ligadas a uma enfermidade pròpriamente dita dos órgãos), os hermetistas não receiam preconizar remédios para os casos mais graves e mais delicados.

Eis porque, segundo êles, as **mulheres estéreis** devem dirigir-se a Júpiter, senhor da geração... e das famílias numerosas. Devem, pois, usar uma **safira, pedra favorita** dêsse senhor planetário.

— Por sua vez, as parturientes a que **falte o leite**, deverão pendurar no pescoço um colar de coral branco, que une as propriedades de Vênus (amor maternal) e da Lua (humores).

— As crises de **epilepsia** serão menos freqüentes para o enfêrmo que se proteja com uma água-marinha.

— Os que são atacados de **papeira** terão interêsse em cercar o pescoço com um colar de âmbar amarelo.

— O **câncer**, mal de Saturno, será vencido pela imposição sôbre a parte atingida de um sêlo de cobre, metal de Vênus, sêlo que deverá ter sido fundido numa sexta-feira, dia de Vênus, segundo tôdas as regras da arte espagirista.

Não podemos nos estender mais sôbre êsse sistema, que ainda tem seus partidários no mundo atual e do qual certos processos coincidem com os dados da moderna ciência, enquanto que outros caem pura e simplesmente na rúbrica dos "remédios de superstição".

ALGUNS TALISMÃS ACONSELHADOS POR PARACELSO, UM DOS PAIS DA MEDICINA HERMETISTA. **(Ver os desenhos que apresentamos, numerados de 1 a 18.)**

1. Contra a lepra.
2. Contra as vertigens.
3. Contra as convulsões.
4. Contra as palpitações.
5. Contra a gôta.
6. Contra as môscas.
7. Contra a paralisia.
8. Contra os cálculos.
9. Para favorecer as partes genitais.
10. Idem
11. Contra as contrações.
12. Para ajudar as regras.
13. Contra os ratos.
14. Contra a gôta.
15. Para favorecer a atividade genital.
16. Para conservar a vista.
17. Contra a velhice.
18. Contra o tabes.

★ ★

PARA AS SUAS FLORES



MUITAS vêzes não se tem à mão uma floreira ou não se tem em número suficiente para enfeitar uma sala. Isto pode ser remediado aproveitando-se, por exemplo, uma vasilha de pirex, colorida de preferência... e um pouco de parafina. Derretam esta última e deitem num pires ou prato de sobremesa, conforme o tamanho que se queira. Coloquem outro pires ou prato, do mesmo tamanho, sôbre a parafina, antes que se solidifique completamente. Assim modelarão um suporte para flores. Façam nêle os orifícios necessários, cortem os excessos em redor e coloquem sôbre a vasilha, na posição indicada pelo clichê. Assim terão uma floreira bonita e muito barata.

UMA QUESTÃO DE DINHEIRO

F. HUGH HERBERT

A DISCUSSÃO ENTRE SEUS PAIS FOI COISA À-TOA. MAS SERVIU PARA DAR A ANGELA A CHAVE PARA VIVER FELIZ...

ÂNGELA parou junto da porta do quarto de dormir, tendo o rostinho pálido e os olhos brilhantes, cheios de lágrimas e de pânico. Nervosamente, levou a mão à garganta, para conter um grito.

Seus pais, alheios à sua presença, continuavam sua acre discussão. Seus rostos estavam rubros e as fisionomias mudadas pela cólera. Na voz de um e de outro havia furor, quase ódio. Ângela percebeu que sua mãe estava a ponto de chorar — e não pôde suportar aquela cena mais tempo.

— Mamãe não teve culpa, papai — disse ela, falando precipitadamente e entre soluços. — Juro que não teve culpa!

O pai rodou nos calcanhares, como se tivesse sido agredido pelas costas. Encarou-a ainda com ar colérico e, ante a expressão de dor e de susto que havia no rostinho da filha, sentiu-se envergonhado. Mas, por isso mesmo, sua cólera cresceu e, voltando o rosto, para esconder sua raiva, gritou, com ferocidade:

— Por Deus! — disse, voltado para a espôsa. — Será possível que você não possa manter essa menina fora de casa, por um momento?

A mãe se voltou para Ângela, com ar irritado:

— Eu disse que você fôsse para o jardim! Por que não obedeceu? Vá saindo, logo.

ÂNGELA quis obedecer, mas seus joelhos estavam moles e receava cair.

— Mamãe não teve culpa — repetiu, falando com timidez. Sentia-se hediondamente culpada e responsável, porque êles estavam brigando por causa da conta da costureira e também da nota da sapataria, aquêle mês. O pai não podia compreender como o algodão estava caro, mesmo os tecidos mais simples. E por isso estava assim tão zangado.

Os vestidos eram todos para ela, como os sapatos — e ela queria esclarecer muito bem que não tinha sido por culpa de sua mãe.

— Ela não teve culpa... — tornou a dizer com um fiozinho de voz.

Seu coração batia violentamente e podia ouvir nitidamente suas pancadas.

— Você ouviu o que sua mãe disse? — falou o pai, com voz grave e carregada de censura. — Vá para o jardim!

Ângela respirou com dificuldade, voltou-se e desceu a escada, sem fazer ruído. Havia um sabor estranho e amargo em sua bôca. Atravessou o **hall** tão depressa como pôde e recolheu-se à cozinha. Sentia as pernas doloridas e estava desesperadamente assustada, temendo que fôsse desmaiar, como no dia em que apertou os dedos na porta do automóvel.

Caminhou até à geladeira e tragou um copo d'água. Também o líquido tinha um sabor amargo, mas continuou bebendo, em pequenos goles, até ter a certeza de que não ia desmaiar.

Mas podia continuar a ouvir as vozes, no andar superior. Sua mãe estava chorando. Numa verdadeira agonia, aumen-



ÂNGELA, chorando e escondendo o rosto, pediu: — "Oh, por favor! Deixe-me! Deixe-me só..."

tada pela certeza de nada poder fazer para a socorrer, Ângela tornou a comprimir a garganta com ambas as mãos. Mas não apenas as suas mãos, todo o seu corpo tremia violentamente. Abriu a porta da cozinha e desceu para o jardim. O dormitório de seus pais ficava na parte da frente da casa e, ao menos, dali não podia ouvir suas vozes.

Refugiou-se no sofá-balanço, enterrando o rostinho nas almofadas, as pernas dobradas. Então, sentindo-se miserável, desatou a chorar.

IMMY, espiando por cima do muro do seu quintal, viu Ângela no balanço e pensou que estivesse dormindo. Jimmy tinha quatorze anos, quase dois mais do que Ângela.

— Alô, Ângela! — disse êle, saltando o muro e aproximando-se dela. Ângela, porém, voltou o rosto, procurando esconder sua mágoa e suas lágrimas. Jimmy era um amor e ela era a sua namorada. Três anos de namôro, sem outro qualquer romance para atrapalhar, tanto de um lado quanto de outro! Mas não queria que êle a visse agora. Não queria mesmo falar com êle. **Nesse instante**, pelo menos!

— Que tem você? — perguntou Jimmy entre sorridente e estupefato.

— Nada...

Porém, sua voz estava pastosa, revelando o chôro recente.

— Ora essa! Está zangada comigo?

— Não.

— Então, que aconteceu?

Levantou-se e ficou de pé, observando-a procurando ver o seu rosto. Ângela, porém teimou em esquivar-se, gritando:

— Quero que você saia daqui!

— Aconteceu alguma coisa? — cochicohu êle, carinhoso. — Quero saber. Você está pálida e trêmula... Que foi?

— Nada.

Jimmy sentou ao lado de Ângela e, com a ponta dos dedos, começou a brincar com os laços de seus sapatos.

— Não adiante dizer "Nada... Nada...". O essencial é eu saber o que aconteceu... Talvez eu possa fazer qualquer coisa...

— Não tenho nada...

— Hmmm. Tem sim! — disse Jimmy com voz grave e séria. — Você está tremendo e suando ao mesmo tempo e andou chorando. Alguma coisa aconteceu. Por favor... conte-me o que foi. Você sabe que eu faço **seja o que fôr** por você.

Repentinamente, Ângela começou a chorar, num pranto desesperado, que sacudia seus ombros e a fazia gemer entre os soluços. Tentou conter-se, mas não teve fôrças. Todo o seu corpo era sacudido pelos soluços.

Jimmy, assustado e muito pálido, olhou para ela com o coração aos pulos, cheio de compaixão. Já a vira chorar, antes; mesmo conseguira, quase à bruta, provocar suas lágrimas, antes, em várias ocasiões. Mas, agôra, era diferente. Quando se tem quatorze anos sente-se um prazer indizível em provocar as lágrimas das meninas e assim demonstrar superioridade. Mas, agora, era diferente. Havia algum mistério.

AJOELHOU-SE junto do balanço e passou os braços em redor dos ombros de Ângela, que tremiam como os pára-lamas de um calhambeque.

— Ângela! Não... não chore. Não chore assim. Por favor!

Apertava-a contra o peito, porém ela não parava de soluçar. Jimmy podia ver o suor escorrendo de sua fronte e misturando-se com as lágrimas que lhe desciam dos olhos apertados. Mas o que mais o assustava, era a palidez daquele rosto.

— Vamos... Sossega. Você já está melhor — repetia carinhosamente. Depois, voltando a cabeça para olhar sôbre um ombro, perguntou:

— Quer que vá chamar sua mãe?

Ângela estremeceu violentamente, desprendendo-se dos seus braços.

— Não se atreva a fazer isso! Não se atreva a chamá-la!

— Por quê? Sempre é bom ter a nossa mãe pertinho da gente, quando nos sentimos assim... Elas sempre sabem o que deve ser feito.

Ângela, embora consciente do seu rostinho banhado de lágrimas e do desalinho dos seus cabelos, enfrentou o olhar de Jimmy.

— Se você chamar mamãe, pode estar certo: nunca mais falarei com você!

— Está bem. Está bem... Fique sossegada. Não irei chamá-la.

No fundo não compreendia aquela atitude de Ângela, mas sua compaixão era a mesma!

Continuou procurando tranquilizá-la.

ÂNGELA não tinha lenço e com os nós dos dedos tratou, fungando de espaço a espaço, de limpar as lágrimas das faces. Jimmy não tinha lenço para oferecer-lhe, mas compreendeu o que ela queria. Com boa tática olhou noutra direção, fingindo interessar-se pela limpeza da corrente do relógio, feita de metal barato. Com a unha suja do polegar tratou de limpar cuidadosamente um ou dois elos, dando tempo para que Ângela parasse de chorar e se arrumasse um pouco. Agora esperava, paciente, que ela começasse a falar. Não sabia muita coisa a respeito de meninas ou sôbre suas zangas e acessos de nervos, mas achou que o melhor era esperar Quando ela achasse que devia falar, por certo falaria.

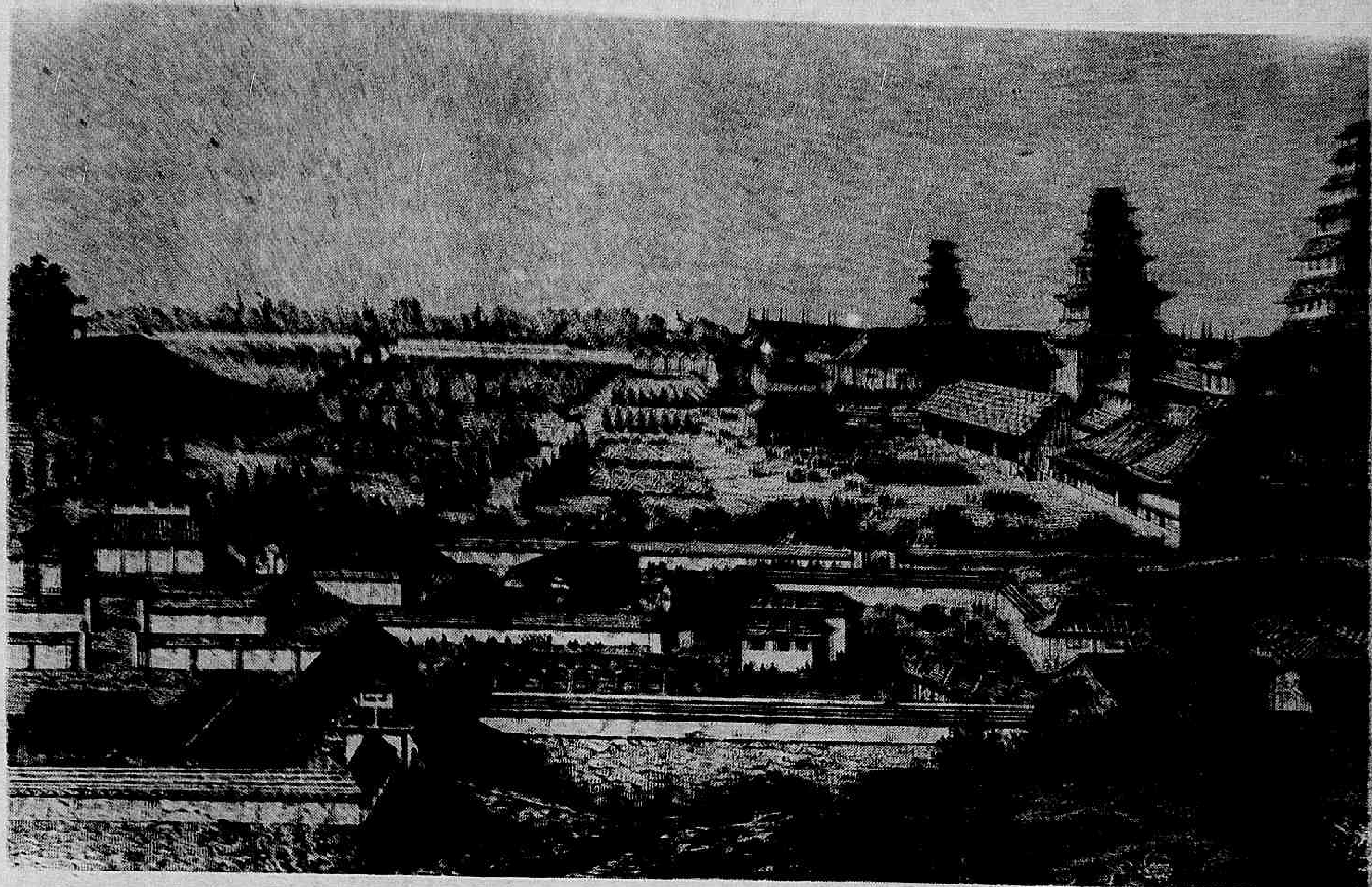
— Imagino que você está pensando que eu sou maluca — disse Ângela, finalmente.

Jimmy olhou para ela e sentiu-se repentinamente fraco. Seus olhos, ainda brilhantes de lágrimas, pareciam-se com os de qualquer outra mulher... já crescida.

— Não. Não penso nada — disse êle, muito sério. — Mas estou contente por ver você mais calma, agora.

Depois, olhou para um lado e recomeçou a limpar a corrente do relógio.

(Continua no fim da revista)



JAPÃO ANTIGO: Essa era a época dos shoguns, cujos palácios eram vastos como cidades. O progresso dêsse povo, na ânsia de ocidentalizar-se, foi assombroso, apesar do seu espírito conservador.

VISÃO MUNDIAL

O DRAMA DE UM POVO QUE ASSALTOU O PROGRESSO

De MATTOS PINTO

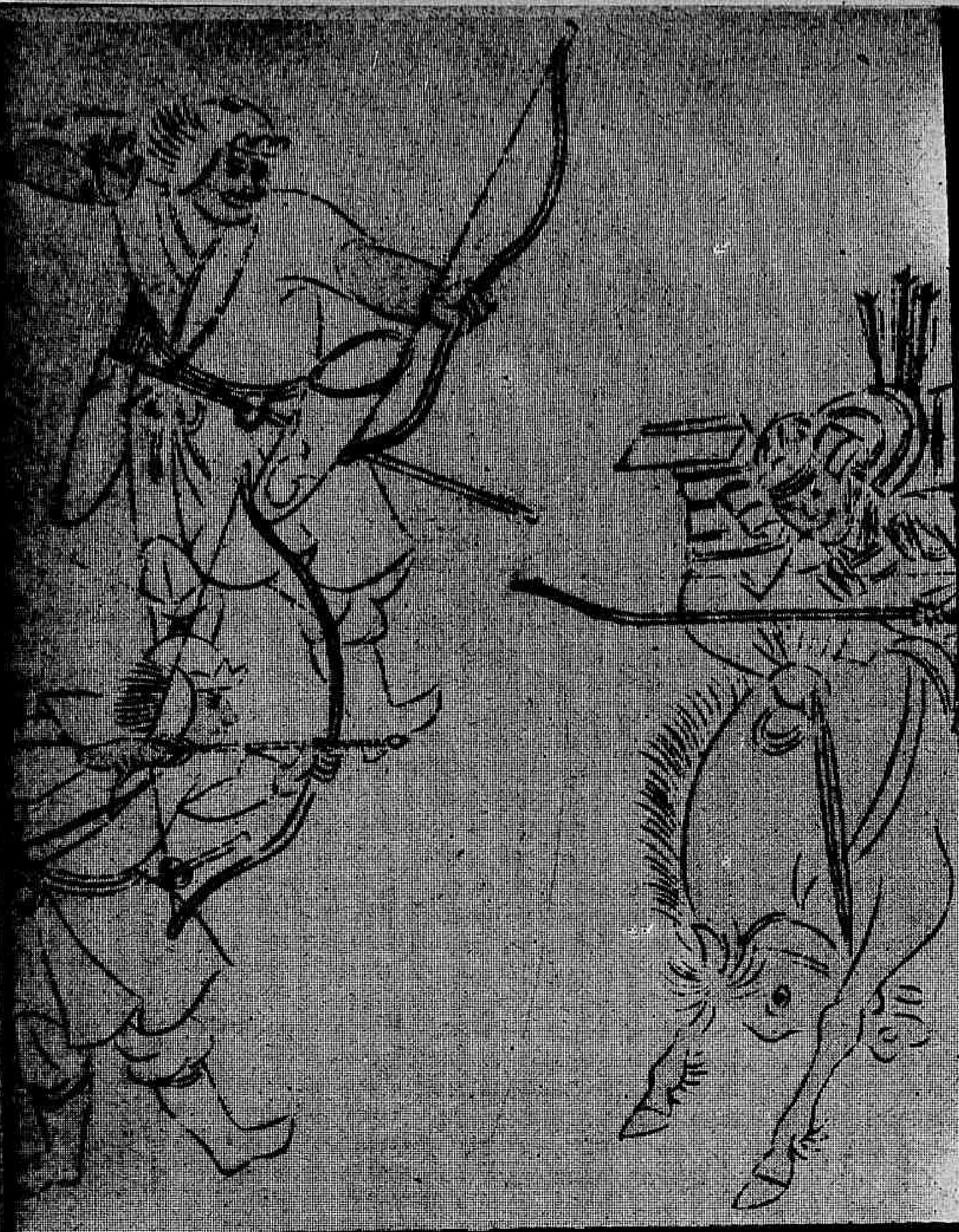
DO SINTOÍSMO AO COMPLEXO IMPERIAL

ANUNCIAM os últimos acontecimentos de Tóquio, os primórdios da ressurreição estratégica do povo japonês no jôgo do Oceano Pacífico e do Asianismo. Quando o general Douglas Mac Arthur ocupou militarmente o Império do Mikado, instalou na política nacional o estadista Shigeru Yoshida, para reformar democràticamente as instituições orientais do país e favorecer a reaproximação com os Estados Unidos.

Durante sete anos a sua figura se impôs aos partidos nacionalistas e manteve em aparente silêncio as reivindicações internacionais do Japão. Agora, depois de uma crise política, em que se baralharam elementos de conteúdos ideológicos os mais díspares, a oposição depôs o primeiro-ministro Shigeru Yoshida. Para substituí-lo na chefia da Dieta Japonêsa, elegeram o antigo estadista Ichiro Hatoyama, hoje com setenta e um anos de idade e com a especial característica de haver sido depurado e relegado ao ostracismo pelo general Douglas Mac Arthur, logo no início do seu consulado militar em Tóquio, sob a acusação de ser notório ultranacionalista.

Algo de nebuloso e ameaçante se desenha no plenário do Extremo Oriente, onde se formam novas potências militares a desafiar os povos ocidentais.

Inspira bastante expectativa e suscita as mais desconcertantes hipóteses, a volta da personalidade de Ichiro Hatoyama, como orientador da futura diplomacia japonêsa. Explica-se a sua reaparição com influência causada nas massas populares e nos agitadores políticos, pela sua antiga conduta como defensor da grandeza imperial. Depois de dez anos de silêncio nas disputas internacionais, em que os japonêses se viram



Mongóis invadem o Japão e são repelidos, milagrosamente, no estreito de Tsushima.

despojados do seu império colonial e apagado o brilho das suas conquistas, o novo primeiro-ministro Ichiro Hatoyama vaticina uma nova era de diplomacia mais dinâmica e mais autônoma na Ásia, onde fermentam revoltas xenofóbicas contra a prepotência do Ocidente.

Mamoru Shigemitsu, o novo ministro do Exterior, embora declarando sua fidelidade à aliança nipo-americana e sua intenção de se manter dentro das linhas do Tratado de São Francisco, bem como à nova democracia instaurada pelo general Douglas Mac Arthur, advoga o rearmamento rápido do exército nacional para facilitar a partida do Corpo Expedicionário Norte-Americano.

E fala ainda na aquisição de novos mercados para a sobrevivência da população cada vez mais volumosa, que perdeu as suas colônias. Os colu-

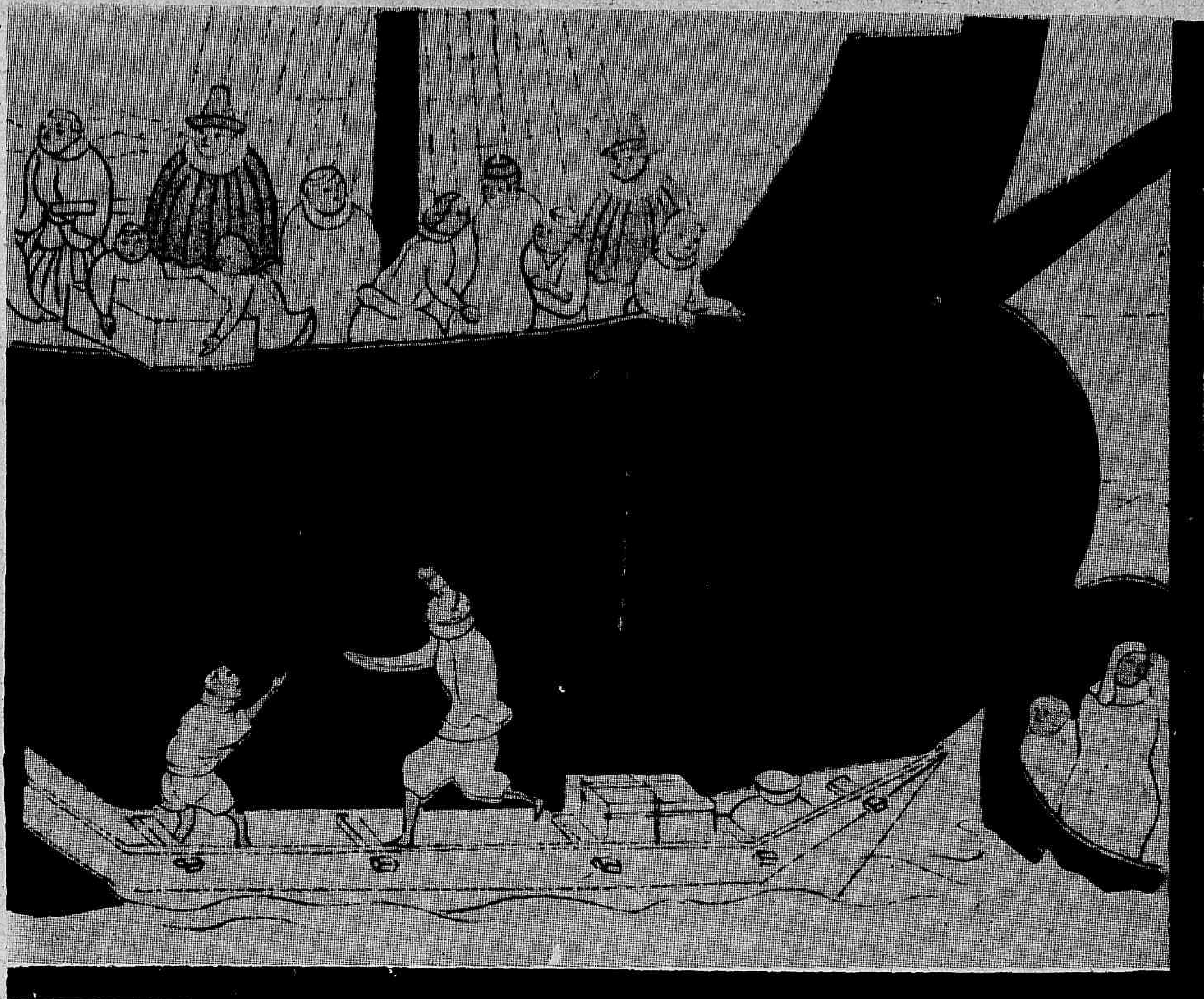
nistas internacionais já relembram com incisivos comentários que Mamoru Shigemitsu exerceu o cargo de ministro da "Grande Ásia" no curso da Segunda Guerra Mundial. E para completar o clima de inquietação, o primeiro ministro soviético Georgi Malenkov acaba de convidar as potências ocidentais para uma Conferência do Extremo Oriente, onde indus e birmaneses, indonésios e nipônicos, malaios e chineses, coreanos e iranianos, anseiam por liquidar a era do colonialismo.

O SALTO SÔBRE AS TRADIÇÕES — Nenhum povo asiático suporta um colapso mais intrincado do que a nacionalidade japonêsa, solapada nas suas instituições clássicas e rejuvenescida pelos novos usos introduzidos pela ocupação norte-americana. Flagelados pela inflação, pela perda dos mercados e pela brutal derrocada da sua ousadia militar, os japonêses sofrem ainda mais com a rutura das suas tradições milenares, cujo reajustamento educacional exigiria dezenas de anos.

Enquanto nas grandes metrópoles, a juventude se diverte febrilmente com os novos tipos de americanizações da vida, as gerações anteriores à Segunda Guerra Mundial se recolhem na sua consciência, no mais dramático confronto entre o passado, o presente e o futuro. E sentem que o Japão não vai lutar sòmente para do-



Meninos japonêses, tendo a cabeça descoberta, curvam-se respeitosamente, diante da ponte que dá acesso ao palácio imperial de sua pátria. Não podem caminhar mais um passo!



O pôrto de Nagasaki é aberto ao comércio português (ano de mil quinhentos e setenta e um).

minar a sua frustração militar, mas para descobrir seu futuro na Grande Ásia. Quando evocamos a história insular do povo japonês, vemos que o mesmo assimilou as crenças, os costumes sociais, as idéias religiosas e as tradições da Índia, da Coréia e da China, mas tudo transforma e altera o sentido das suas culturas de modo a conservar o próprio fundo da sua nacionalidade solitária. Essa peculiaridade moral separa o japonês de qualquer outro povo asiático. Insinuando-se nas quatro mil ilhas nipônicas no ano de 552 antes de Cristo, numa era propícia às exaltações da vida interior, o Budismo perde grande parte da sua metafísica contemplativa. Partindo da Índia, onde deformou a evolução do povo indu com a doutrina das castas, o Bramanismo refunde-se com um diferente sentido na terra dos crisântemos, onde se depura do terror místico.

A doutrina de Wu Wei, apóstolo da inação e do aniquilamento, não deteriora a fisionomia mental dos nipões. Os grandes sistemas morais de Confúcio e Mêncio, Chu Hi e Wang Yang Ming, orgulho da sabedoria chinesa, sofreram fortes transformações, não apenas na exegese das idéias, como na maneira de senti-las e executá-las socialmente.

Uma religião não se distingue das outras exclusivamente pelos seus rituais e pelos seus símbolos, nem pelas suas divindades e fins teológicos. O sentimento representa alguma coisa de profundo, que pode mudar a primitiva expressão da doutrina religiosa. E justamente isso sucede com o povo japonês, cuja maneira de venerar Buda se afasta do sentimento introspectivo da China, pela libertação do absorvente Nirvana. Acentuava Boekz que o espírito europeu se define por ser agitado e crítico, dinâmico e fermentador de novas teorias, enquanto a alma oriental se intoxica no sonho. Essencialmente budica e meditativa, prescreve a calma das paixões, a renúncia



Iymitzu Tokugawa (1604-1651) unificou o Japão feudal sob o Shogunato dos Tokugawa (descendentes dêsse Tokugawa são hoje fazendeiros no Estado de São Paulo — E. U. do Brasil).

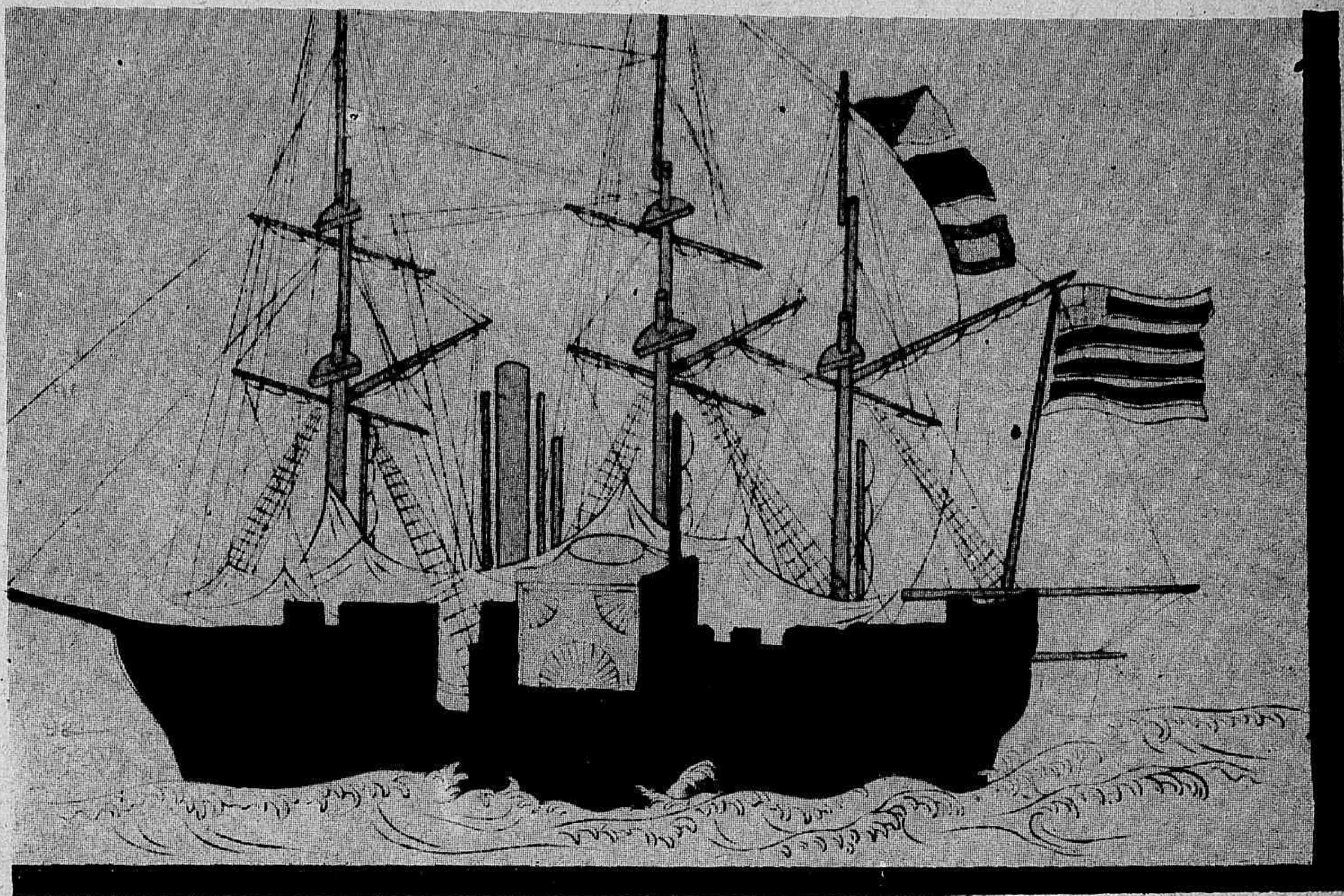
dos fatos e a procura dos espirituais segredos do Universo, tudo o que divorcia o homem do materialismo e da vida mecânica. Os japonêses resvalaram sôbre a fatalidade dos indus e dos tibetanos, saltaram sôbre a paciência conficiana do chinês, como se percebe na rapidez com que aluíram o regime feudal e renegaram as tradições, fenômeno único na história do Levante e que evidencia extraordinária flexibilidade moral.

Em 1879, Julien de Rochechouard anotava essa singular e exótica virtude, que levou os nipões a repudiarem o budismo e outras doutrinas místicas da Ásia, como inútil complicação na vida moderna. O instinto transformador do Japão confundiria as teorias européias sôbre o Oriente, julgado como o berço eterno do conformismo. Os ocidentais iriam presenciar o mais dramático salto sôbre as tradições, na marcha pelo progresso materialista.

COMO APARECEU A ATRAÇÃO PELA VIDA EXTERIOR — Nas vitórias do niponismo sôbre a Rússia Tzarista em 1905, sôbre a Mandchúria em 1933 e 1934, na invasão da China em 1938 e 1939, nas façanhas militares da Segunda Guerra Mundial, processaram-se mais do que pro-



LIMPEZA SEMESTRAL OBRIGATÓRIA — Duas vêzes por ano o govêrno ordena a todos os proprietários e moradores a mandar limpar seus interiores. Nesse prédio de dois andares, em Iokohama, um colchão vai sofrer limpeza meticulosa. Um policial fará, depois, a inspeção.



Os Estados Unidos da América batem à porta do Japão, em mil oitocentos e cinqüenta e três...

blemas estratégicos e conquistas geográficas. Deflagrou o misterioso destino de de tôda a Ásia, subjugada há tantos séculos pelos exércitos do Ocidente. Assim descobriremos que a expedição naval dos Estados Unidos, que invadiu as águas da Baía de Yedo em 1853, despertou a nacionalidade nipônica do isolamento asiático, fatalmente na hora crítica da sua evolução interior. Okakura (Kakuzo) esclarece como três filosofias contribuíram para a renovação do espírito japonês, revestindo-o de uma vibração espiritual característica, ao lado dos outros povos do continente.

Destacaram-se nessa formação ideológica, a Escola de Kogaku, a Escola de Wang Yang Ming e a Escola Histórica de Keichiu-acharya, Motoori e Harumi. A primeira filosofia se impôs no fim do século XVII, repudiou o dogmatismo acadêmico e denunciou o Neo-Confucionismo de Tchu-hi, divulgado no recinto das academias como um desvirtuamento do original, não coincidindo com a doutrina pura de Confúcio, tal como consta dos textos consagrados e constituindo uma fantasiosa interpretação do Budismo e do Taoísmo. A filosofia revolucionária de Kogaku dispunha como essencial para a compreensão da verdade, que os letrados volvessem ao texto original do sábio chinês, para apreender fielmente a verdadeira significação da doutrina e renegassem os comentários de Tchu-hi, cuja influência escolástica influenciava desde o século XI, todos os estudantes da China e do Japão.

Êsse sistema filosófico produziu salutar efeito sôbre as novas gerações e derrocou o formalismo mental, que petrificava o fermento da análise, acelerando a renovação das idéias. A segunda escola, fundada por Wang Yang Ming e conhecida como a Filosofia de Oyomei, conforme a pronunciação japonêsa do seu fundador, doutrinava três pontos capitais e profundos, pelo sentido moral.

Impunha como base de tôda sabedoria, que o saber só pode ser útil na ação, que conhecer equivale a agir e que a virtude só existe se a mesm ase encarna nos atos. Na China, a influência dessas idéias atuou momentâneamente e repercutiu intensa-

mente no Japão, onde deveria provocar reações. Mas se a Filosofia de Oyomei difundia a sabedoria da ação, não indicava o sentido espiritual da sua rota entre os complexos desvios da existência prática e contemplativa.

A terceira escila de pensamento começa pela compilação das genealogias das principais famílias do Império e vai completar a segunda filosofia, assinalando o alvo para os sábios orientalistas. Os mais ardentes propagadores, Keichiu-acharya. Moori e Harumi, disseminaram a doutrina por todos os recantos do país ,opondo-se aos demais sistemas reinantes. No princípio do século XVII, iniciam os estudos de arqueologia e de arte, de história e de etnografia, com o apoio de comentaristas enciclopédicos, cujas obras reconstituem o passado do Japão. Impera nas camadas mais altas da sociedade os ensinamentos do Sintoísmo, espécie de religião natural, em cuja estrutura se fundem fases espirituais, o culto pela Natureza, o sol, o mar, as montanhas, bem como a antropolatria, adorando-se personalidades humanas de excelso valór moral como o Mikado, venerado como divindade visível.

O Sintoísmo prescrevia o culto dos antigos e a candura primitiva, a honestidade e o devotamento aos ideais da raça, a simplicidade de viver e a obediência à lei tradicional, encarnada na pessoa do Mikado e o amor à terra dos avoengos, cujas plagas jamais viram as afrontas do conquistador.



A MARCHA DOS "47 RONIN" — Os originais 47 "ronin" foram as principais figuras de um fato ocorrido há 250 anos. Quando seu senhor foi insultado no palácio de Shogun, praticou o hara-kiri, para fugir à vergonha. Seus 47 servidores, vingaram seu senhor matando o homem que o havia insultado. Em seguida, também êles praticaram o hara-kiri, junto do túmulo do senhor.

Sob o impulso da filosofia histórica, que exacerbou os exegetas nacionais, o Sintoísmo exige cáda vez mais dos seus cultores, prega a liberdade espiritual dos japonêses, cujo orgulho deve se emancipar da influência doutrinária da China e da Índia.

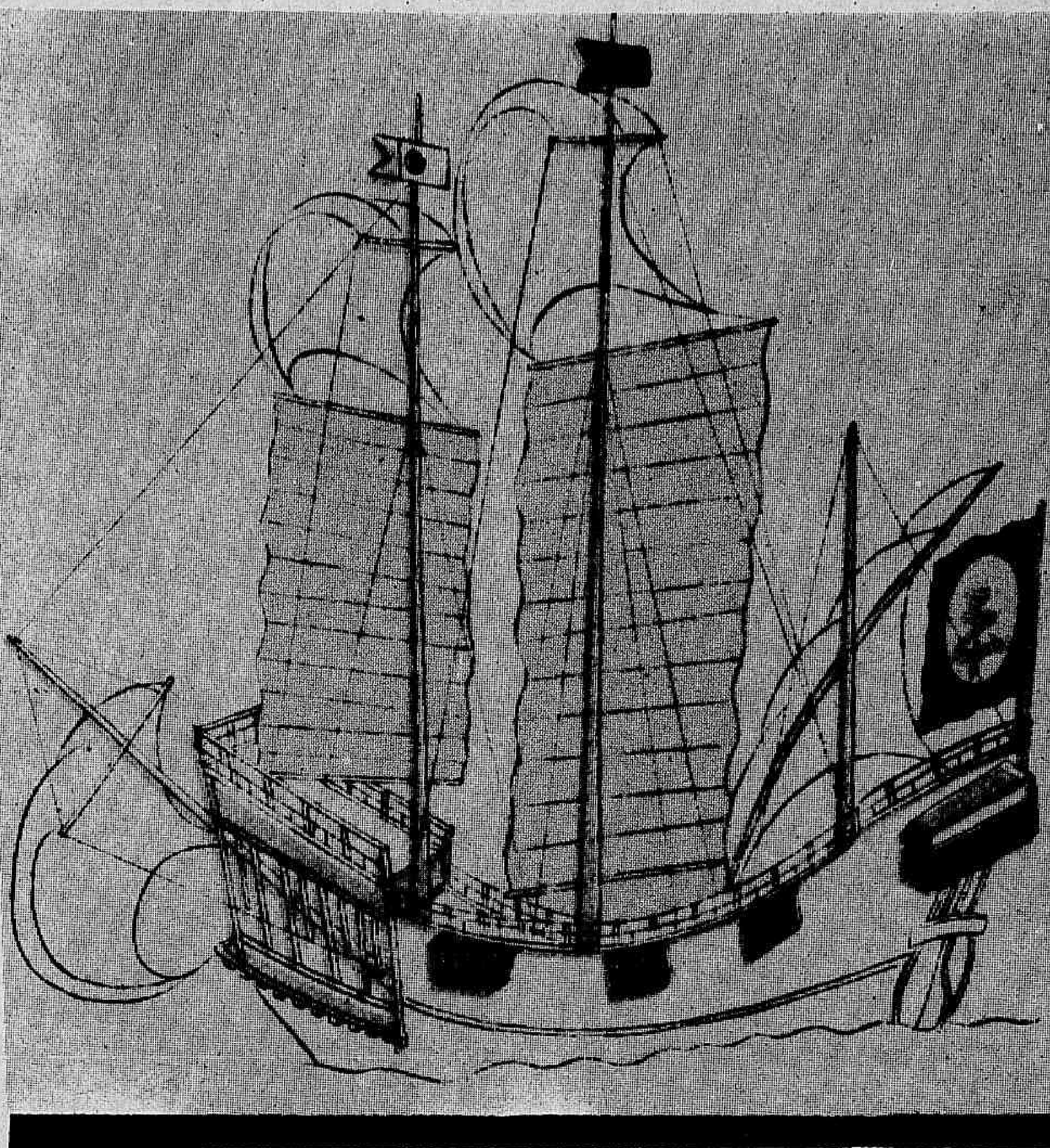
O historiador nipônico Okakura (Kakuzo) chama ao movimento intelectual das três escolas filosóficas, a voz interior da nacionalidade, que determinaria o período áureo da Renascença Japonêsa.

Ignorantes das vitoriosas aquisições do materialismo ocidental, que depois de descobrir o continente americano e espalhar o germe das guerras comerciais, iria se voltar para as matérias-primas da Ásia, os pensadores do arquipélago oriental se abandonavam às especulações puras do Sintoísmo.

O COLAPSO DA CIVILIZAÇÃO QUE SE ISOLOU DO MUNDO — Os

povos não escolhem a sua própria mentalidade nos compêndios de filosofia, como os naturalistas separam os minerais preciosos do cascalho da matéria bruta, mas recebem como carga os formalismos intelectuais do passado.

Outro fator preponderante, que muito concorreu para estigmatizar a nacionalidade nipônica com uma estrutura psicológica original, a mais esquisita e desconcertante da Ásia, integra-se na sua posição geográfica.



No século dezessete, os primeiros navios do Japão, que haviam sido licenciados, inauguram o comércio internacional.

Compreendera o filósofo histórico Charles de Secondat de Montesquieu, que as culturas geográficas contribuem para a disposição, ou permanência das legislações, pois notava como os povos das ilhas se agarram mais à liberdade, do que as nações dos continentes e que não sendo envoltos pelas conquistas, conservam com mais facilidade as suas leis e a perpetuação dos seus costumes. Enquanto o Império Celeste Chinês atravessou vinte e duas revoluções gerais, em cujas convulsões desabaram vinte e duas dinastias, guerreou numerosas invasões, pretendem os niponistas históricos que a nacionalidade japonêsa existindo há vinte e cinco séculos, independente e fiel à sua própria formação, só conheceu uma única dinastia, cuja glória se vem perpetuando até hoje.

Podemos contestar que os japonêses desconheçam revoltas políticas, asseverar que existiram movimentos subversivos, mas que ocultaram nos seus livros e que os doutrinadores obscureceram a verdade com a penumbra da lenda e dos mais obsoletos tradicionalismos, para salvar da crítica historiográfica o tabu sintoísta do Mikado.

Não há mais dúvida de que entre o século XII e o século XVI, os japonêses travaram lutas civis, sendo que outras complicações internas e mais remotas se perdem nos vícios das suas simbolatrias.

Uma história analítica do Japão, pelo método objetivo e implacável de Edward Gibbon, Thomas Babington Macaulay, Hippolyte Taine, Theodor Mommsen, David Friedrich Strauss e Leopold von Ranke, em cuja textura se interpenetram os conhecimentos arqueológicos e jurídicos, as tradições literárias e estéticas, as heranças antropológicas e sociais, dissiparia impenetrabilidade japonêsa.

Entrementes, reconheceremos como fato de formação sociológica a energia do isolamento geográfico, que os subtraiu das invasões dos tártaros, dos mongóis e dos mandchus, dando-lhes essa mentalidade de confiança racial, cuja arrogância se reflete na alma da nação, nos artistas, poetas e filósofos. No século VII, promulga Hitomaro: "No Japão, o homem não necessita de pedir, quando o próprio solo é divino".

Mais tarde, no século XIV, Kitabatake estatui orgulhosamente: "O grande Yamato é uma plaga divina. Não há como o nosso país, cujas fundações sejam a obra do antepassado divino".

A literatura japonêsa ufana-se dêsses provérbios patrióticos, regala-se com êsses aforismos otimistas e reconfortantes. No século XVIII, adverte a sabedoria sintoísta de Mabuchi: "Os japonêses são honestos e retos no seu coração, desdenhosos de vãs teorias e das mentiras em que se comprazem os outros povos. Em comparação com os profundos sistemas chineses, os nossos parecem vazios. Mas os chineses mentem e nós dizemos a verdade". Descobrem-se resquícios de um patriotismo sincero nas gerações mais afastadas, uma virilidade perpetuada pelo formalismo das tradições, cuja marcha se agravaria com o complexo imperial da época presente. O eloquente Okakura (Kakuza), pensador japonês nascido em 1863 e morto em 1913, confessava o orgulho de que jamais conquistador algum profanou o solo do Japão e que os ensaios de agressão de fora robusteceram ainda mais o preconceito insular, transformando-o em vontade de se isolar absolutamente do mundo. E êsse fatal isolamento se processou com a Dinastia dos Shungs, que governou o Império de 1600 a 1868, isolando o Japão de todo o contacto exterior, durante duzentos e sessenta e oito anos. Impediu que os súditos construíssem barcos poderosos e interditasse a navegação além dos mares circundantes das ilhas. O historiador Okakura (Kakuza) descreve com patético acento e até com lirismo convincente, o letargo oriental de mais de dois séculos e meio, evocando como seu povo tateou no labirinto da tradição e como noite mais sombria do que jamais existiu, isolou-os socialmente e espiritualmente do convívio não só do mundo ocidental como também do próprio continente asiático.

O Sintoísmo, sob o impulso renovador das três escolas filosóficas e a inopinada aparição da esquadra dos Estados Unidos, romperam as fôrças do torpor asiático. E o despertar do Japão passou a ser o assombro e a inquietação dêsse ocidente, cuja sociologia motejava das raças de côr, condenadas por levianos juízes a viver perpètuamente no passivismo.

A SOBREVIVÊNCIA ENTRE OS FORTES DA ERA ATÔMICA — O vertiginoso salto sôbre as tradições operado pelo niponismo, na segunda metade do século XIX e na primeira década do século XX, aturdiu os doutrinadores da Europa, cujos sistemas anatematizavam os povos amarelos como entidades étnicas inferiores. Para explicar o fenômeno social e psicológico da transformação japonêsa, apelam para duas ordens de fatos esenciais, a causa materialista e o fator moral.

O acontecimento exterior situa-se cronològicamente no dia 3 de junho de 1853, quando os Estados Unidos apareceram com uma expedição naval nas águas do Oceano Pacífico, visando essencialmente as ilhas esparsas, que compõem o Imperial Mikadonal. A presença audaciosa dos vasos de guerra norte-americanos no litoral de Uraga e de Yedo, outrora capital do Japão, impressionou a solitária e livre alma do povo nipônico.

A Dinastia dos Shungs, cujo tradicionalismo vinha isolando a nação de todo o convívio com o estrangeiro desde 1600, despertou com a brusca aparição dos Estados Unidos, vindos do longínquo continente americano. Dessa data em diante se desenvolve a primeira fase do seu ressurgimento, em que desabam as tradições e a visão clássica do passado se dissipa, substituídas pela expansão industrial. À serenidade búdica e aos imperativos sintoístas sucede o espírito de ação, com todo o seu cortejo de grosseiras ambições. Feridos pela brutalidade da civilização ocidental, os insulares do Extremo Oriente sentem aluir o destino espiritual das ilhas e perigar a soberania da raça. Só a mudança da sociedade dos seus padrões clássicos salvaria os arcaicos Samurais, da conquista estrangeira. Opera-se completa revolução na vida do império e o ópio deixa de ser usado como entorpecente das realidades utilitárias da vida. Desmorona o regime feudal, os antiquados costumes ruem, forma-se um exército e constroem a primeira marinha de guerra. A juventude aprende física, freqüenta os laboratórios químicos, familiariza-se com os processos industriais e mecânicas, inicia-se nos cálculos da tática e dos segredos armamentistas.

(Continua no fim da revista)

O MÊDO — ENFERMIDADE MORTAL DO HOMEM MODERNO

A QUÍMICA PREPARA PÍLULAS CONTRA O MAL...

O mêdo é algo muito mais complexo que uma enfermidade física ou um sentimento de angústia mais ou menos passageiro. Em muitas pessoas chega a ser uma verdadeira paixão, que é excitada por tudo que pareça perigoso, ameaçador ou sobrenatural.

O mêdo, como tôdas as paixões, não raciocina. Suas manifestações são múltiplas. O indivíduo dominado pelo mêdo ou perde o contrôle de seus nervos e enfrenta o perigo com uma energia desesperada e desordenada, ou, ao contrário, fica paralisado, incapaz da menor reação.

Ansiedade e apreensão, temor, angústia, enlouquecimento, terror, espanto, são palavras que determinam com exatidão os graus do mêdo.

O METILPENTINOL, CONTRA O MÊDO: — Já disseram que o mêdo é uma paixão ou seja que, segundo a primeira acepção desta palavra, trata-se de um sofrimento, de uma série de tormentos.

Para muitas pessoas, esta paixão doentia é crônica. Em aguns momentos de sua vida têm mêdo de tudo. Para outras, porém, o mêdo é um fenômeno puramente acidental e fortuito. Quantos soldados intrépidos, homens que arriscaram não uma mas várias vêzes a vida, mostraram-se tímidos e medrosos para declarar-se a uma eleita, por exemplo. Quando se encontram diante da mulher que amam — e que em geral está aguardando a declaração com uma impaciência mais ou menos dissimulada — perdem a serenidade. E se a situação se prolonga, já pensam ùnicamente em desaparecer, acreditando que estão em posição ridícula. E, de fato, afastam-se sem nada dizer.



Não obstante os anestésicos e o moderno instrumental, o mêdo do dentista subsiste em geral, como no tempo do barbeiro-tiradentes.

Os químicos inglêses, segundo parece, resolveram uma parte importante do problema do mêdo, mediante um produto que já tinha sido empregado com êxito durante



Se você é assim, medrosa, sempre assaltada pela angústia e fácil de assustar-se...

a última guerra mundial: trata-se do metilpentinol.

Os namorados tímidos já não precisam consultar o médico, a fim de que lhes indique o nome comercial desta combinação química, que se fabrica em forma de pílulas...

CONTRA O MÊDO DE NÃO DORMIR: — O produto age de maneira bastante ativa em todos os indivíduos que são vítimas de alterações nervosas, ansiedade, etc. E quantas se encontram, hoje, nesse estado! As pílulas suprimem, por exemplo, a causa — desagradabilíssima — de muitas insônias, quase tôdas baseadas no... mêdo de não dormir.

Ao contrário dos soníferos conhecidos, como os bromuros e os barbitúricos, o metilpentinol não deixa qualquer traço no organismo após algumas horas de sua ingestão.

De fato, o encefalógrafo revela que as ondas cerebrais do paciente, após tomar as pílulas de metilpentinol são as mesmas que emanam do cérebro de um indivíduo que tenha um sonho natural e espontâneo, sem nada de hipnótico ou de forçado.

Os fabricantes dêsse produto salientam o fato relativo a que, com exceção dos indivíduos que já se encontrem intoxicados pelos soníferos clássicos ou aquêle que, em razão de uma dor física, não podem conciliar o sono, é suficiente uma dose de quinhentos miligramos para combater tôdas as insônias.

A composição química dêsse produto se assemelha muito com a do açúcar e foi inicialmente experimentada nos animais, especialmente, principalmente nos cães. Com uma dose de duzentos e cinqüenta miligramos, os caniches mais histéricos se acalmavam ao fim de vinte minutos.

Animados com êsse primeiro êxito e verificada a não toxicidade do produto, os médicos e pesquisadores se animaram a ensaiar o produto e moutros sêres, inclusive o próprio homem.

Há, em Londres, um imenso e bem aparelhado hospital, aliás conhecido e louvado em todo o mundo, o "King's College Hospital". Foi ali, então, realizada a primeira grande prova com o metilpentinol, assistida, além dos médicos interessados, altas autoridades ,etc., por um grande público.

Setecentos internos, antes de sentar-se na cadeira do dentista, tomaram as pílulas contra o mêdo.

No mesmo hospital foram submetidos outros grupos de indivíduos às experiências com o Metilpentinol. Tais grupos foram colhidos e mdiferentes campos de atividade, desde escritórios comerciais, repartições públicas, clubes esportivos, polícia civil, teatros, estúdios cinematográficos, etc.

Indivíduos que se revelavam pouco aproveitáveis (em razão da timidez invencível, que tolhia seus menores movimentos e travavam qualquer decisão ou iniciativa de sua parte) submetidos a umas poucas doses dêsse mágico produto, ganharam ânimo, **cresceram** no seu ambiente e de últimos,

em valor, passaram a destacar-se dos demais, porque tinham de fato mais valor profissional, embora fôssem medrosos, incapazes de exibir tôdas as suas qualidades.

O receio da crítica é outro mal que arruina a vida de inúmeros indivíduos. Com o metilpentinol passam a afrontar tudo e todos, conscientes, enfim, da própria capacidade. Os exemplos confirmadores das bondades dêsse produto que age como calmante, colocando os nervos nos devidos lugares, são múltiplos.

Estudantes, que eram os últimos em suas classes, porque gaguejavam, roíam as unhas e quase desmaiavam diante das bancas examinadoras, passaram a enfrentar as mesmas com absoluta tranqüilidade e segurança, passando, como num golpe de mágica das últimas para as primeiras colocações.

Todos sabem que sentar-se na cadeira do dentista é coisa que altera o sistema nervoso de todo o mundo, até mesmo das pessoas que gozam fama de valentes e de sangue frio. A experiência foi das mais concludentes.

Citamos, assim, diferentes exemplos dos males causados pelo mêdo que paralisa os músculos porque paralisou, antes, a vontade, isto é: invadiu e dominou o cérebro com excesso de angústia. São todos, fatos conhecidos e que muitos leitores conhecem muito bem. Não desejamos citar com minúcias e variedade de causas (porque impressionam em demasia) os casos em que o mêdo atingiu um grau tão intenso que paralisou a própria vida de suas vítimas. Todos nós conhecemos uma meia dúzia dessas lamentáveis ocorrências, em que o mêdo matou lentamente ou num rápido instante, o indivíduo que assaltou.

Não devemos confundir com os casos de susto por causa exterior, mecânica ou impressionista, pois que êsse é o caso puro e simples de choque. Choque, realmente, que poderia ser muito menos — e portanto inofensivo — se o indivíduo tivesse nervos bem educados e "no lugar" próprio. Se fôssem, enfim, calmos. Trata-se, ao contrário, do mêdo que domina pouco a pouco o indivíduo em todos os seus sentimentos e atividades; do mêdo que avança como uma moléstia insidiosa e cruel, que aniquila a vontade, entorpece o corpo e o espírito, transformando-o numa coisa frágil a todos

... com uma só pílula mágica, poderá vir a ser uma mulher calma, serena e confiante...



os choques, impotente diante dos menores obstáculos, sem reação, sem ânimo senão para encolher-se, fugir, desaparecer...

Trata-se, igualmente, dos casos em que uma pessoa é válida e bem disposta para grandes feitos, porém irremediàvelmente acanhada e cobarde para outras.

CONTRA AS FORMAS MODERNAS DO MÊDO: — Entre os setecentos internos já citados, noventa e cinco por cem estavam absolutamente tranqüilos quando chegou o momento do dentista agir. Foram observados dois detalhes bastante significativos, a saber:

a) as pílulas antimêdo não agem por auto-sugestão, pôsto que quando autênticas foram — a modo de prova — substituídas por outras sem qualquer propriedade, as pessoas que as tragaram revelaram estar assaltadas pelo mêdo normal;

Até mesmo os valentões, que apesar de tudo, tremem e perdem a fala na hora de declarar-se à amada, com a pílula mágica serão tão corajosos como um Gregory Peck, por exemplo.



b) ficou demonstrado que o metilpentinol é um calmante e não um anestésico. Seus efeitos são excelentes nos casos de extração dos dentes, principalmente o "do siso", que dói, princapelmente, por apreensão. São, no entanto, pràticamente nulos quando se trata da raspagem de uma cárie, que o indivíduo sente no próprio nervo do dente.

É de desejar que o metilpentinol possa vencer as formas do mêdo moderno, como a angústia e a ansiedade. O homem de hoje, atormentado por um mundo e uma sociedade, que, às vêzes, parecem ideados por cérebros em flagrante desequilíbrio, converteu-se, pouco ou muito, segundo os casos, em um nervoso crônico. Assim, o mundo exterior de cada indivíduo está transtornado. Se o homem pudesse encontrar de novo a calma interior, a considerar os incidentes da vida quotidiana com sangue frio e serenidade, prolongaria sua existência vários anos e poderia enfrentar o futuro com mais confiança em si mesmo e esperança.

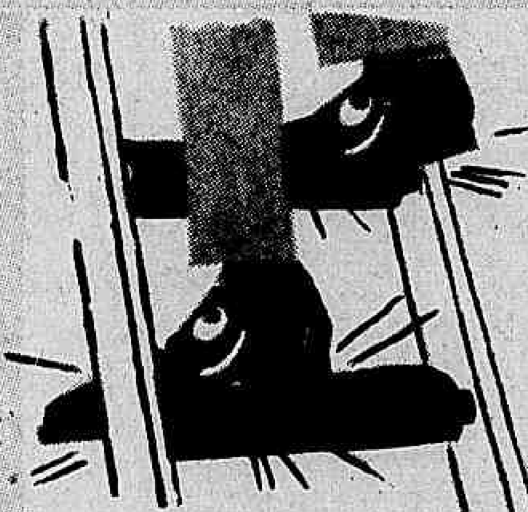
Suprimir as causas nervosas do mêdo seria suprimir também suas manifestações. Quantas ações condenáveis, quantos acidentes, suicídios, crimes e outras calamidades se cometem por mêdo, por indivíduos que estão enfermos de mêdo? Não há qualquer sombra de dúvida. Quem conseguir afugentar do mundo o mêdo fará grande favor à Humanidade.

POR QUE NÃO FAZEM...

CADEIRAS de rodas com os braços laterais podendo ser arriados, a fim de que a passagem do enfêrmo ou convalescente da cama para a cadeira, e vice-versa, seja feita com maior confôrto e facilidade?

ALGUM "limpador" de "raias" do cano de uma arma, adaptável ao próprio cartucho ou bala, de modo que mesmo atirando com a arma, o atirador atendia, ao mesmo tempo, à limpeza da "alma" do cano? Em cada caixa de cartuchos ou de balas poderia haver dois ou três dêsses limpadores, que poderiam ser de ação química ou mecânica.

BÔLSAS para senhoras, com o fôrro exterior, inclusive a alça, destacável e podendo contar com mais que duas ou três capas, extras, de côres diferentes, a fim de que não sejam elas obrigadas a ter em casa um grande estoque de bôlsas de côres diferentes, para atender à necessidade de harmonizar com cada um dos seus vestidos? Assim se evitaria, também, o trabalho de estar trocando os conteúdos dos diversos compartimentos de uma bôlsa para outra. Custariam, é natural, mais caro, mas seriam recebidas com aplausos.



NAS novas geladeiras, um compartimento, capaz de conter um grande bloco de gêlo, além dos pequenos cubos? Isso resolveria o problema de carência de gêlo, quando se recebe grande número de amigos.

MÁQUINAS de costura com a posição invertida, a fim de que possam ser manejadas com igual facilidade também pelas canhestras? Isso solveria o problema de grande número de costureiras.

PEQUENOS recipientes plásticos, contendo tinta para caneta e com a quantidade apenas suficiente para um abastecimento? Êsses recipientes poderiam ser vendidos em ônibus, trens, aviões, paradas de ônibus, cafés, postos telefônicos, etc.

COBERTURAS de borracha para os degraus das escadas portáteis, a fim de que os pés não doam nem sofram cãibras ao fim de prolongada pintura de parede, etc.

CAPAS de peles com casas ou outros recursos, a fim de que nêles possam ser colocadas flores ou outros ornamentos, sem arruinar a peça com grampos ou alfinêtes?

CARRINHOS de bebês providos de um assento extra, como os das bicicletas, para que uma senhora possa conduzir o filhinho menor e ainda dar "carona" a outro, um pouco maior e que se fatiga e resmunga quando tem que andar mais de dois quarteirões, vendo o irmãozinho bem instalado?

ONDAS SUPERSÔNICAS PARA DIAGNOSTICAR MOLÉSTIAS CARDÍACAS

DOIS cientistas suecos, Inge Edler e C. H. Hertz, da cidade universitária de Lund, no sul da Suécia, desenvolveram um método

A ARMA SECRETA DE CUGAT



CHAMA-SE Abbe Lane e é sua (atual) espôsa. Para desposar a fascinante cantora, Cugat teve que enfrentar uma tempestuosa luta judicial, que culminou com uma denúncia muito grave e escandalosa de sua anterior mulher.

para medir as pulsações do coração com ondas supersônicas.

Êste método é simplesmente uma adaptação do uso industrial destas ondas, que determinam distâncias registrando o tempo que leva para que um éco atravesse uma determinada substância.

Emitindo ondas supersônicas da caixa toráxica para as paredes do coração, é possível reconhecer os movimentos dêste, registrando o eco. Assim, será possível determinar se as pulsações são normais ou não.

Sendo que certas anormalidades são sintomas característicos de moléstias cardíacas, espera-se que o novo método venha facilitar grandemente os diagnósticos. Os dois cientistas receberam treze mil coroas para prosseguimento das suas investigações e pesquisas.



SUPERSTIÇÕES SÔBRE O OKAPI

ÊSTE animal, um dos mais recentemente conhecidos e estudados pela História Natural, ocupa na superstição e nos costumes dos negros africanos um lugar curioso.

Procuram com afã a sua carne e os seus despojos, que comem com deleite. Os chefes são os únicos que têm o direito de atapetar suas salas e tamboretes com pele de okapi ou com ela fabricar cinturões, bôlsas, etc. A pele de uma pata de okapi é o preço de uma espôsa. Um guerreiro que possua uma dessas peles passa por possuir ao mesmo tempo a astúcia e a prudência do okapi e o poder que o animal tem de vingar-se do caçador que o matou, "caso não observe o cerimonial obrigatório".

Quando o okapi cai mortalmente ferido é preciso sustentar-lhe a cabeça durante a agonia, pois, do contrário, se toca o chão com o focinho, deixa no mesmo uma maldição que provocará a morte do caçador e a de tôda a sua família; e todo aquêle que percorrer o caminho antes pisado pelo okapi em suas últimas horas de vida, há de morrer, também, pouco tempo depois.



CASADAS COM ÁRVORES

ENTRE os muitos costumes estranhos, que existem na Índia, figura o de casar a filha mais velha da família com uma árvore ou uma flor.

Observa-se ali uma regra, segundo a qual, numa família em que hajam várias moças, não podem as de menor idade casar, sem que tenha casado a mais velha, e às vêzes, acontece que a mais idosa não encontra pretendente e, ao contrário, suas irmãs tenham vários candidatos. Em tal caso resolve-se a dificuldade mediante um curioso recurso que consiste em casar a filha mais velha com uma árvore ou com uma flor. Mas é necessário ter cuidado, pois a "espôsa" pode, algum dia, encontrar marido de carne e osso e então terá que divorciar-se do primeiro "espôso". Não podem, portanto, casar com determinadas árvores consideradas "santas" e que ficariam ofendidas e por certo se vingariam.

VOCÊ ACORDA À HORA QUE DESEJA?

O CORPO HUMANO TAMBÉM PODE MEDIR O TEMPO

EMBORA muita gente desperte e salte da cama com o cantar dos galos, quase todos nós o fazemos com a ajuda do relógio-despertador. No entanto, conhecemos indivíduos que, por si sós, quase podemos dizer: **automàticamente**, despertam, tôdas as manhãs, à mesma hora. Agora perguntamos: Como podem, adormecidos, ter sentido o tempo? Possui o ser humano alguma espécie de "relógio" biológico? A ciência nada sabe, de seguro; porém tanto com respeito ao homem quanto com os animais, existem numerosos indícios de que êsse pode muito bem ser o caso.

Todos os relógios e calendários empregados para medir e dividir o tempo se baseiam no movimento de Terra em redor do Sol e da Lua em tôrno do nosso planêta. E de ambos é a Lua a que figura na maioria dos indícios sugeridores de que todo ser vivente possua alguma faculdade inata para medir o tempo.

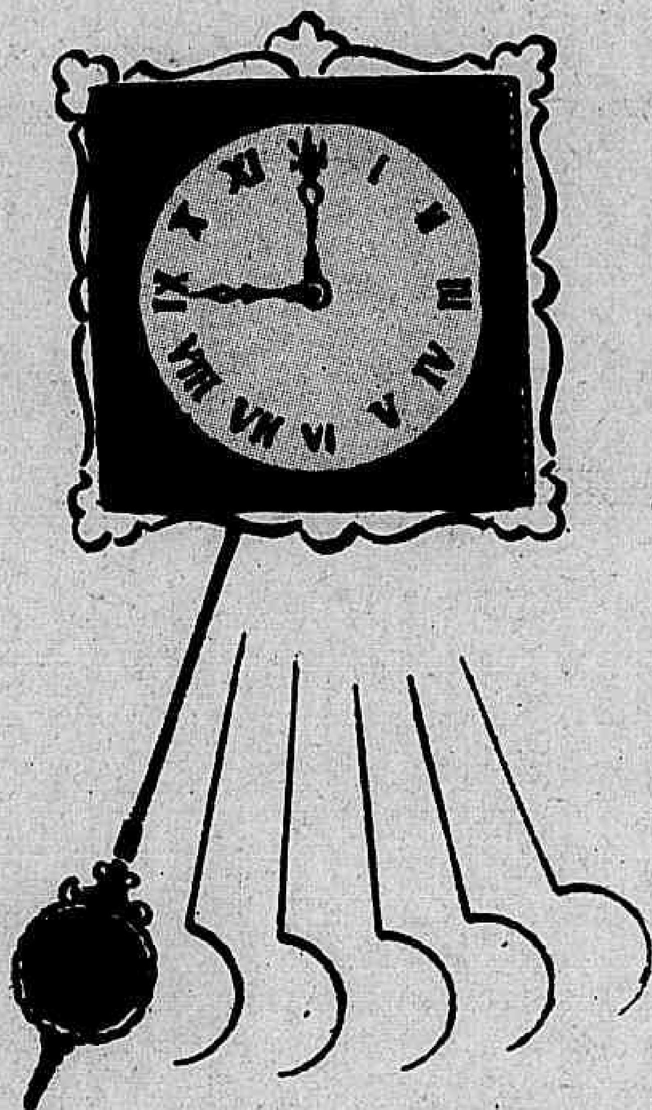
A palavra "lunático", por exemplo, provém da antiquíssima observação relativa à coincidência da lua-cheia com a agravação do estado de certos enfermos mentais. E isso ocorre — segundo o demonstram experiências realizadas com êsse intuito — mesmo quando êsses pacientes não podem ver a lua nem sequer ter notícia — por outros meios — sôbre a chegada do plenilúnio. As fases lunares e a distância entre a terra e a lua têm muito que ver com as marés. E é justamente em certas criaturas marinhas e residentes das orlas marítimas que essas relações entre o tempo e os fenômenos biológicos se manifestam com máxima intensidade e clareza. Alguns dêsses sêres observam ciclos de conduta de doze horas e meia de duração, coincidindo com o fluxo e refluxo diários da maré. Em outros, êsse ciclo dura quinze dias, desde o novilúnio até o plenilúnio e vice-versa, fases lunares durante as quais ocorrem as máximas marés do mês. Caso típico é constituído por um pequeno peixe do litoral dos Estados Unidos, na costa do Pacífico. Durante as noites da máxima preamar, êstes peixes pululam nas praias, cujas ondas os arrastam até muito acima da areia, onde depositam seus ovos. Quinze dias depois, com as novas marés máximas, nascem os peixinhos, que por sua vez são arrastados ao mar pela ressaca das ondas durante o preamar. Ao anoitecer de certos



dias do verão, e coincidindo com determinada fase da lua, aparecem misteriosamente em águas das Bermudas grandes massas de uns pequeninos sêres chamados larvas de fogo do Atlântico. Êstes sêres, que só se

deixam ver durante uns três ou quatro dias (crepúsculo), fazem sua chegada pouco depois que o sol se deita, desaparecendo ao cabo de uma ou duas horas.

Um biólogo polonês, J. S. Szymanki foi o primeiro a provar que certos animais agem conforme um ciclo de vinte e quatro horas, mesmo quando fatôres externos, como a luz e a temperatura, se mantenham constantes.



Karl von Frish, biólogo austríaco, descobridor por sua vez que é possível adestrar as abelhas de modo que acudam a comer a um certo lugar, todos os dias... e à mesma hora. E sabemos, também, que insetos e pássaros se valem da posição do sol para encontrar o caminho seguro do seu ninho. Naturalmente, para fazê-lo têm que possuir uma espécie qualquer de mecanismo corporal, que se adapte constantemente à posição sempre cambiente do astro-rei.

Outro caso interessante é o da migração anual das famosas andorinhas de San Juan de Capistrano, na Califórnia. Êsses pássaros deixam seus ninhos em um determinado dia de cada ano, para emigrar com destino desconhecido, regressando em data também específica.

Dois médicos de Londres demonstraram, recentemente, que os rítmos regulares provocam no corpo humano reações químicas concretas. Êsses estudiosos mediram o conteúdo de ácido do sangue de pessoas que ouviam o tiquetaque de um metrônomo. Quando o instrumento emitiu cinco pancadas por segundo diminuiu consideràvelmente o ácido presente no sangue dos ouvintes; às dez pancadas por segundo elevou-se ao nível normal, e às vinte e cinco pancadas chegou ao grau máximo.

A mesma estranha reação do corpo a múltiplos de cinco foi obtida mediante luzes que se acendiam e apagavam e utilizando instrumentos que golpeavam repetidamente a pele dos pacientes.

Também se especula, agora, sôbre se o corpo humano, como o de muitas criaturas inferiores, pode estar submetido à influência dos corpos celestes, no que respeita aos ciclos de conduta. A ovulação, por exemplo, ocorre nas mulheres ajustando-se geralmente a um ciclo de vinte e oito dias. Pôsto que durante milênios veio aumentando, gradualmente, a distância entre a terra e a lua, pode o mês lunar — na atualidade de vinte e nove dias e meio — haver durado alguma vez também vinte e oito dias. Nesse caso é igualmente possível que nesse então nossa satélite tenha exercido sôbre a regulação e sincronização das funções biológicas, como a apontada, um influxo formativo tão acentuado como o que hoje tem sôbre muitos indivíduos.

★ ★

O PRESENTE

EM Parsons (Kansas) um prêto católico, Julius Busse, de 47 anos, capelão durante a Grande Guerra e duas vêzes condecorado por valor demonstrado, acaba de morrer **em odor de santidade** no seminário de São Paulo, após haver sofrido um ano e meses de um câncer no abdome.

O sacerdote, que conhecia a natureza do seu mal e que atendera à vontade dos seus médicos (embora sem qualquer esperança de êxito) submetendo-se a quatro operações, deu um exemplo edificante de serenidade e de coragem a todos os que o cercavam ou conheciam o seu longo martírio, dizendo:

— Aguardo a morte com tranqüilidade. O meu mal me concede, afortunadamente, o tempo de preparar-me. Agora, espero o momento de ir para junto de Deus, no céu. Quanto mais depressa fôr, mais serei feliz. Sinto-me como um menino que espera um presente.

★

SE NÃO SABIA...

Dos dedos da mão, o polegar tem mais fôrça que os outros quatro juntos.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— É uma ordem, obedeço! Enquanto eu estava esta noite junto de Vossa Alteza, parece que a orgia em minha casa atingiu proporções extraordinárias. Forçaram a porta dos meus aposentos particulares, onde tinha abrigado as duas jovens, a fim de as entregar na manhã seguinte nas mãos da princesa.

"Não me parece necessário dizer a Monsenhor quem eram os instigadores dessa violência... Um duelo báchico travou-se entre Chaverny e o pretenso corcunda. O prêmio do torneio devia ser a mão da cigana que querem fazer passar por Aurora de Nevers. Ao regressar, encontrei Chaverny debaixo da mesa e o corcunda triunfante, junto da amante. Fizera-se um contrato, o qual estava cheio de assinaturas, entre elas a minha!

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Estamos no vale de Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marquês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde de outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece, também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém, que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha» mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo, antes, ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Esopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar a Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na França, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua do Chantre. Começada a reunião, de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à fidalgos, aos quais impressiona com relatos que a em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao enderêço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor que não é reconhecida por Aurora como sua filha Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma liteira, que parte para o palácio do príncipe onde todos se espantam porque horas a fio o regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir, solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite, o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada de seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário» onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali. Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece mas a ciganinha conta-lhe as revelações que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de d. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos, e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta, com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pajens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para d. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens, Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitasse, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar

O Regente olhava para Gonzaga e parecia querer ler-lhe no fundo da alma. Este acabava de travar uma batalha desesperada... Ao entrar em casa do duque de Orléans, esperava talvez encontrar uma certa frieza no seu protetor e amigo, mas não contara com tão terrível e longa explicação.

Tôdas estas mentiras hàbilmente agrupadas, eram pouco mais ou menos uns três quartos do improviso. Não sòmente Gonzaga se arvorara em vítima do seu próprio heroismo, mas também invocava ao mesmo tempo o testemunho das três únicas testemunhas que podiam depor contra ele: Chaverny, Cocardasse e Passepoil!

O Regente estimava-o ternamente, tanto quanto se pode estimar uma pessoa que vivia na sua intimidade desde a adolescência. Isto não representava, no entanto, uma condição favorável para Gonzaga visto que a grande intimidade que tinham devia ter posto o duque de Orléans em guarda contra o amigo. Assim era, com efeito. Talvez aquelas respostas claras e na aparência tão precisas, ditas por outro, pudessem convencer o Regente...

---

todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers. Peyrolles corre a prevenir Gonzaga do que discursava o corcunda, porém o príncipe fica ou finge ficar satisfeito, declarando que o aleijado apenas o ajudava, proporcionando-lhe o ensejo de apanhar Lagardère e apresentá-lo ao regente e à viúva de Nevers como o assassino do duque. A êsse tempo, no jardim do palácio, o grupo de loucos, formado por Oriol, Nocé, Girone, Choysi, Navailles e Chaverny descobrira o lindo dominó guardado por Cocardasse e Passepoil e decidira raptar a bela criatura. Já conseguiam o que desejavam quando um dominó alto, vestido de negro, surgiu e, num relance, desbaratou os atacantes, desaparecendo com Aurora antes de que surgissem os guardas. Pouco depois, no salão, Gonzaga estando entre seus comparsas, tendo ao lado a princesa de Gonzaga, que fôra a viúva de Nevers, ouve junto de si uma voz anunciar: Aqui estou. Era Lagardère, apontando para a cicatriz na palma da mão de seu inimigo, diz: — «Fui eu quem fêz isto. Nevers será vingado». A seguir, volta ao encontro da princesa, a quem relata tôda a longa aventura, desde o drama dos fossos de Caylus. Não se entendem, porém, e Lagardère receia que a mãe de Aurora não seja sincera. Promete-lhe, porém, entregar Aurora, no correr da festa do regente. De fato, a viúva Nevers pretendia prender Lagardère e recuperar a filha e, para isso, tôdas as luzes do jardim logo se apagam e Cocardasse e Passepoil ouvem a guarda confabular sôbre o cêrco e prisão do seu ídolo. Mas o próprio Lagardère surge das sombras e entrega Aurora aos dois espadachins, ordenando-lhes que a levem a determinada sala do palácio e a entreguem ao regente «em nome do Cavalheiro Lagardère». Pouco depois, sessenta homens cercam e prendem Lagardère. Infelizmente, os guardas de Gonzaga se apoderam de Aurora, antes desta ser entregue onde devia. Lagardère é levado a presença do Regente e da princesa de Gonzaga. A princesa, não tendo recebido a filha, ataca o cavalheiro e êste é obrigado a entregar a espada ao regente. Ao retirar-se, porque tinha o salvo-conduto, é interceptado por Gonzaga, que aponta-o ao regente como o matador de Nevers. Êste se defende e pouco depois espera-o fora da sala e diz que Aurora já está em seu poder... e também os documentos provando sua identidade. Lagardère consegue escapulir ao cêrco dos homens de Gonzaga e desaparece no jardim do palácio. Ouvem-se gritos e a guarda sob sôldo de Gonzaga vem anunciar que matou Lagardère. Quando o vão mostrar, porém, o corpo desapareceu e surge o corcunda vangloriando-se de haver atraído o cavalheiro... Êste fôra levado para ser atirado ao rio. Horas depois, o corcunda ferido, pois era o próprio Lagardère, cuida de suas chagas. No dia seguinte recebendo seus homens no seu escritório, Gonzaga é surpreendido por uma pedra atirada do jardim e que vem cair a seus pés. Era uma lista dos antigos cúmplices matadores de Nevers, e agora acrescida com o seu próprio nome. Então, Lagardère estava vivo... ou seria algum cúmplice, para amedrontar o príncipe? Cocardasse e Passepoil, porém, ganham títulos, promovido pelo regente, e o corcunda ganha bom dinheiro, emprestando as costas como mesa para assinatura dos cheques. Ali, houve Gonzaga afirmar aos cortesãos que se Lagardère não estivesse morto, todos, êle e seus amigos, correriam perigo e a seguir dá a entender que se livrará de Aurora de Nevers, casando-a com o único do seu grupo do qual no fundo também temia: Chaverny. Logo o corcunda faz um pedido ao príncipe de Gonzaga. Quer ser convidado para a ceia que o príncipe oferecerá na mesma noite, ceia que tem por fim concretizar um plano diabólico, que o poria, de uma vez, livre de Aurora e de Chaverny, em quem não confiava muito, casando um com o outro. Pouco depois, Passepoil e Cocardasse, interrogados, confirmam a morte de Lagardère. Mal acabam a «narrativa» uma pedra, atirada do jardim, entra pela janela, contendo um aviso... de Lagardère, de que, aquela noite, estaria presente à ceia! Na noite da festa surge o corcunda e aproveitando o entusiasmo de Chaverny força-o a beber, até embriagá-lo. Depois convence Gonzaga de que êle, sim, deve casar com Aurora. Como a idéia de Gonzaga era eliminar a herdeira de Nevers e como o corcunda lhe parece homem cruel, aceita a idéia. Breve Aurora, naquela companhia, estaria morta! Preparam a cerimônia e trazem a noiva. Porém Gonzaga prepara o ramo da noiva. Flores envenenadas, que em breve a matariam. Aurora desconfia, mas certa de que Lagardère estava morto, declara que aceitará as flores. Peyrolles avança com o ramo para entregar-lhe. O corcunda arranca os ramos de sua mão, dizendo que só o noivo tem o direito de ofertar flores à noiva. Depois é o trabalho de convencer a noiva a aceitá-lo Pede que todos se afastem e fala em voz baixa com Aurora. Esta parece adormecer e acaba consentindo, com assombro de todos que acusam o corcunda de possuir artes mágicas. Então, Gonzaga manda entrar o notário, para realizar o casamento. Depois das saudações, o notário pede que os noivos assinem o documento nupcial...

O corcunda leva algum tempo a assinar e finalmente todos lêem: Lagardère! Segue-se luta, sendo os acólitos de Gonzaga batidos pelo herói, secundado por Passepoil e Cocardasse, até que são interrompidos por uma voz, que se anuncia «Em nome do rei». Lagardère é conduzido prêso e Gonzaga, cínico apresenta Aurora à viuva de Nevers e mais o envelope contendo o documento que atestava ser sua filha. Ela, agora que tudo compreendia, tenta inutilmente defender o cavalheiro de Lagardère e o regente, embora desconfiando de Gonzaga nada pode fazer. Gonzaga trata relatar ao Regente tôda a velha história da morte de Nevers e a infância e adolescência de Aurora, ao seu modo e favor, embora por vêzes o Regente se mostrasse incrédulo e não escondesse a sua desconfiança.

Filipe de Orléans tinha o sentimento inato da justiça, embora a História lhe atribua um sem número de iniquidades. É permitido, pois, acreditar que nestas circunstâncias, o Regente encontrara, por assim dizer, tôda a nobreza do seu caráter devido à solene e triste recordação que pairava sôbre êste processo. Tratava-se de castigar o assassino de Nevers, a quem Filipe de Orléans estimara como a um irmão; tratava-se de dar um nome, uma fortuna, uma família, à filha deserdada de Nevers.

O Regente estava tentado a dar crédito às palavras de Gonzaga.

— Filipe — disse após um silêncio e uma espécie de hesitação — Deus é testemunha do meu desejo de conservar um amigo! A calúnia pode ter-se encarniçado contra ti, porque tens muitos invejosos...

— Devo-os aos favores de que Monsenhor me tem cumulado... — murmurou Gonzaga.

— Conheço que sabes lutar contra a calúnia — prosseguiu o Regente — não só pela tua elevada situação, como também pela grande inteligência que tanto aprecio. Responde, peço, a uma última pergunta: que significação tem essa história da herança do Conde Anibal Canozza?

Gonzaga colocou-lhe a mão sôbre o braço e disse num tom sério e breve:

— Meu primo Canozza morreu enquanto Vossa Alteza viajava comigo pela Itália. Acredite-se, Monsenhor, e não ultrapasse os limites em que a infâmia chega ao absurdo e só merece desprêso, mesmo passando pela boca de um príncipe poderoso...

"Peyrolles disse-me esta manhã: "Juraram perdê-lo; falaram a Sua Alteza de tal maneira que tôdas as velhas acusações que havia contra a Itália vão recair sôbre a sua cabeça: será um Borgia! Os pêssegos envenenados, as flores no cálice das quais se introduziu o mortal *acqua toftana*..." Ah! Monsenhor — prosseguiu Gonzaga após uma breve pausa — condene-me, pois o desgosto obriga-me a calarme... Apresento-lhe três fatos: Lagardère nas mãos da justiça; as duas jovens junto da princesa e as páginas arrancadas ao livro de registro da capela de Caylus! Monsenhor é o Chefe do Estado... Com estes três elementos a descoberto torna-se tão fácil que não posso deixar de sentir orgulho ao dizer para comigo: "Fui eu quem fêz luz nestas trevas!"

— Realmente, a verdade há-de descobrir-se! — exclamou o Regente — Presidirei hoje ao tribunal de família.

Gonzaga pegou-lhe nas mãos, num gesto de reconhecimento, e disse:

— Vim para lhe pedir isso. Em nome do homem a quem votei tôda a minha existência, agradeço-lhe, Monsenhor... E agora, resta-me pedir-lhe perdão de ter falado talvez demasiadamente alto diante do Chefe do Estado; no entanto, suceda o que suceder, o meu castigo não tarda... Filipe de Orléans e Filipe de Gonzaga avistar-se-ão logo, à noite, pela última vez!

O Regente puxou-o para si. As velhas amizades são, por vêzes, fortes.

— Um príncipe nunca desce se fizer





— Chegaram num helicóptero, tipo Sikorsky, último modêlo, com duplo comando... e afirmam que são deuses.

uma paz honrosa!... Filipe, espero que as desculpas do Regente te bastarão...

Gonzaga meneou a cabeça lentamente e respondeu em voz trêmula:

— Há feridas que nenhum remédio pode curar!

De súbito olhou para o relógio. A entrevista durara três horas.

— Meu senhor — prosseguiu já com voz firme — deve ser-lhe impossível sossegar esta manhã. A ante-câmara de Vossa Alteza está cheia. Todos quantos ali se encontram estão ansiosos por saber se sairei daqui com um aumento de confiança ou se os guardas me vão conduzir à Bastilha! Esta mesma alternativa também me preocupa... Reclamo de Vossa Alteza uma das duas graças à sua escolha: a prisão que me salvaguarda, ou uma prova especial e pública de amizade que me restitua... nem que seja apenas por hoje... o crédito perdido...

Filipe de Orléans chamou, e ao criado que apareceu deu ordem para mandar entrar todos que estavam na ante-câmara.

No momento em que os cortesãos transpunham o limiar do salão, o Regente puxou Gonzaga para si e abraçando-o, disse:

— Amigo Filipe, até logo!

TRÊS ANDARES DE CALABOUÇO

A instituição dos Tribunais de Justiça em França data de Francisco II e as decisões dêsses tribunais excepcionais eram soberanas e executam-se em vinte e quatro horas. O Tribunal de Justiça que ia ter lugar nessa noite fôra convocado na véspera por ordem de Sua Alteza o duque de Orléans, para as quatro da madrugada. A ata de acusação devia indicar aos juízes o nome do acusado.

Às quatro e meia o cavaleiro Henrique de Lagardère compareceu perante o Tribunal de Justiça do Chatelet: acusavam-no da substituição e rapto de uma criança e de assassínio.

Como testemunhas foram ouvidos o príncipe e a princesa de Gonzaga, mas as suas declarações eram tão contraditórias que o tribunal, embora com a faculdade de dar a sua sentença ao menor indício, marcou nova reunião para a uma hora da tarde, a fim de receber mais amplas informações. Deviam então ouvir-se três novas testemunhas: Peyrolles, Cocardasse e Passepoil.

O advogado real pedira a comparência da jovem raptada, mas o seu pedido não foi tomado em consideração: o príncipe declara que a filha de Nevers estava sob a influência do acusado, circunstância agravante num processo de rapto cometido contra a herdeira de um duque e par do reino!

Tinha-se preparado tudo para conduzir Lagardère à Bastilha, para o pátio das execuções noturnas, mas o adiamento fêz com que se lhe arranjasse uma prisão não muiot distante da sala de audiências, a fim dêle se conservar sempre ao alcance da chamada dos juízes.

Foi no terceiro andar da Tôrre Nova, onde habitualmente encerravam os prisioneiros incomunicáveis antes de os levarem para a Bastilha.

Era um calabouço pouco sólido, em tijolos vermelhos e cujo aspecto contrastava singularmente com as côres sombrias que o rodeavam. No segundo andar havia uma ponte levadiça que o ligava a uma espécie de terraço. Os calabouços, ou antes as células estavam asseadas, mas via-se que a prisão ali era apenas provisória.

Depois de suspensa a audiência e após ter fechado à chave o calabouço, o carcereiro anunciou a Lagardère que estava incomunicável.

O cavaleiro entregou ao guarda todo o dinheiro que levava consigo, pedindo-lhe para êle lhe dar uma caneta, tinta e fôlha de papel. Êle, porém, aceitou o dinheiro, mas nada lhe deu em troca, dizendo apenas que ia depositar tudo na secretaria.

Uma vez sòzinho no calabouço, Lagardère ficou imóvel e como que acabrunhado sob o pêso da sua desgraça. Estava prêso, impossibilitado de tôda a defesa, ao passo que o seu inimigo era poderoso, rico e livre, gozando, além disso, da amizade do Regente.

Lagardère, que durante o tempo em que pertencera ao corpo da Guarda Real, tivera ocasião de entrar, mais de uma vez, no Chatelet, conhecia a disposição

dos calabouços. Por baixo de sua célula deviam existir outras duas.

Com o olhar abraçou todo o seu domínio: uma bilha, um púcaro, um pão e um monte de palha! Tinham-lhe deixado às esporas. Com uma picou-se no braço... já tinha tinta! Um canto do lenço serviu-lhe de papel, um fio de palha de caneta e com êstes utensílios, lentamente, pouco visìvelmente, traçou algumas palavras.

Em seguida, com a ajuda da espora, conseguiu arrancar um dos tijolos da célula. Não se enganara: por baixo da sua havia mais duas!

Na primeira, o marquês de Chaverny, ainda embriagado, dormia como um bem-aventurado. Na outra, Cocardasse e Passepoil, deitados na palha, filosofavam acêrca da inconstância do tempo e da fortuna.

Chaverny, êsse, sonhava, mas de forma diversa:

— Mais um copo, corcunda! — dizia em voz rouca e entrecortada. — Estás a fingir que bebes, maroto! O vinho corre pelo **jabot**! Levem essa mulher daqui... Ah! Mas ela é a minha espôsa... já devo estar casado...

As feições exprimiram sùbitamente certo descontentamento.

— É Dona Cruz! — prosseguiu. — Escondam-me, não quero que ela me veja neste estado! Tome lá os seus cinqüenta mil escudos! Quero casar com Dona Cruz!

E o pobre marquês mexia-se, remexia-se no seu leito de palha e, às vêzes, soltava aquelas gargalhadas estúpidas de embriagado.

Não notou, por isso, o ruído ligeiro que se produzira no teto. Para o despertar seria preciso um tiro de artilharia. O ruído continuava, compassado e incessante. Como o teto era delgado, ao cabo de alguns minutos, pedaços de terra começaram a cair-lhe em cima da cara. Chaverny levou a mão ao rosto umas duas ou três vêzes, como se pretendesse afugentar um inseto importuno.

— Estas môscas são mesmo endiabradas! — murmurou.

Nesse instante caiu-lhe em cima da cara um pedaço de gêsso um pouco maior.

— Diabo! — exclamou. — Então tu, corcunda, já estás tão familiarizado comigo que te julgas no direito de me atirares migalhas à cara?

O buraco do teto aumentou, novos pedaços de terra bateram na fronte de Chaverny e uma voz, que parecia vir do céu, disse:

— Quem quer que seja a pessoa que aí se encontra, responda a um companheiro de infortúnio; também está incomunicável? Ninguém o vai ver?

Chaverny continuava a dormir, mas o seu sono já era menos profundo. Mais uma meia dúzia de pedaços de gêsso em cima da cara e acabaria por despertar.

— Ouviu? — perguntou a voz de Lagardère.

E instantes depois, uma espécie de bola passou pelo buraco e caiu sôbre a face esquerda de Chaverny, que deu um salto e levando as duas mãos ao rosto, exclamou:

— Miserável! Deste-me uma bofetada!

Depois, o fantasma que êle vira, com certeza desapareceu. O olhar surpreendido percorreu a célula.

— Ah! Mas estou a sonhar, não há dúvida!

E a voz, lá de cima, insistiu:

— Recebeu a mensagem?

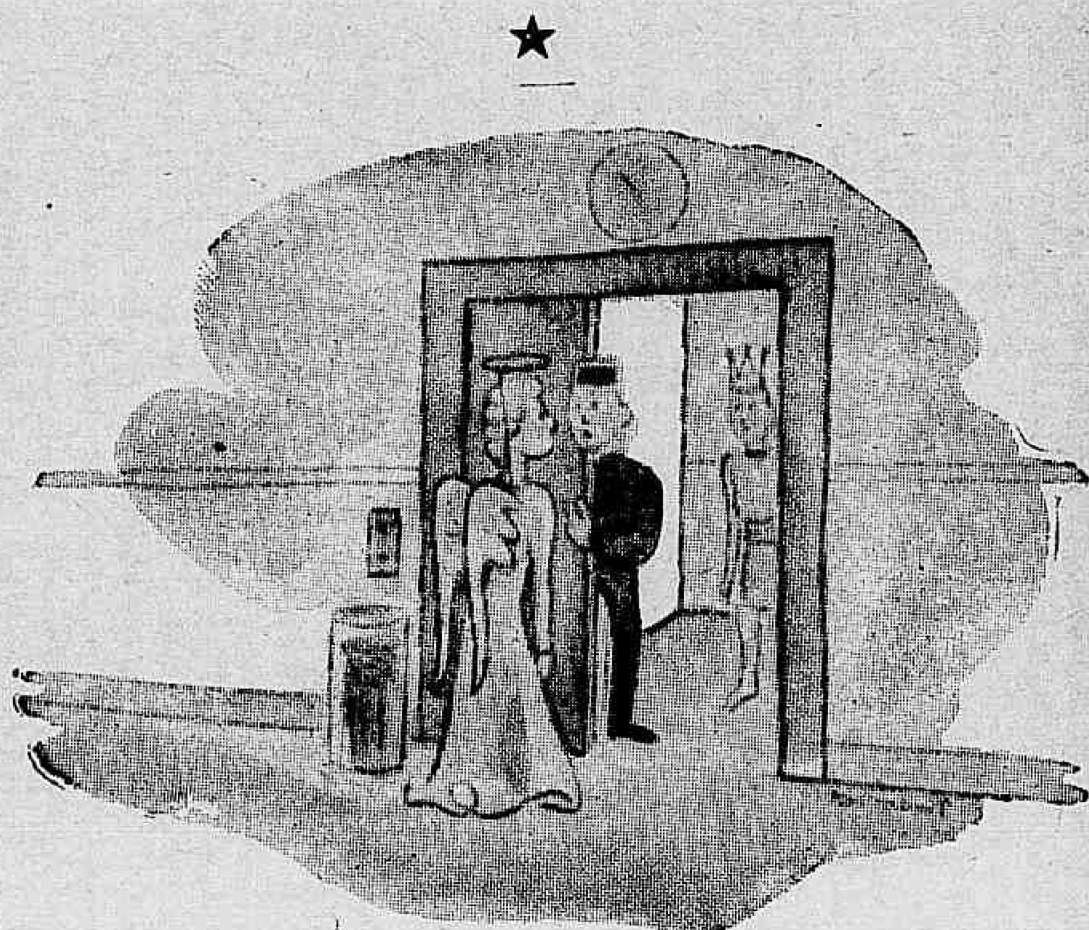
— Bem! — murmurou Chaverny. — O corcunda está por aqui escondido e quer fazer-me uma partidinha!... Mas que diabo de feitio tem êste quarto!

Ergueu a cabeça e gritou quanto pôde:

— Bem vejo onde estás escondido e hás de pagá-las! Vai dizer para abrirem a porta, ouviste?!

— Não ouço bem — disse a voz — está

★



— Vai subir?

longe do buraco, mas já o reconheci. Senhor marquês de Chaverny, embora tenha passado a sua vida em má companhia sei que ainda é um verdadeiro fidalgo. Foi por isso que impedi que esta noite o assassinassem!

O marquês abriu desmesuradamente os olhos.

— Mas isto não é a voz do corcunda — pensou. — Que quererá êle dizer com assassínio? Quem ousa empregar, para comigo, êste tom protetor?

— Sou o cavaleiro Lagardère! — disse a voz naquele momento, como se quisesse responder-lhe às perguntas formuladas em pensamento. — Sabe onde se encontra?

Chaverny sacudiu enèrgicamente a cabeça, em sinal negativo.

— Está na prisão do Chatelet, segundo andar da Tôrre Nova.

Chaverny precipitou-se então para o postigo que lhe iluminava dèbilmente a célula, e os braços descaíram-lhe ao longo do corpo, num gesto de desalento.

— Deve ter sido prêso esta manhã no seu palácio, em virtude de um mandado de prisão... — prosseguiu a voz.

— Obtido pelo meu muito querido e leal primo! — resmungou o marquês. — Recordo-me, agora, vagamente, do desprêzo que lhe mostrei por certas infâmias...

— Recorda-se do seu duelo de champanha com o corcunda?

Chaverny fêz um sinal afirmativo.

— Fui eu quem representou o papel de corcunda !— continuou a voz.

— O Cavaleiro de Lagardère?! — exclamou Chaverny.

Henrique não o ouvira e prosseguiu:

— Quando o marquês se encontrava embriagado, Gonzaga deu ordem para o fazerem desaparecer... Incomodava-o. Além disso, tem medo da sua lealdade... mas os dois valentes a quem foi confiada a missão, trabalham para mim. Dei-lhes contra-ordem.

— Obrigado! — exclamou Chaverny. — Tudo isso me parece um tanto inverossímil... porém, é mais uma razão para eu acreditar!

— O objeto que lhe atirei agora é uma mensagem — continuou a voz — tracei algumas palavras, escritas a sangue, no meu lenço. Terá possibilidades de fazer chegar essa missiva à senhora princesa de Gonzaga?

O gesto de Chaverny respondia que não...

Ao mesmo tempo, apanhou a bola para ver como um lenço lhe podia ter aplicado uma bofetada tão grande... Lagardère atara-lhe uma pedra!

— Isto era o bastante para me partir a cabeça! — resmungou Chaverny — Ah! mas eu devia ter o sono pesado, visto que conseguiram trazer-me para aqui sem eu dar por isso!

Desatou o nó, dobrou o lenço e meteu-o na algibeira.

— Não sei se estarei enganado, mas parece-me que o senhor marquês está muito disposto a auxiliar-me... — disse ainda a voz.

Chaverny respondeu que sim com a cabeça.

— Segundo tôdas as probabilidades — continuou Lagardère — devo ser executado esta noite. Apressemo-nos, portanto. Se não tem ninguém a quem confiar essa mensagem, faça o que lhe vou dizer: abra um buraco no chão da sua célula e tentemos a sorte no andar por baixo do seu.

— Com que abriu o buraco? — perguntou o marquês.

Lagardère não ouviu, mas, com certeza, adivinhou a pergunta, porque a espora foi cair aos pés de Chaverny. Êste meteu imediatamente mãos à obra, e à medida que o enfraquecimento devido à embriaguês desaparecia, o cérebro exaltava-se ao pensar no mal que Gonzaga quisera fazer-lhe.

— Se não fôr ainda hoje que regularizemos as nossas contas — dizia — a culpa não é minha!

E, trabalhando com fúria, cavou um buraco dez vêzes maior do que o necessário para fazer passar a missiva.

— Estás a fazer muito barulho, marquês — avisou Lagardère — tome cuidado, podem ouvi-lo!

Chaverny arrancava tijolos, gêsso, terra, e tinha as mãos em sangue.

— Diabo! — dizia Cocardasse no andar inferior. — Quem andará a dançar lá em cima?

— É talvez algum infeliz a quem estejam a estrangular e se debate! — replicou o

compadre Passepoil, que nessa manhã estava cheio de idéias lúgubres.

— Bem! — observou o gascão. — Se o estrangulam tem todo o direito de se defender. No entanto, quer-me parecer que deve ser algum louco furioso, que meteram na prisão antes de o levarem para o Manicômio.

Nesse momento, ouviu-se um grande estrondo, seguido de um ruído surdo e da queda de uma parte do teto.

A terra que caiu entre os dois amigos levantou uma enorme nuvem de poeira.

— Encomendemos a nossa alma a Deus! — disse Passepoil. — Não temos espadas e vão com certeza fazer-nos passar um mau bocado.

— Ora! Se vierem, deve ser pela porta... Espera! Está ali alguém!

— Olá! — disse o marquês metendo a cabeça pelo buraco. — Vocês são dois?

Cocardasse e Passepoil ergueram a cabeça ao mesmo tempo.

— Tal como vê, senhor marquês — replicou Cocardasse. — Mas, que vem a ser isto?

— Ponham a palha debaixo do buraco para eu poder saltar!

— Nada disso! Dois já chegam... — observou Cocardasse.

— E o carcereiro não tem cara para brincadeiras! — acrescentou Passepoil.

Entretanto, Chaverny alargava o buraco a tôda a pressa.

— Mas que prisões estas! — disse Passepoil, com desprêzo.

— A palha!... A palha!... — gritou, impaciente, Chaverny.

Os nossos dois heróis não se mexiam. O marquês teve então a feliz idéia de pronunciar o nome de Lagardère. Imediatamente, a palha foi colacada onde era necessário.

— Êle está aí consigo? — perguntou Cocardasse.

— Tem notícias dêle? — acrescentou Passepoil.

Chaverny, em vez de responder, meteu as duas pernas pelo buraco. Embora magro, as ancas não queriam passar. Passepoil, sempre prudente, foi escutar à porta que dava para o corredor. O corpo do marquês passava a pouco e pouco...

— Êle vai cair — disse Cocardasse — e isto ainda é bastante alto...

Passepoil mediu com o olhar a distância que havia do teto ao chão e os dois amigos resolveram unir os braços vigorosos por cima do monte de palha.

Quase imediatamente ouviu-se uma segunda derrocada no teto. Os nossos valentes fecharam os olhos e apertaram ainda mais os braços, apesar da tração súbita que a queda do marquês exerceu sôbre os seus braços estendidos.

Os três rolaram pelo chão, cegos com o dilúvio de poeira e gêsso que provocara a queda de Chaverny.

O marquês fôra o primeiro a erguer-se. Sacudia a cabeça e principiou a rir.

— Vocês são bons rapazes, afinal! Vamos experimentar forçar a porta... agora já somos três...

Passepoil, porém, quando Chaverny e Cocardasse iam pôr mão à obra, deteve-os, dizendo:

— Escutem!

Ouviu-se, de fato, o ruído de passos no corredor. Imediatamente varreram o entulho para um canto, para detrás da palha, colocada de novo no seu lugar. Uma chave rangeu na fechadura.

— Onde me hei-de esconder? — per-





— A propósito, filhinha, temos que voltar para casa, a fim de preparar o jantar de teu pai!

guntou Chaverny, que ria, apesar da sua situação embaraçosa.

Os dois amigos tiraram os casacos e ocultaram o marquês debaixo da roupa, metade debaixo da palha.

Os dois mestres de armas, em mangas de camisa, colocaram-se um diante do outro e fingiram estar a esgrimir.

— Tocado — exclamou Passepoil a rir.

— Se ao menos nos dessem as espadas para passar o tempo... isso é que era bom!

A porta maciça gemeu nos gonzos. Dois homens, um com as chaves e o guarda, afastaram-se para deixar passar um terceiro personagem com uma bela roupa de Côrte.

— Não se afastem! — disse o último, puxando a porta.

Era Peyrolles, no deslumbramento da sua rica **toilette**. Os nossos dois heróis reconheceram-no logo à primeira vista, mas continuaram o seu assalto sem se preocuparem com êle.

Nessa manhã, ao sair de casa, o excelente Peyrolles contara de novo o seu tesouro, e ao ver todo aquêle dinheiro, tão bem ganho, pensara em deixar Paris e recolher-se tranqüilamente no campo, para gozar a feliz vida dos proprietários. O horizonte parecia toldar-se e uma voz interior murmurava-lhe: "Parte!..." No entanto, calculou que não havia grande perigo em ficar mais vinte-e-quatro horas!... Não pensou, porém, que essas vinte-e-quatro horas tinham 1.440 minutos, os quais possuem sessenta vêzes mais tempo do que o necessário para um garôto entregar a alma ao diabo!

— Bom-dia, meus bons amigos! — disse Peyrolles, certificando-se de que a porta estava entreaberta.

— Bons-dias! — replicou Cocardasse dando uma terrível estocada a Passepoil. — Estávamos mesmo agora a dizer que se nos dessem as nossas espadas, ainda teríamos com que passar o tempo...

— E como se acham aqui instalados? — perguntou o **factotum** do príncipe, com ar irônico.

— Menos mal!... Menos mal!... — respondeu o gascão. — E quanto a novidades?

— Nada que eu saiba, meus ilustres amigos. Com que então, têm muita vontade de tornar a ver as espadas?... E se ao mesmo tempo que lhas restituíssem, lhes abrissem as portas da prisão?...

— Ora, isso era uma maravilha! — observou Cocardasse.

— Que é preciso fazer? — perguntou Passepoil.

— Pouco, meus amigos. Dizerem "muito obrigado" a um homem que sempre julgaram ser vosso inimigo e que tem um fraco por vocês...

— E quem é essa excelente criatura?

— Sou eu, meus velhos amigos. Pensem que há mais de vinte anos que nos conhecemos!

— Faz vinte-e-três pelo S. Miguel. — disse Passepoil. — Foi na noite da festa do Santo Arcanjo que eu...

— Passepoil! — exclamou Cocardasse severamente — essas recordações nunca se evocam. Eu, pela minha parte, tenho pensado muita vez que êste bom senhor Peyrolles nos estimava muito, embora o ocultasse. Apresenta-lhe imediatamente as tuas desculpas!

Passepoil, obedecendo, avançou para Peyrolles.

No entanto, Peyrolles, que estava alerta, avistou naquele momento o sítio que o gêsso e a terra tinham embranquecido, no chão. O olhar dirigia-se naturalmente para o teto. Ao ver o buraco, tornou-se pálido, mas não gritou porque Passepoil, humilde e sorridente, já se encontrava entre êle e a porta.

Instintivamente, porém, refugiou-se em direção do monte de palha, a fim de conservar as costas livres. Resumindo: tinha diante de si dois homens robustos e resolutos, mas os guardas estavam no corredor; além disso, conservava a sua espada.

No momento em que parou com as costas voltadas para a palha, surgiu o rosto sorridente do marquês de Chaverny, espreitando por debaixo do casaco de Passepoil...

VELHOS CONHECIMENTOS

E agora somos forçados a explicar ao leitor o que ia o excelente Peyrolles fazer à prisão de Cocardasse e Passepoil, porque êsse homem genial não teve tempo de expor os motivos da sua presença...

(Continua no próximo número)

AMOR

QUANDO Liz Hawks ouviu o suave tilintar do relógio de mesa anunciar meia hora depois de seis, achou que não havia nenhuma razão para continuar a esperar Jan.

— Peter, Ellen — chamou. — Venham comer.

— Viva! Mamãe vai comer com a gente! — gritou Peter alegremente, e Ellen acompanhou com vigor seu entusiasmo.

Houve tempo em que ela dava de comer às crianças, primeiro, ficando ela própria a espera de Jan. Então ficavam sentados, ela servindo, sem pressa, trocando comentários, cêrca de duas horas. Mas que encanto podia ter fazer a última refeição da noite com alguém sem assunto e sem vontade, mesmo, de falar, especialmente em se tratando de seu marido, do homem amado, do pai de seus filhos?

Depois dos últimos preparativos para dormir, escovar os dentes, leu algumas histórias, distribuiu beijos e convenceu as crianças de que era hora de dormir, Liz foi sentar-se diante do espelho de sua mesa de "toilette", seu lugar preferido para examinar qualquer situação.

Gostava dos dois "abat-jours" laterais, que lhe proporcionavam boa luz. Gostava do quarto, com as alegres cortinas de organdi, do papel pintado das paredes e do leito largo, pesado, imponente. Gostava de poder estar ali, sentada, e podendo ver a curva da colina de Huckleberry, além da estrada e que tanto Ellen, quanto Peter não se fartavam de subir e descer, como dois cabritos monteses, jamais em repouso.

Sem qualquer vaidade estudou o próprio rosto, procurando descobrir qualquer signo de caos em seus traços e algum ressentimento alterou sua sadia serenidade. Os cabelos não eram mais tão louros como tinham sido aos 20 anos, embora não tivessem surgido ainda os fios brancos; a pele estava tão clara e sem manchas como eram dezesseis anos atrás e igualmente firme, assim como os olhos, límpidos e com o mesmo encanto natural, que dispensava retoques. Era, enfim, a mesma mulher jovem, encantadora e serena. Onze anos de casamento, os anos cruciais da maternidade e seus pequeninos tormentos diários não tinham conseguido alterar, dos vinte aos trinta e um, o seu pêso além de setecentas gramas, segundo o registro do dr. Morton.

Ainda se ela tivesse engordado e perdido seu primitivo encanto, tudo seria muito fácil de explicar. Mas outros motivos, não

assim tão simples, mas, ao contrário, mais sutis e muito mais perigosos, tinham assim afastado Jan e ela.

Lá em Charles Street, quando pela primeira vez tinham falado em mudar-se para a zona rural. Jan tinha falado com entusiasmo:

— Nada de subúrbio para mim! Desejo o campo, **de verdade**; quero fugir dêste tumulto e tornar a aprender a viver e a repousar!

— Não se preocupe por isso — dissera-lhe a espôsa. — Você passará mais tempo em New York do que no campo. Eu, sim, terei que suportar a solidão.

— Oh, não, querida! — protestou Jan, afetuosamente e fitando-a com orgulho. — Você não ficará longe da Quinta Avenida por muito tempo.

Ela sabia o que êle queria dizer e essa foi a razão de acontecer o que ela menos poderia esperar. Liz estava habituada a lutar e enfrentar as necessidades diárias. Ela e o seu grupo de amigas pertenciam a essa classe que luta e se distrai contando muito bem o dinheiro. E para isso se preparara em solteira. Jamais conhecera as facilidades e larguesas permitidas pela fortuna e assim casara com a decisão de ajudar o marido, como mulher inteligente, amorosa e dedicada ao bem-estar da família.

Continuara no emprêgo, não porque tivesse qualquer ambição de fazer carreira mas, simplesmente, para ajudar nas despesas de casa e melhorar um pouco a sua vida com Jan. Isso proporcionou a ambos um círculo de amigos, em que maridos e espôsas também trabalhavam.

Quando, repentinamente, Liz perdeu seu emprêgo, por haver o patrão encerrado o escritório, transferindo-se para a Califórnia, a ida para o subúrbio foi a solução que a ambos pareceu melhor, pois seria muito difícil a Jan sustentar sòzinho as despesas, com o seu salário de perito-contador. Aquela casa em Westfield, alegre, novinha, confortável, pareceu-lhes o ideal. Compraram-na com as economias que possuíam e mudaram-se.

— Uma vez que se toma um trem, que diferença pode fazer mais meia hora de viagem? — explicava Jan aos amigos.

O verão passou muito agradável, principalmente porque muitos amigos do casal, animados por essa feliz aventura de Jan, mudaram-se também para o campo e a vida, assim, continuou, quase esm alterações. Gôlfe, passeios, visitas, pequenas excursões, etc. Só mesmo com a passagem do verão, a nova situação começou a mostrar seus efeitos. Com os amigos recolhidos a suas casas, em razão do inverno, Liz e Jan começaram a visitá-los na cidade, nos fins-de-semana. Isto, porém, no princípio, sòmente, pois, em geral, passados os primeiros meses, Liz se deixava ficar em casa, com uma desculpa qualquer, até que começou a perceber que estava ficando isolada demais, até mesmo de Jan.

Passando em revista os primeiros anos de matrimônio, dificilmente conseguia recordar como tudo aquilo começara. Sempre se cansava, naturalmente, mas em geral um dia de repouso chegava para refazer suas fôrças. Talvez fôsse a idade. Liz jamais vivera, desde menina, no campo, nunca aprendera a observar como uma árvore muda de côr e de forma, como o céu se transforma, dia a dia, jogando com o mundo das côres, sempre as mesmas, porém sempre deslumbrantes. Esquecera completamente que era possível pisar a mesma estrada poeirenta cada manhã e nela encontrar, de cada vez, novos encantos e delícias.

Mais ainda, jamais conhecera a paz de estar só. O telefone passara a ser útil apenas para as comunicações indispensáveis, deixando de ser um exigente ditador chamando de hora em hora.

Talvez a causa verdadeira não fôsse nada disso, mas apenas as crianças, Peter e Ellen, aos quais sempre amara, mas com as quais se preocupara menos. Agora estava mais prêsa a elas, sempre cuidando de novas calças para Peter, de sapatos grossos para Ellen, que estavam sempre pisando em lama.

Liz se maravilhava com a alegria dêles, quando chegavam no ônibus do colégio, satisfeitos por estar de novo em casa, entregues às mil seduções do campo.

Certo dia, não muito distante, Peter começou a roncar e abrindo os bracinhos afirmou que era um avião. Imediatamente



Ellen fêz o mesmo, gritando que também ela era um avião. Sem bem refletir, Liz deteve Ellen, dizendo-lhe:

— Não... Você poderá ser uma borboleta. Não queira, nunca, ser o mesmo que Peter!

Porém, a menina livrou-se do braço da mãe e protestou, com azedume, afirmando que só queria ser o que Peter fôsse. E saiu atrás do irmão, correndo como uma louquinha.

Liz não sabia se devia chorar ou rir. Aí estava o resultado. Ellen tinha apenas seis anos e Peter nove. E a menina estava ganhando modos de menino. Por falta de companhia melhor! Pensou em conversar com Jan, a êsse respeito, mas não tinha mesmo jeito. Às vêzes tentava:

— Acho que sou mesmo uma mulher do campo — começou, certa noite, esperando que êle protestasse. — Acho que vou comprar uma máquina de costurar... — acrescentou com um risinho forçado.

Jan voltou para ela um olhar entre assombrado e aborrecido.

— Por favor, Liz... Vamos com calma. Não há necessidade de você se matar de trabalho.

Depois acrescentou, noutro tom:

— Você é bastante inteligenet para achar melhor distração. No campo há tanta coisa interessante!

Ela sorriu para êle, mas aquelas palavras ficaram gravadas em sua cabeça e agora dançavam dentro dela, como uma canção de disco quebrado: "Não é o campo... é você mesma!". Procurava lutar contra isso, mas sempre acabava concluindo: "Não é o campo... é você mesma!"

LIZ empoou o nariz e começou a escovar os cabelos. O automóvel de Jan estava sendo encostado ao meio-fio. Como sempre, ela teve uma antecipação da chegada de Jan ao lar, mas, embora sempre descesse ao seu encontro, sentiu que esta noite não o faria. Não podia fazer. Entre êles havia descido um pano cinzento. Eram duas pessoas repentinamente vivendo em mundos diferentes. Apenas mais outro casal, vivendo sob o mesmo teto, amando desesperadamente o mesmo par de filhos, mas sem conta no banco. Recordou como era antes, rindo juntos das mesmas coisas engraçadas, comentando-as, trocando confidências, desde o primeiro instante da manhã, à mesa do café, quando êle era um jovem e talentoso escritor e ela a sua secretária. Poderiam voltar a ser assim?

— Olá, querida — disse Jan tirando o chapéu e a capa. — Estou empoeirado.

— Você jantou? — perguntou Liz aceitando, obediente, o beijo na face.

— Quase nada... Mas quero um sanduíche e qualquer coisa para beber.

— Vou arranjar...

Quando Liz voltou, com o que fôra pedido, Jan estava estirado no sofá, olhos fechados. Quando ela colocou a bandeija ao seu lado, êle se sentou e afastou os cabelos da fronte. Jan tinha talento para os gestos dramáticos e teria realmente sido um êxito no teatro. Alto, bem feito, não bonito segundo o sentido convencional, com o rosto talvez alongado demais e o nariz muito grande. Mas aos trinta e seis era um homem bem interessante.

— Alguma novidade? — perguntou Liz procurando não mostrar interêsse.

— Muito trabalho. Tom decidiu aceitar a publicidade de um novo cigarro. Coisa boa mesmo!

— Já têm alguma idéia sôbre a campanha?

— Está ruim! Creio que Tom vai consultar o céu, esta noite. Tudo está difícil. Acho que não se faz outra coisa, hoje, senão inventar programas de rádio!

Liz assentiu, sem descerrar os lábios e ficou pensando que era uma louca. Estava atrapalhando, em vez de ajudar Jan em sua luta diária. Jan uma vez havia dito: "Com você a vida jamais há de ser enfadonha". E agora... ela era um tropêço, inútil!

— Como você passou o dia? — perguntou Jan, que com isso queria significar o dia dela e das crianças.

Relatou-lhe em poucas palavras as ocorrências de casa, mas Jan quase nada ouviu. Parecia preocupado com os negócios.

— Tom vai dar uma festinha, na quinta-feira. Lanche e jantar... Quer que você vá, comigo!

(Continua no fim da revista)



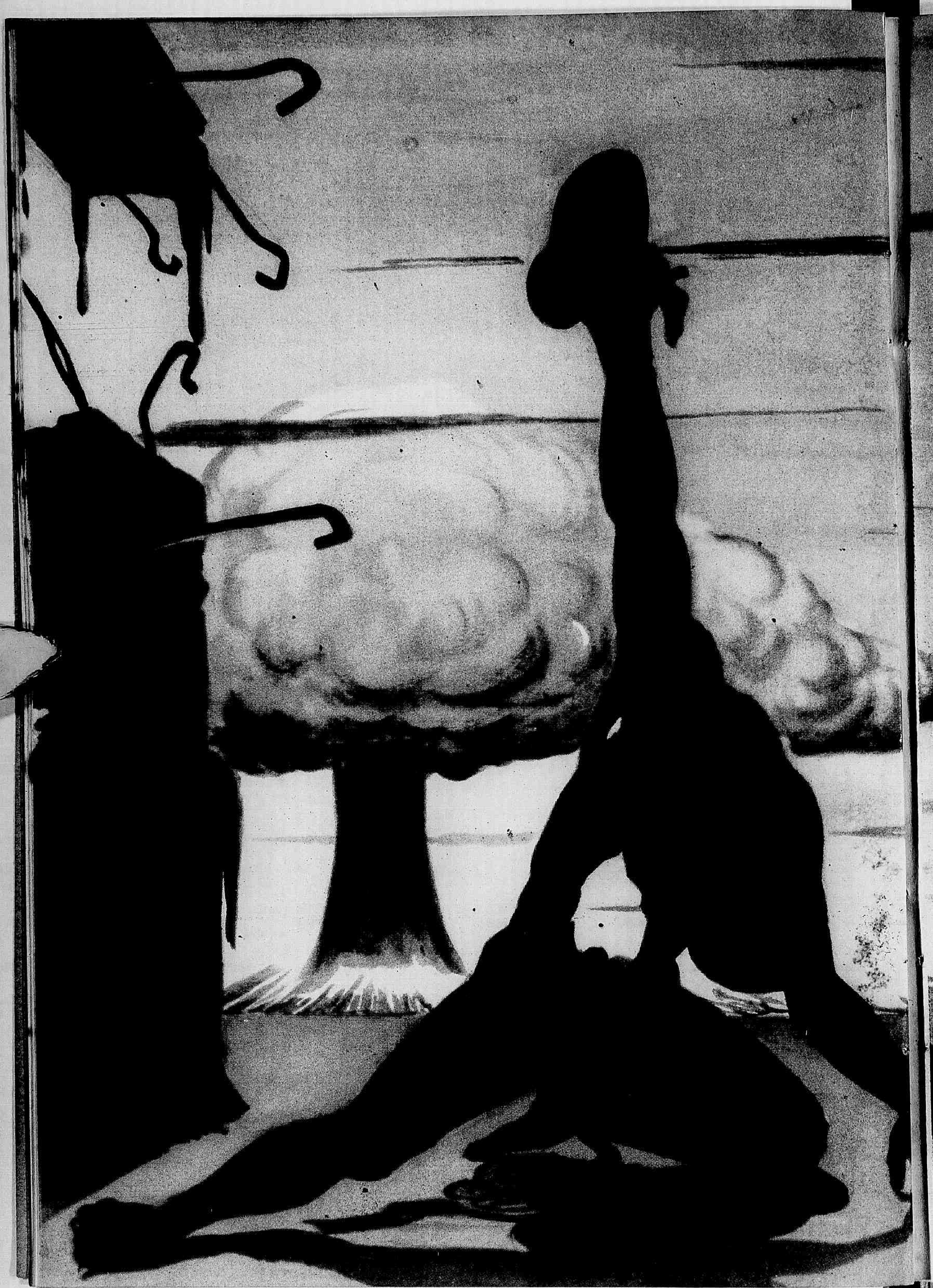
COMO VIRÁ A MORTE ATÔMICA?

ENQUANTO SE ATIVA A FABRICAÇÃO DE ENGENHOS DE MORTE, OS LABORATÓRIOS PREPARAM DROGAS-MILAGRE QUE PROTEGERÃO A HUMANIDADE DAS BOMBAS-ATÔMICAS. EXPERIÊNCIAS EM COBAIAS REVELARAM BONS EFEITOS.

DE nada servirá enterrar a cabeça na areia, como faz o avestruz, para evitar ver a realidade. As descobertas da física nuclear, a fabricação de bombas-atômicas poderosas colocam a Humanidade diante dos mais graves perigos, desde o seu advento sôbre a terra. O conhecimento dos verdadeiros perigos que nos ameaçam ainda podem, no entanto, levar a refletir aquêles que terão a responsabilidade de desencadear um novo conflito mundial; pode também nos levar a tomar algumas precauções úteis na expectativa dessa loucura sempre possível, infelizmente, ao menos na medida em que o homem pode, ainda, preservar-se contra as fôrças por êle mesmo desencadeadas.

A descrição dos terríveis efeitos da primeira bomba atômica de Hiroshima já foi feita muitas vêzes e com tantos detalhes que já temos completa idéia dos efeitos dêsse terrível meio de destruição. Certos detalhes de experiências mais recentes nos revelaram, porém, novas posibilidades dêsses engenhos nucleares mais aperfeiçoados. A famosa "bomba H" ou bomba de hidrogênio, com a qual nos ameaçam há já algum tempo, é etapa importante na marcha dessas medonhas realizações.

Hiroshima foi apenas um início, um pálido comêço, em comparação com o que nos estava reservado. A bomba empregada era de dimensões reduzidas e pesava apenas — segundo parece — 10 a 30 quilos; as bombas dêsse gênero permitiriam empregar



uma parte fraquíssima da energia explosiva potencial. O perigo maior era o do hálito de fogo, que carbonizava as frágeis casas de bambu, japonêsas, e o das emanações radioativas, cuja ação profunda e lenta, ainda causa danos terríveis após várias semanas.

Outras ações destruidores ainda mais poderosas são possíveis. Os principais ensaios das bombas de superfície de Bikini seriam seguidos de um bombardeio em águas profundas, que foi adiado para uma data ulterior por razões sem dúvida significativas. O grande matemático Einstein é de opinião que uma bomba-H poderia envenenar tôda a atmosfera terrestre com suas emanações radioativas; é uma opinião muito discutida pelos técnicos. Alguns já entrevêem a possibilidade de fabricar uma bomba de tal forma poderosa que sua explosão determinaria o início de famosa reação em cadeia, capaz de volatizar tôda a água dos mares, e também o nosso pequeno planêta. Felizmente, não parece que essas eventualidades sejam de ordem imediata. Enquanto não chegam a êsses extremos, os técnicos e os jornalistas norte-americanos, que estudam essas questões com interêsse apaixonado, já nos deram a conhecer qual seria (em nossa época atual e não num futuro hipotético) a sorte reservada aos habitantes de uma grande cidade, atingida pela bomba atômica. San Francisco ou New York. Vejamos a última, de preferência.

É noite; os habitantes dormem tranqüilamente. A centenas de quilômetros acima da terra, telecomandados pelas ondas radioelétricas e guiados pela televisão, foguetes se aproximam silenciosamente do seu alvo. Tais foguetes estão carregados de bombas atômicas. Logo que se aproximam da cidade, caem sôbre o Oceano — ou sôbre uma massa d'água tal como a de um lago, enquanto outras atingem a própria cidade.

Mergulhando na massa d'água, as bombas soltam sua energia total, que, no líquido, transforma-se em trabalho mecânico.

No mesmo instante, vagas imensas e rígidas como altíssimas muralhas, desencadeiam seu ímpeto destruidor em tôdas as direções. Essa formidável onda de choques é, porém, vários milhares de vêzes mais poderosa na direção da cidade visada — e condenada. Uma muralha d'água fervente, sólida e radiotiva, de mais de 600 metros de altura, precipita-se a 100 quilômetros por hora sôbre a cidade adormecida.

É tarde para dar o alarma. Em poucos minutos, carregada de emanações mortais, a onda submerge a cidade e cumpre sua missão. Bilhões de toneladas de água fervente derrubam os mais sólidos edifícios com a velocidade de um trem expresso e com a mesma facilidade como um automóvel de corridas pode desfazer e arrasar um castelo de cartas.

Os grandes edifícios, os hotéis, as casas residenciais serão logo esmagados e os sêres humanos que nêle se encontrem desaparecerão,

estraçalhados, triturados de cem maneiras diferentes, segundo a maneira porque sejam atingidos pela terrível pressão mecânica. Aquêles que, por milagre, escapem ao esmagamento ou não tenham sido cozinhados pela primeira vaga de água fervente, não estarão salvos, apesar disso, porque a água radioativa se infiltrará por tôda parte. Seu contacto direto será mortal; tudo o que tocar, muralhas, roupas, objetos, mobiliário, tornar-se-á temível para todo ser humano.

Nos subterrâneos, a água destruidora se precipitará em poucos minutos; encherá os esgotos e todos os condutos. O líquido radioativo é, realmente, muito condutor. Por tôda parte produzirá, assim, curto-circuitos; em poucos minutos tôda a energia elétrica de que possa dispor a cidade, ficará paralisada. Os bondes, trens, etc., estarão imobilizados; o mesmo se dará com os automóveis, cujos dispositivos de bateria logo serão inutilizados.

Durante uma dezena de minutos durante os quais as águas ferventes continuam a invadir a cidade, continuarão a desenrolar-se cenas comparadas com as quais as descrições do Inferno de Dante parecerão castigos suaves.

A primeira onda será seguida de uma série de ondas menores. Sôbre a cidade, pouco a pouco, formar-se-á uma formidável massa de vapor, iluminada por estranha luz, em razão das emanações radioativas,

que brilharão, à noite, com luminosidade esverdeada.

O sol, ao nascer, iluminará uma cena de desolação indescritível. Apenas um deserto aparecerá no local onde antes se erguia poderosa cidade de vários milhões de almas; nesse deserto não se distinguirá o menor vestígio de vida. Apenas puderam escapar os que conseguiram fugir, em tempo, em aviões — porém bem poucos, desgraçadamente!

Os efeitos do fluxo marítimo atômico são, sem dúvida, ainda mais terríveis que os provocados por uma explosão puramente terrestre. Isto tranqüilizará um pouco os habitantes das cidades continentais. Mas não se rejubilem muito, pois que a morte pelo hálito de fogo não é mais doce que a reservada pela água fervente radioativa!

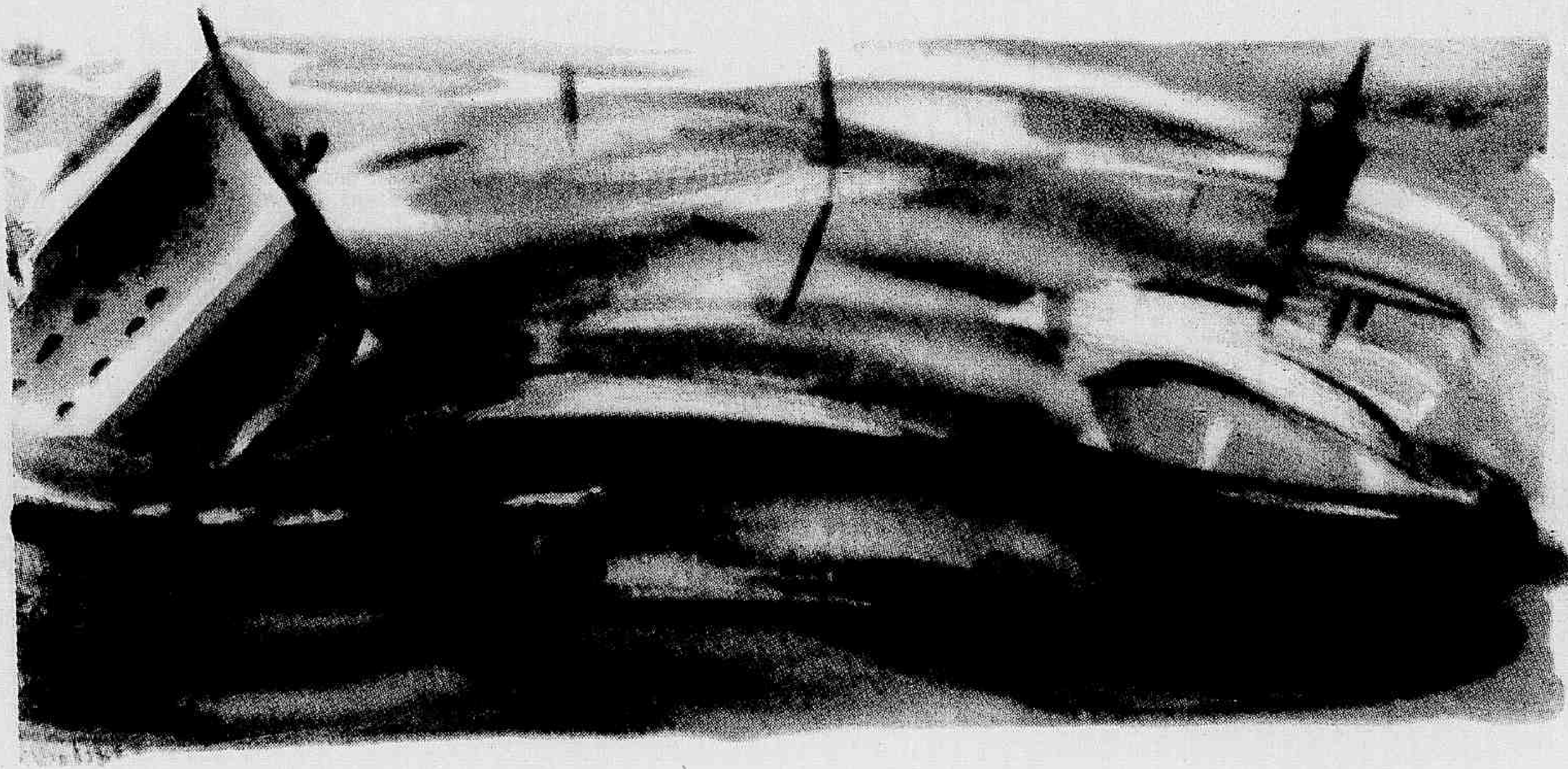
No entanto, apesar da corrida iniciada pelos Estados Unidos no domínio atômico, e mesmo após as experiências levadas a cabo no Pacífico com as bombas de hidrogênio, o govêrno norte-americano, Washington não se mostrou contentado com o poder ofensivo adquirido por um Exército e já agora colocou um crédito de um bilhão duzentos e sessenta e dois milhões de dólares à disposição dos serviços encarregados das pesquisas têrmo-nucleares, ou sejam, mais de 56 bilhões de cruzeiros! Tais créditos ultrapassam de 427 milhões de dólares os do exercício fiscal terminado em junho de 1954. Porém, ao mesmo tempo, os norte-americanos perceberam quão frágil era a sua defesa no caso de ser desencadeado um ataque atômico contra o seu território. Por isso vão reforçar a rêde de radar que protege os Estados Unidos, a fim de poder, em tempo útil, perceber o tremendo perigo que eventualmente venha a ameaçar suas cidades e populações.

A rápida evolução dos meios modernos de destruição, desde a famosa bomba de Hiroshima, que explodiu em 6 de agôsto de 1945, cria um angustiante problema no que concerne a salvaguarda do povo.

A volatização do "atoll" de Elaguelab, escolhido para experimentar, em 1.º de março de 1954, a segunda bomba-H norte-americana, demonstrou a potência terrível dêsse engenho, cujos efeitos ultrapassaram as previsões dos sábios e dos meteorólogos. Calcula-se, de acôrdo com os resultados registrados, que um tal projétil suprimiria todo e qualquer traço de vida num círculo de cêrca de 10 quilômetros de diâmetro.

OS CONSELHOS DA DEFESA PASSIVA NORTE-AMERICANA — Logo após essa explosão sem precedentes, o diretor dos serviços de Defesa Passiva declarou que só havia um meio de escapar às conseqüências de um bombardeio: evacuar o mais ràpidamente possível a cidade ameaçada.

— "Isto será possível no espaço de duas horas — declarou a mesma autoridade. — Qualquer pessoa percorrerá fàcilmente 16 quilômetros nesse lapso de tempo, a fim de salvar a vida".



[redacted] plosões [redacted] hidrogên[redacted] grave para [redacted] Todos os especialistas da questão se esforçam para resolver o problema, pois disso depende o futuro do mundo.



A UTILIDADE DE UM LENÇOL DE CAMA — Um primeiro passo foi dado no domínio da proteção no que diz respeito às bombas "A". E isso já nos dá esperança quanto às outras. É bem raro, no campo da química, que a contrapartida de uma descoberta não a siga de perto. É simples caso de perseverança. Para a bomba "A" as queimaduras das radiações podem ser evitados, cobrindo-se, simplesmente, mãos e rosto, com um lençol de cama. Atenua-se também o risco estirando-se no chão ou metendo-se sob uma mesa. As paredes recobertas por espêssa camada de tinta, à base de chumbo, são refratárias às radiações radioativas da bomba. Uma construção de betume, no qual tenha sido incorporado o óxido de ferro, torna-se anti-reativa.

BECAPTAN E THYMUS — Alguns médicos estudaram atentamente as repercussões das deflagrações atômicas sôbre o organismo. O prof. Bacq, principalmente, na Universidade de Liège, conseguiu obter uma substância nova, a Betamercaptoethylamina, chamada mais simplesmente "becaptan", que possui a propriedade de [redacted] de Strasburgo, [redacted] injeções in- [redacted] "becaptan" em [redacted] sido, primeiro, [redacted] a uma radiação de 800 R, [redacted] para 80 por cento [redacted]. Sete cobaias, [redacted] de quinze, so- [redacted] graças a êste [redacted]

[redacted]ndo em suas ex[redacted] os drs. Gros [redacted]njetaram em ou- [redacted] grupo-prova de cobaias [redacted] extrato de thymus, que permitiu salvar 6 de 15 dêsses animais. Um terceiro lote, ao qual administrou tratamento simultâneo de "becaptan" e "thymus", saiu da prova totalmente indene. Nessas condições, parece que a ação conjugada dêsses dois produtos é eficaz para combater as reações produzidas pelas radiações.

Resta, agora, aplicá-las em sêres humanos. Não sabemos se foram aplicados nos pescadores japonêses, atingidos pelas cinzas da "oBmba-H" de Elaguelab, pois, sôbre o assunto, foi guardado absoluto segrêdo. Em verdade, segundo se sabe, apenas um dêsses infelizes veio a sucumbir.

De qualquer forma, vamos esperar que os homens, preferentemente, renunciem, enquanto é tempo, a êsses processos de superdestruição que bem poderá provocar o fim da Humanidade ou, em todo caso, do que resta da verdadeira civilização.

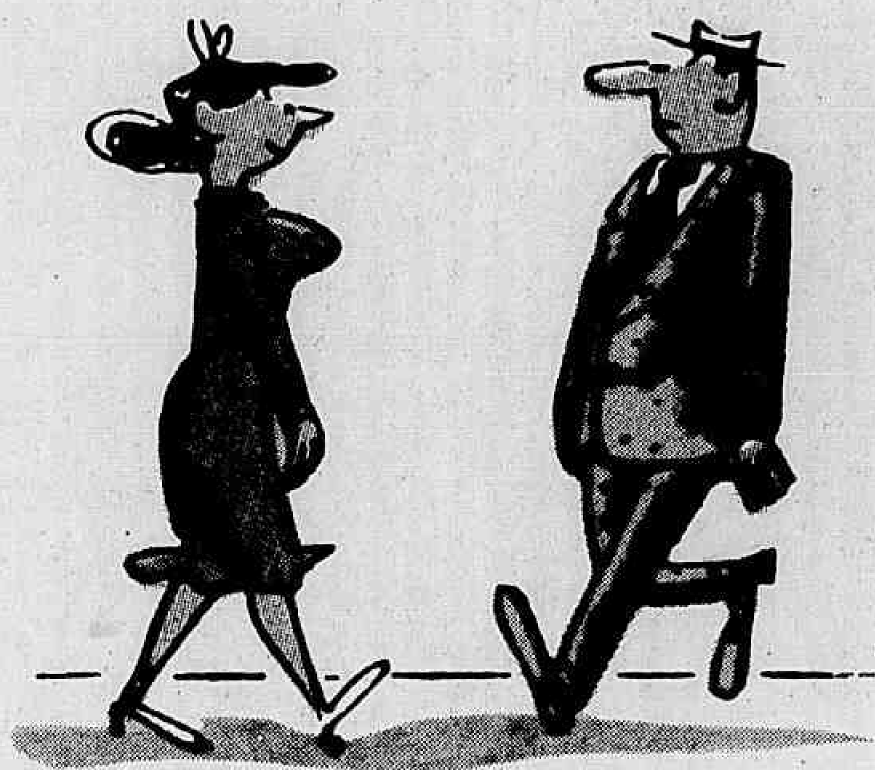
★ ★

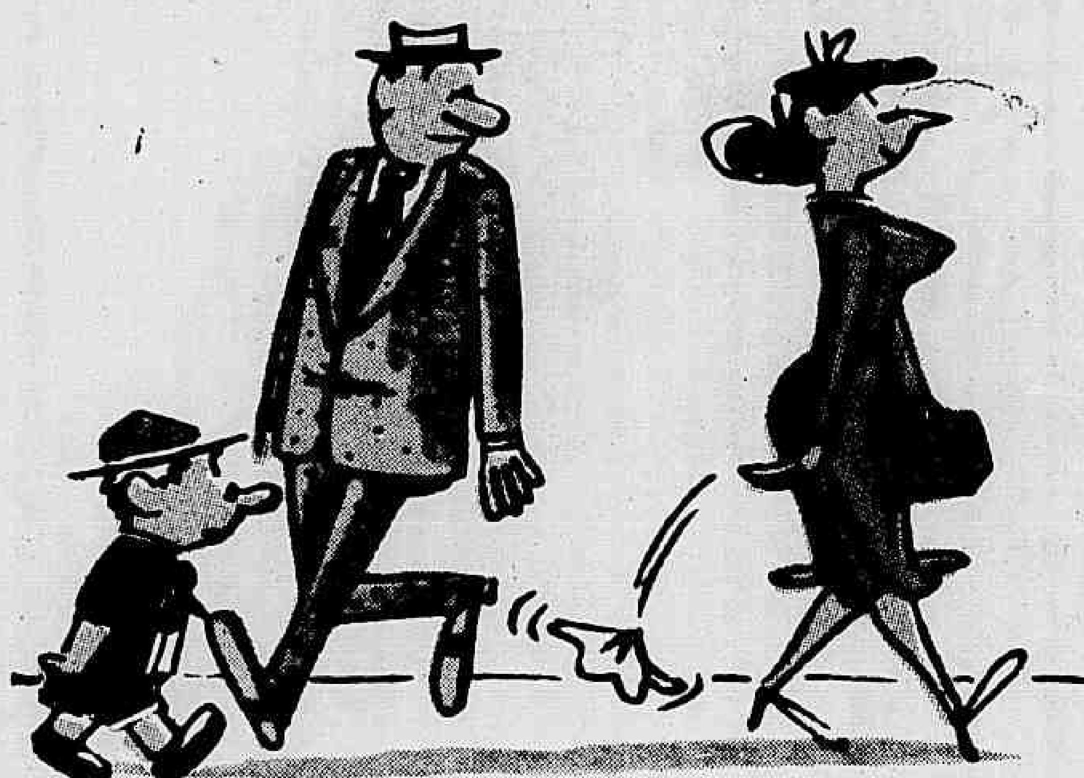
PARA limpar os objetos de marfim, basta esfregá-los com casca de limão embebida em sal. Readquirem imediatamente a côr primitiva.

NÃO ERA PARA ÊLE...

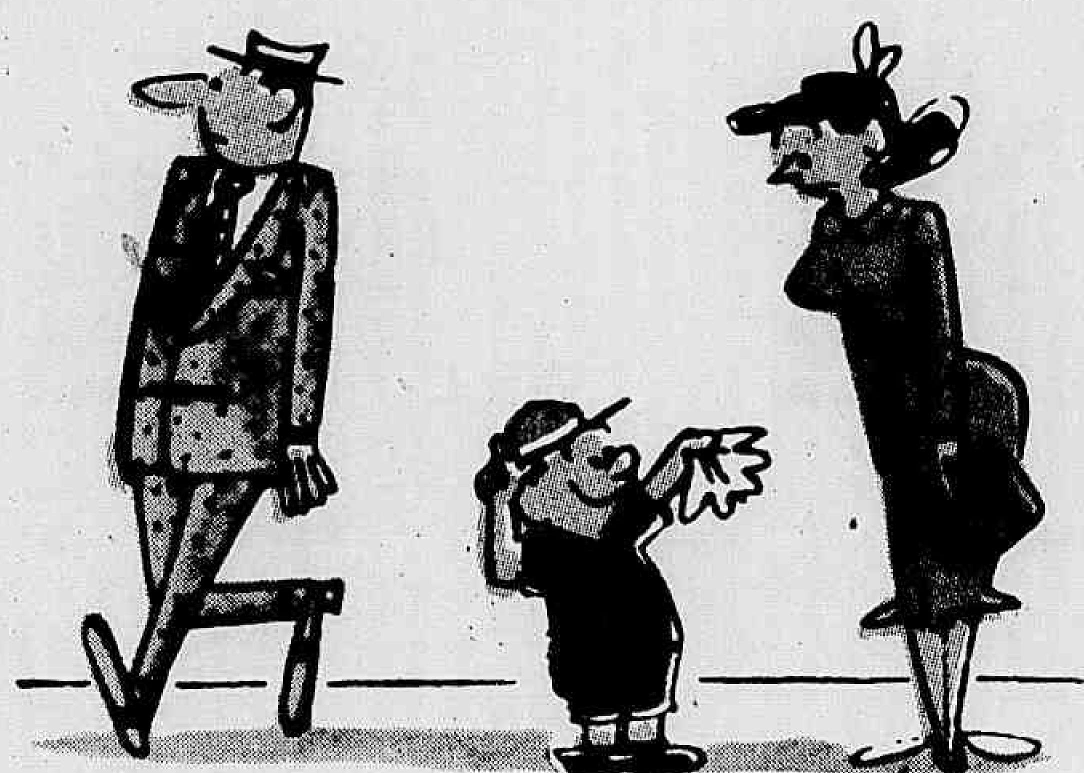
Por DICK CAVALLI

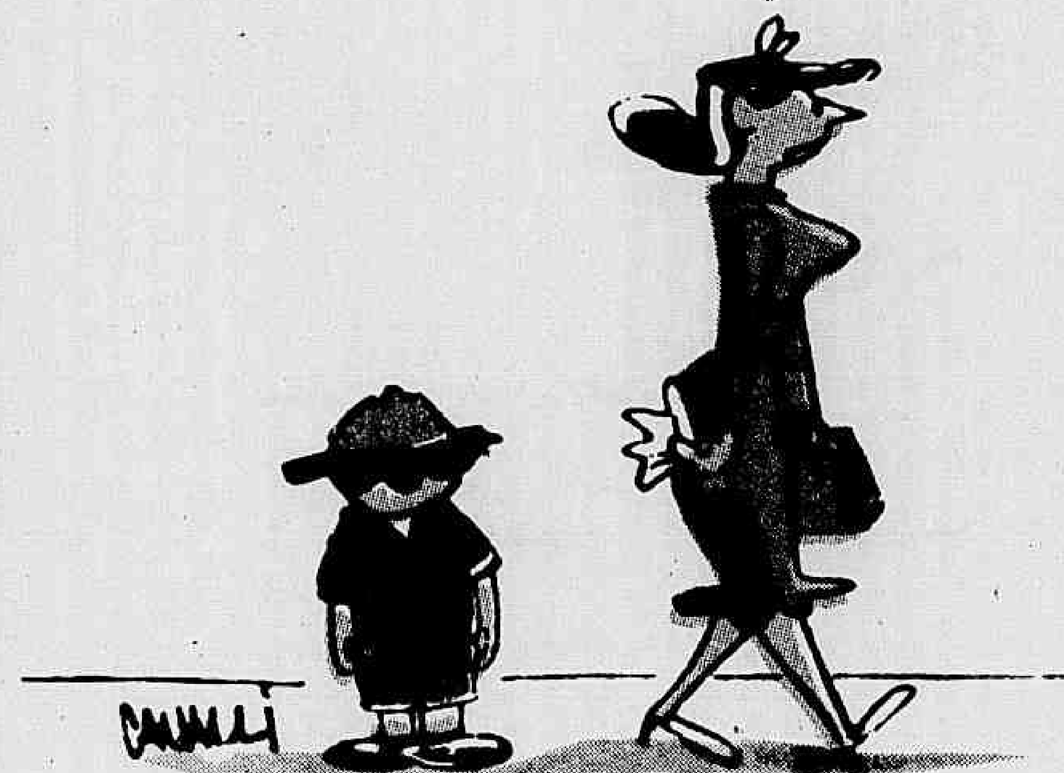












E ESTA?

UM ladrão de Tulsa (Estados Unidos) enviou ao proprietário de um automóvel, que êle havia roubado cinco dias antes êste bilhete: — "Tratei o seu automóvel com muito cuidado. Nunca forcei o motor nem andei mais do que realmente necessitava. Até agora não incorri em qualquer penalidade de trânsito. Não, há portanto, multa a pagar. Rogo excusar o distúrbio. O seu automóvel é maravilhoso". Com o bilhete enviou também a indicação do local (uma garagem) em que deixara o veículo... e a chave do mesmo.

Pequena Enciclopédia Popular

TUDO SE EXPLICA

COMO SE OBTÊM ÁRVORES ANÃS? — Assim fazem os chineses, para obter árvores anãs: depois de escolher a árvore da qual se deseja um exemplar anão, coloca-se sôbre o tronco e o mais perto possível do ponto em que se dividem os ramos — certa quantidade de argila e de barro, que se sustenta com uma venda de algodão, tendo o cuidado de regá-la muitas vêzes por dia, a fim de manter a umidade. Essa terra pode permanecer ali todo um ano e durante todo êsse tempo a parte da árvore coberta pela terra arroja ternas fibras semelhantes a raízes. Corta-se, com cuidado, a parte do tronco de onde saem essas fibras e o ramo que se acha imediatamente acima delas, separando-as do resto da árvore e plantando-se em terra nova, onde as fibras se convertem em verdadeiras raízes, enquanto que o ramo forma o talo de um vegetal que s eencontra, em certo modo, metamorfoseado. Essa operação não destrói nem altera a faculdade produtiva gozada pelo ramo antes de ser separado do tronco da árvore. São arrancados, então, os botões das extremidades dos ramos que se destinam a converter-se em árvores anãs, o que os impede de prolongar-se e os obriga a deitar outros botões em ramos laterais.

Êstes ramos são presos com arames e tomam a inclinação que lhes queira dar o jardineiro. Quando se deseja que a árvore tenha um aspecto velho e decrépito, devem ser untadas muitas vêzes com melado para atrair multidões de formigas, que, não satisfeitas com devorar essa matéria, atacam a crosta da árvore e a corroem de maneira que, em breve, obtém-se o efeito desejado.

O DESTINO DE UM PEDAÇO DE CORDA



QUAL A IDADE DOS MARES? — O prof. Frank S. Clark, que é figura destacada nos EE.UU., em tudo que se relaciona com os estudos das ciências geológicas, calculou que os oceanos devem ter cêrca de nove milhões de anos. Tal declaração não passa de uma hipótese, que se baseia, não obstante, em dados científicos de grande precisão. Tôdas as águas contidas nos mares, de fato, foram em tempo vapôr, que, em densas nuvens, ocultava a Terra. No momento em que êsses gases começaram a condensar-se, formnado água, começou o processo da adição do sal à mesma, sendo isso a obra dos rios, que, ao deslisar pelos leitos de sais minerais, arrastavam grandes quantidades dos mesmos, em dissolução, indo lançá-los nos mares. Dia após dia, a quantidade de sais dos Oceanos foi aumentando, tornando-se assim mais e mais salgadas as suas águas e essa é justamente, a base do cálculo realizado pelo citado professor, que comparou a massa de sal que os rios depositam anualmente no mar com a que êste possui atualmente, considerando sempre a evaporação das águas e a velocidade das correntes. As águas do mar contêm um têrço e meio de matérias-sólidas em dissolução e três quartas partes destas substâncias são s al comum ou cloruro de sódio.

O resto está composto de cloruro, sulfato e bromuro de magnésio, sulfato e carbonato de cálcio, sulfato potássico e pequenas quantidades de outros minerais e corpos simples, entre êles o ouro e a prata.

OS MILENÁRIOS MISTÉRIOS DO CAVALO

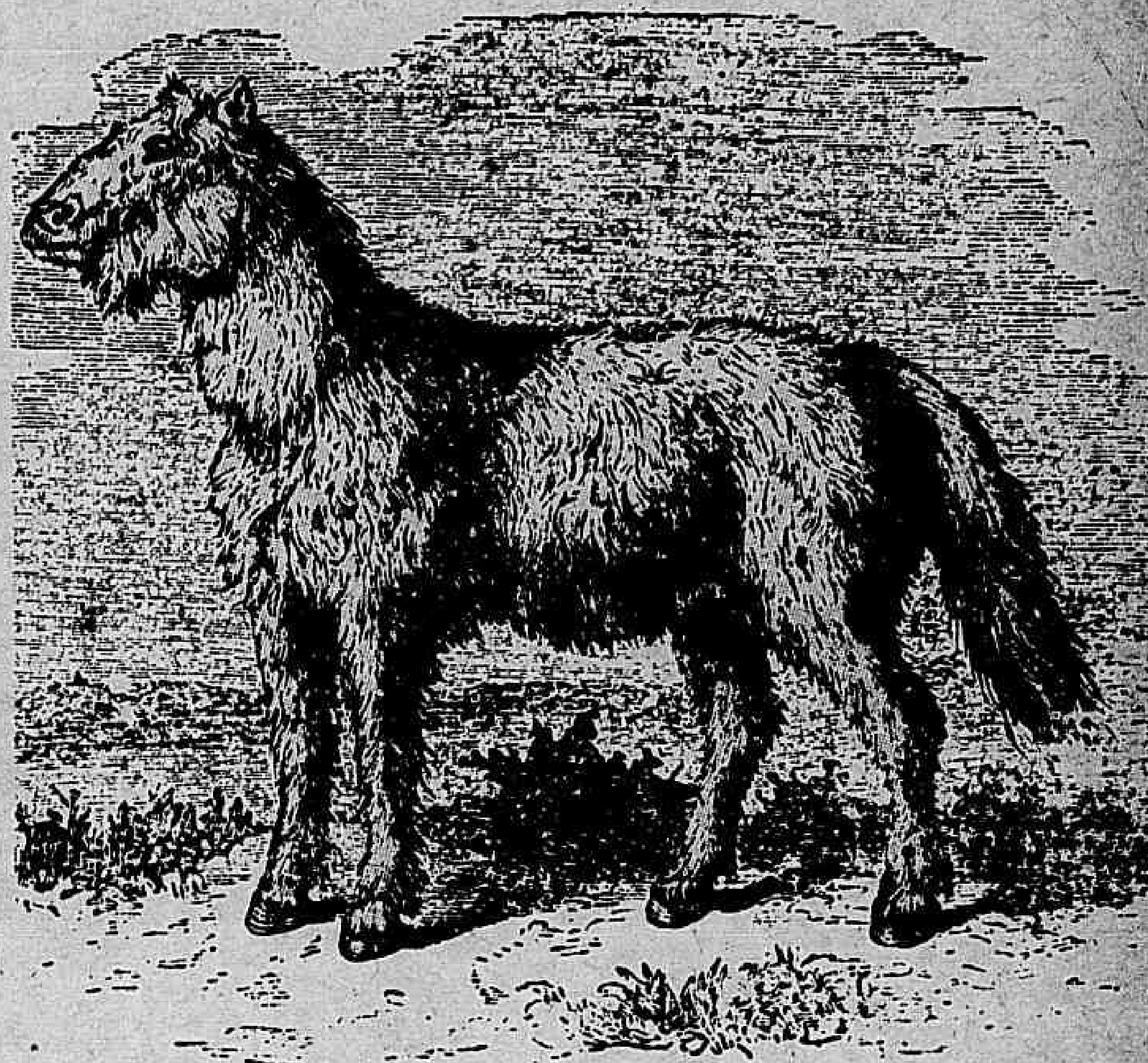
Obra do homem, não da natureza!

DEVEMOS MEDITAR SÔBRE ÊSTE FATO: — OS CAVALOS PINTADOS E ESCULPIDOS PELOS GREGOS NÃO EXISTIRAM; ERAM UM PROJETO ARQUITETÔNICO PARA O FUTURO!

EVIDENTEMENTE, nenhum animal doméstico constitui um mistério. Mesmo uma criança sabe o que é um cão; mas os naturalista, por sua vez, não estão muito seguros de saber. Há os que dizem que é um lôbo, outros que afirmam ser um chacal e, ainda, outros que opinam por um misto de ambos. Outros há que sustentam que um cão é um cão, isto é, que descende de um progenitor próprio. Outros ainda defendem a opinião de que êle descende de um antepassado remoto, cruzado com outros dois animais.

Há, pois, uma tal variedade de cães (havia — devíamos dizer — pois já não há tanta) que nos obriga, enfim, a acompanhar desde milênios a sua evolução, através de documentos elucidativos a partir de um baixo relêvo da Terceira Dinistia (isto é, de quase seis mil anos atrás): um galgo magnífico que quase tôdas as autoridades são unânimes em afirmar que descende do "caberu" ou "simenia simensis", Rupp, que não se sabe bem o que seja, a não ser que, na verdade, **nada tem em comum com o cão.**

O cavalo é um outro mistério não menos obscuro, mas de uma maneira diferente daquela em que é misterioso o cão. Enquanto a origem do cão é obscura, a história evolutiva do cavalo é bastante clara, documentada fartamente e passo a passo, pelo menos a partir do momento, remotíssimo, da história da terra e que, na vida da sua espécie, representa a infância.



CAVALO SELVAGEM, animal primitivo, hirsuto, plebeu. A primitiva raça dos cavalos teve como terra natalícia os desertos da Ásia-Central. Dali foram levados os primeiros cavalos para a Europa. Viviam em grandes manadas e migraram em bandos com as mudanças das estações.

Entre os sêres que a paleontologia chama "eohippus" há um que, não sendo protótipo, é o mais antigo entre os modelos eqüinos sucessivamente elaborados pela natureza (dos quais restam documentos fósseis através de cêrca de cinqüenta milhões de anos) e pelo que podemos seguir a biografia do cavalo quase hora por hora.

Com os documentos fósseis não chegamos a alcançar o "eohippus"; mas, baseados em suas características, podemos saber qualquer coisa até ao cavalo que precedeu o "eohippus". Êste era um animal grande e semelhante à rapôsa e que com esta devia assemelhar-se tanto na forma como nos movimentos cautelosos e elegantes.

A sua constituição parece que oferecia dois problemas, que, dia a dia, demandavam solução: o da nutrição o levava a embrenhar-se na vegetação densa e mais alta que a sua cabeça e, por outro lado, devia defender-se de um inimigo, não sabemos qual, mas que era mais veloz do que êle e provàvelmente não muito mais alto. A

fuga em cima da hora não lhe servia; era preciso que ficasse sempre de guarda, vigiando em redor e por cima da vegetação.

Talvez, por vêzes, em busca da erva que preferia, o animal se punha na ponta dos pés como uma bailarina.

Assim, evidentemente, devia ter feito o predecessor do "eohippus" e assim, também, fazia o descendente; e, de tanto equilibrar-se sôbre a ponta dos pés, o dedo central foi reforçando e criando uma espécie de calosidade resistente.

Esta tendência evolutiva, iniciada antes do "eohippus", continuou a se processar até o cavalo atual.

Uma bailarina, quando dança, apóia o pêso do corpo sôbre a ponta do pé, mas o "eohippus", sem poder usar a técnica racional daquela, apoiava-se exclusivamente sôbre um dedo de cada pé, que se foi fortalecendo pelo esfôrço sucessivo, enquanto os outros se atrofiaram.

É êste processo que nos esclarece a estrutura óssea do cavalo atual.

A parte que nós, por analogia ao nosso esqueleto, pensamos ser o joelho das patas anteriores do cavalo (que na verdade seriam os braços) na realidade é o pulso, e as duas articulações abaixo seriam as falanges. Nas patas posteriores, ou melhor: nas outras, aquela espécie de joelho reverso, que vemos a meia altura, é o calcanhar; metade da perna do cavalo, portanto, êle a conseguiu desenvolvendo o próprio pé.



A GRANDE IMIGRAÇÃO DO PLEISTOCENO: — A um certo ponto o ritmo evolutivo se acelerou. O cavalo, então, já atingia tamanho tão grande como o do asno, quando aconteceu um fato de importância na sua biografia. Até o Oligoceno o cavalo habitou exclusivamente a América do Norte. A um certo ponto, não se sabe como, estendeu-se até a Ásia e a Europa, onde se difundiria amplamente.

Concluímos, justamente, que no seu país de origem as condições ambientes, que sempre foram difíceis para a vida do cavalo (e sempre o serão) se estavam tornando proibitivas.

Lá para o fim do Pleistoceno, na América, não havia mais cavalos. Até êste momento o homem ainda não surgira na face da terra. A primeira vez que um homem americano viu um cavalo foi, talvez, lá para o fim do ano mil e quatrocentos ou no primeiro ano do mil e quinhentos, quando um cavalheiro espanhol desembarcou no novo território com a sua cavalgadura. Quando o homem apareceu sôbre a terra o cavalo, possìvelmente, já havia atingido a sua forma definitiva.

Quais seriam, porém, as suas relações?

Retrocedendo longamente na história humana chega-se à conclusão



Saint Simon, o famoso cavalo de corridas, pertenceu ao duque de Portland e foi, talvez, o maior nome na história do puro-sangue. É o descendente evoluído daquele lanzúdo asiático. Aristocrático, luzidio, cilíndrico, nobre, veloz, o mais belo exemplar dos sêres vivos, imagem apaixonada de inúmeros pintores e a mais portentosa "conquista do homem", sem sombra de dúvida.

de que os dois sêres eram mùtuamente desligados e indiferentes.

O quadrúpede veloz e, segundo consta, ferocíssimo, nada tinha a lucrar nem a temer do scimmione erectus, lentíssimo ao locomover-se e que, possìvelmente, habitava entre a folhagem das árvores.

Quanto a êste nada tinha a temer do cavalo, que, por instinto, se mantinha à distância e não lhe estragava a colheita porque não havia agricultura.

Mas dia havia de vir em que êste desinterêsse mútuo se findaria.

O equilíbrio é quebrado no período Paleolítico.



JÁ agora não se trata mais das dezenas de milhões de anos que separavam de nós o "eohippus"; a distância agora é de milhares apenas. Na Europa, nove raças humanas se empossaram substituindo as que antes ali existiram, possìvelmente exterminando-as.

São homens mais inteligentes. O cavalo não lhes é indiferente: pode transformar-se em ótima caça e é preciso descobrir um modo de persegui-lo.

O quadrúpede, desconfiadíssimo e veloz, será, finalmente, dominado pela sua própria prudência e também a sua potência de corredor.



SOB o muro de Solutré, no Sena e Loire, que é um barranco escarpado, encontra-se enorme quantidade de ossos de cavalos. Empoleirado na borda do precipício, o homem, colocado estratègicamente, guiava com gritos e urros a fuga de manadas inteiras para o despenhadeiro. E, um atrás do outro, êles rolavam pelo barranco, alu-

cinados, fugindo aos gritos daquele inimigo desconhecido.

Acabado o pandemônio o homem descia o barranco para destrinchar a carniça ainda quente. Por dezenas de milhares de anos esta foi a única relação entre o homem e o cavalo. Depois veio o dia em que um homem, ou um grupo de homens, resolveu domar o cavalo. Tudo indica que isso se deu numa época relativamente recente; no terceiro milênio antes de Cristo.

O primeiro relatório do cavalo, usado como montaria, é uma tábua babilônica de Hammurabi, isto é: por volta do ano 2100!

Êste acontecimento, que não sabemos indicar quando e onde exatamente se passou, foi de máxima importância para o homem. E provocou, também, para nosso embaraço, o problema número dois da biografia do cavalo. Foi uma ocorrência de importância capital porque no dia em que um grupo de homens conseguiu tornar-se o senhor superior aos animais até aquele instante indomáveis, o grupo humano se tornou invencível e irresistível para qualquer inimigo, ainda para aquêles que um dia antes poderiam reduzi-los a pó. Nenhum outro animal e nenhum outro instrumento de guerra representou jamais para o homem uma conquista tão revolucionária!

Estar sôbre a garupa de um cavalo, frente a frente com um inimigo temível, era bem mais do que para a marinha de guerra estar equipada com Radar, frente a frente com o inimigo desprevenido.

Certamente, uma quantidade de situações antes equilibradas foram rompidas, os domínios abalados e outros tragados pelo homem; grandes extensões, antes sob outros domínios, mudaram de dono e o novo senhor passou a viver agora de um modo inteiramente diverso daquele que vivera até então.

A denominação "cavalheiro" (cavaleiro) que continua até hoje na linguagem contemporánea nos faz entrever o quanto significou, através uma sociedade para outras sociedades singulares da época; estabeleceu, enfim, o nível diferente entre o homem a cavalo e aquêle que andava a pé. Pois êste acontecimento de importância capital na história do homem, constitui para nós um mistério insondável. Não tanto pelo fato de ignorarmos quando e onde isso ocorreu (mistério que constitui um segrêdo infinito do passado) mas porque o cavalo, em estado natural, em estado nativo, é absolutamente indomável!



Hoje já existem especialistas na arte de achar pontos de contacto com a psique animal e

que proporcionam a maneira mais fácil de familiarizar-se com sêres que jamais poderíamos pensar em domesticar.

. Qualquer um pode pensar em domesticar uma foca, conseguindo apresentá-la em espetáculos circenses com habilidades de equilibrista ou executando passos de dança. Os leões marinhos podem ser utilizados para transportar cabos de amarra do pôsto de salvamento até à embarcação em perigo; **mas não há homem capaz de domesticar um cavalo realmente selvagem.**



Pode-se pegar um potro recém-nascido, fazer com que dia e noite êle só veja homens à sua volta, usar com êle tôda a astúcia de domadores hábeis... e nada se conseguirá. Carlos Hagenbeck foi o maior domador do seu tempo, e talvez de tôda a História, mas jamais conseguiu domesticar um potro selvagem.

Jamais se fará algo nesse sentido (mesmo por que, na verdade, faltará sempre material para a experiência) pois alguns milênios se passaram desde que algum ainda restava.

O ANTEPASSADO DO CAVALO MAIS BELO DO MUNDO: — Houve apenas uma raça realmente selvagem (selvagem por descendência) da qual apenas algumas centenas ainda sobrevivem, talvez mesmo apenas algumas dezenas de exemplares em duas ou três zonas desertas do interior da Ásia.

Em 1881, o coronel russo N. M. Przhevalskij encontrou, em suas buscas, uma pele ressecada e uma carcassa óssea e em seu relatório êste cavalo foi denominado de "equus Przhevalskij". As características dêste animal são substancialmente idênticas àquelas do animal de tipo difundido no continente asiático e europeu, dos quais temos documentos, além de restos fossilizados, em imagens meticulosas e verídicas, que foram escavadas e esculpidas na pedra pelo homem das cavernas — os bravios cavalos que um dia seriam dominados pelo homem.

Em 1902, Carlos Hagenbeck mandou de Hamburgo uma expedição aos desertos de Gobi com a finalidade de capturar alguns exemplares de "equus Przhevalskij".

Seus agentes contaram com o auxílio de um pequeno exército de nativos do lugar. Nem um exemplar adulto, sequer, foi prêso ou se avizinhou das armadilhas! E a expedição voltou com trinta e dois potrinhos novíssimos e, de uma parte dêstes trinta e dois, descendem os poucos exemplares existentes nos jardins zoológicos mais importantes.

Há poucos meses, a Inglaterra comprou dois à Tchecoslováquia para o **"zoo"** de Whipsnade.

Quando cativo o "equus Przhevalskji" se reproduz, embora de raro em raro (os dois exemplares adquiridos pelo zoológico de Whipsnade renunciaram completamente); mas, em conclusão: êles não são, jamais, domesticados!

Sôbre o cavalo escreveu o zoólogo francês René Théveninf, que é, sem dúvida, a mais bela entre as criaturas viventes". Mas

isto, naturalmente, referindo-se ao espécime obtido pelo homem, através de seleção. Porque o cavalo, feito pela natureza e não aperfeiçoado pelo homem, nada vale para os olhos.

O tipo de Przhevalskji é um animal pouco menor que o nosso jumentinho, comum, gorducho, de focinho grosso e pesado, olhos taciturnos, pêlo lanudo, crina curta e dura com uma escôva, de côr semelhante ao **alazão e com a ponta do focinho branca,** como os **asnos**.

É aqui vem o terceiro grande mistério **na história do cavalo. A criatura elegante, de pernas de bailarina, cheia de altivez no porte, na expressão amarga da bôca e de olhar audacioso, que vemos desenhada no vaso grego ou nas pinturas dos etruscos não corresponde, de modo nenhum, ao tipo que os gregos e etruscos tinham sob os olhos!**

Sabemos muito bem como eram aquêles. Eram quase a mesma coisa que o "equus Przhevalskji" e nos melhores exemplares, fruto de um aperfeiçoamento que começava a ser feito racionalmente, podíamos divisar qualquer semelhança com os jumentos comuns ainda hoje nas aldeias da Itália e que os venezianos chamam de "croatini" — ou aos "zemaitukas" lituanos, isto é: animais pequenos de porte, um tanto desajeitados, de pernas certas mas sem destreza, atarracados, embora de extrema resistência a fadigas prolongadas.

Os cavalos retratados pelos gregos não existiam!

E é êste o terceiro grande mistério do cavalo. Aquêles, representados pela sua arte, estão mais em relação com o tipo atual e estão para os cavalos de pura raça de hoje assim como o projeto de um arquiteto está para a casa do futuro.

Sabemos que qualquer coisa no caminho das realizações daquele projeto antigo foi conseguida e realizada pelos persas. Devemos algum progresso ao apuro das cavalariças dos imperadores mongóis.

Depois vemos, de repente, despontar no horizonte a obra aperfeiçoada: os turcos foram os primeiros a **fabricar** o cavalo com C maiúsculo.

No começo, o ocidente tinha de conformar-se em ver, de vez em quando, o belo espécime nos campos de batalha, onde os montavam e cavalgavam os otomanos.

Mas o **resultado** absoluto não se conseguiu antes do ano seiscentos.

Foram os inglêses os primeiros a pesquisar a relação entre o puro-sangue árabe e seus antecessores e predecessores. E de quatro tipos-padrão descendem todos os cavalos inglêses e de cruza com sangue inglês, isto é: **todos os belos cavalos do mundo!**

Eram êsses quatro: o "Darley", árabe; o "Godolphin", árabe; o "Turco" e o "Sultão".

Os dois primeiros ficaram sendo chamados, embora impròpriamente, de "árabes": não são árabes — são turcos.

Por volta do ano de 1685, Sartório, o Velho, pintou um retrato do "Darley". É um animal de fabulosa beleza. O pintor o forçou, um pouco, dentro das regras matemáticas que regem tôda a sua estrutura: a série harmônica, fundada sôbre a seção áurea e outras exigências tais como: o ponto que divide um segmento em dois, de tal maneira que o menor está para o maior assim como o maior está para o todo.

Essa é a verdade!

Nós mesmos, os homens, fizemos o cavalo atual — não a natureza!

Nós mesmos o fizemos, baseados numa série matemática, onde se destaca o senso e o valor estético.



O TEMA

NUM colégio internacional, na Suíça, foi dado para os alunos um tema com o título: "Falar do elefante". Um estudante inglês escreveu seu trabalho na primeira pessoa, ilustrado com fotografias e sob o título: "Os elefantes que cacei". Um francês encheu a sua fôlha com coisa diversa e intitulada: "O amor entre os elefantes"; um aluno alemão levou quase um ano para terminar seu trabalho. Finalmente, apresentou um grande volume ilustrado com diagramas e coberto de cifras e anotações. O título era: "Introdução ao estudo dos elefantes", sua natureza, sua história, sua origem e seu desenvolvimento. Um norte-americano escreveu uma reportagem intitulada: "Como ganhar dinheiro, fabricando novos objetos com os dentes do elefante".

A MAIS EMPOLGANTE AVENTURA DE TODOS OS TEMPOS:

UM SÁBIO À PROCURA DE ADÃO!

O vocábulo bárbaro de paleoantropologia dissimula uma das mais belas aventuras da ciência, talvez mesmo a mais exaltante, pelo menos a que conheceu maiores dificuldades para encontrar uma base firme. Não tanto porque os traços dos homens primitivos sejam raros e quase sempre fragmentários, mas sobretudo porque os primeiros descobridores se colocavam en antagonismo com as idéias da sua época, arranhando preconceitos sociais, religiosos e morais, mesmo os mais enraizados no espírito de seus contemporâneos.

E', porém, suficiente recordar o escândalo e a indignação gerais provocadas por Darwin, ao afirmar que "o homem descende de um macaco", para ter uma idéia dos obstáculos que tiveram que vencer aquêles que, antes dêle, tentaram divulgar a idéia de que a raça humana aparecera na terra muito antes da data fixada pela Bíblia, e que, antes de entrar na posse de todos os meios intelectuais que lhe conhecemos, conhecera uma sorte muito próxima daquela própria das raças animais. Essa obrigação, para os paleoantropologistas, de ir arranhar e mesmo derrubar as convicções profundas de seu tempo, explica em grande parte que o estudo das origens do homem seja uma ciência relativamente jovem.



ADÃO — Marfim do século IV — Museu Nacional de Florença — Itália. — Pertence à coleção Currand.

De fato, as primeiras buscas datam do início do século XVIII, e se hoje progrediu de maneira extraordinária, graças aos trabalhos de um exército de especialistas, não é menos verdade que a interpretação dos fósseis humanos dá ainda motivo para grandes discussões entre os sábios e que as teses que se enfrentam são ainda numerosas e muitas vêzes contraditórias.

Herbert Wendt resumiu no seu livro "A la recherched' Adam" os traços essenciais da história da ressurreição de um passado fabuloso. Essa batalha de formas diversas valia realmente ser contada, tanto por suas peripécias, em geral pitorescas, quanto por seus resultados empolgantes e maravilhosos.

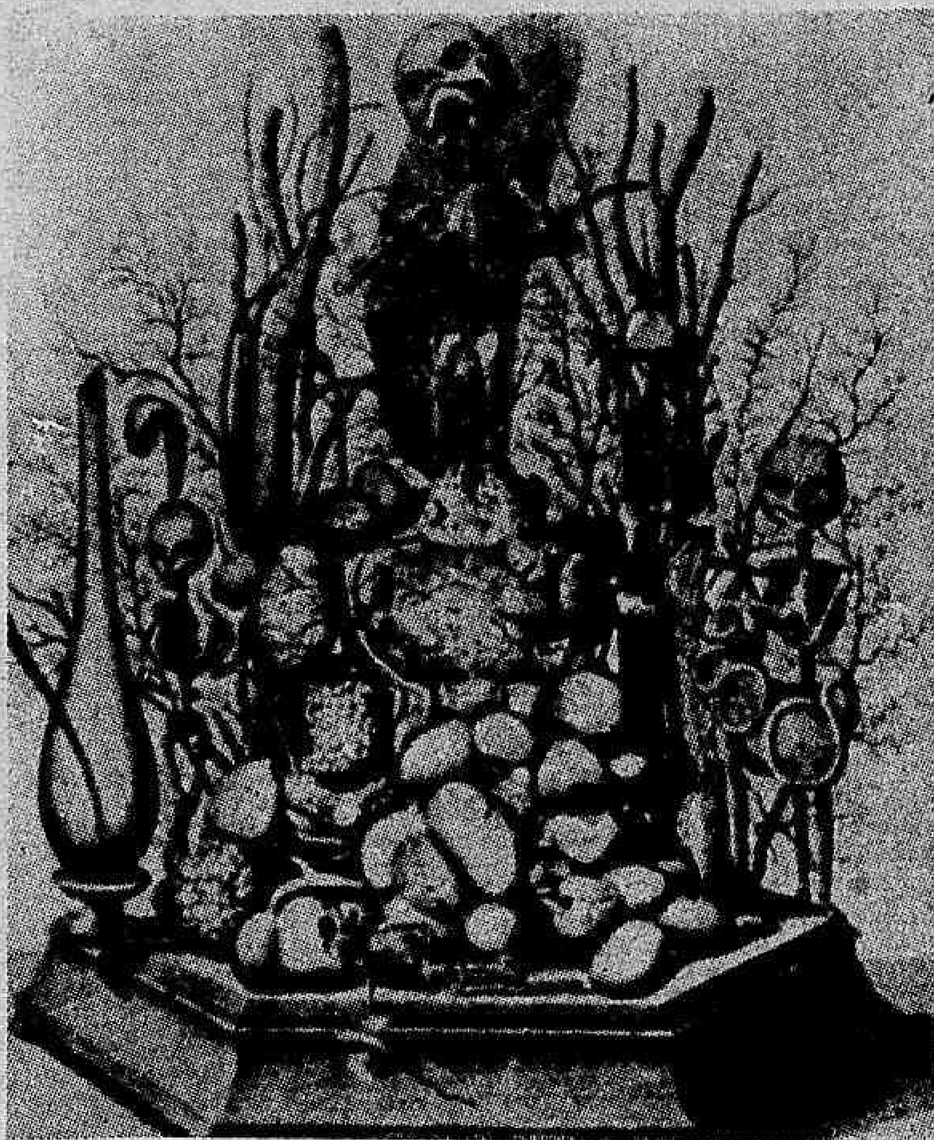
TESTEMUNHAS DO DILÚVIO — Em 1705, Jean-Jacques Scheuchzer, o grande médico de Zurique, que fêz abolir a pena de morte por feitiçaria, empreendeu, numa certa noite de verão, acompanhado de um amigo, a ascensão de uma colina, onde se erigia o patíbulo, destinado aos maus elementos da pequenina cidade bávara de Altdorf. Fôra expressamente à Suíça, com o fim único de encontrar os vestígios dos homens de antes do Dilúvio, escolhendo êsse local. de preferência a qualquer outro, porque era rico em petrificações curiosas em forma de

caramujos gigantes e de peixes bizarros. Nesse tempo, os maiores sábios consideravam isso que sabemos não passar de fósseis da era secundária como "fantasias da natureza"; uma fôrça misteriosa, chamada **vis plastica**, segundo foi batizada pelo filósofo persa Avicenne, teimava em imitar no seio da terra as formas dos sêres e objetos da superfície, até mesmo a do sol, da lua, das estrêlas, segundo sustentava muito a sério o naturalista suíço Konrad Gesner. Jean-Jacques Scheuchzer, homem piedoso, não estava de acôrdo. Em seu espírito, essas curiosidades eram testemunhas de uma época recuada em que a água invadira os continentes, e via nisso uma prova de que o Dilúvio relatado pelos livros santos tinha sido uma realidade. Sem o saber, simplèsmente retomava uma teoria vizinha daquela entrevista por ilustres predecessores como Leonardo da Vince e Bernard Palissy, mestre - ceramista, que viam nos fósseis vestígios deixados pelos habitantes de antigos mares hoje desaparecidos.

Por acaso, Scheuchzer pôde encontrar, no curso do seu passeio, alguns ossos curiosos, dispersados ao pé do famoso patíbulo. Seu aspecto negro, luzente e polido assegurava não se tratar de restos de algum enforcado, caído das cordas patibulares. Persuadido de que com êles conseguia as últimas cinzas do "velho pescador" da Bíblia, Scheuchezer se deu pressa de comunicar ao mundo sábio as conclusões de seu achado "de um monumento raríssimo dessas espécies humanas amaldiçoadas, do primeiro mundo. O esqueleto de um homem, que morrera no Dilúvio..."

Foi, quase, um outro "fim do mundo"...

Em nome de Aristote e de Avicenne, Scheuchzer foi ridicularizado.



Gravura tirada do "thesaurus anatomicus", do anatomista Ruysch, editado em 1710, em Amsterdam. Assim eram os órgãos humanos representados no material usado nas escolas há 250 anos.

No entanto, o médico suíço conseguira, realmente, uma autêntica relíquia do distante passado. Apenas, o que êle tomara como os restos de um homem, eram os de um animal cuja raça desde há muito estava extinta: o ichtyosáurio.

SÁBIOS E TEIMOSOS — Êsse êrro inicial, que só foi revelado muito mais tarde, teve ao menos a vantagem de provocar em tôda a Europa sábia de então, um vivo interêsse pelos campos fósseis. Partidários convencidos da **vis plastica** e apoiadores não menos persuadidos das teorias **diluvianas**, iam brigar durante longos anos. Até que, finalmente, a verdade triunfou em favor dos segundos, apenas que o famoso Dilúvio, responsável pelo desaparecimento dessas espécies arcaicas, passaria a ser chamado de período glacial.

Os trabalhos de Cuvier, Geoffroy Saint Hilaire e Lamarck, na França, de Goethe, na Alemanha, não tardariam a dar por terra com as assertivas aristotelianas e avicenianas. A paleontologia, baseada na lei de correlação, descoberta genial de Cuvier, acabava de nascer. Segundo essa lei, era suficiente ter uma parte do esqueleto de um animal para poder reconstitui-lo inteiramente.

Uma sucessão de descobertas felizes de esqueletos inteiros de animais desaparecidos veio confirmar o rigor da lei em questão e foi o fim sem glória da **vis plastica** e também dos restos fabulosos de dragões, licornes e outros monstros que muitos queriam ver através das costelas do mamuthe ou das vértebras dos dinosáurios exumados no correr dos séculos passados.

Apesar de tudo, Cuvier, se revelaria, no correr de tôda a sua vida, um temível

adversário das hipóteses, segundo as quais o homem podia muito bem ter uma origem animal. Essa opinião fôra avançada muito antes de Darwin por um pequeno grupo de sábios, bastante corajoso para ousar atacar as verdades oficiais.

Quase todos êles haviam chegado a essa conclusão: a semelhança anatômica entre os animais e o homem não podia ser puramente fortuita e quanto à evolução aparente do mundo animal, podia ela ter perfeitamente continuado além do macaco, até ao homem, senhor da Criação, fôsse lentamente, fôsse por mutação brutal.

Mas Cuvier, assim como o grande botânico Lineu, era fanàticamente partidário das gerações espontâneas. Afirmava que as espécies eram constantes e invariáveis e, combatendo Lamarck e Saint Hilaire, ia por tôda parte repetindo que: "o homem fóssil não existe".

Foi necessário aguardar Darwin para que, finalmente, triunfasse a idéia de que o homem não passava de uma vasta linhagem que começara com os protozoários unicelulares.

Simultâneamente com a exposição dessas teorias revolucionárias tornando obrigatória a existência de um elo intermediário entre o animal e o homem, a exumação de uma grande quantidade de esqueletos de um aspecto a um tempo simiesco e humano chegava na hora justa para sustentar as novas teorias revolucionárias. O homem de Cro-Magnon, de Grimaldi, de Aurignac foram encontrados. Não passavam, porém, de raças recentes, com apenas 50.000 anos. A seguir, apareceu o homem de Neanderthal, com a idade de 100.000 anos. Depois, à medida que se escavava mais profundamente, recuando no tempo, apareciam sêres de caracteres simiescos mais acentuados: o homem de Swanscombe, velho de 250 a 400.000 anos; o homem de Heidelberg (5.000 séculos e mesmo mais); para chegar, enfim, ao Dryopiteco, verdadeiro



Descende o homem do macaco? Desde que Darwin desencadeou o escândalo, apontando êsse antepassado peludo, a grande aventura da paleoantropologia consistiu ùnicamente em procurar o "elo" que faltava na linhagem do macaco ao homem.

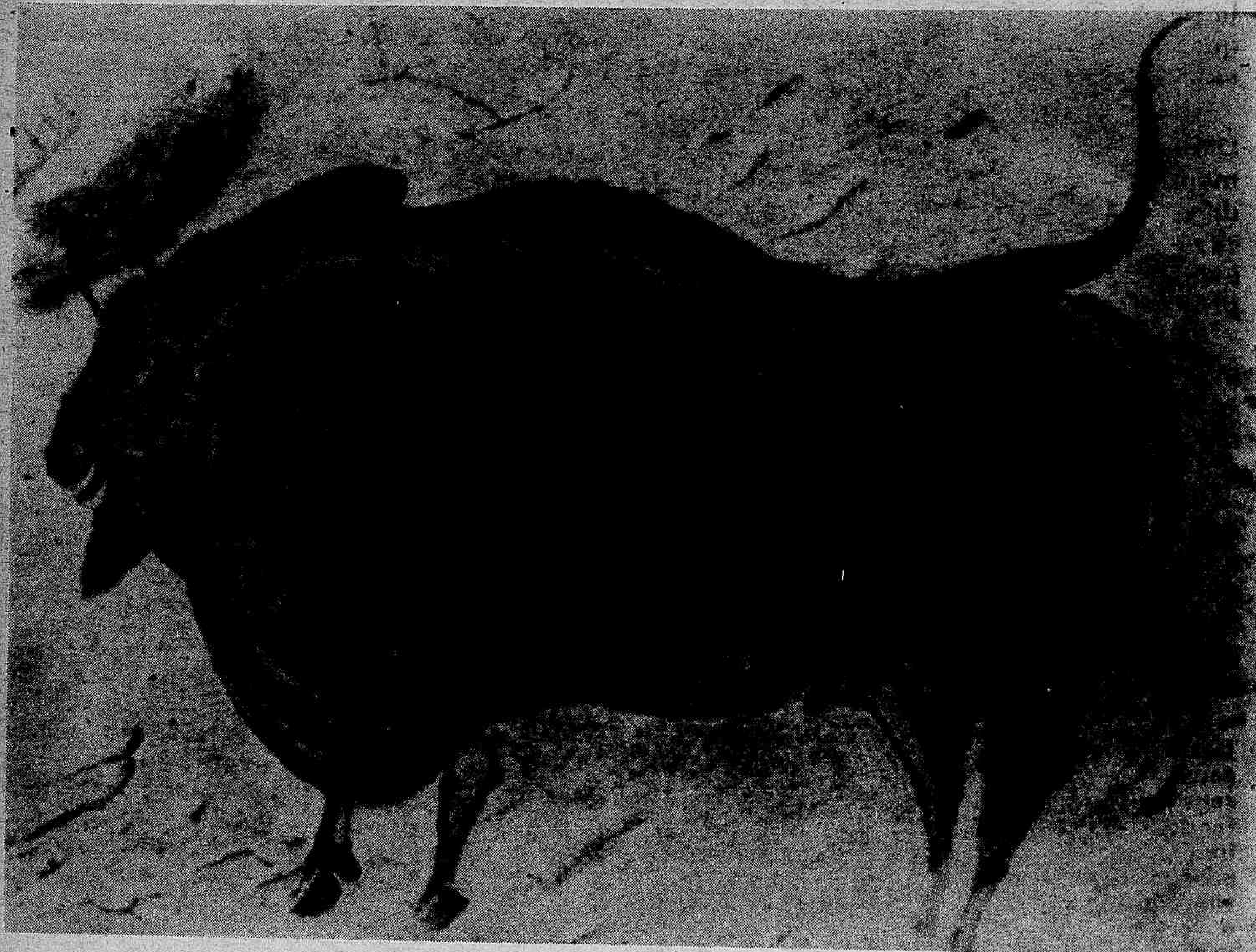
homem-macaco, muito próximo de nosso atual gibbon. Isto, sem contar com o pitecantropo ou homem-macaco, descoberto, em Java, em 1891, e com a idade provável de 600 a 800 mil anos; com o sinantropo, encontrado em 1927, próximo de Chu-Ko-Tien e com 600 mil anos aproximadamente; do plesiantropo, encontrado em 1936, em Sterkfontein, não muito distante de Johannesburgo, África do Sul e que tinha cabeça de macaco, porém dentes humanos e cérebro quase humano. Sua idade provável? 900.000 a 1.000.000 de anos!

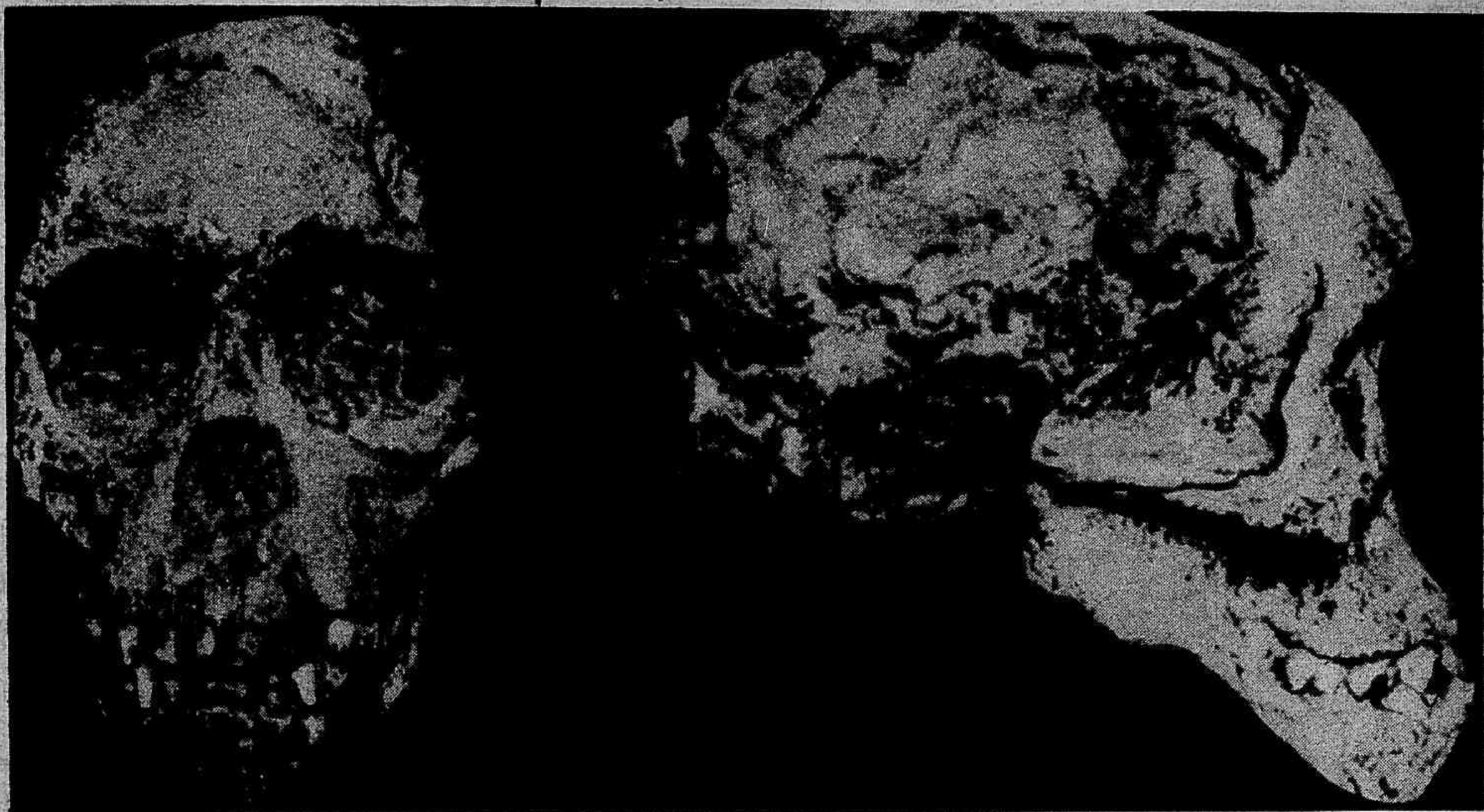
Foi ainda a África quem forneceu o segrêdo do mais velho antepassado do homem.

Em 1924, a explosão de um cartucho de dinamite, na mina de Taungs, na Bechualândia, projetou aos pés do geólogo Young... um crânio fossilizado. Pertencera a um menino. Todos os sábios do mundo se curvariam sôbre êsse misterioso vestígio. Seria um macaco? Seria um homem? Cada hipótese tem seus defensores. O abade Breuil, que lá estêve há alguns anos, determinou que êsse ser tinha vivido há 2 milhões de anos. Com relação a êsse distante antepassado, o homem da pedra talhada é nosso contemporâneo. O fóssil de Taungs é, sem dúvida, o "missing link", o elo que faltava entre o homem e seu antepassado ainda mais misterioso. Recebeu o nome de australopitecus prometeus. Porque êsse pobre ser, que existiu nas fronteiras da humanida, sabia, ao menos, fazer fogo.

Estamos, pois, bem distanciados do "miserável pescador" antediluviano de J. J. Scheunchzer, desaparecido, segundo os sábios, há apenas 2306 anos antes de nossa era.

Magnífico bisonte pintado nas paredes da gruta de Altamira (Espanha). Quem descobriu estas obras-primas rupestres foi ridicularizado pelos sábios, que não queriam admitir, em hipótese alguma, que o homem que teve vida no período glacial pudesse ser um artista verdadeiro.





DOIS MILHÕES DE ANOS NOS CONTEMPLAM — O crânio do menino de Taunas, encontrado, por acaso, durante a explosão de um cartucho de dinamite, em Bechnanoland, África do Sul.

Conservemos, porém, a emocionada memória dêsse precursor, cuja teimosia soube triunfar da cegueira dos seus contemporâneos e a quem, de certo modo, somos devedores, pois que nos permitiu, em grande parte, conhecer o destino da nossa raça, apesar da pouca clarividência de tôda uma linhagem de sábios oficiais, que êle e outros amadores inspirados ousaram enfrentar para que triunfasse a verdade.

SERÁ DESTA VEZ?

SE o sr. Bruno Nagler aperfeiçoar sua invenção, em breve os homens e as mulheres voarão de um ponto a outro com pequenos helicópteros amarrados nos ombros, segundo o velho sonho de Santos Dumont.

O sr. Nagler, engenheiro austríaco que reside em New York, declarou que seu aparelho deveria ser chamado "heliplanador", pois usa a fôrça apenas para se elevar, passando, depois, a planar.

O "heliplanador" pesa cêrca de trinta e três quilos, compõe-se de uma série de foguetes, um rotor e um leme.

Os foguetes impulsionam o intrépido aeronauta, verticalmente, como se fôsse um helicóptero e o aparelho logo começa a planar para o seu destino. Manejando o leme e o rotor (que, segundo parece, se move com a pressão do ar, como as asas dos moinhos de vento) o homem-pássaro pode dirigir o curso e a velocidade da descida.

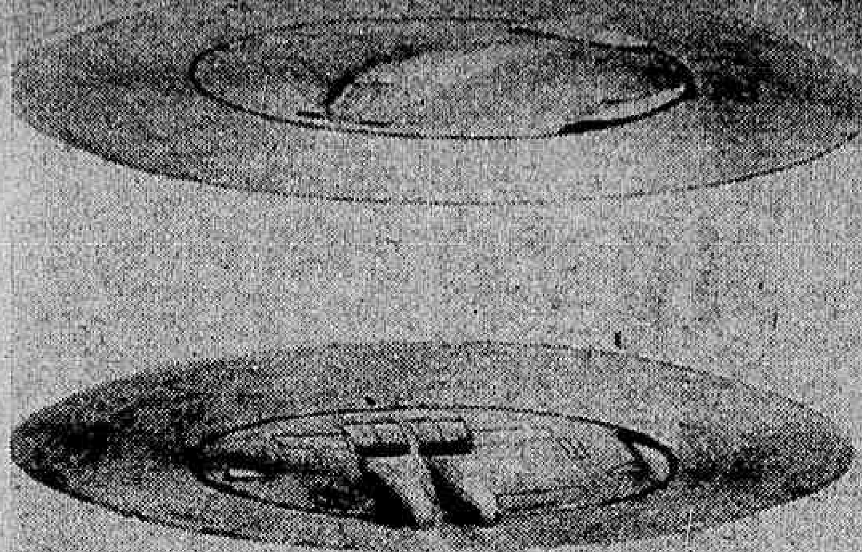
O sr. Nagler acha que uma pessoa pode percorrer oito quilômetros a uma velocidade de oitenta quilômetros, por hora, se começar a descida a uma altura de dois mil metros.



RECURSO SUPREMO

O sr. Robert Shapin, um dos figurões da indústria cinematográfica norte-americana adquiriu, recentemente, em leilão, na cidade de Los Angeles duzentas caixas de material recolhido ao Depósito de Achados e Perdidos. Em uma delas encontrou um pequeno baú, em cujo interior se encontrava uma ossada humana. É claro, não desejou ficar com o achado. O pior, porém, foi que não encontrou quem quisesse ficar com o mesmo. Nem a Polícia nem o Depósito de Objetos Perdidos. O sr. Shapin, em vista disso, decidiu "perder" o baú num local público qualquer da mesma cidade, com o que conseguiu que a ossada retornasse ao mesmo depósito, como coisa "perdida".





O DISCO-VOADOR E O PINTOR DE PIO XII

GUIDO Greganti, capitão da reserva do Gênio Navale italiano e pintor oficial do Vaticano (tendo pintado os retratos oficiais de Pio XI e Pio XII) depositou no Escritório de Patentes, de Roma, os desenhos de um novo tipo de aparelho de sua invenção.

Trata-se de um "disco-voador", que deverá superar a velocidade de três mil quilômetros horários.

Segundo o projeto, que reproduzimos acima, o aparelho é dotado de movimento de traslação com rotação na base.

Na foto ao lado, o pintor no seu estúdio romano, pintando uma tela para altar.

★

A ORIGEM DO HINO INGLÊS

O GOD Save The King, o hino real inglês, tem uma origem mais que pitoresca. Luís XIV, rei de França, estivera muito doente, devido a uma fístula, e a cidade de Paris pensou em festejar o restabelecimento do soberano com uma festa da qual constava um banquete de 236 talheres.

Por ocasião dêsse festim, o músico italiano, G. B. Lulli (1632-1687) compôs uma "melodia grave e terna" que foi muito tocada durante o jantar interminável. Um inglês, que estava presente, entusiasmou-se a tal ponto por essa música que a copiou e a levou para o seu país; alguns anos mais tarde tornou-se a melodia de Lulli o hino real inglês.

★

NOS Estados Unidos ocorreram, em 1954, 4.400.000 acidentes de automóveis, provocando ferimentos sérios em suas vítimas e um prejuízo total (médicos, processos judiciais, ação da polícia, etc.), num total superior a 700.000.000 de dólares, segundo relatório do National Safety Council.

★

DIGA "AH"



ÊSSE elefante-marinho, do sexo feminino e que apresenta grande semelhança com um ser humano, sofre de uma moléstia que os cientistas acreditavam reservada ùnicamente aos homens. Sofre de uma úlcera do estômago e vai ser operada no "zoo" de Londres.

★

UMA IDÉIA, SEM DÚVIDA, GENIAL

UM "serviço" original — e que não deixará de alcançar êxito fora do comum, assim como imitadores em todos os cantos do mundo — é o que acaba de ser criado em Minneapolis, Estados Unidos.

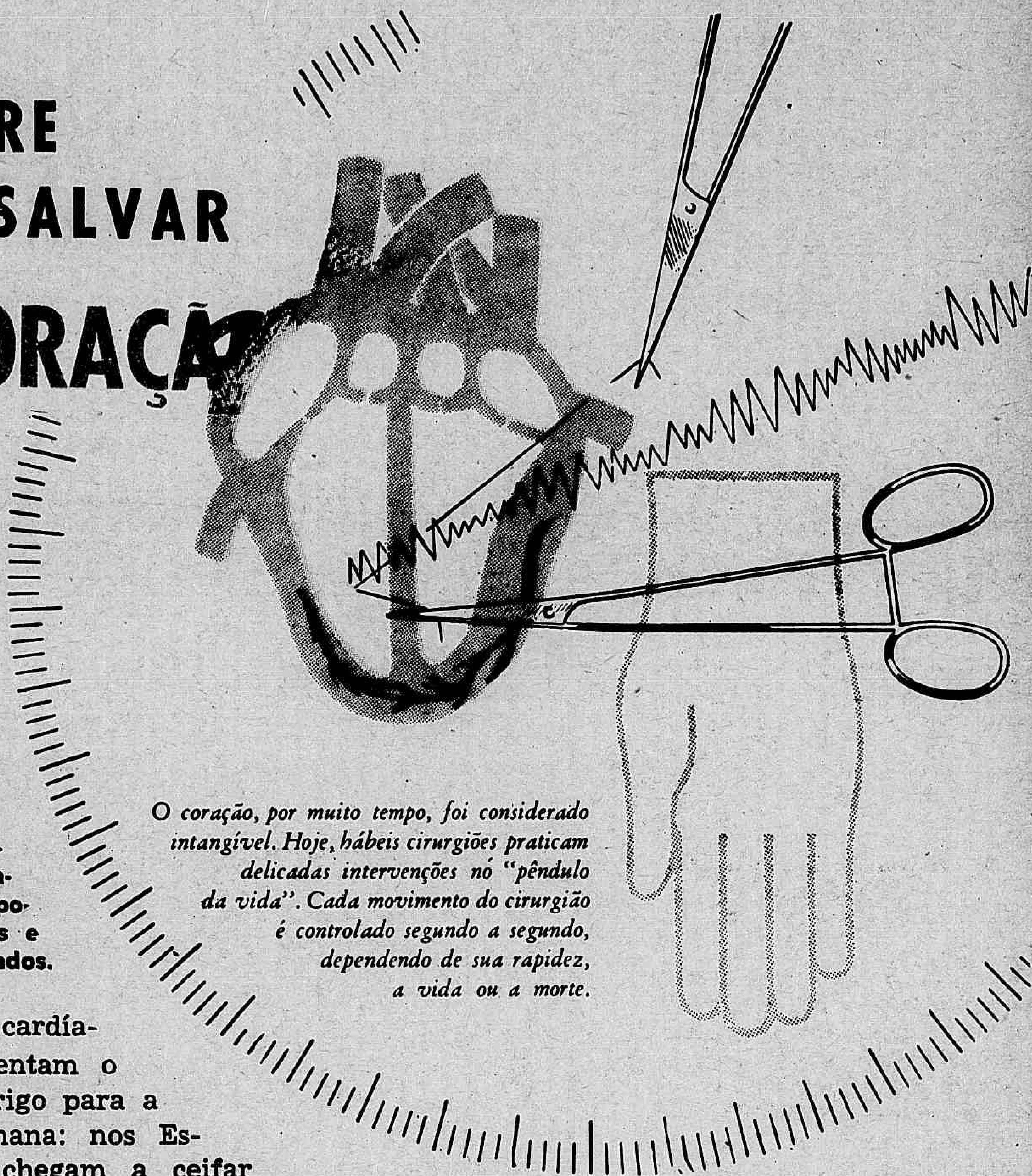
O sr. Ludwig Lundmann abriu uma vastíssima loja dedicada exclusivamente às noivas que, tendo recebido determinado presente nupcial que não lhe agrade ou já havia recebido de outra pessoa, ali poderão trocá-lo por outro objeto que considere mais útil. No caso de não encontrar na loja do sr. Lundmann aquilo que deseja, receberá um "bônus" que lhe permitirá, no momento oportuno, realizar a troca.

Mas, para não criar equívocos em tôrno de sua iniciativa, o ladino comerciante de Minneapolis lançou êste "slogan" numa espalhafatosa campanha de publicidade, **"Ludwig troca tudo, salvo o marido e a mulher!"**

★

AS manchas de calçado de côr tiram-se esfregando-as com batata crua.

NOVO MILAGRE PARA SALVAR O CORAÇÃO



O coração, por muito tempo, foi considerado intangível. Hoje, hábeis cirurgiões praticam delicadas intervenções no "pêndulo da vida". Cada movimento do cirurgião é controlado segundo a segundo, dependendo de sua rapidez, a vida ou a morte.

Os progresso da cirurgia cardíaca têm sido tão rápidos que muitas pessoas — e mesmo médicos — não sabem quantos casos, em outros tempos considerados "sem esperança" definitivamente, já hoje podem ser tratados e radicalmente curados.

AS moléstias cardíacas representam o mais grave perigo para a existência humana: nos Estados Unidos chegam a ceifar uma vida por minuto! Para mudar êsse dramático estado de coisas, a ciência médica pôs em prática um novo método de diagnóstico e de cura, dando, assim, um grande passo à frente e abrindo novos horizontes.

Milhares de pessoas já podem, dessa forma, salvar-se de enfermidades, antes consideradas crônicas, e também de mortes prematuras.

Os progressos têm sido de tal forma que levaram um cirurgião a declarar, recentemente:

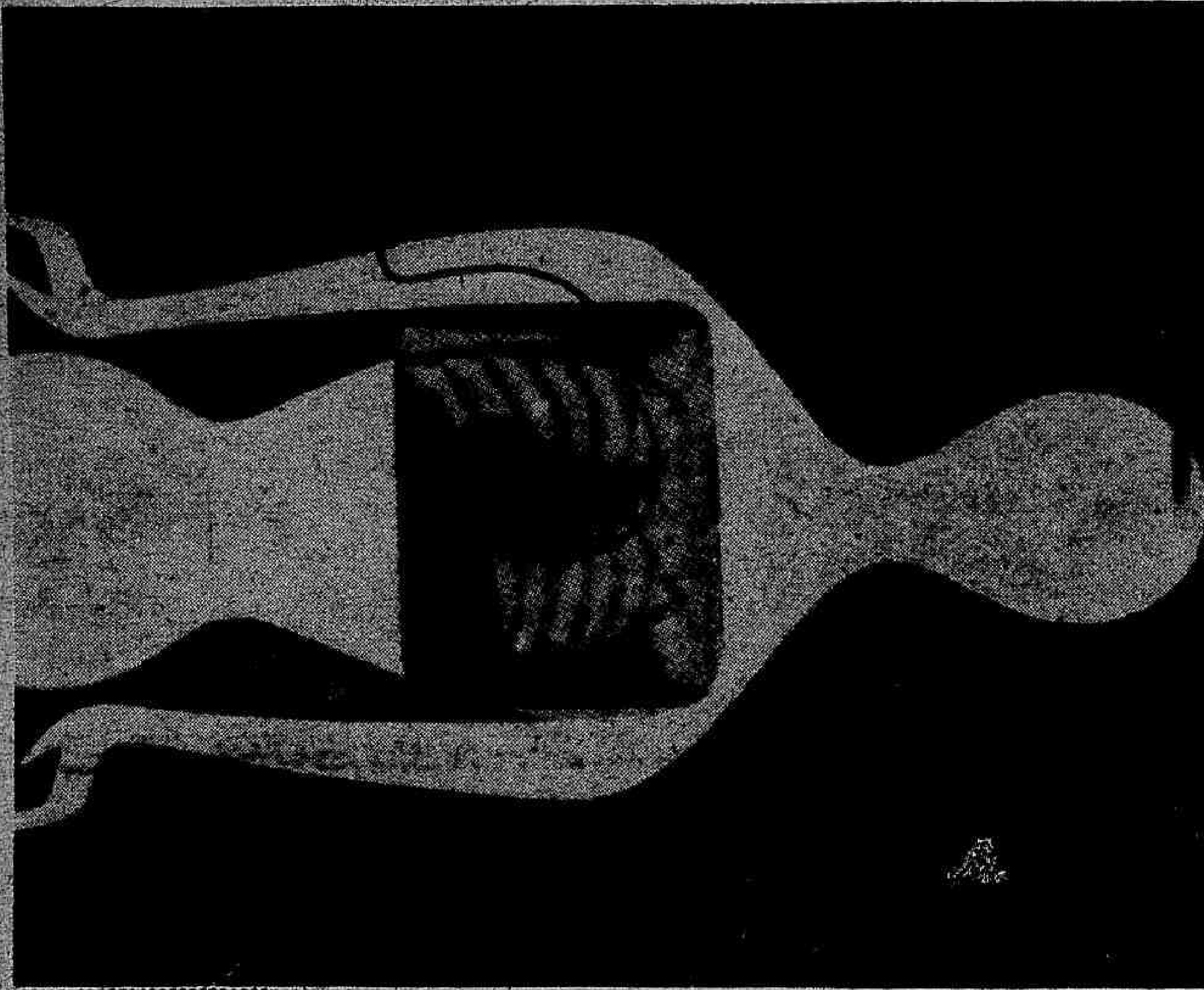
"Há apenas alguns anos éramos obrigados a dizer **não** a quase todos os pacientes que precisassem de uma intervenção cirúrgica respiratória: já hoje quase todos êles podem ser atendidos. O progresso da cirurgia cardíaca tem sido tão rápido que muitas pessoas — e mesmo alguns médicos — não podem calcular quantas moléstias, antes irremediàveis, hoje são perfeitamente curáveis."

Há cêrca de vinte anos um obscuro médico alemão se submeteu a uma perigosa experiência. Através de uma minúscula abertura feita no braço, do lado oposto ao cotovêlo, introduziu na veia um tubo flexível de quase um metro e meio de comprimento e o fêz correr pelo sistema venoso até que a extremidade chegou ao interior do coração.

Repetida e aperfeiçoada, depois de alguns anos, por outros médicos, aquela descoberta se tornou hoje em dia o melhor sistema para diagnosticar e determinar a localização e extensão de imperfeições e deformações cardíacas, especialmente daquelas de que sofrem os recém-nascidos. O método,

conhecido por "cateterismo cardíaco", tem sido de incalculável utilidade a muitos cirurgiões para o preparo e localização do ponto a ser submetido a intervenções coroadas de êxito.

Tôda vez em que o tubo entra numa das cavidades cardíacas a outra extremidade é ligada a um aparelho que registra a pressão sanguínea **naquele ponto**. Ao mesmo tempo são tiradas, para análise,



O "CATETERISMO CARDÍACO" — Uma menina foi submetida a uma operação. Foi-lhe introduzido, numa veia, um tubo finíssimo (como mostra o clichê acima), que se insinua, através dos vasos sanguíneos, até ao coração.

amostras de sangue do conteúdo em oxigênio e em anidrido carbônico.

Tudo isto permite, naturalmente, formular diagnósticos de uma exatidão excepcional.

Sem respeitar a advertência dos cirurgiões de outros tempos, que recomendavam não afrontar intervenções cirúrgicas no coração, uma equipe de pioneiros do bisturi tentou e realizou o impossível.

Há pouco mais de dez anos, nos Estados Unidos, existiam apenas dois hospitais, onde os operadores tinham a audácia de tentar corrigir tais imperfeições cardíacas. Hoje já é difícil encontrar algum estabelecimento hospitalar que não tenha especialistas com capacidade para realizar intervenções dêste gênero.

As moléstias cardíacas podem ser congênitas (isto é: já existentes no momento do nascimento) ou, por outro lado, adquiridas em conseqüência de enfermidades, processos infecciosos ou traumatismo. Quantos, entre os sêres humanos que todos os anos vêm à luz, são afetados de defeitos cardíacos congênitos? Esta é uma pergunta que mesmo os maiores especialistas não podem responder. Êles sabem, porém, que, todos os anos, pelo menos dez mil pessoas morrem em conseqüência de mal funcionamento do aparelho cardíaco.

O progresso recentemente alcançado na cirurgia especializada pode significar a salvação de, pelo menos, metade desta cifra.

Entre as causas das moléstias cardíacas adquiridas encontramos, em primeiro lugar, a febre reumática. Pelo menos um milhão de indivíduos são afetados, em graus diversos, por moléstias cardíacas de origem reumática nos Estados Unidos.

Esta é a **causa mortis** de vinte mil pessoas por ano e ainda a causa da invalidez de um número muito maior de pessoas.

A febre reumática muitas vêzes chamada, errôneamente, de "doença do crescimento" na maioria dos casos danifica o coração atacando a válvula mitral. Esta é uma das **válvulas-chave** do músculo cardíaco, pois liga a cavidade superior esquerda do coração (aurículo) com a cavidade inferior esquerda (ventrículo).

Quando o sangue sai dos pulmões, enriquecido de oxigênio, entra no aurículo esquerdo e espera que se abra a válvula mitral para pasar ao ventrículo esquerdo. A febre reumática engrossa os bordos da



A OPERAÇÃO — A fotografia acima mostra que a operação não é dolorosa, pois a paciente foi anestesiada. O percurso do tubo é registrado num esquema radiográfico, que permite conseguir dados exatos sôbre o funcionamento do coração.

válvula mitral, que, desta maneira, não pode abrir-se completamente.

Existem duas maneiras de efetuar uma intervenção no interior do coração. Uma é a da **visão direta**: — isto é: abre-se o músculo cardíaco de modo que o operador possa ver claramente o que está fazendo.

A outra maneira é chamada "método cego" e vem a ser a **cirurgia digital**:

O operador introduz um dedo no interior do coração, através de uma minúscula abertura, e trabalha orientando-se pelo tato, **às cegas**, sem ver a zona onde opera!

Para efetuar uma intervenção em campo visível é necessário esvaziar o coração de sangue, mantendo, porém, a circulação inalterada. Muitas bombas têm sido construídas com a finalidade de excluir temporàriamente do circuito sanguíneo um lado do coração: isto é — o sangue, em vez de passar pelo ventrículo e aurículo esquerdos — por exemplo — vem por via externa e passa através da bomba que o conduz novamente aos vasos sanguíneos.

Um outro aparelho, mais complexo — o "coração-pulmão artificial" pode substituir corretamente por algum tempo o coração e o pulmão e, embora esteja ainda em fase experimental, tem sido usado com êxito em alguns casos.

Os médicos estão tentando outro sistema para livrar o coração do sangue, a fim de manter **limpo** o campo operatório:

Cobrindo de gêlo o paciente é possível baixar a temperatura do corpo de 37° para 26° e até menos. Nesta temperatura a necessidade de oxigênio e de sangue por parte do corpo fica reduzida ao mínimo. E o

coração fica, assim, embora temporàriamente, excluído do ciclo sanguíneo; acontece, porém, que, como as células cerebrais só podem ficar privadas de oxigênio no máximo por oito minutos o cirurgião tem que limitar-se a êsse breve espaço de tempo para operar.

É uma luta contra a morte e relativamente poucas operações têm sido, até hoje, executadas com esta técnica, que é conhecida como "hibernação artificial" e já foi aplicada na Itália e nos Estados Unidos.

Uma outra maneira, que tem sido aceita com muita esperança, é a do isolamento do coração do paciente que é ligado ao circuito sanguíneo do doado. Isto permite ao operador afastar o sangue do coração do operando, mas obriga o doador a um esfôrço hercúleo que é o de bombear o sangue através de dois corpos!

Os adeptos da **cirurgia-cega** dizem que todos êsses processos são muito úteis, pórém, não absolutamente necessários. Sustentam êles que estão em condições de fazer com êxito a mesma coisa que o operador **que vê**, e com a mesma precisão e menor perigo.

— "Muitas imperfeições congênitas ou adquiridas — afirmam êles — podem ser corrigidas com a técnica digital."

Os cirurgiões "cegos" trabalham com surpreendente destreza. Para executar a intervenção trabalham com um bisturi minúsculo, prêso ao dedo (em geral um só dedo). Com êsse sistema conseguem intervenções delicadas como a de abrir uma válvula defeituosa no interior do coração e corrigir a deficiência da via de comunicação entre uma e outra cavidade, substituindo os condutos afetados por finíssimas válvulas de matéria-plástica.

Há menos de dez anos, uma tal proeza não passava pela mente de um cirurgião **nem em sonho**! Hoje, vencida a "última fronteira da cirurgia", o bisturi oferece a salvação e a recuperação completa da saúde!



GRACIELA ELIZALDE

QUAL a quantidade de leite que a leitora bebe? Provàvelmente não é a suficiente, pois que as pessoas adultas precisam de beber tanto leite quanto as crianças.

De fato, tôdas as pessoas adultas deveriam beber pelo menos três xícaras de leite por dia, para que o organismo disponha de uma quantidade adequada de cálcio, assim como 30 por cento de proteína, 60 por cento de vitamina B2 (ribeglavina), 18 por cento de vitamina B1 (tiamina) e 18 por cento da vitamina A, de que necessitamos.

Talvez, contudo, a leitora não goste de leite. O recurso, então, será fazer uso de alimentos ricos em leite, como queijos, manteiga ou sorvetes.

O Instituto de Economia Doméstica da General Eletric aconselha servir-se sorvetes com freqüência, acompanhados de biscoitos **waffles**, que também contém leite. E, como um agradável refrigerante, entre as refeições, aconselha a servir o "Chocolate de Leite DeLuxe", cuja receita apresentamos a seguir.

É muito fácil de preparar, como verão as leitoras.

Eis a receita:

1 colher de sorvete
de baunilha, bem duro
1 xícara de leite
2 colheres bem cheias de xarope de chocolate.

Coloquem-se todos os ingredientes no liquidificador, batendo em alta velocidade (velocidade 12) durante um minuto.

De qualquer maneira, é claro que não poderíamos abusar de sorvetes ou refrescos como êsse cuja receita vai acima, e o mais aconselhável, portanto, é que procuremos usar bastante leite nos alimentos. É preciso não esquecer, porém, que os alimentos devem ser preparados de modo a não esperdiçar as valiosas proteínas do leite. O mais seguro é cozinhar a uma temperatura baixa os alimentos que contêm leite, e não deixá-los muito tempo no fogo. Para evitar que o leite se **corte** ou coagule, quando há necessidade de combiná-lo com um alimento ácido — como ocorre quando misturamos tomate com leite para fazer sopa de creme de tomate. Deve-se colocar o alimento ácido no leite, **gradativamente**, e **não derramar o leite sôbre o alimento ácido**.

A SEGUNDA VIAGEM A MARTE

NO ANO 2002, A EXPEDIÇÃO ATERRISSOU. DEVIA SER ESTA A PRIMEIRA A CHEGAR, PORÉM HUMPHREY A HAVIA PRECEDIDO DE CENTO E QUINZE ANOS!

Por WARD MOORE
Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

ATÉ que o relatório fôsse conhecido, a expedição "Murphy-Gobiniev-Langlois-Alemeda-Matsuhara" a Marte foi considerada a única a atingir o objetivo.

A verdade, porém, é que o primeiro vôo direto foi efetuado, embora acidentalmente, por Humphrey Beachy Cumberland em 1887, o ano do Jubileu de Ouro da Rainha Vitória. O seu nome todo era Humphrey Howard Clarence Beachy Cumberland, e êle era parente distante — muito distante — dos Churchill. Humphrey considerava os Churchills ativos e empreendedores, porém quanto a êle próprio não possuía título algum antes do nome e não tinha a menor noção de nobreza.

Havia alguns Beachys em Agincourt e Crécy; Beachy-Cumberland era um nome muito conceituado em Naseby e Ramillies, Pretonpans e Salamanca; assim, êle não tinha intenções de mudar seu nome para Lorde Qualquer Coisa ou para Conde de Não Sei Quê. Nascera um ano após a morte do Príncipe Consorte e tinha princípios muito sólidos.

Por outro lado nutria um interêsse muito grande por tudo que significasse progresso. Habitações mais evoluídas, conferências e comícios para esclarecer a classe trabalhadora, manutenção, confôrto, segurança, pensões, etc., e tudo isso aliado a um perfeito senso de responsabilidade. O progresso justificava o seu interêsse por Pundershot. Havia, entretanto, uma incompatibilidade entre êles, pois Pundershot era o tipo perfeito do malandro: era plebeu por nascimento, cometia terríveis erros ortográficos, tomava dinheiro emprestado sem intenção de pagar, violava e lia a correspondência alheia, namorava com as criadinhas, usava uniforme de universidades por onde jamais passara e, tendo oportunidade, cometeria calamidades ainda mais terríveis.

Mas, em compensação, tinha um cérebro de gênio de primeira grandeza e era um físico de tanto talento e tão mais adiantado que os seus contemporâneos que êstes não podiam sequer tolerar a menção de seu nome.

Humphrey ajudava-o com uma pensão semanal, acomodações na ala dos empregados e financiava suas despesas na firma siderúrgica, onde era diretor.

Proporcionava-lhe também um auxiliar e terreno para que construísse a sua máquina voadora.

Tanto Pundershot como Humphrey confiavam que seria provada a possibilidade de vôo com o mais-pesado-que-o-ar antes de 1900. A máquina voadora de Pundersholt tinha linhas inteiramente revolucionárias — na verdade era um projétil — um projétil sem canhão.

— Magnetismo — explicava êle — atração e repulsão. Em uma palavra, a lei

da gravidade foi o ponto de partida; repulsão é a fôrça empregada; o difícil, até agora, é o contrôle desta fôrça. Se não estou enganado, conseguiremos trezentas milhas por segundo.

— Mas, é muito — comentou Humphrey. — É velocidade demais!

— Dezoito mil milhas por minuto — prosseguiu Pundershot — e um milhão de milhas por hora. É... Uma velocidade destas é qualquer coisa de terrível! Creio que terei de desmontar todo o aparelho e remontá-lo depois.

Humphrey ficou um pouco indeciso; êle sabia, até ao último tostão, quanto lhe tinha custado a máquina voadora. E por experiência sabia que uma segunda montagem lhe iria custar quatro vêzes mais.

— E que tal está por dentro? — perguntou, para ganhar tempo, antes de responder à proposta de Pundershot.

— É meio difícil, para um amador, compreender. Temos lá todo o equipamento, reserva de oxigênio, tanques, mecanismos complicados, chaves e botões para ligar e desligar. É meio acanhado o espaço interno por causa das paredes duplas e há lugar apenas para uma pessoa e é completamente escuro, lá dentro; mas, se quiser entrar para ver...

Humphrey, sinceramente, não tinha curiosidade nenhuma de ver, mas, para não melindrar Pundershot, e numa demonstração de interêsse, meteu a cabeça pela abertura de entrada.

— Entre; pode entrar, pois se não conseguir enxergar por causa da escuridão pode tatear o mecanismo.

— Bem — disse Humphrey, meio indeciso. — Está bem.

A descrição do outro em nada fôra elucidativa, pois achou que aquilo mais parecia um esquife e tratou de mover-se para sair.

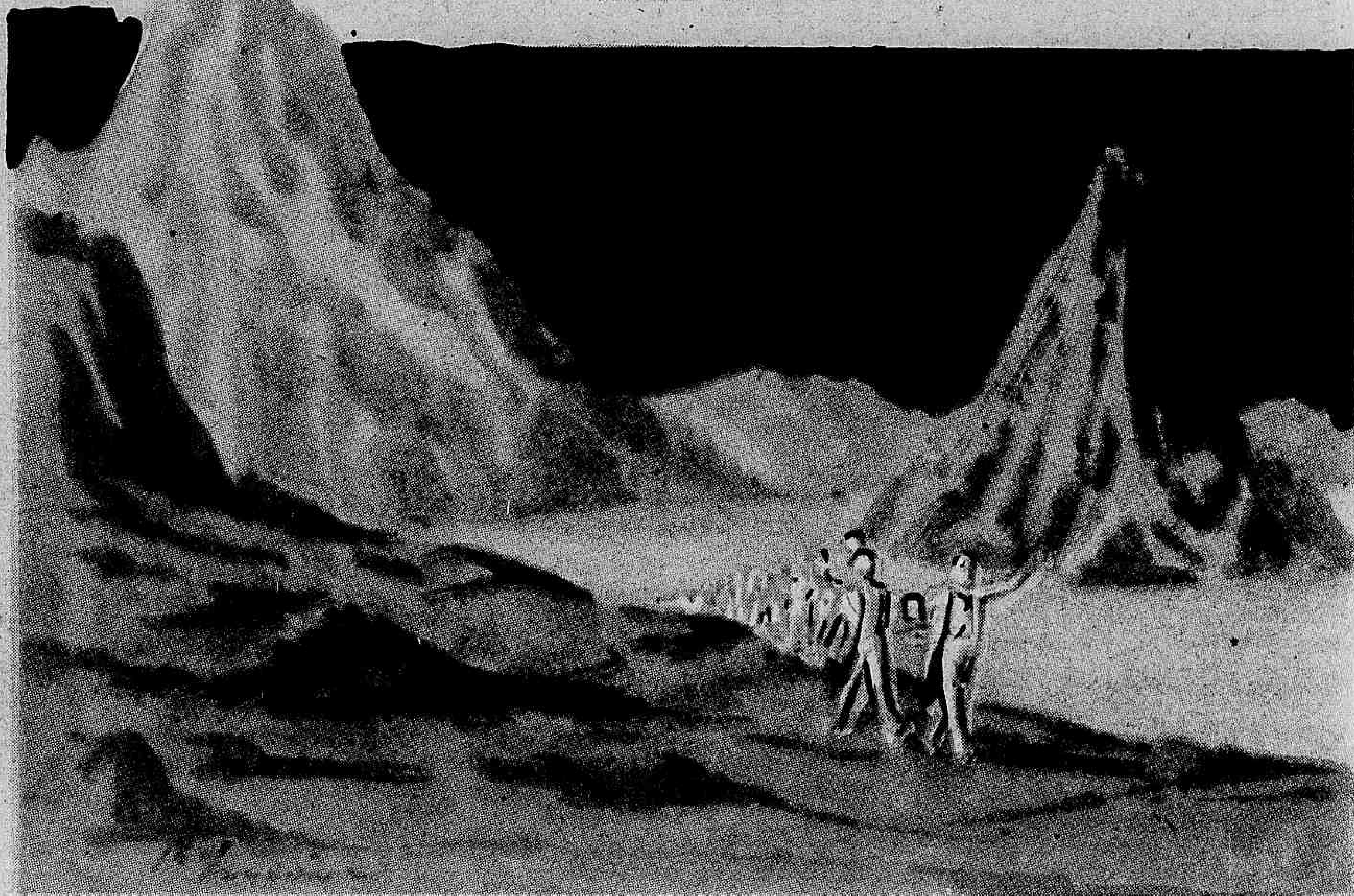
— Olá! — gritou Pundershot, do lado de fora. — Cuidado com o que está fazendo. A chave automática está bem junto do seu braço.

Instintivamente, Humphrey puxou o braço e... bateu na tal chave. Ouviu um ruído de metais e começou a debater-se, tentando sair, apertando botões e alavancas...

O projétil partiu como um foguete.

E, quarenta e oito milhões de milhas mais ou menos à frente, o planêta Marte piscava para o aparelho que ia em sua direção.

O último pensamento de Humphrey Beachy Cumberland quando sentiu que



ultrapassara a camada gasosa da Terra foi para lembrar-se se havia ou não deixado em testamento pensão para Pundershot. E desejou ardentemente não o ter feito.

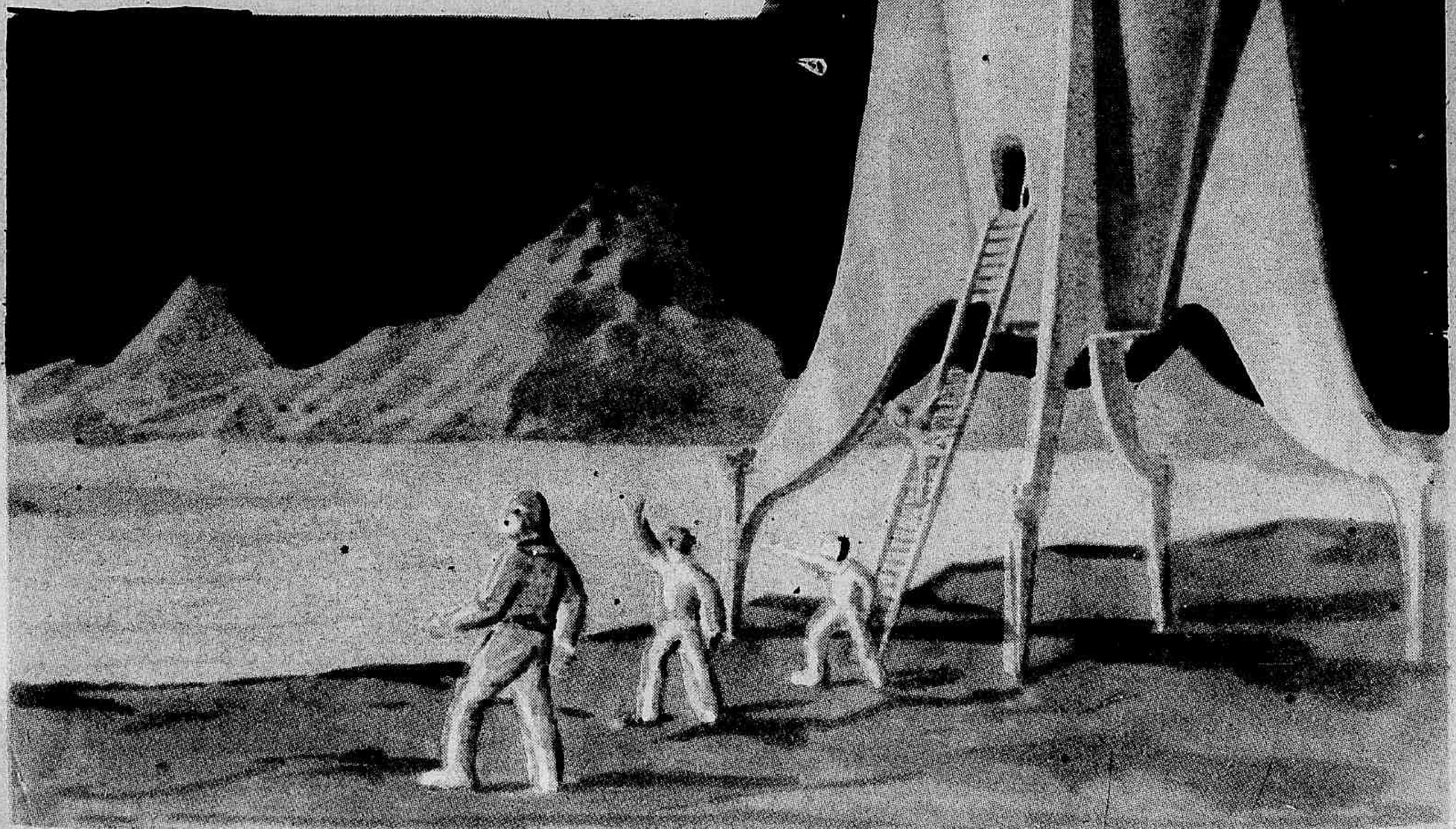
OS marcianos, que quarenta-e-oito horas mais tarde o rodearam, estavam num estado de barbarismo de mil gerações atrás. As grandes cidades, se haviam existido, estavam transformadas em poeira. O saber não passava de fanatismo e os princípios de uma sociedade justa, livre e não violenta tinham desaparecido.

Pequenas tribos, tão bárbaras que o cargo de chefe entre êles não era adquirido por herança ou eleição, mas à fôrça, pela violência sempre ávida de novas vítimas.

Humphrey olhou para aquelas fisionomias impassíveis — os marcianos diferiam de altura com êle pelo menos uma cabeça, usavam vestes de tecidos grosseiros, tinham côr pálida, tórax largo e seguravam armas primitivas, como facas e machados rudimentares.

— Água... por favor — pediu Humphrey fazendo gestos com um copo imaginário e quando viu que não era compreendido fêz as mãos em conchas e imitou, exageradamente, o ruído de quem toma goles de água.

Um dos marcianos, então, puxou uma grande faca e êle falou, alarmado:



— Nada disso... Você pode ferir alguém! Calma!

Humphrey continuou o sua pantomima.

O homem da faca pareceu acalmar-se e ficou observando, enquanto Humphrey, falando cada vez mais alto, na esperança de ser compreendido, apesar da garganta sêca, repetia, vagarosamente:

— Água. Á-gua.

Muito mais tarde, Humphrey estava ajoelhado à margem de um canal incrìvelmente largo, saciando a sêde com aquela água escura e pesada.

Seus captores, de pé, o observavam, achando estranho aquêle homem que não parecia ter o mêdo comum e, talvez, nem mesmo o senso comum perante tão diverso ambiente.

Humphrey se levantou e olhou ao longo do canal, de uma a outra extremidade, que desaparecia no horizonte, e falou consigo mesmo:

— Nenhum rio natural, creio. Mas, começaremos daqui. Êste será o Tâmisa — o canal Tâmisa.

Voltou-se para os marcianos e pronunciou claramente, apontando para o canal:

— Tâ-mi-sa.

E apontou para o trabalho de engenharia rude, feito, talvez, sessenta mil anos atrás.

— Fenutch Goobra — respondeu um dos marcianos.

— Não, não — insistiu Humphrey. — Tâmisa — o canal Tâmisa.

E voltou a ajoelhar-se na margem, a fim de lavar o rosto, pensando: Tenho que dar um jeito de tomar um banho decente; êstes bárbaros sabem lidar com ferro, deve haver um meio de construir um banheiro.

Sim, um banho diário é uma necessidade indiscutível, mas havia muitos assuntos importantes a tratar.

— Bem — falou êle, em voz alta. — Não posso ficar o dia inteiro aqui, assim. Preciso de me alimentar. **Comida. Co-mi-da.**

Humphrey notava, com desgôsto, que os marcianos eram atrasadíssimos. Não tinham sequer a instituição da família. As tribos eram divididas em femininas e masculinas. Os meninos ficavam em casa, com as mulheres da família, até atingir a idade dos guerreiros; então, voltavam, de vez em quando, e com uma única finalidade: **eram completamente imorais.**

Os captores se esforçavam para não matar o intruso. Achavam absurdo violar um princípio tão antigo e fundamental: não se deve deixar sobreviver o estrangeiro. E êste estrangeiro era inteiramente **não-cooperativo**; recusava-se a seguir os hábitos do lugar.

Decidiram deixar que êle vivesse mais uns dias, pois agora que compreendiam algumas das suas palavras e poderiam aprender com êle alguns truques para derrotar as outras tribos.

Mas não era assim que Humphrey pretendia ser útil a êles. Lutar pela pátria e pela rainha era uma necessidade desagradável e ocasional, porém gloriosa. Não havia, porém, nem necessidade nem glória nos combates daqueles selvagens. Eram, isso sim, repulsivos!

Apesar desta maneira de pensar, ajudou a aumentar o poder daquela tribo e o seu próprio.

Naquela região não havia madeira, árvores, nem animais e as únicas armas que possuíam eram feitas de ferro, abundante naquelas areias; ferro fundido.

O carvão também era muito, ali, e Humphrey, como diretor de uma emprêsa siderúrgica, entendia bastante do assunto e, embora seus conhecìmentos fôssem muito teóricos, conseguiu obter um metal muito mais leve e resistente do que aquêle que os marcianos estavam acostumados a fabricar. E fêz facas com lâminas, que cortavam **realmente**, e ferramentas para lavoura, que satisfaziam plenamente a sua finalidade. Os marcianos admitiram as vantagens do seu método e, seguindo-o, conseguiram fabricar melhores machados para as suas batalhas.

Mas, Humphrey achava que usar machados para guerrear era uma coisa absurda e contra o progresso.

— Olha aqui — disse êle para um jovem marciano, que fôra dos primeiros a imitá-lo no preparo do metal. — Isto assim não serve!

— Squirrup chedges — murmurou o jovem marciano.

— Bobagens — respondeu Humphrey. — Você pode falar como gente, se fizer um



Pode entrar, se quiser, disse Pundershot. Se não puder ver, poderá, ao menos, tatear o mecanismo.

pouco de esfôrço e tiver boa-vontade. Agora, responda: Por que é que vocês têm esta mania de guerrear?

— Food-wud — replicou o rapaz de Marte. — Wo-min.

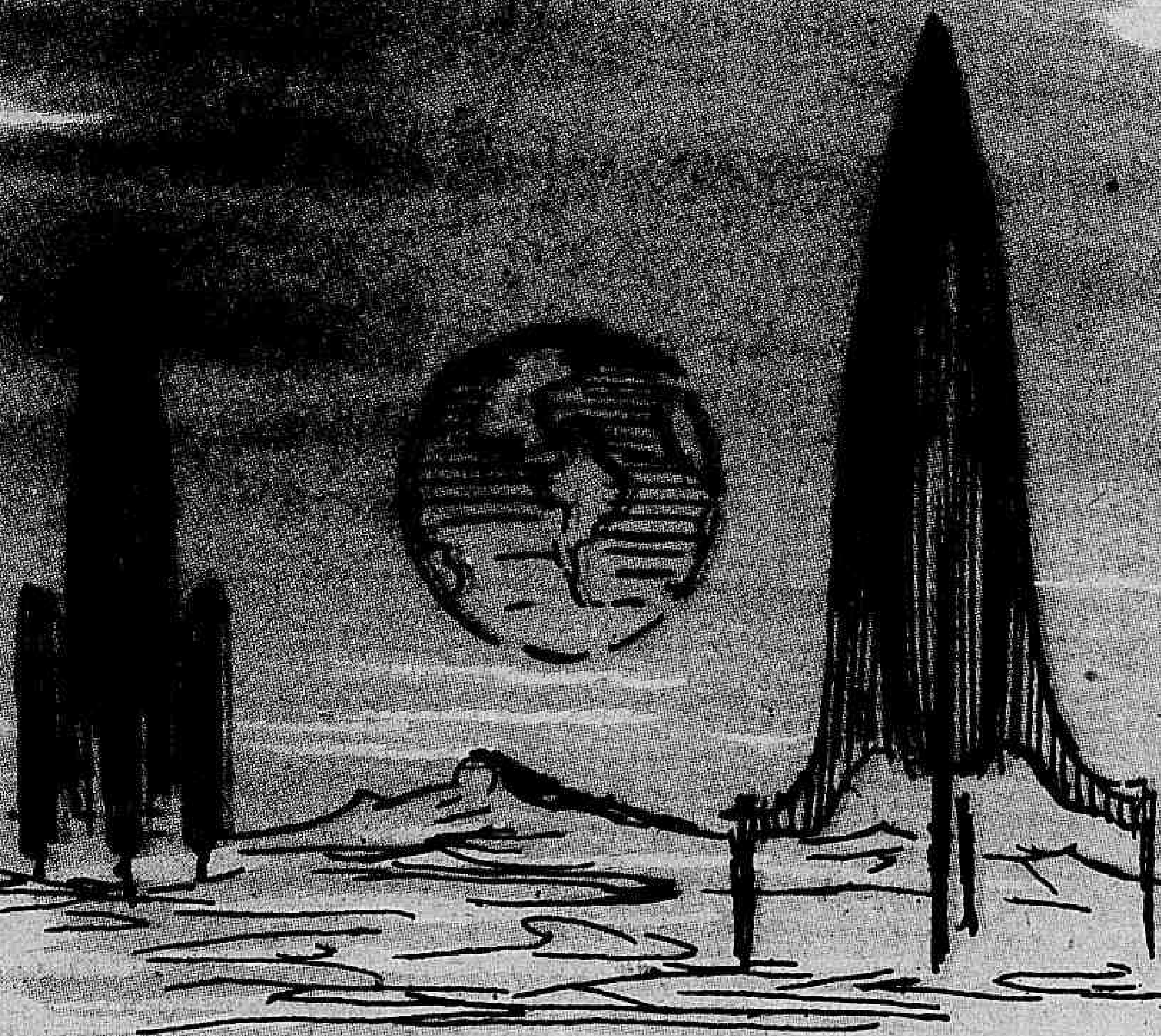
— Sim — ponderou Humphrey. — Pensando bem, deve ser isto. E... seu nome é Tom Smith, não é?

— Mogolum-Tu — respondeu o marciano, sorrindo.

— Ora, isso não é nome que se use! Acredite que você fica muito melhor como Tom Smith. Muito bem; agora, falando sôbre alimentação e sôbre as mulheres, por exemplo. Repare bem como é muito mais fácil obter plantas maiores e mais saudáveis, usando ferramentas próprias e arando o solo, em vez de esperar que as verduras surjam por si. E... quanto às mulheres, pode-se tratar dêste assunto com mais inteligência.

E, paciente, delicadamente, tentou explicar as vantagens da monogamia.

Os anos foram passando. E Humphrey se encontrou diante de um problema grave, que nada tinha a ver com o ferro, nem com o plano de irrigação da lavoura, trazendo água do canal Tâmisa, fertilizando as terras antes incultas, nem com as fiações que proporcionavam melhores tecidos, nem com as negociações com as outras tribos, também agora pacíficas e formando parte da próspera federação. O problema não se ligava nem mesmo aos adeptos de Henry Greenn (Ex-Thotcho Gor), que protestavam, achando que Tom Smith e o Mister (como o chamavam) estavam exagerando a marcha do progresso ali. O problema que afligia Humphrey era a respeito de religião. Embora religioso, não era muito versado em Teologia e afligia-se, agora, com a expressão "sucessão apostólica". Com as poucas orações que êle sabia, de côr, não era possível preparar futuros sacerdotes e mandá-los exercer a sagrada profissão.



O problema estava difícil de resolver, embora exigindo solução imediata, senão como seriam efetuados e normalizados os casamentos que êle tanto recomendara e convencera a maioria a aceitar?

Verdade é que a monogamia não legalizada ainda era preferível ao regime anterior; mas, ainda assim, era numa situação irregular.

E quanto aos batismos e funerais?

Embora relutando um pouco, chegou à conclusão de que: se o capitão de um navio pode efetuar casamentos válidos e encomendar mortos por que não atribuir iguais poderes a um capitão de um planêta distante, **além dos mares conhecidos na Terra?**

E satisfez sua consciência, solucionando, assim, o problema e dando um título pomposo ao novo cargo. Sentiu-se mais calmo só de pensar que, se alguma coisa lhe acontecesse — o partido **anti-Mister,** encabeçado por Henry Green, estava ficando perigoso, desde que a civilização se ia expandindo cada vez mais, para além dos canais Avon e Serpentine — enfim, se algo de mal lhe acontecesse e já agora existiriam homens para ministrar conhecimentos religiosos e leis de boa moral aos jovens, quando tal fôsse preciso. Assim pensando, pôs-se a preparar um grupo de assistentes.

Em 1897 foi lançado no canal Tâmisa o primeiro barco a vapor.

Humphrey havia organizado um calendário marciano, cujo único ponto fraco era a incerteza quanto à data exata em que êle

(Continua no fim da revista)



G ÊLO INDUSTRIAL — Revelou-se de tal forma econômica a fabricação de finas fôlhas de gêlo, com base em certo processo novo, que as emprêsas que a êle recorreram estão economizando cêrca de 80 por cento nessa particularidade. É de tal pureza o gêlo assim produzido que não afeta as mais delicadas misturas químicas. E é tão frágil que não prejudica as máquinas industriais. Rende mais 33 por cento de refrigeração para processos químicos que o gêlo triturado e, mais ainda: uma só máquina pode produzir além de uma tonelada de gêlo por hora!



G ORRO DE TRABALHO — Já está à venda um gorro para trabalho, feito com papel de embrulho tratado com neopreno, que pesa pouco e oferece grande resistência à umidade, aos ácidos e álcalis e que recolhe poeira. Está dotado de um bando de couro, para protegê-lo do suor e tem viseira reforçada. O uso de tais gorros é econômico em razão do seu baixo preço.

S OLDADURA PARA REMENDOS — Entre os produtos novos há uma soldadura metálica de fácil aplicação, que endurece em poucos segundos. Serve para unir sòlidamente metais, madeira, gêsso e matéria plástica. Aplica-se com espátula de carpinteiro ou qualquer outra ferramenta similar, podendo ser limada, trabalhada com cinzel e polir. Num lar é utilíssima para tapar orifícios, escapamentos de canalizações e até goteiras.



G ARÇÃO! PSIU! GARÇÃO! — Todo mundo sabe como é difícil atrair a atenção do garção num restaurante, sem fazer espalhafato e incorrer em ridículo. Os proprietários dêsses estabelecimentos podem agora resolver êste problema, colocando nas mesas pequenos cinzeiros, recém-inventados, providos de sinal luminoso. Quando o cliente deseja alguma coisa, oprime um botão existente no cinzeiro e logo acenderá uma pequena luz, que fará o garção se aproximar.



LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO...

S EGUNDO o "Echo", jornal dirigido e editado pelos delinqüentes recolhidos à prisão do Estado, no Texas, queixam-se os presidiários de que entre êles há um ladrão! A verdade é que, recentemente, durante uma festa realizada no presídio, foram espalhadas 19 urnas, a fim de recolher donativos em dinheiro, dos visitantes... e apenas 18 urnas foram recolhidas.



MORTE NO DESERTO

M ISS Florence Thiel, jornalista e escritora de Los Angeles, foi informada de que alguns apaixonados dos estudos interplanetários se haviam reunido numa zona solitária, na região de Washington, a fim de proceder a experiências de caráter secreto. Com o fim de ver de perto êsses trabalhos, a jornalista encetou a viagem, sòzinha, embora soubesse que teria pela frente um grande deserto para atravessar, na imensa região de Mojave.

A verdade é que não pôde chegar ao seu destino; quatro semanas depois de sua partida, foi encontrada no próprio automóvel, morta de sêde, a dois quilômetros do local das experiências.

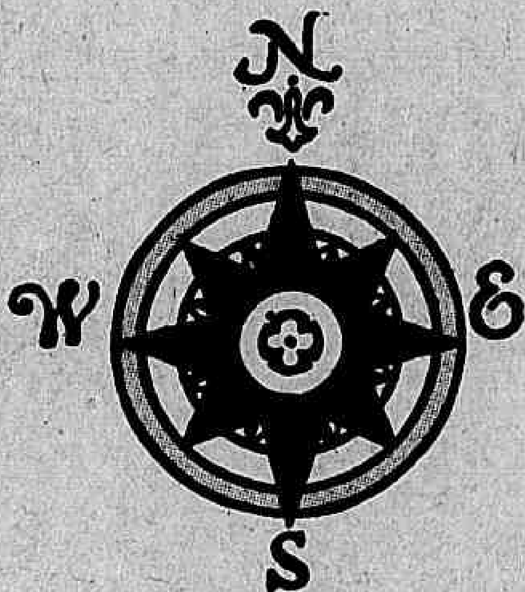


ENRIQUECEU NA PRISÃO

S EGUNDO um boletim da prisão municipal de Salt Lake City, L. Larkeley, que acabara de cumprir pena de dois anos, tornou às grades, depois de haver passado inúmeras notas falsas, de 50 dólares, que conseguira fabricar na impressora do próprio presídio, enquanto ali estêve trabalhando, entre outros prisioneiros.

Um Destino

Novela de VALERY KAY



SOSO fechou sua pequena loja, guardando a chave no bôlso. Caminhando pelas ruas populosas de seu bairro, onde a primavera se manifestava sòmente pelo maior número de veículos e o cheiro mais forte das peixarias, a ponta do seu sapato bateu contra uma ferradura. — "Dizem que isso dá sorte!" — pensou.

Ainda com a ponta do sapato, jamais engraxado, foi empurrando por alguns metros a ferradura bastante enferrujada. Êsse gesto o fêz pensar no jôgo "amarelinha", de sua infância. Hesitou entre o desejo de apanhar êsse feliz presságio e a vergonha de ser observado. Parou um instante e, um tanto desajeitado, desferiu um pontapé, enviando a ferradura para fora do meio-fio, onde desapareceu num esgôto. Pronto. Repelira a tôla superstição. Mas, ao mesmo tempo, não teria a sua grande sorte? Tornou a caminhar, assobiando, a fim de esquecer o incidente e recuperar coragem. Mas, se já tivera sorte... Há um ano, um acidente de trabalho o tornara sessenta por cento inválido e agora recebia uma pensão que lhe permitia escapar da atmosfera sufocante dos altos-fornos! Evidentemente, o ar da sua pensão não era um milagre de salubridade, porém o ambiente convinha muito bem ao seu temperamento. Deteve-se diante de uma bilheteria, onde uma mulher, com mais tinta no rosto que a palheta de um pintor, aguardava os candidatos à sorte grande da loteria.

Retirando a carteira e abrindo-a vagarosamente, Soso pensava: "Se aquilo, era, realmente, um bom sinal, talvez tenha sido qualquer coisa para o meu bilhete... Quem sabe?"

A mulher recebeu o décimo que êle lhe oferecia e, após um silêncio em que a emoção atingiu quase o valor do bilhete, anunciou que êle tinha direito ao mesmo dinheiro.

Soso embolsou a quantia.

— Por que não deixa uma porta aberta para a sorte, comprando outro bilhete? — indagou a vendedora, com voz fatalista.

— Não... Já que nada perdi, desta vez, prefiro gastar meus duzentos francos em outras coisas — respondeu Soso.

Afastou-se tão depressa como lhe permitiu a perna enfêrma, para fugir da mulher, que teimava em segui-lo com o olhar de seus dois olhinhos redondos, descoloridos, como os furos de uma ferradura, uma ferradura semelhante à que estava fixada sôbre a bilheteria ou à outra, submergida nas águas negras do esgôto.

Logo que dobrou a esquina, deteve-se para respirar. A grande artéria parecia indicar o pulso da cidade. Soso não tinha vontade de voltar para casa. Ninguém o esperava em seu modesto quarto de pensão, nem sequer um gato. Era proibido ter animais.

Antes de voltar para casa e de preparar para si mesmo uma boa sopa de leite, deixou-se levar pela multidão ao longo das belas vitrinas. A ostentação de objetos luxuosos detinha os passos dos transeuntes, que paravam para sonhar. Uma frágil lâmina de vidro os separava da realidade.

Mesmo que Soso possuísse aquêle necessário de crocodilo, com todos os frascos de cristal e tampa dourada, viajaria algum dia para distantes países? Talvez guardasse nêle, na falta de outra coisa, seus lenços de algodão. E aquêle vaso precioso? Não estaria melhor ali mesmo, naquela vitrina luxuosa, ornada de flores do que no seu quarto sem sol? No íntimo, Soso nada desejava do que se encontrava do outro lado da vidraça transparente. As grandes viagens nunca o haviam atraído e os oito meses de trabalho, na Alemanha, lhe haviam tirado, de uma vez por tôdas, o gôsto pelas mudanças de residência.

Nascera no subúrbio parisiense, e fôra com alegria que, depois do seu acidente, deixara a usina, para voltar à capital. Com

seu pequeno comércio de frutas, que o deixava viver, sentia-se rico de tôdas as riquezas que a cidade continha. Apenas, faltava-lhe alguma coisa indefinível, que não era a saúde. Sua perna avariada e, também, um pouco, a coluna vertebral, só o aborreciam quando o frio apertava. Nem mesmo era a saudade do passado. Crescera no acanhado quarto de um porteiro de apartamento, cargo que ficara, depois, para sua mãe, viúva de guerra, que assim trabalhara durante 15 anos. Quanto ao pai, recordava-o vagamente, por um medalhão que ainda conservava, no centro da corrente do relógio. Como todos os homens, tivera em sua vida uma primeira mulher. Fôra ela a professôra de uma escola primária suburbana, com quem viveu muito tempo.



Hesitou entre o desejo de apanhar êsse feliz presságio e a vergonha de ser observado...

— Êsse menino está muito atrasado... — diziam os vizinhos, com ar penelizado.

— Conservo-o na minha classe, a fim de que estude um pouco mais — explicava a professôra.

Tinha sido essa professôra, Mlle. Pichon, quem o apelidara de Soso, embora seu nome de batismo fôsse José. Nunca tivera noiva, ao contrário dos rapazes da sua idade. Jamais conhecera o encanto dos passeios ao luar, nem das sessões de cinema, a mão apertando outra mão. Não que as moças o evitassem, mas não sabia retê-las. Dançava mal e não sabia contar proezas imaginárias.

Por que voltavam essas recordações dolorosas, naquela tarde de maio? O sol tudo iluminava com seus raios baixos e obstinados, cobrindo de ouro as nódoas da cidade.

Soso caminhou muito tempo. Era como se voltasse a descobrir o mundo. Na verdade, apenas via aquilo que jamais olhara. O teto das casas, as janelas com as cortinas arriadas, os balcões floridos. E, por cima de tudo isso, o céu onde as andorinhas executavam seu vôo hesitante. Parou ao atingir a praça. Extenuado, procurou um banco ainda morno, de onde se levantara uma senhora gorda. Diante dêle, um casal trocava beijos prolongados como se quisesse tirar a limpo qualquer dúvida sôbre o sabor dos mesmos. Ficou ali, a observar o tremor das fôlhas ainda tenras. Êsse verde salada lembrou-lhe que já havia passado a hora de comer.

No instante em que ia levantar-se, uma mulher veio sentar ao seu lado. Para que não pensasse que estava fugindo de sua vizinhança, não se mexeu. E para assumir uma atitude mais repousada, remexeu no bôlso e acendeu um cigarro, encontrado por acaso.

— Não terá um para mim? — perguntou a mulher, com voz fatigada.

Corando e sentindo o coração bater violentamente, sem mesmo ousar levantar a cabeça para encarar sua vizinha, começou a remexer nos bolsos, mas sem resutado.

— Ofereça-me, então, um conhaque — propôs ela, com uma simplicidade de estarrecer.

Êle a acompanhou até o bar de segunda ordem, onde ela pediu um aperitivo. Para acompanhá-la pediu a mesma coisa.

— Não está zangado, ao menos? — perguntou ela no momento em que êle abria um novo maço de cigarros.

— Não pense nisso! — protestou êle.

— Você é muito gentil, mas... eu aceitaria, antes, um sanduíche.

Êle sabia que devia dizer qualquer coisa, para amolecer aquêle gêlo que havia entre êles. Mas apenas pôde balbuciar palavras indecifráveis e roucas, ao empurrar o prato para ela.

— Não imaginava que estivesse com tanta fome — confessou ela, mastigando lentamente.

— Coma mais um... — ousou êle dizer.

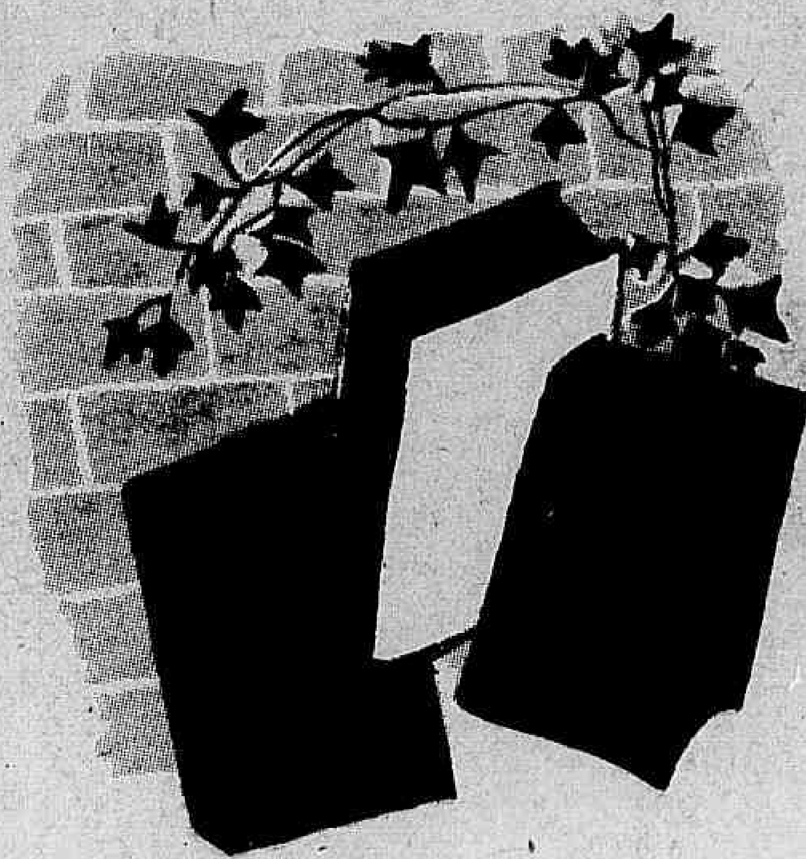
— Estou bôba! — disse ela, como se falasse para si mesma. — Acho extraordinário você ainda não ter pedido para eu contar a minha vida!

Êle esboçou um gesto, como se pedisse desculpas.

— Não sou uma mulher má, compreende? Apenas não tenho para onde ir...

Repentinamente, êle sentiu mêdo; mêdo de ser obrigado a lhe oferecer hospitalidade, de arranjar-lhe um lugar em sua vida, de deixá-la saber que tinha o corpo mutilado, coberto de cicatrizes.

— Tenho que sair... — murmurou, com ar embaraçado.



Ela o fitou entre surpreendida e suplicante.

— Fique com os cigarros... Quase não fumo — disse êle, afastando-se, quase fugindo.

Fora, a noite já havia descido sôbre a cidade. Soso caminhou, novamente só. Por que havia repelido aquela mulher, como já repelira o bom augúrio para o fundo do esgôto, como recusara deixar aberta **"a porta da**

sorte grande?" Aquela mulher tinha os olhos meigos e um ar de cão prestes a sacrificar-se por seu benfeitor eventual! Se voltasse ao bar miserável e perguntasse se ela queria ser a sua companheira? Quem sabe se, unidos, conseguiriam afogar a indizível angústia que cohabitava há tantos anos com êle? Mas não... Soso continuou a caminhar, a fugir de sua derradeira probabilidade de ser feliz.

A barulheira de um parque de diversões o atraiu para a sua órbita. Errou de barraca em barraca, como numa vertigem. Diante dêle girava uma grande roda iluminada. Acompanhando seu movimento distinguiu um número. Um instante depois comprava um bilhete e ao fim de mais outro instante punham em sua mão uma pequenina tartaruga viva.

— Aí tem o seu prêmio. Só come calada! — disseram-lhe.

— Mas, sem sal! — gritou um vadio qualquer.

— O senhor não poderia dar... outra coisa? — objetou, tìmidamente, Soso. — Outra coisa... que não fôsse viva?

A pequena multidão o vaiou alegremente. Soso fugiu, levando sua tartaruga.

Que podia fazer com aquêle animalzinho? Talvez fôsse melhor dá-lo ao primeiro garôto que encontrasse. Era de assustar a teimosia com que, num só dia, tentavam modificar a sua vida!

Entretanto, voltando para seu quarto, êle pensava que bem poderia ter retido em sua mão outra mão quente e carinhosa, em vez dessas escamas rugosas e frias. Oh! Tinha que encontrar aquela mulher! Era ela, sem dúvida, a que o destino lhe reservara.

Dois faróis luziram diante dêle. A rua estava entulhada de veículos, como um rio cheio de monstros a espera de sua prêsa.

Bruscamente, Soso não viu mais os faróis, nem vermelhos nem verdes.

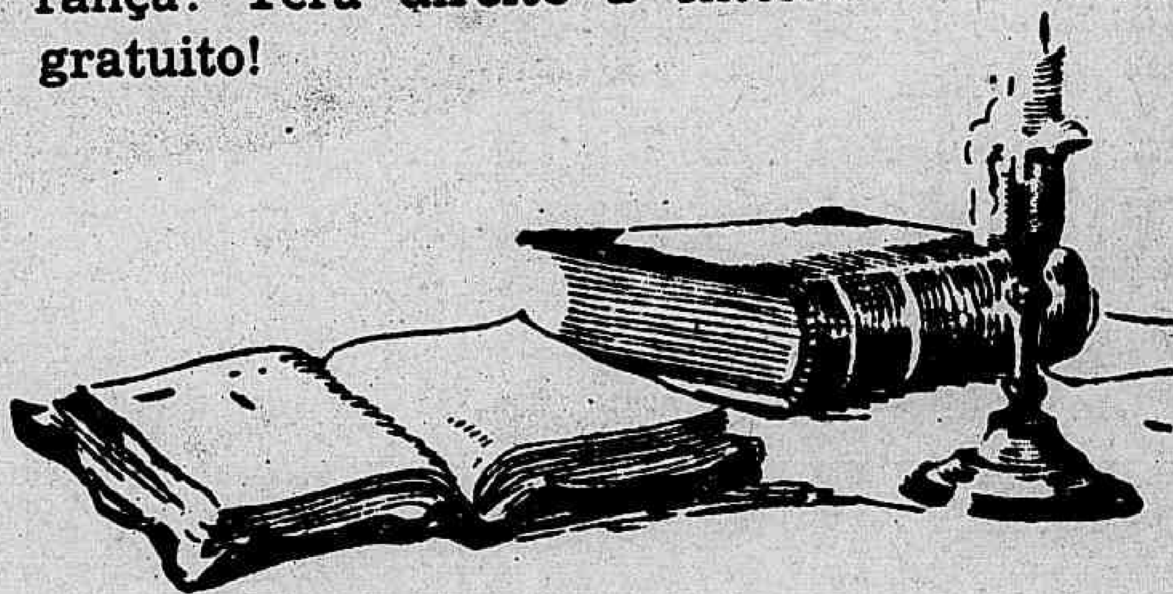


— Abram espaço! Abram espaço — pedia o guarda municipal, empurrando o grupo que logo se formara.

— Vejam! Uma tartaruga... E viva! — disse alguém.

— Sua **mascote**, com certeza! — concluiu um menino, que se ajoelhara para espiar entre as pernas do guarda. — Posso ficar com êle, **seu** guarda?

— Em todo caso — declarou sentenciosamente um senhor barbado — a vítima foi atropelada entre as faixas de segurança. Terá direito a entêrro gratuito!



POR QUE SE CHAMA "QUORUM" AO NÚMERO DE SENADORES OU DEPUTADOS, NECESSÁRIO PARA QUE SEJAM VÁLIDAS AS VOTAÇÕES?

A palavra latina "quorum" significa "dos quais" e, por conseguinte, carece de sentido determinado. Ocorre com essa voz o mesmo que com a expressão "statu quo", que também nada significa de concreto.

Uma e outra são pedaços de frase que se empregam abreviadamente. "Statu quo" dizemos em vez de "statu quo ante"; isto é: "no mesmo estado que antes", e "quorum" é, sem dúvida, um fragmento de "quorum pars fin", ou seja: "dos quais formei parte". Assim se compreende o sentido que se dá a esta palavra nas votações.



REPRESÁLIA INGLÊSA

OS sábios inglêses acabam de propor êste golpe contra os "satélites artificiais" que russos e norte-americanos projetam estabelecer a 200 quilômetros da Terra, como base para lançamento de foguetes: fazer explodir na trajetória dos mesmos obuses carregados de metralha de aço. A colisão de um satélite artificial com essa nuvem de metal o transformaria em escumadora.

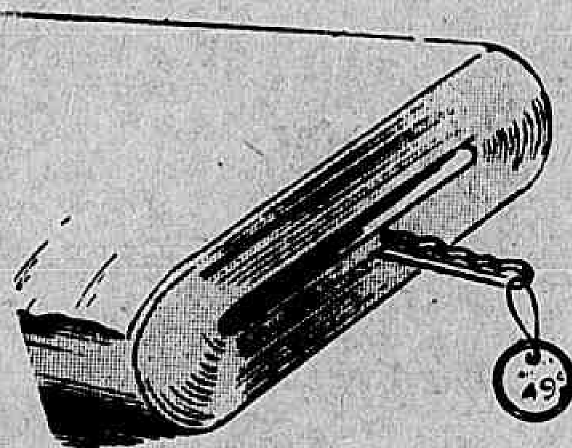
NA INGLATERRA É ASSIM



NA Inglaterra há, realmente, o cuidado constante de atender às necessidades e aos interêsses do povo. Assim, govêrno e emprêsas particulares estão sempre melhorando seus serviços públicos. Agora, uma emprêsa de ônibus resolveu colocar alças especiais em seus veículos, onde as mamães que vão passear, nos fins de semana ou nas manhãs de sol, possam transportar os carrinhos de seus bebês...

★

PARA MARCAR O PREÇO DOS TECIDOS



PARA os empregados de balcão é sempre difícil ter de memória o preço de tôdas as fazendas das prateleiras e que as mulheres pedem, indiscriminadamente, na maioria das vêzes "só para ver". Abrir as peças e tornar a enrolar, uma por uma, além de trabalho, deixa muitas vêzes o preço escondido, entre as dobras. Assim, sugerimos usar um simples grampo para cabelo de senhora, no qual se passa o cordão com a pequena etiquêta indicando o preço. É mais prático e garantido.

★

A PISTOLA... VENENOSA

EM Hollister — Califórnia, Charles Patterson, de 56 anos, chofer de caminhão, recorreu à arma mais bizarra, a fim de matar a própria mulher e praticar, em seguida, o suicídio.

Desanimado de obter a reconciliação com a espôsa, da qual estava separado, o homem comprou uma pistola d'água e, abrindo à fôrça a bôca da espôsa, nela despejou o conteúdo da "arma".

A pistola de brinquedo, porém, continha veneno e não água pura e a mulher, livrando-se do seu algoz, correu a um pôsto policial onde foi imediatamente atendida e posta fora de perigo.

O marido, ao contrário, foi encontrado mais tarde, morto, no próprio leito.

Matara-se lançando na própria bôca todo o resto do veneno da pistola.

VELOCIDADE

AFIRMAM os técnicos que certo tipo de avião poderá voar — teòricamente — a 4.827 quilômetros por hora no nível do mar e a 11.263 quilômetros por hora a 64.000 metros de altura.

Isso poderá ser conseguido graças a uma aleação de aço inoxidável e cobalto, que resiste ao aquecimento provocado por tais velocidades (777 graus). O alumínio começa a enfraquecer aos 98 graus, temperatura que adquire com uma velocidade de 1.448 quilômetros por hora, ao nível do mar.

★

ISTO NÃO É O QUE O LEITOR ESTÁ PENSANDO



SIM. À primeira vista, parece a fotografia de uma paisagem, ao cair da tarde, varrida por um tufão. Entretanto, as "árvores" e "troncos" retorcidos não passam de perigosa corrosão em fios de ferro para construção e que, por seu estado podem resultar prejudiciais, se empregados numa obra. Aumentados cem vêzes, êsses fios de ferro revelam tôdas essas falhas.

SE VOCÊ, ALGUMAS VÊZES, FICA SÓ...

DISTRAIA-SE COM O SEU CÉREBRO



NÃO há pessoa, neste mundo, que alguma vez não tenha que estar só. Podemos estar só, embora estejamos rodeados de gente, como quando viajamos. Em certas ocasiões a solidão pode ser aborrecida, como quando convalescemos ou quando uma preocupação nos impede de dormir, nas horas tranqüilas da noite. Em outras, buscamos a solidão para integrar o ritmo de nossa vida. Sentimos a necessidade de estar sós para meditar ou para sossegar os nervos. São instantes imprescindíveis em que carregamos nossas baterias psicológicas, a fim de poder reencetar a marcha e enfrentar as tarefas, deveres e responsabilidades que nos aguardam.

Em mais de uma oportunidade, necessitamos de uma leve ocupação, que nos entretenha, enchendo alguns instantes de ócio forçado, ou que nos distraia de um pensamento que ameace converter-se em obsessão.

Para tais momentos, desde a mais remota antiguidade, o homem recorreu aos jogos e quebra-cabeças, adivinhações, exercícios mentias, testes de inteligência, etc. Um enigma clássico foi o da Esfinge, monstro mitológico com cabeça de mulher, corpo de leão e asas de águia, que matava quantos passavam e não podiam responder a sua pergunta: — "**Que é o que avança sôbre quatro pés, depois em dois e, finalmente, em três?**" Édipo, rei de Tebas, foi o único capaz de responder: "**O homem; quando criança gatinha, isto é: caminha como se tivesse quatro pés; depois caminha erguido e, por fim, na velhice, necessita do apoio de um bastão.**"

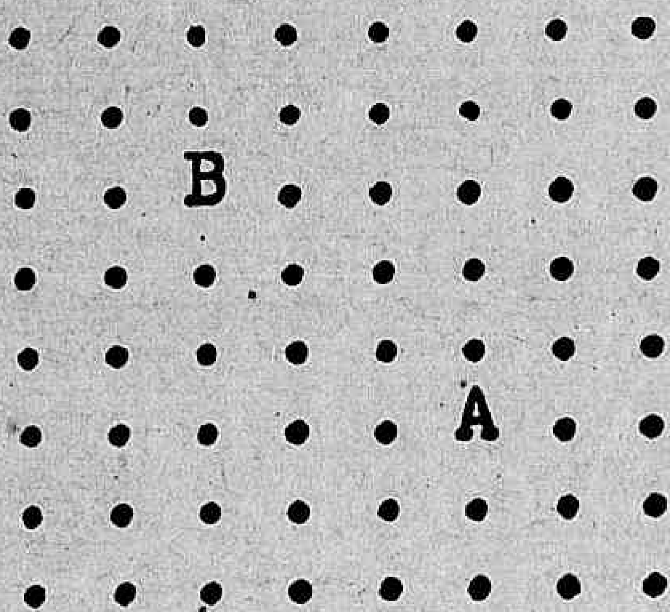
Também os filósofos das épocas lendárias gostavam de entreter-se com testes matemáticos, como aquêle de Hércules, com a tartaruga: Hércules quis apanhar uma tartaruga. Com cada passo **encurtava, exatamente, a metade da distância que o separava de sua prêsa**. Se, a princípio, essa distância era de um quilômetro, quando o herói grego alcançou o quelônio?

A solução é: NUNCA. Por mais curta que fôsse a distância existente entre êles, **teòricamente**, Hércules só poderia vencer apenas **a metade**... e sempre haveria, pois, **um espaço** entre êle e a tartaruga! A pessoa engenhosa raramente se encontrará sem saber o que fazer. Sua inventiva a ajudará a encontrar algum entretenimento. Aqui passamos a sugerir alguns, que bem podem estimular sua imaginação. As respostas exatas para que verifique se acertou, encontrará mais adiante.

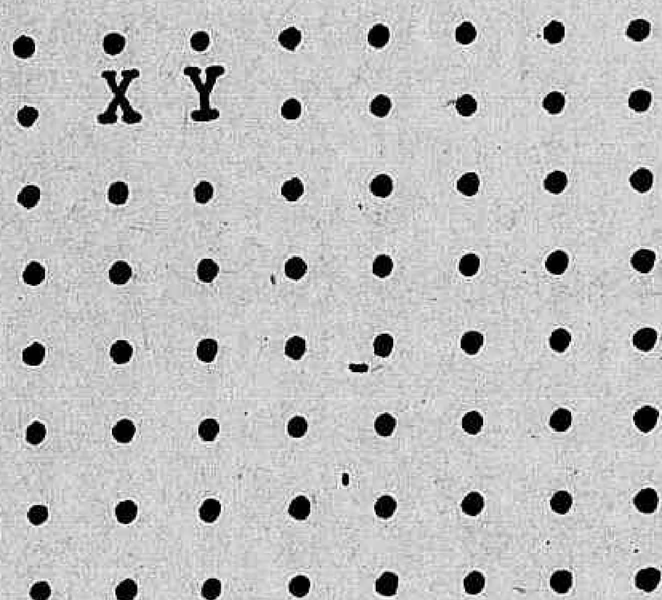


1) Com lápis e papel:

a) Comece pelo ponto A. Veja se pode unir os 64 pontos com linhas retas e ter-



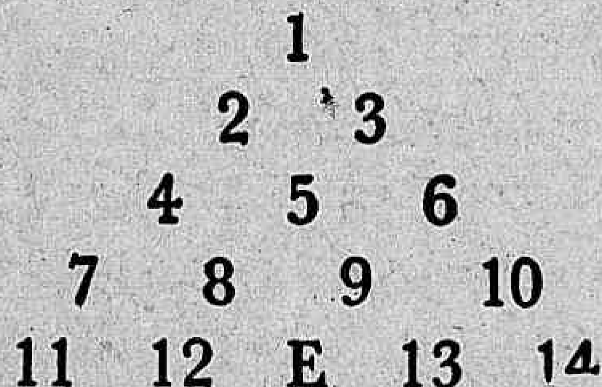
minar no ponto B. As linhas não devem cruzar-se.



b) Agora comece pelo ponto X e termine em Y. Siga as mesmas regras do problema anterior.

2) Com fichas, moedas, botões:

Prepare um diagrama como o modêlo abaixo, e coloque uma ficha (moeda, botão, feijão, etc.) sôbre cada número, porém deixe o ponto E descoberto.

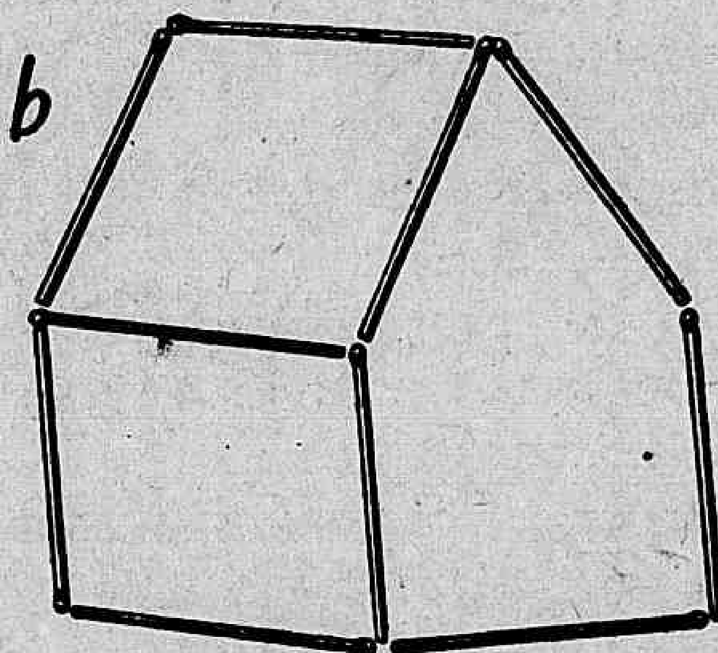


Faça saltar uma ficha sôbre outra, eliminando a ficha sôbre a qual saltou, como no jôgo-de-damas. O problema consiste em eliminar tôdas as fichas menos uma, que deve terminar no ponto E. Os saltos podem ser dados em direção horizontal e diagonal, porém nunca vertical. Por exemplo: é permitido passar (estando o segundo lugar ocupado) do 1 para o 4 e do 4 para o 6, mas não do 1 para o 5.

3) Com fósforos, alfinetes ou palitos:

a) Coloque seis fósforos (alfinetes, palitos, etc.) de maneira que cada um toque os outros cinco. (Não é permitido pôr tôdas as cabeças juntas.)

b) Com dez fósforos forme uma casinha como a indicada no clichê acima.



A frente da casa está voltada para a direita. Pode o leitor fazê-la voltada para a esquerda movendo apenas dois dos fósforos?

4) Com cartas de baralho (ou retângulos de papel, cartão, cartolina, marcados convenientemente).

Tome 11 cartas em sua ordem, desde o Ás até ao valete. Estenda-as como indica o diagrama seguinte:

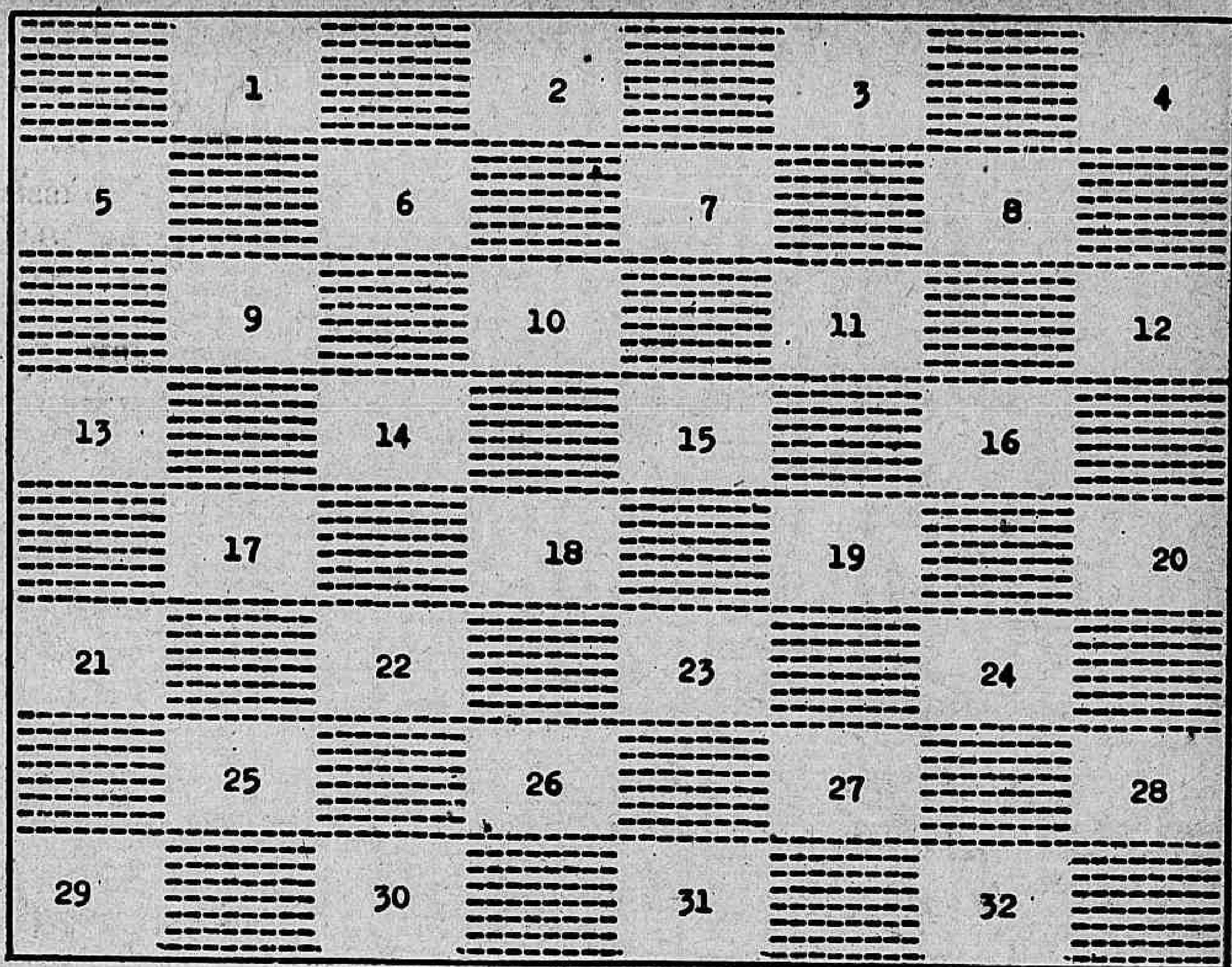
Ás	2	3	4
5	6	7	8
9	10	0.	

A última casa da direita deve ficar livre. Inverta a ordem das cartas, de maneira que fiquem assim:

D.	10	9	8
7	6	5	
4	3	2	Ás

As regras que devem ser observadas são as seguintes: é permitido correr uma carta para um lugar livre horizontal ou verticalmente, porém não em diagonal. Nenhuma pode ser movida fora do retângulo inicial. Por exemplo, ao começar o jôgo, a Dama (D) pode ser movida para o espaço livre à sua direita.

5) **Com o tabuleiro de** grama como o ao lado):



Coloque peças ou fichas nas seguintes casinhas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 16, 17, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31 e 33.

As 23 peças podem saltar para a frente ou para trás, porém sempre por linhas diagonais. A peça sôbre a qual saltam fica eliminada, como no jôgo de damas. O jôgo consiste em eliminar tôdas as peças menos uma, que na última jogada deve ficar na casa 29.

6) **A lógica e a observação podem ser suficientes para resolver múltiplos problemas**. Eis alguns exemplos:

a) **Pode casar-se uma mulher com o irmão do seu viúvo?**

b) **Ao lado do cadáver do suicida, a polícia encontrou uma carta, que dizia:** "Encontrarão meu testamento entre as páginas 115 e 116 do livro que está sôbre minha mesa de cabeceira". Porém, o comissário moveu a cabeça, declarando: "O testamento não está ali". **Como pôde afirmar tal coisa de maneira tão definitiva?**

c) **"A peça mais valiosa de minha coleção numismática** — disse o ignorante novo-rico — **é uma moeda da época do imperador Augusto, que tem a inscrição 23 A.C."**

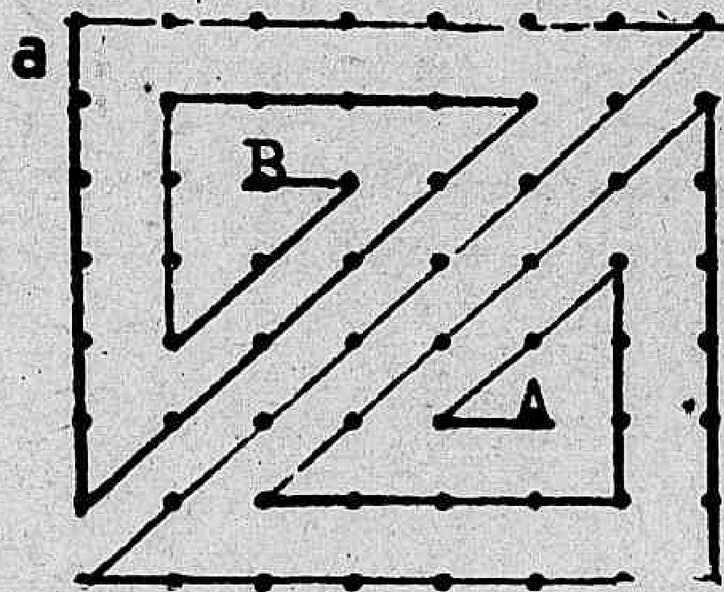
— Que disparate! — disse um dos presentes ao ouvido de um vizinho. **Por quê?**

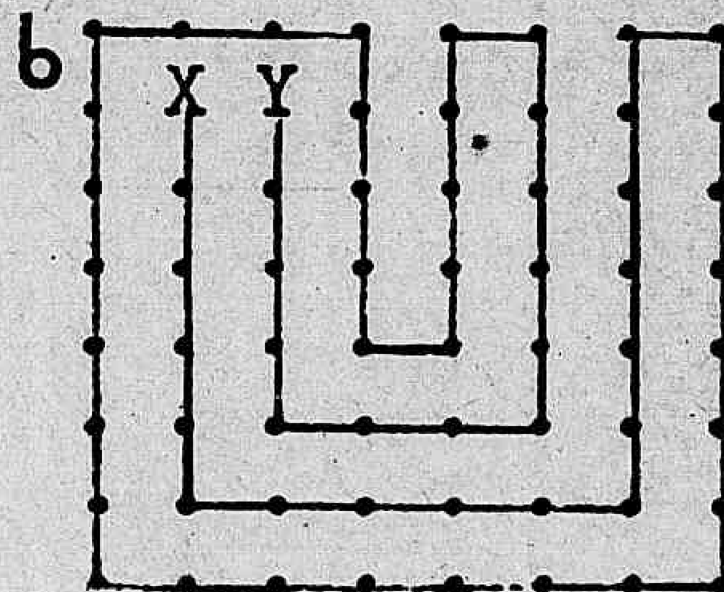
d) **Mal aspecto tem o seu cavalo** — disse um vaqueiro para seu vizinho. — **No entanto, tenho a certeza de que corre mais do que o meu.**

— Impossível! — disse o outro. — Aposto como o seu corre mais do que o meu.

O primeiro vaqueiro aceitou a aposta, mas surgiu o problema de como provar qual cavalo era mais lento, sem que seus cavalheiros o prendessem nas rédeas. **Como resolveram o problema?**

SOLUÇÕES



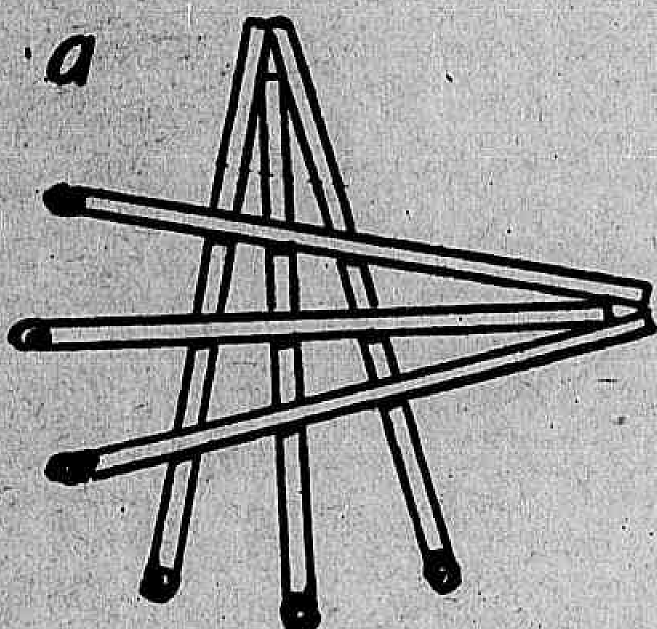


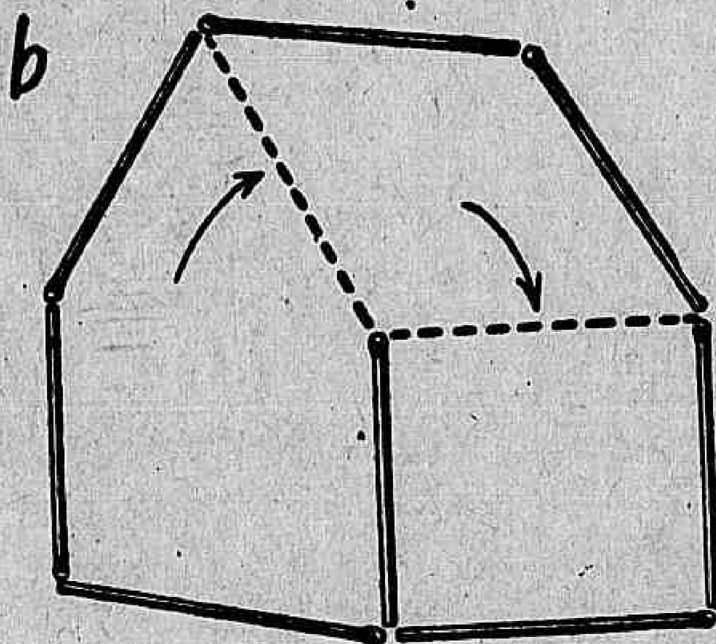
1) **Com papel e lápis.**

No clichê que publicamos acima, nosso prezado leitor encontrará a solução do primeiro teste desta série que apresentamos neste artigo.

2) **Com fichas, moedas, botões, etc.**

Salte de 6 a E, de 1 a 6, de 2 a 9, de 10 a 3, de E a 6, de 3 a 10, de 14 a 6, de 12 a 5, de 7 a 2, de 2 a 9, de 6 a E, de 13 a 12 e de 11 a E.





3) Com fósforos, alfinetes, palitos e outras coisas:

As linhas pontilhadas indicam os fósforos movidos para nova posição.

4) Com cartas de baralho:

A ordem em que devem mover-se as cartas é a seguinte: D., 10, 9, 5, 6, 7, 8, D, 10, 9, 8, 6, Ás, 2, 3, 4, D, 9, 8, 5, Ás, 2, 3, 4, 7, 6, 5.

5) Com o tabuleiro de xadrez:

Os saltos devem ir de 5 a 14, de 3 a 10, de 14 a 7, de 2 a 11, de 16 a 7, de 4 a 11, de 11 a 2, de 2 a 9, de 13 a 6, de 1 a 10, de 28 a 19, de 30 a 23, de 23 a 16, de 20 a 11, de 21 a 14, de 14 a 7, de 7 a 16, de 32 a 23, de 12 a 19, de 19 a 26, de 21 a 22, de 22 a 29.

6) A lógica e a observação, etc.

a) Se a mulher deixou um viúvo, significa que já morreu. Como, então, poderia casar?

b) As páginas 115 e 116 não se enfrentam num livro; ocupam o anverso e o reverso de uma mesma fôlha.

c) A abreviatura A.C. significa "antes de Cristo". Nenhum orgulho o cidadão do Império, naquela época, teria podido predizer a vinda de Nosso Senhor. Além do mais os anos seriam contados **a partir do nascimento de um Menino Deus em Belém, e não mais a partir da fundação de Roma**.

d) Cada vaqueiro montou o cavalo do outro.

★ ★

OS OLHOS DE MARCIANO



LOGO após derrotar pela segunda vez o "colored" Ezzard Charles, após um combate violento, em que o campeão levou a pior nos primeiros "rounds", sendo atingido duramente nos supercílios (já bastante castigados em anteriores disputas) Marciano, que já tem uma trinca de fortes candidatos para disputar-lhe o título mundial, foi examinado pelos médicos, que chegaram a esta lamentável conclusão:

Marciano está com os tecidos do rosto bastante enfraquecidos pelos múltiplos cortes recebidos em anos e anos de ringue.

Está, segundo parece, com o que se decidiu chamar "um rosto de vidro", isto é: muito frágil a ponta de rachar e sangrar à mais leve pancada. Porém, Marciano é teimoso (um dos mais valentes lutadores de todos os tempos) e já aceitou todos os desafios, esperando, é claro, continuar com o cetro de campeão.

O DIÁRIO DE FELIX LANE

De NICHOLAS BLACK

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Começa o «Diário de Felix Lane» com a primeira página de seu livro de apontamentos, na data de 20 de junho de 1937, quando o autor anuncia que vai matar um homem que não conhece, nunca viu, ignorando tudo sôbre êle: nome, aspecto, profissão, etc. Mas vai tentar descobri-lo e matá-lo, porque êsse desconhecido, guiando um automóvel de marca e número ignorados, atropelou e matou seu filho único, de sete anos, com o qual se recolhera a uma casa-de-campo, após perder a espôsa. Na polícia não há indícios, nem nos arredores da aldeia, onde o fato ocorreu. Por isso, começa a raciocinar, a fim de descobrir como agiria êle próprio, no lugar do atropelador. Indagando cautelosamente consegue saber, por um lavrador, que um automóvel foi lançado num pantanal, poucas horas depois do atropelamento de seu filho. Nêle iam um cavalheiro e uma conhecida atriz cinematográfica, Lena Lawson, seu companheiro se chama George. Decide então visitar o estúdio onde Lena trabalha, porém não antes de se transformar em Felix Lane, autor, para esconder sua identidade como Frank Cairnes. Consegue um cartão para visitar o estúdio e não tarda a conhecer Lena Lawson, a quem se apresenta como Felix Lena — anunciou sua intenção de escrever um argumento para cinema. Do seu contacto com a atriz descobre outros indícios fortes de que está na pista certa. Suas relações se estreitam ràpidamente e ela confessa que seu cunhado (George) a perseguia com galanteios. Mais tarde, pretextando precisar repousar, Felix Lane propõe-se a levá-la a Savernbridge, em sua companhia. Assim conheceria George Rattery. Indivíduo antipático, autoritário, que maltrata a mulher e o filho, menino de 14 anos. Imediatamente, notando a ligação de Lena e Felix, passa a perseguir êste último com indiretas grosseiras. Não tarda Felix a ter a certeza de que aquêle era o assassino do filho. O convívio mais aumenta o seu ódio, pois assiste como vive aquêle homem grosseiro e como sofrem todos os que o rodeiam. Tem ocasião de matar o homem que odeia, atirando-o de um precipício, mas prefere fazê-lo de outro modo, pois vem a saber que George não sabe nadar. Um acidente, com o barco do sócio de George poderá levar o assassino de Martie desta para melhor... Assim, consegue convencer George a acompanhá-lo num passeio pelo rio e para isso passa a aguardar o dia mais «favorável» aos seus planos. Antes de sair com êle, Rattery pede alguns instantes, pois tem alguma coisa que providenciar, antes de sair na canoa. Passam pela reprêsa e já em pleno rio, no lugar mais fundo, quando se prepara para realizar seus planos sinistros, uma discussão surge entre êles. Porém, quando está prestes a realizar seu plano de vingança descobre que George conhece-o detalhadamente. Lera o seu Diário e, mais ainda, roubara-o, enviando o documento para seus advogados, a fim de que o entregassem à justiça no caso de lhe suceder qualquer coisa. Depois de perigosa discussão, George obriga Felix a regressar e saltando na casa do encarregado da reprêsa, afasta-se, proibindo Felix de tornar a pisar em sua casa. Na mesma noite, George morre, envenenado, e Nigel Strangeways é procurado por Felix para que o defenda, dado que os advogados da vítima tinham enviado o Diário à Polícia. Nigel vai procurar o inspetor Blount, na Chefatura.

— Que prazer inesperado, senhor Strangeways !— disse Blount, levantando-se para oferecer a mão ao recém-chegado. — Sua espôsa está bem, espero.

— Sim, obrigado. Acompanhou-me, aliás, até cá. Uma reunião geral da velha turma, segundo parece.

— Não vai me dizer que está metido novamente num caso criminal.

— Estou, sim.

— Oh! E reserva-me uma surprêsa... Estou lendo nos seus olhos !

Mas, retardando o momento da "surprêsa", Nigel disse:

— Trata-se, pois, de um crime e não de um suicídio de pouco interêsse?

— Em geral, os suicidas não tragam garrafa e conteúdo — respondeu Blount com ar sentencioso.

— Devo entender que o conteúdo, com o recipiente, garrafa ou coisa que o valha, tudo desapareceu? Quer ter a gentileza de esclarecer? Não possuo o menor detalhe sôbre a morte de George Rattery, salvo que um certo Felix Lane — Frank Cairnes é o seu verdadeiro nome — havia premeditado matá-lo, mas falhou em sua tentativa, quer acredite, quer não. Chamemo-lo de Felix Cairnes de ora em diante, pois que é conhecido aqui com êsse nome. Se Cairnes fala a verdade, outra pessoa deve ter matado George Rattery.

— Felix Cairnes? Sim, sim... o homenzinho barbado. Escreve romances policiais, não é mesmo? É muito interessante...

Com muita prudência, o inspetor avançou mais um pouco:

— Teria o senhor tomado a causa dêsse sr. Cairnes, por acaso?

— Sim. Até que a sua culpabilidade seja estabelecida, é claro.

— Humm... Compreendo... O senhor está convencido da sua inocência, senhor Strangeways? Comece, pois, por baixar suas cartas... Será preferível e assim pouparemos tempo.

Nigel resumiu a confissão de Felix. Quando mencionou o plano elaborado para afogar George Rattery, o inspetor não pôde esconder seu nervosismo.

— Os advogados do falecido acabam de telefonar para informar que possuem um documento suscetível de interessar à polícia. Trata-se, certamente, do diário de que acaba de falar. Êsse documento é muito comprometedor para o seu cliente, senhor Strangeways.

— Melhor será ler o documento, primeiro, antes de formar uma opinião. Tenho para mim que êsse diário, ao contrário do que diz, é capaz de salvar o sr. Cairnes.

— Isso é o que vamos saber, dentro de pouco tempo, pois o diário foi enviado de forma expressa.

— Retomaremos nossa discussão mais tarde. Conte-me, agora, o que sabe.

— George Rattery morreu, vítima de um envenenamento por estriquinina. Não posso dar mais amplos detalhes, antes de ter recebido o relatório da autópsia, o que espero lá para o meio-dia. O defunto, a espôsa, sua cunhada Lena Lawson, a sra. Rattery, mãe da vítima, e Philip, o filho, tinham jantado juntos e comido os mesmos pratos. George Rattery e sua velha mãe beberam uísque durante a refeição, enquanto os demais apenas água. Ninguém mais se sentiu indisposto, além do morto, que ficou na sala-de-jantar algum tempo mais que os outros. Todos se reuniram no salão, cêrca das vinte horas e trinta, com exceção de Philip. George foi assaltado por fortes dores, dez minutos ou um quarto de hora mais tarde. Justamente alarmadas, as mulheres não souberam muito bem o que fazer; administraram-lhe um emético de mustarda, que lhe causou mais mal do que bem .Os sintomas de um envenenamento pela estriquinina são terríveis, como o senhor sabe. O médico dos Rattery estava ausente; tempo precioso decorreu antes de que pudessem encontrar outro, por telefone. Quando o dr. Clarkson chegou, finalmente, cêrca de vinte-e-duas horas — menos alguns minutos, talvez, pois estivera retido por um caso de parto até êsse instante — logo tratou de aplicar um medicamente habitual, com base de clorofórmio. Mas era muito tarde e Rattery expirou pouco depois. Poupo-lhe detalhes, preferindo dar apenas a conclusão do meu inquérito. Êi-lo: — Rattery não pudera absorver o veneno com os alimentos ou a bebida tomada durante o jantar. Por outro lado, a família tendo ido para a mesa às dezenove horas e quinze e os efeitos da estriquinina sendo quase fulminantes, parece impossível que o defunto tenha tragado o veneno antes da refeição. Resta o minuto que Rattery passou só, na sala-de-jantar, antes de ir juntar-se aos demais, no salão.

— Café? Pôrto? Não... Não se bebe um cálice de Pôrto assim, de um trago, e George teria imediatamente lançado o líquido fora, logo ao primeiro gole, pois a estriquinina é muito amarga. Tudo leva a crer que a absorção tenha sido feita em alguma beberagem naturalmente amarga.

— Estaríamos em presença de um suicídio, em fins de conta?

A expressão da fisionomia do inspetor traiu uma certa impaciência.

— Vamos, meu caro sr. Strangeways! Um indivíduo desesperado não vai reunir-se aos demais membros da família, depois de haver absorvido um veneno mortal, para oferecer a todos o espetáculo da sua agonia. Além do mais, Colesby, o inspetor local, não pôde recolher qualquer indício sôbre a maneira como Rattery tomou a estriquinina.

— A louça do jantar já estava lavada?

— Os copos e a prataria, sim. Os pratos e as travessas ainda não estavam terminados. Collesby pode ter deixado escapar um detalhe interessante... Só cheguei esta manhã. Mas...

— Sabe que Cairnes não tornou a pôr os pés na casa, depois do famoso passeio em canoa?

— Sim? Pode provar o que diz?

A pergunta do inspetor apanhou Nigel desprevenido.

— Não... por enquanto. Cairnes contou que Rattery lhe proibira entrada em casa, mesmo para arrumar as malas... Nada mais sei. Mas é coisa que se poderá comprovar com facilidade.

— Talvez... — respondeu Blount, com sua reserva habitual.

Tocou piano, com os dedos, sôbre a mesa, antes de acrescentar:

— Creio que faríamos bem indo examinar a sala-de-jantar...

I V

A sala-de-jantar dos Rattery era sombria, entulhada por um mobiliário pesado, de

nogueira, datando da época vitoriana. Blount se dirigiu, sem hesitação, para o **étagère**, de onde não tardou a chamar Nigel.

— Veja isto, sr. Strangeways.

Tendo obedecido ao apêlo, nosso herói viu um círculo poeirento, que aparentava ter sido feito por um vidro de remédio, do qual algumas gôtas tinham corrido da garrafa até à base. Blount umedeceu o dedo, calcou-o sôbre a mancha e a seguir sugou-os entre os lábios.

— Não sei, não... — murmurou. — Não sei não...

Enxugou o dedo com o seu lenço de sêda branca, antes de tocar a campainha. A criada entrou, pouco depois, com uniforme severo e um ar sisudo e reprovador.

— O senhor tocou? — perguntou.

— Chamei, sim. Você está vendo êste círculo, Annie? Pode explicar a causa?

A criada respondeu sem levantar a cabeça, com os olhos fitando o chão, como falam as religiosas.

— A garrafa de tônico do meu defunto patrão.

— E onde está essa garrafa?

— Não sei.

— Outras perguntas, comprovaram o fato seguinte: Annie Merritz tinha visto o vidro pela última vez depois do almôço, no sábado; não o vira, porém, ao retirar a mesa, depois do jantar.

— O sr. Rattery tomava seu tônico num cálice ou numa colher?

— Numa colher para sopa, senhor.

— Você lavou essa colher com as demais, no sábado à noite?

— É a cozinheira quem faz êsse serviço — respondeu Annie Merritz, num tom ofendido — Eu apenas sirvo e tiro a mesa.

— Foi você quem levou da mesa a colher usada por seu patrão para tomar êsse medicamento? — perguntou Blount com paciência meritória, que chegou a provocar o riso em Nigel.

— Fui eu, senhor.

— E ela foi lavada com as demais?

— Sim, senhor.

— Lamentável... Vejamos, agora... Quer dizer à sua patroa para vir falar comigo?

— A mãe do sr. Ratter está enfêrma, senhor.

— Hmm... Pouco importa. É até melhor assim... Quer, então, dizer a miss Lawson que venha falar comigo?

— A mãe da vítima é quem parece ser a dona da casa — observou Nigel, depois que Annie saiu.

— Muito interessante... — murmurou Blount, pensativo. — O gôsto dêsse medicamento me faz recordar um fortificante, à base de noz-vômica, que há tempos me foi receitado.

Nigel deixou escapar dos lábios um fino e longo assobio.

— Diabo! O amargo da noz-vômica explicaria como o defunto absorveu estriquinina sem o saber. E é preciso não esquecer que êle ficou um minuto só, na sala-de-jantar, depois que os demais foram para o salão. Meus cumprimentos, inspetor.

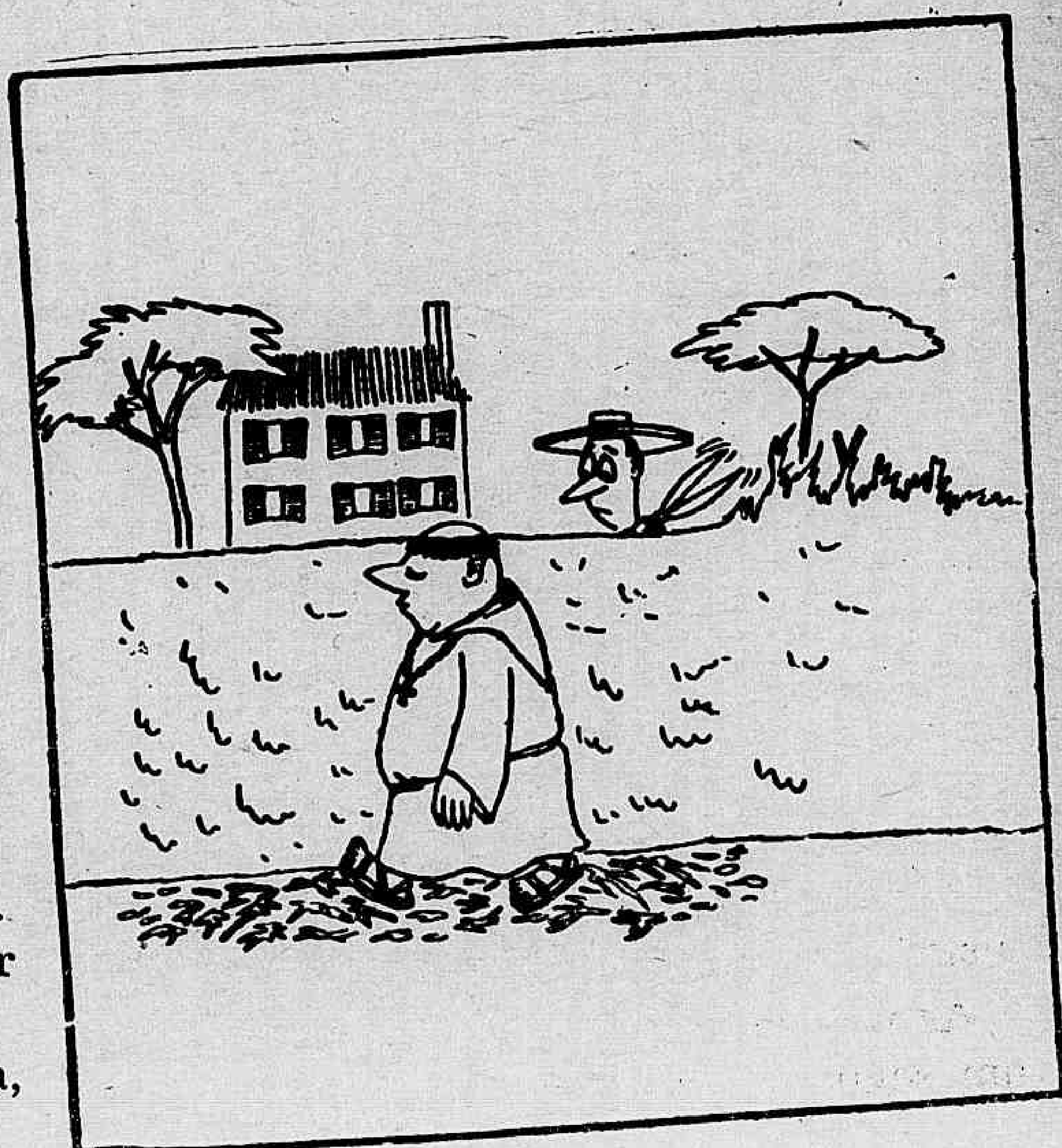
Blount olhou para Nigel, como se o medisse com o olhar.

— Continua acreditando na hipótese do suicídio, sr. Strangeways? — perguntou.

— Marcará um ponto a seu favor, se a garrafa, realmente, continha o veneno — respondeu Nigel. — Francamente, foi uma pena e, talvez, uma grande tolice, o assassino ter suprimido êsse frasco! Nada poderia criar mais a impressão de um suicídio do que isso!

— Os assassinos cometem, às vêzes, os piores absurdos, meu caro.





— De acôrdo. Mas Feliz Cairnes estaria em condições de provar sua inocência, se...

Nigel se interrompeu ao ouvir passos junto da porta. A jovem criatura que entrou não estava, certamente, em acôrdo com aquêle quadro austero; mas um raio de sol nunca é indesejável, mesmo se filtra através das grades de uma prisão, e Lena Lawson podia ser comparada a um raio de sol com seus cabelos de ouro, seu vestido de linho branco e seu espantoso **make-up**. Se já não tivesse sido avisada por Felix, Nigel imediatamente teria adivinhado que se tratava de uma atriz no curto instante em que parou junto da porta e pelo gesto de um **natural estudado** com o qual aceitou a cadeira que Blount lhe oferecia.

Depois de apresentar suas credenciais, o inspetor apresentou-lhe Nigel. A seguir, exprimiu a simpatia que sentia por miss Lawson e sua infortunada irmã. Lena aceitou as condolências com uma ligeira inclinação de cabeça; evidentemente tinha tanta pressa quanto o próprio Blount de chegar **ao fato**.

— Mas sua impaciência está impregnada de apreensão — pensou Nigel, notando a expressão exageradamente cândida do seu olhar e a maneira como seus dedos faziam girar um botão do vestido.

Blount a interrogou com paciência e bondade, passando de um aspecto do caso para outro, como um médico palpa o corpo do seu paciente, espreitando o sobressalto instintivo que revelará o sinal do mal.

Miss Lawson, realmente, estava no salão quando seu cunhado sentiu as primeiras dores. Não. Phil não estava. Graças a Deus subira para seu quarto ao sair da mesa. Ninguém saíra do salão entre o fim do jantar e o início da crise. A seguir, a veneranda senhora Rattery a enviara, ela, Lena, apanhar um copo com água e mustarda. Pouco depois, ela mesma telefonara para vários médicos, antes de encontrar um que atendesse. Não. George nada havia dito, entre suas convulsões, capaz de explicar o drama; apenas ficara deitado, agitado ou imóvel, segundo as crises e, por uma ou duas vêzes, parecera dormir...

— E durante as crises mais fortes? — insistiu Blount.

As pálpebras de Lena se abaixaram com um segundo de atraso, sem que pudessem esconder um lampejo de mêdo, que passou por seus olhos.

— Oh! Gritava de dor — respondeu ela. — O infeliz estava deitado sôbre o tapête e torcia-se como se sofresse horrores. Por favor... Não insista! É doloroso recordar.

Lena Lawson escondeu o rosto entre as mãos e desatou a soluçar. Blount bateu-lhe paternalmente num ombro, mas voltou a insistir, meigamente, embora, logo que ela se acalmou.

— Durante as crises, êle nada dizia? Não pronunciou um nome qualquer?

— Eu... Eu estive ausente do salão quase todo o tempo, procurando telefonar...

— Vamos, miss Lawson. A senhorita devia ser a primeira a compreender que perde tempo procurando esconder coisas que já ouvimos de outras testemunhas. As palavras arrancadas pelo sofrimento a um homem não podem causar mal a ninguém, se não forem corroboradas por outros fatos.

Lena acompanhou sua resposta com um olhar de desafio:

— George falou de Felix... **de Mr. Lane**! Disse, com dificuldade, frases como "**Lane... Não foi a sua primeira tentativa...**" E gritou uma maldição contra êle. Isso, porém, nada significa. Êle odiava Felix e estava fora de si, louco de dores... O senhor não pode...

— Acalme-se, miss Lawson. O senhor Strangeways poderá, segundo espero, tranqüilizá-la sôbre êsse ponto...

O inspetor Blount coçou a barba, antes de continuar, em tom confidencial:

— Na sua opinião, o sr. Rattery tinha algum motivo para praticar o suicídio? Algum embaraço financeiro? Alguma enfermidade incurável? Ouvi dizer que êle tomava um tônico...?

Lena se voltou para o inspetor com uma expressão fria, rígida, embora seus olhos revelassem grande surprêsa e de seus lábios não pudessem sair quaisquer palavras. Depois, recuperando-se ràpidamente:

— Um suicídio? O senhor, confesso, apanhou-me de surprêsa. Pensávamos, todos nesta casa, que George tinha sucumbido a uma intoxicação alimentar acidental... Mas deve ter sido suicídio. O senhor tem razão. Não vejo, porém, nenhum motivo...

Um instinto secreto levou Nigel a entender que a hipótese do suicídio de seu

cunhado não era a causa do movimento de pânico da linda criatura. Sua intuição não tardou a ser confirmada.

— O fortificante que êle tomava continha noz-vômica, segundo penso — prosseguiu o inspetor.

— Nada sei a êsse respeito.

— É claro... Mas, sabe se o sr. Rattery tomou uma colherada do mesmo, depois do almôço, como sempre fazia?

Lena refletiu um instante.

— Não posso afirmar nada. Mas, como sempre tomava, após cada refeição, penso que tomou, sem o que eu teria notado!

— Perfeitamente. Hmmm! Sua observação é muito interessante, miss Lawson.

Blount retirou os óculos e hesitou um instante, antes de prosseguir:

— O vidro com o remédio me interessa particularmente. Mas desapareceu! Êsse detalhe é que me aborrece, pois que vimos a possibilidade — **a possibilidade apenas, note bem** — de que êsse vidro tenha desempenhado um papel de importância na morte do seu cunhado. A noz-vômica é um veneno pertencente ao mesmo grupo que a estriquinina e o sr. Rattery, como deve compreender, pode ter juntado um pouco de veneno ao próprio medicamento, caso — é claro — desejasse acabar com a vida. Mas, se a explicação é exata, por que teria suprimido o vidro?

Lena retomara o total contrôle sôbre a expressão do próprio rosto? Ou nada, de fato, tinha que esconder? Respondeu, porém, hesitando um pouco:

— Devo compreender que o senhor teria concluído por um suicídio, caso tivesse encontrado o vidro do remédio no lugar do costume, depois da morte de George?

— Não iria tão longe, miss Lawson...

O inspetor tirou a sua máscara de tranqüilidade, para apoiar sôbre o final da frase:

— **Mas a ausência do frasco parece indicar que estamos em presença de um crime!**

— Ah!

A exclamação de Lena foi quase uma expressão de alívio, como se a expectativa do têrmo trágico fôsse a prova mais rude... Como se ela se rejubilasse ao saber que o pior era entrevisto.

— A senhorita não parece muito emocionada? — perguntou bruscamente o inspetor, visìvelmente surpreendido com essa calma inesperada.

— Que esperava o senhor? Que eu me derretesse em lágrimas e rolasse pelo tapête?

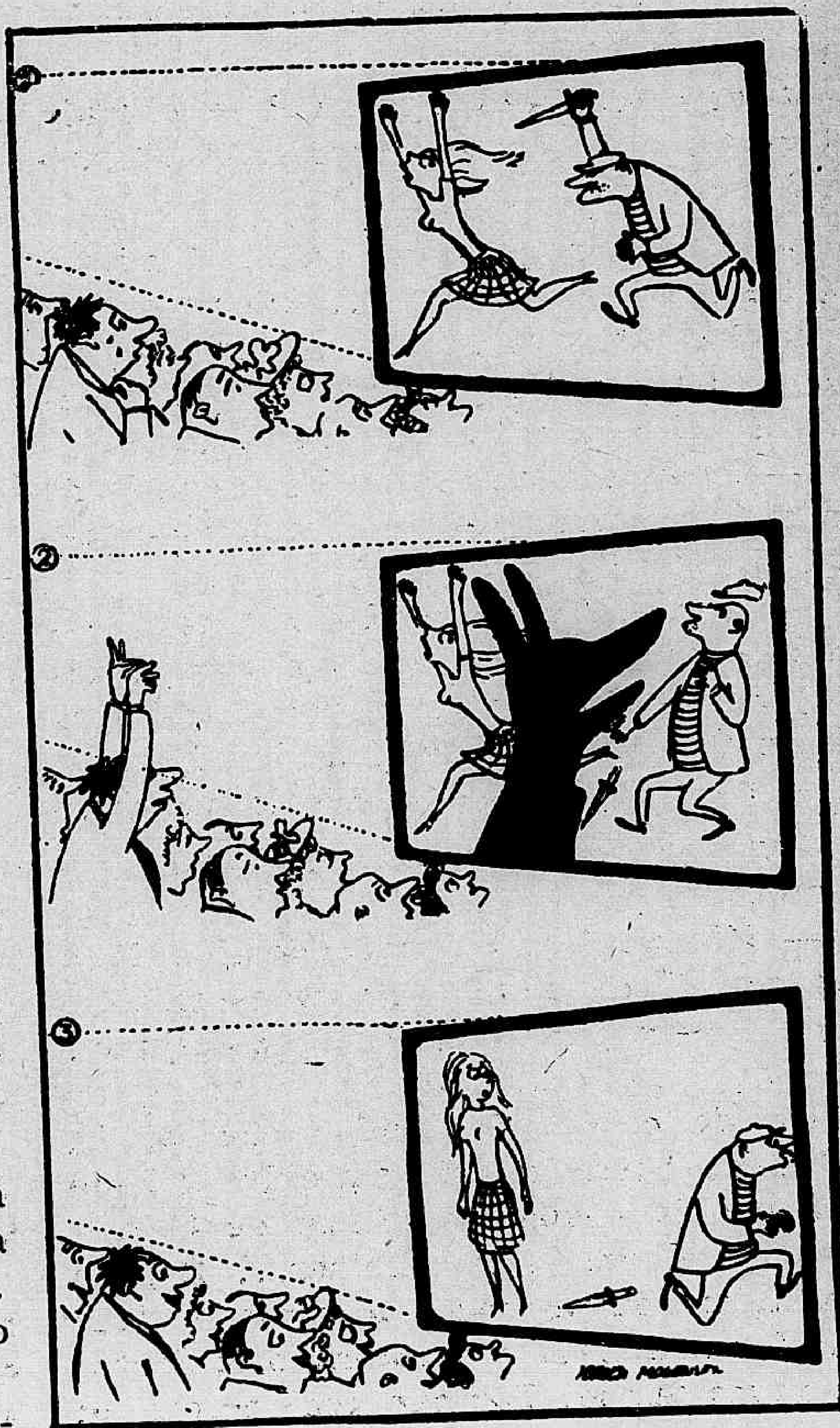
Nigel surpreendeu o olhar atarantado de Blount e dissimulou um sorriso. O ar batido do inspetor o divertia mais do que desejaria demonstrar.

— Uma pergunta, miss Lawson — disse êle. — Talvez lhe pareça alarmante, mas suponho que Felix lhe tenha dito que aqui estou para defender os interêsses dêle. Imaginou, alguma vez, que Felix alimentava, desde o início, o projeto de assassinar George Rattery?

— Não! Não! Isso é mentira! Felix é inocente!

Lena levantou as duas mãos até aos olhos,

✶



como para repelir a pergunta de Nigel. Depois, um ar de perplexidade e de terror cobriu todo o seu rosto expressivo.

— Desde o início? — repetiu, lentamente.

— Que quer dizer com isso, sr. Strangeways?

— Sim... Desde o seu primeiro encontro com êle, antes do sr. Felix vir para cá — respondeu Nigel, igualmente perplexo.

— O senhor quer saber se Felix tinha a intenção de assassinar George... **antes de conhecê-lo**? Não! Naturalmente... — articulou Lena com uma boa-fé evidente.

Porém, logo a seguir, mordendo os lábios, exclamou:

— Êle não matou George! Sei que não matou!

— A senhorita estava no automóvel de George Rattery, quando êle atropelou e matou um menino, Martie Cairnes, em janeiro último? — perguntou o inspetor Blount, num tom ao qual pareceu emprestar real simpatia.

— Oh, Deus! Os senhores descobriram, então, a verdade...

Lena curvou a cabeça, mas logo a seguir, levantou-a, para dizer, com ar de sinceridade e mágoa:

— Não tive qualquer culpa. Supliquei a George que parasse e... Êle nada quis ouvir! A lembrança dêsse drama me persegue noite e dia, sem cessar. Pobre menino! Foi horrível! Mas, por quê...

— Penso que não necessitamos mais de miss Lawson... Que acha, Blount? — disse Nigel, intervindo apressadamente.

— Sim... Talvez você tenha razão — concordou o inspetor depois de ligeira hesitação. — Uma última pergunta, miss Lawson: O sr. Rattery tinha inimigos?

— Não; que eu soubesse, pelo menos...

Logo que Lena se retirou, Blount declarou:

— Não perdemos o nosso tempo. Miss Lawson não disse tudo o que sabe a respeito do vidro desaparecido, sou capaz de jurar. E receia, realmente, que Cairnes seja o autor do crime. Mas não pôde, ainda, estabelecer uma relação entre Felix Lane e o pai da pequenina vítima de George Rattery. É uma linda mulher... É pena que teime em esconder a verdade. Mas não faz mal! Nós a descobriremos dentro de pouco tempo. Por que você perguntou se ela suspeitava de que Felix tencionava matar Rattery? Essa sua pergunta me pareceu prematura.

Nigel atirou o cigarro pela janela, antes de responder:

— Se Felix não envenenou Rattery, estamos diante de uma coincidência inacreditável. É lá possível admitir que, no mesmo dia de sua vã tentativa para assassinar Rattery, no rio, outra pessoa decidiu também matar êsse homem... e conseguiu executar seu plano?

— Uma coincidência inverossímil, realmente — disse Blount, com um sorriso cético.

— Alto lá! Não afasto a possibilidade de uma tal coincidência. Se um número suficiente de macacos tivesse brincado com máquinas de escrever durante um século ou dois, teriam escrito a obra de Shakespeare... Essa é uma coincidência científica exata. Mas, se o envenenamento de Rattery não foi uma coincidência, e se Felix Lane é inocente dessa morte, qual a única solução lógica? Esta: uma terceira pessoa devia estar a par das intenções de Felix, **por conhecer o seu diário** ou porque tenha ouvido essa revelação **do próprio George**.

— Ah! Estou vendo onde você quer chegar.

— Admitamos a existência de um terceiro informado das intenções de Felix e desejando ardentemente a morte de Gorge — continuou Nigel. — Após o fracasso da tentativa criminosa de Felix, essa terceira personagem resolveu agir por conta própria e administrou o veneno a George — provàvelmente deitando estriquinina no vidro do tônico. Nosso assassino hipotético tinha quase certeza de que as suspeitas cairiam sôbre Felix, em razão da existência do seu diário; mas era obrigado a agir imediatamente, receando que Felix deixasse Severnbridge logo na manhã seguinte. Lena era, portanto, a primeira pessoa a ser interrogada, pois que ela mesma teria sido, preferentemente, tomada como confidente por George, dado que com êle próprio partilhava o segrêdo da morte de Martie Cairnes, revelada no famoso diário. Mas creio que ela foi sincera, há pouco, quando nos deu a impressão de desconhecer qualquer ligação entre Felix Lane e o menino atropelado... De onde podemos concluir

que ela ignora a existência do diário e riscá-la, ao mesmo tempo, da lista dos suspeitos. A menos que o atentado criminal e o assassinato verdadeiro tenham sido uma coincidência.

— Mas, se miss Lawson ignora de fato a existência do diário, por que receia tanto que Cairnes tenha envenenado Rattery? Por que teme que suspeitemos dêle, quando menos?

A pergunta ficará em suspenso, enquanto nos faltar alguma outra informação sôbre os demais membros da família. Você notou a perplexidade sincera dessa moça, quando perguntei se suspeitara de que Felix alimentava desde o início o projeto de assassinar George? Essa surprêsa indica, na minha opinião, que ela ignora a existência do diário... mas conhece outro móvel, susceptível de ter levado Felix ao crime... Um móvel posterior ao seu encontro, é claro.

— Sim, é possível. Perguntarei, sucessivamente, a todos os que aqui moram, se suspeitaram, algum dia, das intenções criminosas de Felix e observarei a reação de cada um. Se alguém tentou usar Felix como pára-vento, por certo que sua emoção não escapará à minha observação.

— É uma boa idéia! Mas queria dizer-lhe duas palavras a respeito do jovem Phil — prosseguiu Nigel. — Vê algum inconveniente em que êle fique conosco alguns dias, no hotel? Minha espôsa poderia cuidar do menino, pois esta atmosfera de drama é deplorável para uma criança...

— Por mim, você tem carta branca. Vou precisar de fazer algumas perguntas ao garôto, mas não há pressa.

— Perfeito. Vou, pois, pedir à viúva que permita que o menino vá comigo para o hotel.

V

Nigel encontrou as duas irmãs no salão. Violet Rattery escrevia e Lena olhava, distraìdamente, pela janela. Depois de apresentar-se, Nigel expôs o objetivo de sua visita; a seguir acrescentou:

— Se a senhora ainda não tomou outras disposições, minha espôsa ficaria muito feliz caso pudesse cuidar de Phil.

— Agradecida... É muita gentileza... — respondeu Violeta, num tom vago. — Que acha você, Lena? Devo aceitar a amável proposta do sr. Strangeways?

Sem se voltar, Lena respondeu:

— Certamente. Seria deplorável para Phil ficar nesta casa.

— Sim, compreendo. Queria apenas saber o que Ethel pensaria de...

Lena voltou o rosto para a irmã, com uma expressão de desdém.

— Minha querida irmã — exclamou ela. — Já é tempo de você escapar dessa tutela. Quem é a mãe de Phil, afinal? É de se jurar que você gosta de ser escrava e tem a mania de obedecer, servilmente, à mãe de George!... Diabos levem essa criatura intragável! George e ela perseguiram você com ordens e implicâncias. Não! Não será com sinais e cara feia que você me fará calar — e é chegado o momento de você a colocar no devido lugar. Se não tem coragem para defender os interêsses de Phil, melhor será beber também veneno.

O rosto indeciso de Violeta revelou o conflito entre o longo hábito de submissão e a mulher verdadeira, que Lena acabava de despertar. Nigel chegou a recear que





ela fôsse perder os sentidos; mas logo tornou a levantar a cabeça e articulou com dificuldade:

— Já resolvi. Aceito e agradeço o oferecimento do sr. Strangeways e vou confiar-lhe Phil, pelo menos enquanto não decido outra coisa...

Como resposta a êsse desafio, a porta foi aberta nesse instante para dar passagem a uma senhora idosa, vestida de prêto. O raio de sol que entrava pela janela chegava aos seus pés, como se ela tivesse o poder de mantê-los em atitude respeitosa.

— Ouvi vozes falando alto — disse ela em tom de acre censura.

— Sim... Estávamos conversando — respondeu Lena.

A importante criatura fingiu não ouvir a explicação. Ficou um instante parada, bloqueando a porta com sua massa imponente; depois, avançou silenciosamente para a janela, fechando-a com gestos bruscos.

— Estou surpreendida por esta falta de respeito, Violeta! — disse ela. — Seu marido repousa no seu leito de morte, na sala vizinha, e você não pode conservar as janelas fechadas!

— Mas, mamãe...

— Fui eu quem abriu esta janela — interrompeu Lena. — A situação já é bastante penosa sem que nos obriguem a viver em completa escuridão.

— Cale-se!

— Não calarei! Ao contrário, usarei de tôda a minha energia para impedir a senhora de continuar a mandar nesta casa e a tiranizar Violeta como George e também a senhora sempre fizeram, nestes quinze anos. A senhora não é a dona da casa, faço questão de lembrar! Viva como bem quiser, no seu quarto, e deixe os outros em paz, velha bruxa!

"— A luta da luz contra a sombra... Ormuzd e Ahriman..." — pensou Nigel, observando as antagonistas. — **"A representante da luz é pouco educada, não há dúvida. Mas é sadia, fresca, não cheira a cânfora nem a ranço, não propaga eflúvios de corrupção com essa horrorosa criatura de negro. Mas será, talvez, melhor intervir...."**

Assim pensando, disse, num tom amável:

— Acabo de propor a sua nora, encarregar-me de Phil, por alguns dias...

— Quem é êsse homem? — perguntou a velha senhora, cujo ar de imperatriz havia resistido ao ataque de Lena.

Seguiram-se explicações. A sogra de Violeta opôs um veto formal à saída do neto daquela casa.

— Os Rattery jamais fugiram à luta. Nego meu consentimento. Phil tem que ficar.

Lena abriu a bôca para protestar, mas Nigel impôs-lhe silêncio, com um gesto. Violeta devia falar, agora, ou resignar-se a uma passividade eterna. Lançou à irmã um olhar súplice; depois, endireitando os ombros curvados e com uma expressão de heroísmo maternal, declarou:

— Decidi confiar Phil aos Strangeways. É ainda muito criança para ficar aqui, neste momento.

A sra. Rattery aceitou a derrota e isso, para mim, foi mais impressionante, sem dúvida, que uma explosão de cólera. Ficou um instante imóvel, com o olhar parado sôbre Violeta, depois caminhou pesadamente para a porta.

— Vejo que andaram conspirando contra mim — disse ela, antes de sair. — Estou surpreendida com a sua atitude, Violeta. Já me habituara às maneiras... venenosas de sua irmã, mas esperava que você estivesse lavada de tôda a lama da sargeta onde George a apanhou.

A porta se fechou, finalmente, sôbre a imponente e perigosa criatura. Lena apontou a língua na sua direção, Violeta baixou a cabeça e Nigel acendeu um cigarro, sentindo-se envergonhado por haver receado a matrona, por alguns instantes. "Céus! Que lar!" — pensou acabrunhado. "Que atmosfera para um menino sensível! Os pais vivendo em constante desinteligência e êsse monstro vestido de mulher, esforçando-se por dominar a situação, procurando lançar o menino contra a própria mãe e envolver todo o seu jovem espírito.

Um ruído de passos pesados, acima de sua cabeça, interrompeu suas reflexões.

— Onde está Phil? — perguntou bruscamente.

— Está lá em cima, no seu quarto, creio — respondeu Violeta. — O senhor pretende...

(Continua no próximo número)

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM FEVEREIRO DE 1955

1 — TÊRÇA-FEIRA: — Na O.N.U. e também na Câmara dos Comuns é grande a discussão em tôrno da questão de Formosa. — Na Câmara francesa receia-se que a discussão sôbre a situação na África do Norte derrube o govêrno Mendès-France. — Moscou propõe a Tóquio a normalização das relações russo-nipônicas. — O Banco de Exportação e Importação concede empréstimo à Cia. Siderúrgica Belgo-Mineira. — Gravemente ferido a tiros o sr. Salvador Ananda, governador da província argentina Eva Perón. — O presidente Somoza suspende o estado de sítio e liberta os presos políticos por motivo da passagem do seu aniversário natalício. — Prestam juramento regimental e tomam posse os novos senadores da república.

2 — QUARTA-FEIRA: — O presidente Eisenhower diz que as medidas tomadas por seu govêrno com relação a Formosa têm como objetivo evitar a guerra. — Washington exulta com a nova instrução da Sumoc, que concede novas vantagens ao capital estrangeiro no Brasil. — Resolvida a elaboração de um plano para fortalecimento do sistema defensivo ítalo-turco para o Mediterrâneo. — Decretada a vacina obrigatória contra a varíola em tôda a França.

3 — QUINTA-FEIRA: — Moscou retraída e inquieta com os novos rumos da política norte-americana em Formosa. — Periga o gabinete Mendès-France, cujas horas parecem estar contadas. — A China Comunista envia apressadamente um exército de um milhão de homens para as defesas de Xangai, temendo, por certo, uma ação mais objetiva da esquadra e da aviação norte-americanas. — Costa Rica anuncia que suas fronteiras estão novamente ameaçadas de invasão, principalmente no setor de Los Chiles.

4 — SEXTA-FEIRA: — Moscou envia nota a Roma declarando não ver com simpatia o anunciado pacto de defesa do Mediterrâneo com a Turquia. — Voltam a ser críticas as relações entre Israel e o Egito. — A região de Orleansville, na Argélia, volta a tremer violentamente, porém não havendo vítimas pessoais. — A Inglaterra indecisa sôbre a quem cabe "por direito" a posse de Formosa. — Restabelecidas as relações entre o Peru e a Colômbia, que se achavam suspensas desde o início do caso Haya-de-la-Torre. — Londres anuncia que o Paquistão, que é um Domínio, será, dentro de pouco tempo, a segunda república da Comunidade Britânica. —



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.



DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr$ 174.486.055,30

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93 - 95
Telefone 43-8968
End. Telegr.
«BANCOCIO»
Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355
AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9
AG. S. CRISTÓVÃO: R. S. Luiz Gonzaga, 173
AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367
AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7
A. COPACABANA: Av. N.S. Copacabana, 1155
AG. MADUREIRA: Estrada da Portela, 44

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SAO PAULO: Rua Alvares Penteado, 196/200. — Caixa Postal, 8213.

Cai o govêrno do presidente Mendès-France.

5 — SÁBADO: — O govêrno Nacionalista ordena a evacuação das ilhas Tachen e a Sétima Esquadra norte-americana presta ajuda nessa operação. — A França procura febrilmente um primeiro-ministro, que será o vigésimo-primeiro desde o fim da segunda guerra mundial, num clima de perigo no norte da África e de prestígio diminuído na Aliança do Atlântico em consequência da queda de Mendès-France. — O Egito anuncia sua intenção de abandonar o pacto árabe de segurança. — Revela-se que entre setembro e novembro de 1954 foram feitas novas experiências atômicas na Rússia.

6 — DOMINGO: — Protegidos pela Esquadra norte-americana os Nacionalistas começam a evacuar Tachen. — Parte de Washington para o Brasil delegação econômica norte-americana. — O govêrno egípcio revela que foi um completo fracasso a conferência dos primeiros-ministros dos países árabes. — Chiang-Kai-Shek reagrupa suas fôrças e declara que elas serão as primeiras a invadir o solo pátrio na reconquista da China e expulsão dos comunistas. — Reage o café na Bôlsa de New York.

7 — SEGUNDA-FEIRA: — Revela-se que 18 mil soldados e vinte mil civis serão evacuados das ilhas Tachen. — Iniciado o recrutamento militar na Alemanha Ocidental. — O govêrno de Dublin dirige apêlo ao de Londres, a fim de que facilite a união da Irlanda do Norte com a do Sul, evitando futuro e lamentável derramamento de sangue. —As fôrças navais de alto-mar brasileiras partem para um período de trinta e seis dias de exercícios. — Instalado o município de Volta Redonda, desmembrado do de Barra Mansa. — Grandes inundações nas terras baixas do oeste e sudeste da França põem em perigo numerosas aldeias.

8 — TÊRÇA-FEIRA: — Renuncia o general Malenkov da chefia do govêrno soviético, sob alegação de falta de competência para o cargo. — Logo a seguir é proclamado o marechal Bulganin. — Os círculos de New York recebem os novos preços mínimos fixados pelo govêrno brasileiro como o mais duro revés sofrido pela indústria cafeeira nesses últimos cinco anos. — Ruidosas manifestações de protesto, na Alemanha ocidental, durante um comício em favor da ratificação dos Acordos de Paris. — A Argentina adota medidas facilitando os investimentos estrangeiros. — Sem primeiro-ministro a França, estando cotado para o cargo o sr. Antoine Pinay.

9 — QUARTA-FEIRA: — O marechal Bulganin discursa atacando os Estados Unidos e a O.N.U. e promete completo apoio à China Comunista nas suas pretensões sôbre Formosa. — Eisenhower considera significativo e como indício de descontentamento a alteração no govêrno soviético. — O Movimento Republicano Popular recusa colaborar com o sr. Pinay, atitude que constitui obstáculo intransponível à organização de novo gabinete francês. — Grande expectativa nos Estados Unidos quanto às conversações financeiras entre êsse país e o Brasil. — O café continua baixando nos Estados Unidos.

10 — QUINTA-FEIRA: — Desiste o sr. Pinay de formar o novo gabinete francês, o que será, agora, tentado pelo sr. Pfimlin (!) do Movimento Republicano Popular. — Em razão da trégua tácita iniciada com a evacuação de Tachen, os Estados Unidos estudam o assunto com mais tranqüilidade, segundo afirma o presidente Eisenhower. — O Export-Import Bank concede crédito de 75 milhões de dólares ao Brasil para compra de equipapamentos durante os próximos meses. — Pretende a Inglaterra reforçar seu poderio aéreo, criando a maior frota aérea do Ocidente Europeu. — Deixa a Côrte Internacional de Haia o sr. Levi Carneiro. — Anuncia a Rússia que retirará suas tropas da Polônia.

11 — SEXTA-FEIRA: — O "premier" designado, Pierre Pfimlin, aceita o convite do presidente Coty para tentar formar o gabinete francês. — Churchill disposto a conversar com o marechal Bulganin, novo "premier" soviético, no sentido de manter a paz no mundo. — Terminada a evacuação de Tachen pelos Nacionalistas chineses. — Com a transferência das derradeiras tropas francesas do Viet-Nam, finda o domínio francês nesse país. — O delegado da República Dominicana pede a admissão da Espanha na Comissão Econômica da O.N.U. —

Minha esposa é para mim como uma noiva...





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de figado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

Descoberto "complot" comunista no Paraguai. — Inicia manobras de oceano o submarino atômico "Nautilus", da marinha norte-americana. — Inquietante o estado de saúde do Aga-Khan.

12 — SÁBADO: — A Rússia propõe uma conferência de paz em Formosa, com a presença, inclusive da China Comunista e da Índia. — Casam-se em Cascais a princesa Maria Pia, da Itália, e o príncipe Alexandre, da Iugoslávia. — Monsenhor João de Sousa Lima, atualmente bispo titular de Derbe, é nomeado pelo Papa bispo de Nazaré, no Brasil.

13 — DOMINGO: — Estudam os ocidentais a proposta russa para uma conferência em Formosa, realçando a imprensa norte-americana que Bulganin quer apenas conseguir a introdução da China Vermelha no Conselho de Segurança da O.N.U. — O sr. Pfimlin começa a encontrar obstáculos muito sérios à organização do novo gabinete francês. — Os comunistas chineses preparam novo golpe contra Formosa e para tal estão acumulando canhoneiras, juncos motorizados e outras embarcações perto de Matzu. — Em razão da transferência forçada de 60.000 negros de um mísero bairro de Johannesburgo para localidade construída fora da cidade, surge a ameaça de uma greve geral imediata em tôda a União Sul-Africana. — O vaticano comemora o vigésimo-quinto aniversário da sua emissora.

14 — SEGUNDA-FEIRA: — Tendo Pequim se recusado a participar dos debates, são suspensos os trabalhos destinados a sustar as hostilidades na China. — Discute o parlamento italiano o papel da Itália na Aliança do Atlântico. — Desiste o sr. Pfimlin de organizar o novo gabinete francês, incumbência que foi entregue ao socialista Christian Pineau. — Nehru apóia a idéia russa de uma conferência em Formosa. — As ilhas Tachen já estão sendo ocupadas pelos comunistas chineses. — Considerado inteiramente restabelecido da grave enfermidade que o atacou o Papa Pio XII. — Washington revela que dará tôda ajuda financeira ao Viet-Nam para salvar o país dos comunistas. — Pequim, fiada no apoio russo, fala agressivamente ao govêrno de Washington.

15 — TÊRÇA-FEIRA: — Elementos rumenos, residentes em Berna, ocupam à fôrça a sede da legação de seu país, exigindo a libertação de 5 rumenos aprisionados na Rumania. Os rebeldes ameaçam resistir à polícia auxiliada por tanques. — Misteriosa conferência do "premier" italiano, Churchill e Eden, na residência do segundo, em Londres. — Continua baixando o preço do café nos Estados Unidos. — Sem solução a crise ministerial francesa. — A Inglaterra espera possuir, dentro de 10 anos, 12 usinas de energia atômica. — Tóquio envia missão comercial semi-oficial à China Vermelha.

16 — QUARTA-FEIRA: — Os Estados Unidos apelam para a China comunista no sentido de esforçar-se por encontrar solução pacífica para a questão de Formosa. Insiste, porém, em afirmar que defenderá Formosa por qualquer preço. — Os rumenos que inva-

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição dêste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Tôdas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, êle o substituirá. Quem possuir um exemplar dêste livro tem sempre ao seu dispôr médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sòlidamente encadernado .... Cr$ 130,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Libero Badaró, 491 — Caixa Postal 258
São Paulo

Remetemos para todo o Brasil pelo reembôlso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

diram a legação do seu país em Berna descobrem que ali era antro de espionagem comunista e isso é o que revelam às autoridades suíças, embora recusando-se a abandonar o prédio. — Iminente acôrdo entre Colômbia e Brasil para a defesa dos preços do café. — O presidente Perón decide prorrogar o estado de guerra interno na Argentina, estabelecido em 28 de fevereiro de 1951. — Na França, o socialista Pineau, mesmo sem apoio da direita, parece disposto a formar novo gabinete.

17 — QUINTA-FEIRA: — Londres revela que a Inglaterra iniciará brevemente a fabricação de bombas de hidrogênio. — O sr. Pineau vai pedir um voto de confiança, o que significa que a França pode, mais uma vez, ficar sem govêrno. — A Assembléia Nacional do Panamá decide, por esmagadora maioria, submeter a julgamento o ex-presidente da República, Ramón Guizado, acusado de mandante do assassinato do presidente José Remón. — Sob violento canhoneio a ilha de Quemoy, enquanto prossegue grande movimento de tropas vermelhas ante êsse reduto nacionalista. — Nomeado Consultor Geral da República o sr. Ivo d'Aquino.

18 — SEXTA-FEIRA: — Vasos de guerra Nacionalistas afundam dez barcos comunistas numa prolongada batalha naval ao sul de Nan Tchi San, ilhota a 129 quilômetros de Tachen. — Melhora o preço do café para entrega futura. — Como era esperado, cai o govêrno do líder socialista Pineau, que não resistiu ao primeiro embate do parlamento. — Jovem casal inglês descobre que se tratava de uma união incestuosa, sendo êle, marido, irmão de sua própria espôsa. — Novos distúrbios em alguns estados sulinos norte-americanos motivados pela questão racial.

19 — SÁBADO: — Convidado o sr. Edgard Fauré para organizar o novo gabinete francês. — A preocupação



Berlim tremenda campanha contra o rearmamento alemão. — Revelam de Londres que aumenta a discórdia entre principal da Inglaterra é, atualmente, a defesa do Oriente-Médio, segundo confessa o sr. Anthony Eden. — Gênova sob tremenda tempestade que causa imensos prejuízos materiais e perdas de vidas. — Iniciada na zona oriental de as mais prestigiosas figuras do govêrno soviético.

20 — DOMINGO: — Inaugurada em Bangkok, com a participação de oito países, inclusive os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, a conferência sôbre o Tratado do Suleste da Ásia. — O secretário geral da Liga dos Rumenos Livres revela que os rumenos que invadiram a legação do seu país em Berna apoderaram-se de importantes documentos, que apontam essa legação como um centro de espionagem soviética. — Falece o escritor e poeta francês Paul Claudel.

21 — SEGUNDA-FEIRA: — A imprensa soviética ameaça os países asiáticos que se reuniram em Bangkok de severas represálias, caso assinem um pacto de ação ofensiva e defensiva com os Estados Unidos. — O sr. Valentim Bouças, chefe da Delegação Brasileira na Conferência do Gatt, declara que o Brasil reformará seu sistema tributário, mesmo que seja forçado a abandonar aquela organização. — Por grande maioria o sr. Edgard Fauré alcança um voto de confiança da Assembléia Nacional Francesa, ao revelar seu plano de formar um gabinete de coligação. — O Papa Pio XII preside a reunião da Congregação dos Ritos. — Decreto estendendo aos servidores do Ipase o abono especial temporário.

22 — TÊRÇA-FEIRA: — A Inglaterra decide recusar auxílio militar para a defesa de Formosa, depois de sérios debates entre Trabalhistas e conservadores. — Vai reunir-se a Federação Centro-Americana de Café com o intuito de sanar tôdas as divergências entre os produtores e organizar a defesa do produto. — Ao norte do território coreano, aviões russos e norte-americanos, travam rápida, mas encarniçada batalha, perdendo os russos quatro aparelhos, nada sofrendo o esquadrão dos Estados Unidos. — Desfilam os grandes préstitos das sociedades carnavalescas.

23 — QUARTA-FEIRA: — Entram em greve os pilotos da Air France. — Revela-se que será inferior à do último ano a produção mundial do açúcar. — Disposto o govêrno de Washington a fazer grande empréstimo ao govêrno italiano. — Surgem perspectivas favoráveis para o café brasileiro nos mercados da Europa e Ásia. — Explodem várias bombas na zona bancária de Buenos Aires. — Em Cuba são efetuadas dezenas de prisões relacionadas com a última intentona comunista. Volta a tremer a terra na Algéria, felizmente não havendo mortes a lamentar.

24 — QUINTA-FEIRA: — Encerrada a Conferência da Organização do Tratado da Ásia do Sudeste (SEATO). — Chegam ao Rio quarenta membros da Câmara de Comércio de Detroit. — Ameaça de crise ministerial na Alemanha Ocidental motivada pela questão do Sarre. — As ilhas de Quemoy e Matsu serão defendidas até ao último homem, segundo afirmação feita pelo generalíssimo Chiang-Kai-

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas é cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo

A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Shek, que "espera total ajuda norte-americana". — Missão comercial japonêsa tentará vender ao Brasil navios de luxo para passageiros. — Lançado ao mar em Bordéus navio da Companhia Siderúrgica Nacional — O Senado norte-americano rejeita o projeto que visava o aumento de subsídios para os parlamentares. — Evacuada pelos Nacionalistas chineses a ilha de Nanchi a apenas 40 quilômetros da China continental. — A marinha norte-americana pede ao Congresso crédito especial para a construção de mais três submarinos atômicos.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

—//—

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME..

RUA.. Nº............

CIDADE.............................. ESTADO...................

25 — SEXTA-FEIRA: — Assume o govêrno como "premier", na Assembléia Legislativa francesa, o sr. Edgard Fauré. — Segundo relatório oficial os Estados Unidos ultrapassaram a Inglaterra na inversão de capitais nas nações latino-americanas. — Graves incidentes assinalaram em Bonn a abertura da segunda sessão do Bundestag, consagrada à discussão dos Tratados de Paris. — Canhoneada a ilha de Quemoy pelos comunistas. — Aviões nacionalistas bombardeiam concentrações comunistas ao longo da costa continental. — O ministro do Exterior austríaco declara pelo rádio que o primeiro passo para um acôrdo entre os três grandes seria a assinatura do tratado de paz com o seu país. — O govêrno rumeno ataca enèrgicamente o govêrno suíço, devido à invasão da legação daquele país em Berna. — Presta juramento o presidente de Cuba, Fulgêncio Batista. — De 168.930.000 a atual população dos Estados Unidos. — Quinze pessoas morrem e 46 ficam desaparecidas em consequência de violenta tempestade no Japão.

26 — SÁBADO: — O Bundestag aprova o protocolo que põe têrmo ao regime de ocupação da Alemanha Ocidental. — Quatro navios comunistas afundados num inesperado ataque à ilha nacionalista de Wuchin. Também as baterias nacionalistas bombardeiam a costa da China Continental. — O Senado iraniano ratifica o pacto de defesa turco-iraniano. — Israel protesta enèrgicamente contra êsse pacto que considera "um sinal de más intenções contra suas fronteiras". — Bastante severo o inverno em tôda a Europa. — Grande sêca assola todo o norte do território tunisiano. — Revela-se que Paul Claudel prometera, pouco antes de morrer, escrever a versão francesa do Hino do Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro.

27 — DOMINGO: — Inaugurada em Nova Orleans, a I Conferência Interamericana de Inversões. — Procura a China, por intermédio da Birmânia, um início de aproximação com os Estados Unidos. — Chega a Indo-China o sr. Foster Dulles, que se destina a Formosa. — Novos e violentos atentados terroristas na Tunísia, morrendo um sargento e quatro soldados franceses. — Volta a vomitar fumaça e lava o vulcão Stromboli. — Eleições gerais no Japão.

28 — SEGUNDA-FEIRA: — A China comunista, por intermédio da Birmânia, dirige convite aos Estados Unidos para que enviem um representante extra-oficial a Pequim.

UMA QUESTÃO DE DINHEIRO

(Cont. da pág. 18)

Ângela o observava, com a cabeça um pouco pendida para um lado e em seu rosto havia assombro. Não podia compreender o que acontecera. Durante a sua crise de nervos, sentira-se humilhada por Jimmy estar ali, vendo tudo — principalmente Jimmy! Era tão vergonhoso, como se o seu namorado a tivesse surpreendido em camisola. Porém, logo que ela passara os braços em redor dos seus ombros, quase o odiara. No entanto, agora que tudo passara, até gostava de ter Jimmy ao seu lado. Como se o acanhamento tivesse desaparecido entre êles... Como se fôssem mais íntimos, mais amigos...

Arrastou-se pelo balanço até ficar mais perto dêle, tocando-lhe num braço. Era um braço magro e ossudo, mas bastante confortável para nêle encostar a cabeça.

— Pare de limpar essa corrente — disse Ângela. — As unhas estão ficando muito sujas.

AQUELA, também, era uma observação muito familiar, mas Jimmy aceitou o conselho tranqüilamente. Apenas comentou, risonho:

— Você também não parece visitar muito a manicure — disse, apontando para as unhas dela, onde o esmalte estava roído. — E as garôtas, sim, devem ter as unhas bonitas!

— **Okay** — disse Ângela. — Não vamos discutir, Jimmy.

— Isso! Que tal se formos até ao bar, tomar uma soda?

Ângela sorriu para êle, agradecida.

— Não agora — murmurou. — Vamos ficar aqui mesmo, sem fazer nada. Nem mesmo conversar. Apenas ficar sentados.

Encostou-se um pouco mais ao braço dêle, sentindo-se mais calma e confiante. Por alguns minutos não trocaram palavra. Sentados ficaram, com as mãos enlaçadas.

Sempre ficavam assim, de mãos unidas, quando iam a um cinema; mas, instintivamente, um e outro sabiam que **agora** era diferente! Todos os namorados ficam de mãos dadas no cinema. Agora era diferente, sim! Significava **mais alguma coisa. E era melhor que quaisquer palavras**.

A porta dos fundos bateu e Ângela viu o pai encaminhar-se para o automóvel, que sempre ficava encostado ao portão do jardinzinho. Acenou para Ângela, carinhosamente.

— Até logo, garôta — gritou. E logo tratou de entrar para o "sedan". Sua mãe também apareceu, caminhando até à beira da calçada.

— Vamos dizer a Ângela que tudo já passou — cochichou para o marido.

— Ela está com o namoradinho — disse êle, apressadamente. — A esta hora já esqueceu a nossa discussão. Deixe-a só.

E acionou o motor.

— Não volte tarde, querido! — gritou a espôsa, enquanto êle, pondo a cabeça fora do veículo, beijava-a no rosto.

— Vou fazer o possível, meu bem — respondeu êle. Depois, pisou o acelerador e partiu.

Ângela, embora às escondidas, tudo observava ansiosamente. Viu quando a mãe acenou para o automóvel que se afastava e, depois, encaminhou-se para a porta dos fundos. Por um instante pensou que sua mãe se aproximasse para lhe dizer alguma coisa, mas, aparentemente, no último instante, decidiu não fazê-lo. Parou um momento, no degrau da escadinha, sorriu para Ângela e para Jimmy e logo depois entrou para a cozinha.

Ângela, ocupadíssima com os próprios pensamentos, não mexia um dedo. Continuava a segurar a mão de Jimmy e a pressão de seus dedos começava a provocar dormência.

— Afinal? — disse Jimmy, após um longo silêncio. — Quer ou não ir tomar uma soda?

— Quero sim...

Levantou-se e, repentinamente, segurou Jimmy por um braço.

— Com certeza... você tem dinheiro bastante? — perguntou, com grande interêsse.

— Não costumo convidar uma garôta para tomar soda, se não tenho dinheiro! — respondeu Jimmy corando e parecendo ofendido.

— Está bem, esta bem... — disse Ângela apressadamente. — Desculpe. Por favor, Jimmy, não briguemos por causa de dinheiro!

QUEBRA CABEÇAS

DR. LAVRUD
DIRETOR

DR. LAVRUDINHO
SECRETÁRIO

ANO XXXVIII — N.º 11 — ABRIL — 1955
DICIONARIOS ADOTADOS — GUSTAVO BARROSO — PEQUENO BRASILEIRO — 9.ª EDIÇÃO — DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS — DE LIDACI — MONOSSÍLABOS DE JAPYASSU E DE ZYTHO — PROVÉRBIOS ORIGINAIS DO DR. LAVRUD E PROVÉRBIOS DE LAMENZA

SENDO ESTA SEÇÃO DE DIFUSÃO DO CHARADISMO, NÃO PUBLICA TRABALHOS DIFÍCEIS

MAIO-JUNHO
2º TORNEIO — ABRIL-

ENIGMAS

— 1 —

Estava eu com Maria
Quando sua prima Vera,
Com um pau se divertia,
Batendo numa pantera.

Maria, branca de mêdo,
Gritou, ao notar a fera
Irritada com o brinquedo:
Onde está a **primavera**?

Tonnew (Cascadura)

— 2 —

A pergunta, lá no fecho,
A resposta, que diacho.
Praz-me saber o desfecho;
Onde achar o **despacho**?

Seamva (Santos)

— 3 —

Tôda mulher que nos queira
Com um beijo entontecer
É reles droga de feira
Pra qualquer um se vender.

Eu não creio na constância
Duma mulher ardorosa,
Prefiro a doce fragrância
Da mulher **cariciosa**.

Ruvina (Pôrto)

— 4 —

Demonstra ser buliçoso
E tem grande propensão
Para ser escandaloso
No meio da multidão.

Surge, às vêzes, a cantar,
Sob a máscara de um justo,
Mas as moças do lugar,
Tremendo, fogem de **susto**.

Gil Vírio (Andradina)



CHARADAS NOVÍSSIMAS

5 — Duas-três — Homem que **come** com **dificuldades** fica **alto e muito magro**.
Antomar (João Pessoa)

6 — Uma-duas — **Noutro tempo** eu dava muita **atenção** a um **indivíduo vestido com excessivo apuro**.
Beatriz Cardoso, (S. Paulo)

7 — Três-uma — O pai que **maltrata** o filho, infligindo-lhe um **sofrimento físico ou moral**, não passa de **espancador**.
Cysnerense Júnior (Viçosa)

8 — Duas-duas — Na **réplica** o **semblante** do promotor evidenciava **retratação**.
Dr. Legnar (Urupês)

9 — Uma-uma — A **nota** oferece a **mulher encantadora**.
Duque de Nancy (Rio)

10 — Duas-duas — **Neste lugar** há um **indivíduo maçante** que ninguém **aprecia**.
Dr. Zinho (S. Paulo)

11 — Três-duas — Homem **mal feito de corpo** e mulher **de mau humor**, casal feliz.
Jorela (Curitiba)

12 — Três-uma — Pelo **modo** de agir **sòzinho**, frente ao pe-

A você interessa!

Nova Lei do Inquilinato — com Formularios — Cr.$ 35,00	NOVA LEI do IMPOSTO de RENDA Cr.$ 50,00

Fornecemos: Decretos, Leis e Acórdãos - solicite-nos

Codigo do Processo Civil e Leis posteriores Edição 1954 Cr.$ 120,00	Consolidação das Leis do Trabalho Cr.$ 95,00
Consolidação das Leis do Imposto do Selo Cr.$ 50,00	Legislação de Previdência Social Edição de 1954 - Obra completa Cr.$ 300,00
CODIGO ELEITORAL Cr.$ 20,00	EXTRANUMERARIOS E SEUS DIREITOS Cr.$ 20,00
NOVA LEI DO CAMBIO Cr.$ 30.00	SALÁRIO MÍNIMO Cr.$ 20,00

Peça pelo reembolso ao Instituto Documental - IDÊ
Caixa Postal, 1774 - Rio de Janeiro - End. Tel. REGÊNCIA

rigo, é que se conhece o homem **valente**.

Malba Tantan (Santos)

---

13 — Duas-uma — **Êle prova**, porém **admite** que foi uma **indireta**.

Seamva (Santos)

---

14 — Uma-uma-três — **O escravo que leva o parassol, apesar de** caminhar tanto **sob** as **ramarias dos arvoredos, só** almoçou um **bife com alfaces**.

Tonnew (Cascadura)

Para o Bisilva:

15 — Duas-uma — Na **lista** de soluções do **Eu Sei Tudo** tem um ponto em **branco, mas** suponho que a decifração seja **cucura**.

Debrito (Recife)

---

16 — Duas-uma-uma — Fraturei a **rótula do joelho** por **causa** da queda da **árvore** e ainda levei uma **surra**.

Segon (Rio)

---

17 — Duas-duas — **Pessoa cruel** e **selvagem** ou **pessoa muito estúpida** não passa de um **animal feroz**.

Paulistinha (Rio)

LOGOGRIFO — 18

Grato, mui grato, ao meu amigo El Principe.

Essa horrível **elevação** — 3-11-8-6-7-5-9
No preço dos alimentos
Devora a população — 5-1-10-4-7-9
Causando sérios tormentos.

Não tem a casa **abastada** — 2-4-8-7-1-10-9
O **"homem"** da atualidade — 1-7-2-6-3
Exceto, algum camarada,
Que fôr **rico** de verdade.

Bisilva (Manaus, Am.)

CHARADAS CASAIS

19 — Duas — Fica em **êxtase** quem **rouba** pela primeira **vez**.

Asil, ACCB (Salvador)

---

20 — Quatro — Estou **duvidoso** quanto à multa a ser **aplicada**.

Bisilva (Manaus)



JUVENTUDE
ALEXANDRE



21 — Quatro — **É** digno de compaixão o marido que procura a **reconciliação**, mesmo sabendo que a espôsa não se **reconcilia**.

Cysneirense Júnior (Viçosa)

---

22 — Três — Na **travessa que se pregava nas portas das casas penhoradas**, o fiscal deixava pendurado um **chinelo** velho.

Dr. Legnar (Urupês)

---

23 — Três — Via-se perfeitamente que o campo para **tourada** fôra construído sòmente com uma **espécie de cascalho**.

Edur G. Monteiro (Cuiabá)

---

24 — Três — Uma **multidão compacta de gente** não se **comprime** sem fôrça.

Fiote (Cuiabá)

---

25 — Três — Por teres **entornado** o tinteiro, inutilizaste **a antiga composição poética de seis sílabas**.

Heron Silpes (Canavieiras)

---

26 — Duas:

O que **cuida** de educar
Para a Pátria a mocidade,
Tôda **atenção** deve dar
A tão alta dignidade.

J. D. Mingo, Senhor do Bonfim

---

27 — Três — Quem constantemente **provoca disputa** vive sempre em **embaraço**.

José Coelho Vieira (Maceió)

---

28 — Três — O soldado que se **desarma** fica **desprevenido** para a luta.

K.T.Q.Z. (S. Paulo)

---

29 — Três — A polícia só prendeu o autor da **desordem** porque êle tinha uma **verruga** no nariz.

Mavicaro

---

30 — Duas — Homem **de poucas palavras** não vai em **conversa** fiada.

Manduca, ACCB (Salvador)

---

31 — Quatro — Acabam de contratar casamento um **notável** soprano com um **famoso** tenor.

Oarcim (Rio)

---

32 — Três — Quem nos

importuna, é **pessoa importuna**.

Pompeu Júnior (Botucatu)

———

33 — Quatro:
Quem no **êrro** permanece,
Quem no engano sempre vive,
Nesta vida rola, desce,
Por um **terreno em declive**.

R. Kurban (T.B.) S. Paulo

———

Ao Prof. Nimbus, com estima:



34 — Duas — O primeiro acontecimento do dia, após o **almôço** foi a espetacular fuga daquela fera **furiosa**.

Zenon, T.E.O. (Ouro Fino)

———

35 — Três — Saúdo aos **velhos** confrades do **Eu Sei Tudo**, admirado de sua perseverança e da tenacidade de seus **esforços** em prol do charadismo luso-brasileiro!

Calpetus (Santos)

★

CHARADAS SINCOPADAS

36 — Três (duas) — **Pessoa astuta** sempre fica na **calada**.

Antomar (João Pessoa)

———

37 — Três (duas) — Aquêle **tolo** rasgou o meu **poncho de vicunha com as pontas franjadas**.

Beatriz Cardoso (S. Paulo)

38 — Três (duas) — Você com a **ordem escrita de pagamento** em mão, não precisa abrir **luta** com o devedor.

Emidlej, ACCB-DSP (P. Alegre)

———

39 — Três (duas) — No **rancho** só **bebo** chimarrão.

Fusinho (Bangu)

———

40 — Três (duas) — Diz o beberrão: Mostro **indiferença** a tudo quando **me embriago**.

Gomes Jr., C.E.C. (Maceió)

———

41 — Três (duas) — Homem **desabrido e corajoso!**

Iris (T. Otoni, Minas)

———



42 — Três (duas) — Se alguém me der uma **almofada cheia de penas** como presente de aniversário, com muito prazer eu **aceito**.

José Coelho Vieira (Maceió)

———

43 — Três (duas) — Menino **traquinas** não entra em **armazém, no Japão**.

Laranjeirense (Aracaju)

———

44 — Três (duas) — A **opressão** é a arma dileta do **caudilho**.

Malba Tantan, P.S. (Santos)

———

45 — Três (duas) — É num **cordão** que êle **põe a secar ao fumo**, as castanhas.

Oarcim (Rio)

46 — Três (duas) — Foi reclamada **urgência** no julgamento da **ação**.

Pompeu Júnior (Botucatu)

———

47 — Três (duas) — Essa **maquinação** foi engendrada por um indivíduo **astuto**.

P. Del Debbio (S. Paulo)

———

48 — Três (duas) — Neste **divertimento** gasta-se muita **energia**.

Seamva (Santos)

———

49 — Três (duas) — Comprei um **guarda-louça** por uma **libra esterlina**.

Santorum (Rio)

———

50 — Três (duas) — A rainha do rádio ficou tôda **cheia de si** com a coroa de **engaste de pedra preciosa**.

Uedoth (Niterói)

———

51 — Três (duas) — Com **franqueza**, não conheço a **ave cuja cauda é em forma de lira**.

Debrito (Recife)

———

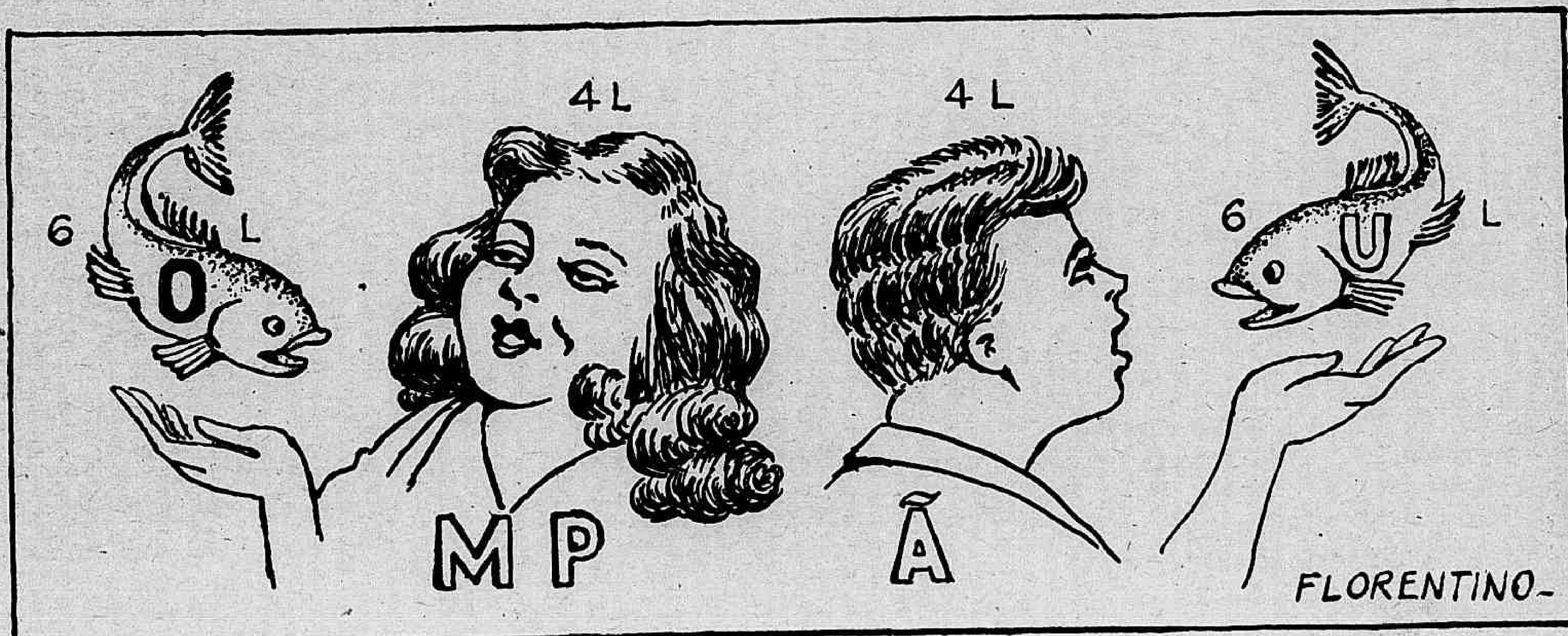
Ao Sertanejo II, com um abraço.

52 — Três (duas) — Quero que você me **responda** o seguinte: qual o **nome dado ao gado manso que contém o gado malhadeiro e fugidio?**

Zigomar, T.E.M. (B. Horizonte)

★

ENIGMA FIGURADO — 53



Florentino (João Pessoa)

ENIGMA FIGURADO — 54

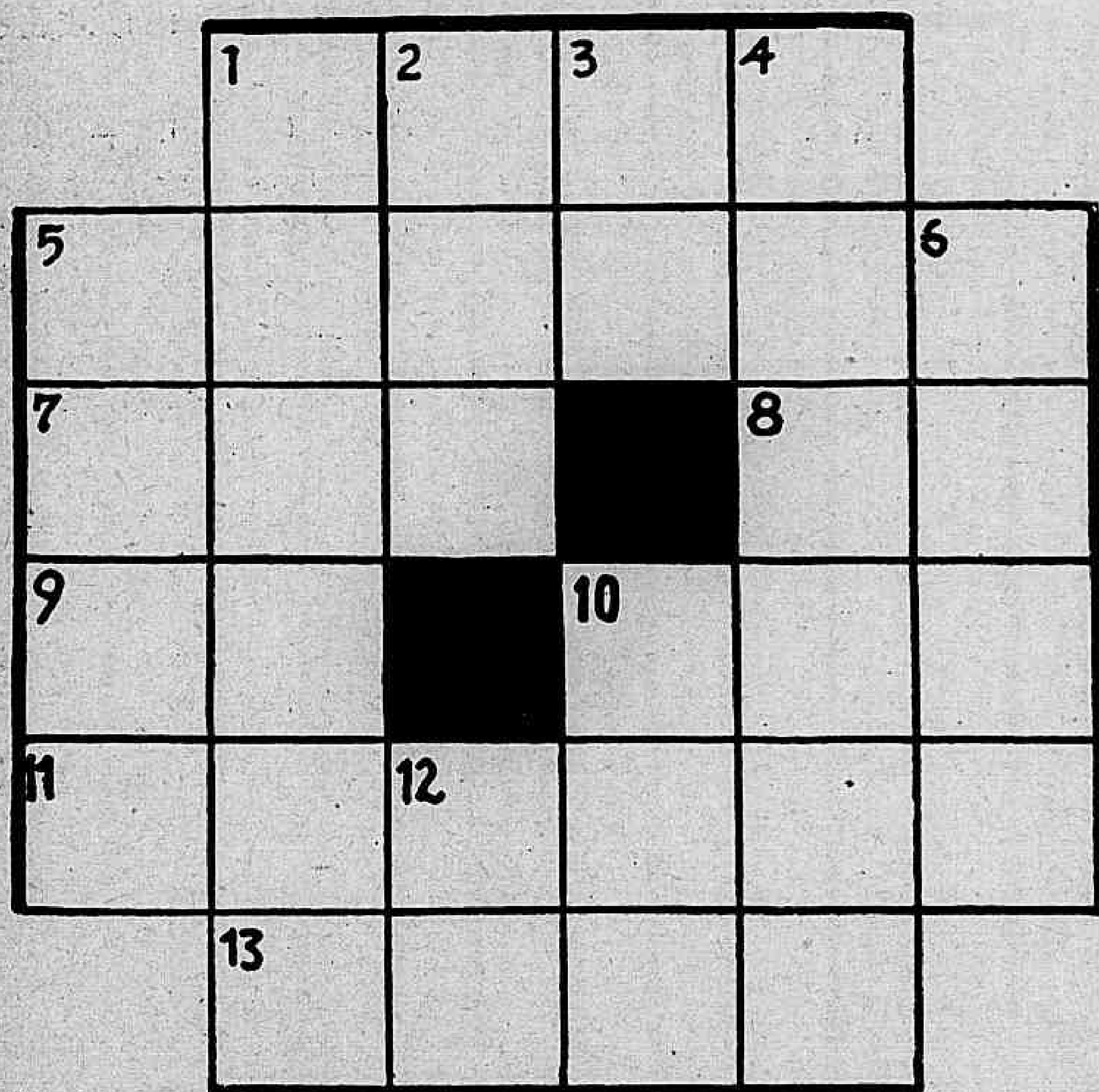


P. Del Debbio, CEP (S. Paulo)



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 1



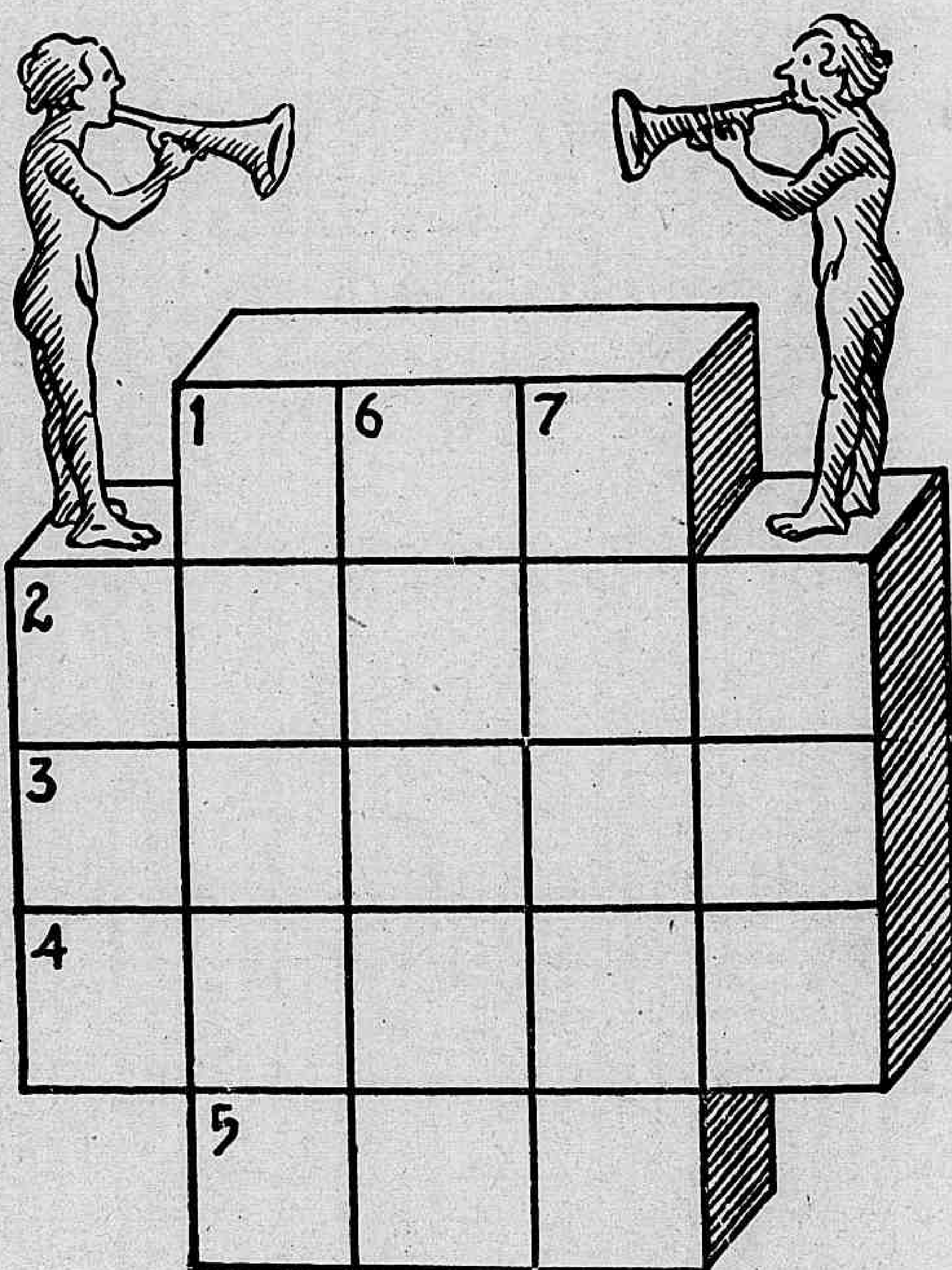
Ao bamba Gomes Júnior.

José Coelho Vieira (Maceió)

Horizontais: — Moeda portuguêsa, correspondente a 10 réis no tempo de D. João I; 5 — Adiantar-se; 7 — Nome próprio masculino; 8 — Origem dos sêres (mit. amaz.); 9 — Achei; 10 — Medida linear equivalente a 200 braças, na Indo-China; 11 — Acolhe; 13 — Parte do facão entre o cabo e a lâmina, com a forma de S.

Verticais: 1 — Prazer; 2 — Nome próprio masculino; 3 — Cidade da Arábia; 4 — Marcha coleante da máquina do trem de ferro; 5 — Preparado farmacêutico, espécie de geléia, em que entra sumo de frutas e suco de carne; 6 — Convém; 10 — Do lado de cá; 12 — Símbolo do osmio.

PROBLEMA Nº 2



Nelson Bernarde (S. Paulo)

Horizontais: 1 — Pessoa astuta e ladra; 2 — Terra estéril pobre de humo; 3 — Chama; 4 — Feio; 5 — Parte.

Verticais: 1 — Canoa de casca de madeira usada pelos índios (pl); 2 — Cano de moinho; 6 — Voltaria; 7 — Evitei; 8 — Escudeiro.

2º TORNEIO DE 1954

SOLUÇÕES

1 — Escalfúrnio; 2 — Lurido; 3 — Machucho; 4 — Vazante; 5 — Capela; 6 — Pileta; 7 — Cerrito; 8 — Corrida; 9 — Peceta; 10 — Confete; 11 — Fervura; 12 — Cahiva; Conduta; 14 — Mansidão; 15 — Confôrto; 16 — Corredor; 17 — Caboclo Vermelho; 18 — Pervenco; 19 — Postres; 20 — Gato pingado; 21 — Donairear; 22 — Dúvida; 23 — Média; 24 — Evadir; 25 — Creca; 26 — Pedra braba; 27 — Espanta rato; 28 — Catalupa; 29 — Caçaneta; 30 — Gravata; 31 — Refrega; 32 — Tuíras; 33 — Pessoa; 34 — Escova; 35 — Gandula; 36 — Jambicá; 37 Metafísica; 38 — Largado; 39 — Mascaro; 40 — Cediço; 41 — Goga; 42 — Seca; 43 — Responsa 44 — Redivivo 45 — Cocho 46 — Andado; 47 — Maluco; 48 — Ascético; 49 — Peixe de botequim, para ti e não para mim; 50 — Demanda o demo manda; 51 — Muchachada; 52 — Precioso; 53 — Ergastulo; 54 — Declarado; 55 — Calaveira; 56 — Grosseiro; 57 — Escolho; 58 — Partida; 59 — Matinada; 60 — Corra; 61 — Pontada; 62 — Mofina; 63 — Mágica; 64 — Esturdia; 65 — Petisca; 66 — Corisca; 67 — Lata; 68 — Queda; 69 — Partido; 70 — Encerro; 71 — Inferna; 72 — Santa Vitória; 73 — Manégostoso; 74 — Poterna; 75 — Vagareza; 76 — Bombachata; 77 — Colacia; 78 — Nefasto: 79 — Dragômano; 80 — Gloriabundo; 81 — Trobada; 82 — Sobreloja; 83 — Rabaçaria; 84 — Desarrisca; 85 — Rodilha; 86 — Coroque; 87 — Lúdrico; 88 — Goteira; 89 — Parcela; 90 — Sinfito; 91 — General; 92 — Azeita; 93 — Nojento; 94 — Rejeita; 95 — Mofofô; 96 — Remetem; 97 — Coruscar; 98 — Respeito; 99 — Certeiro; 100 — Lariço; 101 — Santo é o da minha aldeia; 102 — Morrer é da vida; 103 — Arte; 104 — Pissita; 105 — Maridagem; 106 — Sopreso; 107 — Longadas; 108 — Vetusto; 109 — Verdade; 110 — Portante; 111 — Matula; 112 — Macamã; 113 — Pedrista; 114 — Debater; 115 — Espantar; 116 — Locução; 117 — Undação; 118 — Quebrado; 119 — Gaveta; 120 — Manante; 121; Endecha; 122 — Meseta; 123 — Palmatoar; 124 — Farola; 125 — Queimada; 126 — Encontros; 127 — Crescido; 128 — Largo; 129 — Talhado; 130 — Quengo; 131 — Bernarda; 132 — Entanguido; 133 — Picado; 134 — Danado; 135 — Armadilha; 136 — Trambolha; 137 — Feito; 138 — Coberta; 139 — Equivoco; 140 — Caída; 141 — Toscano; 142 — Revirado; 143 — Caçapão; 144 — Tempo-quente; 145 — Paulama; 146 — Pardalada; 147 — Sem-fim; 148 — Bailarico; 149 — Tribofar; 150 — Taramela; 151 — Uma; 152 — Enchecabresto; 153 — Morredor; 154 — Encabeçamento; 155 — Marracho; 156 — Triscado; 156-A — Boa cara, má paga; 157 — Para que dar óculos a cego.



PALAVRAS CRUZADAS

Problema n. 1 (Abril)

Horizontais: 1 — Casca; 6 — Aliar; 7 — Ta!; 8 — 8 — Pé; 9 — Aleta; 11 — Ramal. — **Verticais:** 1 — Catar; 2 — Alalá; 3 — Si; 4 — Em; 5 — Capta; 6 — Areal.

Problema n. 2 (Abril)

Horizontais: 1 — Arica; 2 — Tiras; 3 — AC; 3 — Pi; 4 — Nível; 5 — Anato; 6 — Ola. — **Verticais:** 1 — Ataná; 7 — Rícino; 8 — Ir; 8 — Val; 9 — Capeta; 10 — Asilo.

Problema n. 1 (Maio)

Horizontais; 1 — Brístol; 6 — Er; 7 — Er; 8 — Pasmo; 10 — Ur; 11 — La; 13 — Filtros; 14 — Am; 15 — Ga; 16 — Iraci; 19 — Ai — 20 — Ra; 21 — Amorosa. — **Verticais:** 1 — B; 2 — Reprimiam; 3 — Ira; 4 — Tem; 5 — Orologias; 9 — Sétea; 12 — Asa; 17 — Rio; 18 — Cró; 21 — A.

Problema n. 2 (Maio)

Horizontais: 1 — Acalorado; 2 — Parótidas; 3 — Cio; 4 — Rei; 5 — Regra; 6 — Aliar; 7 — Nair; 15 — Impa; 9 — Amai; 10 — Doar; 11 — Ema; 12 — Aso. — **Verticais:** 1 — Apucaraná; 2 — Cá; 3 — Arvorariam; 4 — Lo; 5 — Otalgia; 6 — Ri; 8 — Adoraremos; 9 — Dá; 10 — Ossificar; 11 — Ame; 12 — El; 13 — Ria; 14 — Ra; 15 — Ida; 16 — Pão.

Problema n. 3 (Junho)

Horizontais: 1 — Ocar; 2 — Baré; 3 — Te; 4 — Varada; 5 — Venerara. — **Verticais:** 1 — Ob; 2 — Catre; 3 — Arear; 4 — Par; 5 — Ave; 6 — An; 7 — Dá.

Problema n. 4 (Junho)

Horizontais: 1 — Ir; 4 — Ué!; 6 — Acampamento; 12 — Sólio; 13 — Artes; 14 — Ra; 15 — Or. — **Verticais:** 1 — Icor; 2 — Rala; 3 — Ca; 4 — Unto; 5 — Éter; 6 — Ás; 7 — Mi; 8 — Pó; 9 — Má; 10 — Er; 11 — Os.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME.......................

RUA.................. Nº.....

CIDADE.....................

ESTADO.....................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Academia de Acordeon

MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453

São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja

Tel.: 37-5679

DECIFRADORES

Totalistas: Janota, Julião Riminot, Oarcim, P. Del Debbio, O Sineiro, Nostradamus, Malba Tantan, Cantagalo, Breque, Ralvo Ilvas, Almiro Lessa, Bael, Caio Loti, Clissal, Dr. Anquinhas, Mme. Stael, Rubem, Salrac, Teodoro Várzea, Olim, Tarcísio, Gil Vírio, Cleto Júnior, Pompeu Júnior, Sertanejo II, Anchieta, Águia, Yema, Seamva, Jayreis, Buridan, Ronega, Tonnew, Uedoth, Jasbar, Zigomar, Odnanref, Iris, Sefton, Ziul, El Principe, Farani, Alvasco, Narciso, Milon, Dopasso, Alguém, Édipo, Envergonhado, Jocati, Lujoca, Varetas, Plapece, Bereco, R. Said, Azil, Dr. Zinho, Donatilla Borba, Cartos; De Souza; Lidaci, Mardel, Paraná, Sinhô, Yvelise, Delpho, Toberal, Oicaroh, Don Roal, Durmel, Marcimento, Florentino, Dr. Barreto Cardoso, Bisilva, Emidlej, Manduca; Botucarahy, Juca Pirolito, O Janz, Conde de la Fere, Eduardo Bello Filho, Gomes Júnior, K. Nivete, Didoco, Debrito; Jasbar, Malheiros, Lutércio, Pla, Nilva, Ecebê, Marcus, Polidoro, Fanzio Luso.

2º lugar: Dacosta, Iris, Megos, José Coelho Vieira, Roama, Dr. Legnar, Mavicaro, Ismênia, Viviane.

Todos decifraram os problemas de palavras cruzadas e mais Mme. Paulette.

Não concorrem — Oicaroh, Durmel e Don Roal.

O QUE AINDA NOS ENCORAJA NO CHARADISMO

De um velho confrade nosso colaborador, que durante muito tempo estêve afastado das **lutas** charadistas, recebemos as seguintes linhas:

"... com um grande abraço, torna ou retorna ao ambiente do EU SEI TUDO, onde começou a engatinhar no charadismo.

Com estas palavras, procuro dizer tudo, e o velho Amigo bem me compreenderá."

Como êste, um dos grandes nomes do charadismo, existem outros muitos sinceros que não negam a sua aprendizagem nesta seção.



CASAMENTO

No dia 25 de dezembro realizou-se, na cidade de Maceió, o casamento do nosso colaborador Jurandir Júnior com a senhorita Maria José Lopes Toledo, ambos da sociedade alagoana. Os nossos parabéns.



CORRESPONDÊNCIA

(Cartas recebidas até 28 de fevereiro).

Roama (Iacri - S.P.) — Feita a mudança de seu novo endereço para onde enviamos o prêmio a que tem direito.

Calpetus (Santos) — A volta do velho amigo e confrade foi motivo de grande satisfação para os que aqui trabalham.

Dropê (Lisboa) — Recebemos os títulos em tempo; o caso do célebre guarda-chuva já foi resolvido...

José Coelho Vieira (Maceió) — Escrevemos diretamente.

Uedath (Niterói) — Feita a mudança do seu endereço; aguardamos a sua prometida visita e quanto aos docinhos quem poderá esquecê-los?

Cysneirense e **Cysneirense Júnior** (Viçoso - Minas) — Foi modificado o seu endereço. Agora temos onde passar as nossas férias...

Ruvina (Pôrto, Portugal) — A idéia é boa, mas... o nosso fim é facilitar, preparando nova gente.

Duque de Nancy (Rio) — Hoje publicamos a sua charadinha; é assim que se começa. Mande outras.

Sertanejo II (Lavras) — Tudo em ordem.

Oarcim (Rio) — Recebemos com muita satisfação a colaboração enviada.

Dr. Barreto Cardoso (Maceió) — ótimos os trabalhos que enviou.



PRAZO

Para as soluções de cada mês: Distrito Federal e Niterói 45 dias; demais Estados, 90.

Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO, Rua Maranguape, 15, e endereçada ao diretor desta seção:

DR. LAVRUD

MARAVILHAS DA CIÊNCIA

(Cont. da pág. 26)

Centenas de jovens de tôdas as camadas sociais viajam para a Europa, em busca de mestres para a marcha materialista. A Revolução Francesa, a Revolução Soviética e a Revolução Chinesa, os três maiores movimentos de rebeldia humana contra o tradicionalismo, processaram-se a golpes de sangue, com massacres coletivos. A Revolução Japonêsa nasceu do movimento revolucionário do espírito, cuja obra espanta os sociólogos. De regresso da sua viagem às terras do Mikado, admirava-se Julien de Rochechouart, em 1879, vinte e seis anos após a visita da esquadra norte-americana a Yedo e a Uraga, da velocidade com que os japonêses demoliam as crenças e refundiam o edifício social, superando as fórmulas do feudalismo, do budismo e do sintoísmo. Parecia-lhe um povo faminto de progresso, avançando ousadamente sôbre o futuro sem medir as conseqüências do seu assalto sôbre a Revolução Industrial. Eis o panorama da sociedade nipônica fotografado há meio século, por um diplomata europeu e não mudou a febre materialista do niponismo. Sem pausas para o reajustamento interno e para o novo clima social, os japonêses assaltaram a civilização eletrotécnica do ocidente, ansiosos de recuperar o isolamento de dois séculos e meio impôsto pela Dinastia dos Shungs. A sua aspiração de ir avante movimentava-se cada vez mais forte e decisiva, conforme provam as vitórias sôbre a Mandchúria, a China do Norte e seu avanço até às fronteiras da Sibéria. Supunha James Ward, que o abismo mais profundo, real e íntimo separando o Oriente e o Ocidente, residia para os levantinos na filosofia do sossêgo e na completa negação, no espírito de passividade e na subordinação da vontade de viver, atitudes prevalecentes no budismo, no bramanismo e no sintoísmo. E tudo isso se contrapondo a exuberante atividade do Ocidente, no arrôjo de iniciativa e desembaraço de conduta internacional. Mas tôdas essas fantasias, que deambulavam pelos salões europeus e norte-americanos, diluíram-se com a Revolução Japonêsa, cuja marcha revolveu tôda a Ásia com os seus exércitos e com o seu crescente mercantilismo. O grande império do Extremo-Oriente empenhou-se em governar o destino de tôdas as raças amarelas, à revelia da Europa e dos Estados Unidos. E a sua frota de guerra rondou Hong-Kong, as Filipinas, a Indo-China, Sumatra, Bornéu, a Malaia, num espetáculo de virilidade militar jamais previsto pelos europeus.

Agora, depois das limitações do Tratado de São Francisco e da dispersão das suas colônias, opera-se novamente entre os japonêses uma marcha para o sol, em que não se submeterá a um passivismo político e em que jamais se resignará a ser o trampolim para a deflagração da Terceira Guerra Mundial. Olha fixamente para a China e para a Índia, que se industrializam ràpidamente e disputam a orientação espiritual da Grande Ásia. Vem de declarar o primeiro-ministro Nehru, que morreu o complexo de fôrças que dominavam os asiáticos, isso quando se promove uma nova renascença asianista no Japão, com a ascensão ao poder do antigo estadista Ichiro Hatoyama. A necessidade de sobreviver entre os fortes da Civilização Atômica orientará a nova política da Dieta Japonêsa. Ainda não se encerrou a última cena dramática do povo que assaltou o progresso industrial do Ocidente, despertando tôdas as nações da Ásia para um novo ciclo de mudanças históricas.



PREPARANDO-SE PARA O FUTURO

UM fabricante de fechaduras, de Stransburgo, França, recebeu uma carta solicitando o envio do seu folheto de propaganda, intitulado: "Que entende você de fechaduras", para um endereço de Paris. Fêz como era pedido e uma semana depois, escreveu ao seu representante, instruindo-o a que fôsse visitar o possível cliente e procurasse vender alguma coisa. O agente, porém, respondeu: "Impossível falar com a pessoa indicada, que está ocupando a célula G-14, no presídio de Saint-Dénis."

LAVADOR DE VIDRAÇAS

ACABA de ser fabricado um pequeno aparelho que realiza a tríplice tarefa de molhar o vidro com certo líquido especial, limpá-lo e secá-lo, tudo numa só manobra. Compõe-se de um recipiente comprimível, cheio do citado líquido e de uma vassoura especial, de matéria-plástica, provida de secador de borracha e polidor.

A SEGUNDA VIAGEM A MARTE

(Cont. da pág. 76)

havia chegado ao planêta. Por causa disso nunca ficava inteiramente satisfeito quando celebrava o aniversário da rainha ou outras datas.

De qualquer modo, o vapor foi lançado às águas em 1897, dez anos após a sua chegada a Marte. Foi, também, neste ano que começaram a imprimir dinheiro papel e os marcianos aprenderam as vantagens de comprar e vender propriedades com segurança e garantia.

E vieram os salários e o comércio organizado, os lucros e dividendos, os empregos... e os desempregos.

Civilização, civilização!

Enquanto isso, o partido de Henry Green continuava oferecendo perigo e Humphrey fêz publicar editais explicando o sistema parlamentar e as leis constitucionais.

Nas primeiras eleições, Tom Smith venceu e teve a seu cargo cuidar da parte do canal-Tweed. Seu gabinete foi organizado e auxiliares eleitos para ajudá-lo na administração — Ministros e secretários e Robert Jones (ex-Poromby Lusu) foi nomeado para primeiro lord do Almirantado.

Henry Green, como não podia deixar de ser, encabeçou o seu grupo, como **líder da oposição**. Como tática política, certos adjetivos foram evitados.

Uma vez resolvida a situação política, econômica e solucionado o problema religioso, Humphrey se voltou para o setor cultural. Primeiro fundou o "Times" semanal e, logo após, inaugurou uma escola pública, organizou uma Enciclopédia Marciana. Foram deliberadas medidas para uma sociedade filosófica, uma academia de artes e organizou-se uma orquestra filarmônica. Humphrey teve o prazer, indescritível, de ser o primeiro a utilizar o primeiro telescópio, focalizando a terra e de saborear o primeiro sorvete marciano.

Contava cinqüenta e cinco anos quando a última tribo rebelde resolveu capitular. Neste mesmo ano, Tom Smith se aposentou, passando o cargo e o partido liberal para as mãos de Herbert Noro.

A influência de Humphrey quanto a mudança de nomes estava enfraquecendo.

Na hora dos batismos a autoridade religiosa cedia quanto à troca do primeiro nome, porém crescia a tendência no sentido de manter o sobrenome marciano.

Nesta época, Humphrey fêz construir o prédio da Câmara e começou a ajardinar praças e as margens dos canais.

Embora cinqüenta-e-cinco anos fôsse uma idade ainda ridícula para pensar em aposentadoria, êle começava a notar que tinha cada vez menos o que fazer. Todos os setores estavam em boas mãos.

Julgando sem parcialidade, teve que admitir que os seus discípulos marcianos estavam muito bem encaminhados, havendo, realmente, boas tendências naquela gente. Não viajava muito, pois quando se conhece um daqueles canais se conhece todos. Supervisionava os melhoramentos na Câmara, o bem-estar do povo e o embelezamento da cidade. Gastava também muito tempo falando sôbre o passado.

Num certo dia de celebrações, sentou-se, preparado a rigor, para o jantar e sentindo-se muito bem-humorado.

O mordomo acabara de trazer um prato e de servi-lo e ia retirando-se quando êle o chamou:

— "Espere.. Eu..."

E caiu fulminado por um colapso!

Foi enterrado nos seus jardins e, na sua sepultura, foi colocada uma pedra com os dizeres:

"Humphrey Howard Clarence — Beachy Cumberland — Esquire — Natural de Buckinghamshire. (E que jamais esqueceu a sua terra natal.)"

SEAN McDairuid Murphy, americano e antropologista, encabeçou a "Expedição Interplanetária das Nações Unidas do ano 2002" — isto é: caso os outros componentes (exceto Yasu Matsuhara talvez) admitissem um cabeça no grupo. Sergei Gobiniev, o etnologista, mantinha uma certa polêmica com o filologista Hyacinthe Langlois sôbre a possibilidade ou não de haver analogia entre as civilizações marcianas e terrestres. Luís Alemeda estava convencido, como geologista, de que nem sêres humanos nem traços dêstes seria encontrados.

A expedição devia contar com mais um membro, sir David Rabinovits, mas, desde que o Reino Unido se retirou da Câmara dos Comuns dos Canadenses-Australianos-Neo-Zelandeses - Africanos - Indianos, em

1990, Westminster não via motivo para interêsse em novos horizontes.

Assim, sir David ficou e a expedição partiu sem um biologista.

— Pois muito bem — disse Langlois. — Quem pode prever o que nos prepara a pérfida Albion?

— Pérfida — sim; esta é a palavra! — comentou Gobiniev. — Cosmopolita, superficial e dourada por um govêrno imperialista; sem dúvida, trabalhando contra os povos das democracias, tal como os sapos da chamada quinta república.

— Bobagens — disse Sean Murphy. — Ainda há muito que ver e saber: a Irlanda continua dividida, porém tendo Dave Rabinovits como agente é que nada conseguirão. Não quiseram custear as despesas de viagem de Rabinovits porque não se importam com Marte, com Nações Unidas, com coisa nenhuma, a não ser os festejos tolos que estão preparando êste ano.

A comissão aterrissou calmamente a menos de 10 milhas do local onde Humphrey havia chegado com seu projétil. Ali era, agora, um parque planetário conservado primitivo e intacto.

— Deserto! — resmungou o dr. Alemeda. — Deserto e árido !

Langlois abanou a cabeça teimosamente, olhando em redor, através dos seus óculos escuros.

Uma nuvem de pó apareceu ao longe, para logo se revelar um grupo de pessoas.

— Eu não disse? — animou-se Langlois. — Homens! E mulheres também, espero.

— Aquelas manchas coloridas me parecem bandeiras — disse Matsuhara.

— Impossível !— disse Murphy. — Deve ser outra coisa qualquer.

— É... o pavilhão britânico! — identificou Alemeda.

— É uma conspiração — gritou Gobiniev. — Um plano para desacreditar a U.R.S.S.

Uma locomotiva fumacenta apareceu a distância. A multidão, a pé, a acompanhava e se aproximou. As portas dos vagões se abriram e começaram a surgir marcianos trajando calças estreitas e casacas longas. Um dêles, segurando numa das mãos a cartola alta, falou:

— São da Terra, não é verdade?

— Não !— disse para si mesmo Murphy. — Não é possível !

— E por que é que vocês não falam russo? — rosnou Gobiniev.

— Ah! Vocês são russos? — indagou, displicente, o marciano. — Sim... Criméia e Turquestão — **os ursos que caminham como gente**.

— Apenas um é russo — esclareceu Alemeda. — Eu, por exemplo, sou uruguaio.

— Ah! Sim; a banda oriental, que nós perdemos. Presumo que haja também, entre vocês, um francês, um americano...

Matsuhara comentou intrigado:

— Estamos admirados de ouvir vocês falando inglês.

— Realmente? Não obstante, nós não estamos de ouvir que vocês também falam! Mas, deixemos estas questões de lado. Eu sou Austen Aboxu, primeiro-ministro e secretário de Defesa do Estado. Sejam-bem-vindos — desta vez oficialmente — a Marte. Desde que os avistamos ao longe tratamos de preparar uma festa de recepção no New Oxford Hall. Venham assim mesmo como estão, pois não creio que tenham trazido seus trajes de rigor.

Ainda meio tontos de surprêsa, os componentes da expedição ouviram o convite para embarcar no vagão marciano.

— Ainda é um pouco primitivo, não evoluímos muito em veículos terrestres, mas em navegação... orgulhamo-nos do nosso progresso!

A guarda marciana rodeou o projétil e ficou tomando conta, enquanto todos embarcaram.

— Sentimos desapontá-los com esta recepção que não é tão britânica quanto devia — falou o primeiro-ministro. — Mas espero compensar esta deficiência adiante, Agora, quero dar uma idéia do que será a cerimônia de recepção: primeiro o arcebispo de Marte; talvez achem um pouco monótono, mas o deão ainda é pior; temos, contudo, que respeitar o cargo! E, então, teremos personagens mais interessantes, palestras e tôdas as formalidades usuais.

— Não há dúvida — repetia Murphy, assombrado.

— Então — prosseguiu o ministro — o líder da oposição trará também os seus escolhidos e será seguido depois pelo

"gentleman" Usher, o guarda dos Cinco Portos, o lord Marciano...

Sim; vieram todos êstes e muitos mais, com seus longos discursos de boas-vindas aos exploradores recém-chegados de **"nosso querido planêta mater"**.

Entre as cerimônias, os expedicionários eram devidamente alimentados com **"Filet marciano, a Gladstone"**, e **"Peixe aux pommes de Mars"**, etc...

Finalmente, Sean Murphy pediu a palavra:

— Fui escolhido — começou êle, com certa hesitação. — Fui escolhido pelas Nações Unidas para tomar posse dêste planêta em nome da U.N."

O primeiro-ministro Aboxu interrompeu-o com um gesto.

— Creio que não poderá fazer isso.

— Bem, vejo que vocês são civilizados. Não é a mesma coisa que tomar uma terra deserta e agreste. Posso sugerir, no entanto, isto é, talvez vocês queiram aderir à U.N.

— Creio que não me entendeu bem — explicou o ministro. — Nós não somos uma nação. Tudo o que somos devemos à coroa, logo isto é um domínio de Sua Majestade e fica inteiramente na vontade de Sua Majestade — respondendo a consulta minha — dizer se devemos ou não aderir a estas — humm — Nações Unidas...

— O Quarto Império Britânico! — murmurou para si mesmo Sean Murphy.

— Para manhã — informou o ministro Aboxu — temos um programa: Haverá uma parada militar pela manhã; uma partida de "cricket" antes do chá e uma reconstituição histórica — temos tôdas as canções — não sei se conseguiremos agradar. Mas existem outros assuntos que estamos curiosos por saber: primeiro de tudo: a rainha, Sua Majestade ainda vive?

— Pelo menos até ontem — respondeu Murphy, calmamente.

— Mas é fantástico! Ela deve ser muito velha!

— Não, não... Nem tanto assim. Pelo menos na nossa maneira de ver...

O ministro Aboxu ficou abismado. A Coroa era imortal sim... mas, **a Rainha também?** Não era possível; êle lembrava bem tudo o que estudara em História. Compreendia a diferença de anos entre Marte e a Terra e, mesmo com a confusão do calendário baseado nas rotações e translações terrestres, conseguia converter de cabeça, mas, hoje, com todos aquêles acontecimentos imprevistos, sentia-se atordoado. Pelos seus cálculos, a Rainha devia estar com mais de duzentos anos, a não ser que houvesse algum êrro no calendário do **Mister**. Sim, mas havia a ciência e o Mister sempre lamentava não ter mais profundo conhecimento para elucidá-los, e dizia que a Ciência conseguiria prolongar a vida, descobrindo alguma fórmula maravilhosa!

Langlois, para puxar conversa, comentou:

— Na Inglaterra há muita alegria êste ano. Festeja-se o Jubileu da Rainha!

— O Jubileu? Mas foi justamente quando **Mister** chegou a Marte! O Jubileu de Ouro, cinqüenta anos de reinado... e êste deve ser precisamente o centésimo sextagésimo quinto! Sem dúvida, tem um significado muito especial!

O Jubileu, sim, naturalmente! Nós também estamos celebrando.

E voltando-se para o mestre-de-cerimônias bateu com a bengala, impaciente, pedindo, aos garções, vinho.

— Vinho do Pôrto, por favor! Todos nós queremos beber aos nossos visitantes e à Rainha Vitória!

— Ah! — resmungou Gobiniev. — Tolos!

— Muito bem; para começar, o nosso brinde habitual... ao primeiro-ministro.

Mr. Aboxu ergueu seu copo e levantou-se. Todos na mesa o imitaram. Os expedicionários também o seguiram.

— Senhores — começou o Correto e Honorável Austen Aboxu, P.C., M.P., membro da Real Sociedade Marciana pela Difusão do Saber — e com a voz trêmula pela emoção completou o brinde saudando: À Rainha Vitória!

Não havia razão para esclarecer que a atual rainha era Elizabeth. Todos beberam e todos partiram as taças para que nenhum outro brinde de menos importância fôsse nelas saudado. Nisto, como em tudo mais, faziam como Humphrey lhes havia ensinado. Mas neste dia com nova significação, pois sentiam **a pátria** tão perto...

ESSA LINGUAGEM CHAMADA AMOR

(Cont. da pág. 46)

— ótimo! Há tanto tempo que não sei nada de festas...

Jan olhou para ela, ràpidamente.

— Você tem ficado mesmo enterrada aqui!

— Talvez você tenha razão — disse Liz.

MAS no dia seguinte estava animadíssima. Era uma excelente ocasião para provar a Jan, a si mesma, que nada acontecera, que nada mudara com ela. Que não se transformara numa matrona, boa apenas para cuidar da casa. Estava decidida a se mostrar chique, brilhante, alegre, gostando de ouvir e contar anedotas. Passou tôda a quarta-feira preparando-se no único salão de beleza local. Passou um exame geral em seus armários e acabou escolhendo um vestido prêto, de tafetá, que destacava melhor seus colares e pulseiras. Caso estivesse vivendo na cidade, teria escolhido um "tailleur" de "tweed", mas, agora, não queria, nem de leve, recordar que era uma "viajante" em visita à cidade.

Estava excitada como uma menina de dezesseis anos que se prepara para a sua primeira festinha, quando saiu ao encontro de Jan, que a aguardava no escritório de Tom.

Estudou sua chegada cuidadosamente e apenas seis minutos antes das seis desceu diante da aparatosa casa de apartamentos na Quinta Avenida, onde vivia o "big-boss" Tom Weatherby. O salão estava cheio de música, de risos, de fumaça de cigarros, quando ela chegou.

— Liz, querida!

O rosto redondo de Tom se abriu num largo sorriso, quando abriu os braços para abraçá-los. Você fugiu há tanto tempo da cidade, que já estávamos morrendo de saudades.

— Você também desapareceu! — disse ela, com um arzinho de censura.

Tom já a arrastava para o centro do salão, examinando-a, carinhosamente.

— Você está tão linda como sempre! Jan é um louco deixando você enterrada no campo, hein?

— Que tal se me levasse para o bar e me oferecesse um drinque?

Queria tanto que Jan aparecesse logo e visse o seu êxito! Jan, de fato, não tardou a emergir de uma poltrona, indo ao seu encontro. Passou um braço em redor de seus ombros, beijando-a no rosto.

— Meu bem, você está um encanto! — cochichou junto de sua orelha.

Como podia ela, após onze anos, continuar emocionando Jan a êsse ponto? Forçando-o a cruzar o salão para ir beijá-la? Teve uma vontade louca de pedir-lhe desculpas por haver esquecido tanto de si mesma e dêle próprio; de confessar que precisava dêle e dos seus elogios.

Entre Jan e Tom, foi escoltada até ao bar e sentiu que a noite seria um sucesso. Sentia-se ligeira, alegre, livre, enfim, do pesado fardo que suportara por tantos meses. Vendo-a ali, entre rostos risonhos e amigos, felizes por reencontrá-la, até Peter e Ellen haviam de sentir-se felizes. Orgulhosos da mãezinha... Talvez, mais tarde, quando tivesse cinqüenta, ela e Jan, formando sempre um belo par, ficariam na casa-de-campo para o resto dos seus dias. Mas, não agora. Ainda não.

MAIS tarde, ainda na festa, Jan a levou para um canto da sala.

— Wes Taylor quer falar com você. Está procurando alguém para uma campanha de publicidade e eu disse-lhe que você talvez se interessasse.

Os olhos de Liz cresceram assustadoramente.

— Eu? Mas... Como poderia, agora?

Sentia-se repentinamente assustada, sem fôrças, como se, na praia, uma súbita onda, colossal, viesse sôbre ela.

— Por que não? — disse Jan, com desembaraço. — Afinal, você não ficou tanto tempo assim, afastada da atividade. Podemos formar uma boa dupla. Você está estragando suas qualidades. Converse com êle, ao menos, a fim de conhecer sua oferta.

— Está bem.

Liz acompanhou o marido até junto de Taylor, homem alto, espadaúdo, quase um gigante.

— Olá, Liz!

Taylor esticou o braço enorme e puxou-a para o sofá, obrigando-a a sentar-se ao seu lado. Parecia mais um filósofo indiano do

que o campeão dos programas de rádio. Talvez os longos anos escrevendo programas para um sabonete lhe tivessem dado aquela expressão "ausente". Agora tinha um luxuoso escritório e vendia por bom preço programas para rádio e televisão.

— Sei que você vende o dôbro do que qualquer outro publicista — disse Liz, instalando-se confortàvelmente. — Hmm, êste "tweed" é mais macio do que os que tenho — acrescentou, roçando o braço pela manga do casaco de Taylor.

Êle sorriu, lisonjeado.

— Você é uma pequena inteligente, Liz.

Levou quase uma hora explicando seus negócios a ela, e, por fim, em dez minutos, convenceu-a a aceitar o emprêgo.

— Não é nada sensacional — confessou — mas, em suas mãos, tenho a certeza de que se desenvolverá depressa. Espero que possa começar a trabalhar sem demora!

A caminho de casa, Liz se sentia maravilhosamente bem. Era ela quem dirigia, pois tinham chegado à mesma conclusão: Jan estava um tanto "entornado". Sentia que podia fazer o veículo voar. Podia fazer tudo o que quisesse... Podia viver **folgada** com Jan e também com Peter e Ellen.

Ao chegar ao lar o impacto do ar fresco, do campo, arrepiou sua pele. Empurrando Jan à sua frente, entrou em casa. Sôbre a mesa havia um recado da sra. Clancy, que havia ficado com as crianças aquela noite. O livreiro fizera entrega do livro encomendado por Jan. As crianças estavam muito bem. Havia também um pedaço de cartolina, enfeitado com riscos vermelhos e azuis, imitando laboriosamente um ramo de flores e outro, maior e de bordo irregular, apenas com um "botão de rosa" muito forçado. Num havia também as palavras: **"Mamãe. Eu adoro você e Peter".** No segundo: **"Para Mamãe e Papai, de Ellen Hawks."**

Liz teve vontade de chorar ao verificar que tanto ela quanto Jan tinham esquecido a data, o "Valentine Day".[1] Felizmente, os filhos, ao menos, eram meigos e sentimentais. Jan apenas sorriu, limitando-se a comentar: "Os garotos são adoráveis!"

[1] Também chamado o "Dia dos Namorados", que os norte-americanos festejam anualmente.

PELA primeira vez em sua vida, Liz tinha dificuldade em achar criada. Jan chegava a casa e perguntava, antes de dar boa-tarde: **"Arranjou criada?"** E ela, desesperada, sacudia a cabeça, pensando por que cargas d'água recusara a linda mocinha que se oferecera dois dias antes. Talvez porque fôsse quase uma menina ainda. Mas, agora, pensava que seria até o ideal para entreter as crianças. Muitas outras tinham vindo tratar o emprêgo, porém nenhuma lhe agradara. Finalmente, em pânico, decidiu aceitar a sobrinha da sra. Clancy, uma camponesa robusta e sadia, que parecia ter muita paciência e ser quieta e bem educada.

Jan ficou entusiasmado:

— Posso dizer a Wes, que você começa a trabalhar segunda-feira?

Liz pensou que Jan não mudava. Era o mesmo "apressado" dos tempos de noivado.

— Preciso ainda de uns dias, para estar em casa... até que as crianças se acostumem com ela — pediu, corando ligeiramente.

Quando, finalmente, chegou a primeira manhã de trabalho, Liz sentiu que seu entusiasmo renascia. Acordar cedo, ir pelas estradas com roupas de cidade, encontrar-se com os amigos habituais de Jan, aceitar seus olhares admirativos, que por certo a acompanhariam, quando se despedissem, após o almôço, tudo a animava.

As crianças também estavam achando aquilo uma novidade deliciosa. A idéia de ficar a sós com a gorducha criada os encantava. Apesar disso, na hora de receber o beijo de sua mãe, o pequenino Peter perguntou, com um arzinho preocupado, quase de mêdo:

— Vocês vão voltar, hoje?

Liz sentiu o coração apertado e as lágrimas prestes a saltar dos olhos, pensando quanto carinhosos eram seus filhos.

— É claro, tolinho. Que pergunta bôba!

Jan e Tom a levaram para almoçar, aquêle primeiro dia, e tudo pareceu muito festivo.

— Foi ótimo você aceitar o emprêgo — disse Tom. — Gostaria que Corinne pudesse aceitar — acrescentou, com ar pensativo, enquanto Liz logo recordava a espôsa de Tom e os poucos minutos em que a vira, na festinha noturna. Alta, loura, estava um tanto "alegre" quando ela própria chegara ao salão. Pensou também que

os cuidados dos salões de beleza eram de pouca valia para socorrer aquela criatura envelhecida antes do tempo. Também, a vida que levava... Não. Liz estava muito satisfeita de poder ajudá-lo nos negócios... Em um mês, em poucas semanas até, tudo estaria normalizado. E viver, ali, no campo, era até melhor que em New York. As crianças tinham ar sadio e, para êles próprios, Liz e Jan, era uma delícia a paz do campo, poder fumar no silêncio total, com a brisa entrando pela janela. Os filhos...

Mais tarde, telefonando para casa, Peter disse qualquer coisa sôbre Robin Hood. Êle, porém, não entendeu muito bem, porque a porta da cabine telefônica, emperrada, teimou em não fechar. Por isso, à hora do almôço perdeu muito tempo sondando as vitrinas das livrarias, em busca do livro. Mas todos eram volumosos, escritos para adultos... Nunca teria tempo de ler aquilo para o menino!

TAMBÉM pensou em Jan e no quanto o amava, embora êle tivesse mudado um pouco. Mostrava-se, agora, mais interessado pelos amigos que por ela própria. Ou era apenas impressão? Finalmente, voltou para o escritório e trabalhou apaixonadamente, a fim de mostrar o quanto valia. O trabalho era fácil para sua experiência e por isso não teve surprêsa quando Wes a chamou, uma tarde, à sua sala.

— Liz — disse êle, sem rodeios. — Palmer vai sair da firma e você pode ficar com o pôsto que êle ocupava... se quiser.

— Eu? — Liz corrigiu um cacho dos seus cabelos e sentou-se do outro lado da mesa. — Você acha que posso substituir o **Grande Palmer?**

— Não é, realmente, trabalho fácil, Liz. Você terá que lidar com figurões do rádio. Trabalho longo, intenso, difícil mesmo... Mas acho que você tem capacidade bastante...

— Não sei não, Wes. Preciso pensar um pouco, falar com Jan a respeito...

— Está certo. Mas ouça, Liz. No seu lugar aceitaria logo. Conheço uma porção de mulheres que ficaram hesitando, hesitando, mas, quando se decidiram, trabalharam de verdade e tão bem como outro qualquer profissional.

— Sim... Mas uma mulher tem outras coisas em que pensar... Os filhos, por exemplo... — respondeu Liz, pensativa, dirigindo-se lentamente para uma janela.

— Êsse problema é seu... Reflita na proposta e depois fale-me.

"**Êsse problema é seu**"... Os homens são engraçados. Dizem as coisas como se estivessem alheios a tudo o que não fôsse negócios. O resto, as mulheres que resolvam sòzinhas. Formidável! Em todo o caso o melhor seria tentar falar com Jan. Assim pensando, telefonou para êle.

— Quando posso falar com você, pessoalmente? É urgente.

ÀS quatro e trinta encontraram-se num bar da rua Cinqüenta e Dois. Jan recebeu a notícia da maneira que ela já esperava:

— Isso é formidável, querida! Sabe? Estou muito orgulhoso.

— Hmmm. Não sei se devo aceitar — repetiu Liz pela quarta vez.

— Tolinha... Êsse é o cargo que você procurava e realmente merece. Wes está ganhando rios de dinheiro, e você só poderá melhorar trabalhando para êle.

E tratou de entusiasmá-la, de fazer mil recomendações, de indicar pessoas que poderiam ajudá-la. Diante de uma oportunidade daquelas, como podia ela estar pensando em cuidados dos filhos? Ela não desejaria passar o resto da vida como uma matrona provinciana, determinada a viver como uma escrava. Com dinheiro tudo estaria arranjado e as crianças teriam boas babás, bons colégios...

Tudo isso foi interrompido com a chegada de Alice Tisdale e um homem enorme, que se juntaram a êles. Pouco depois, Liz começou a juntar sua bôlsa, o casaco, as luvas e tocou num ombro de Jan.

— Onde você vai? — perguntou Alice, estupefata.

— Para casa, naturalmente. Somos suburbanos, você sabe...

— Oh, não! Não esta noite! — protestou a outra. De fato, adorava a Jan e a Liz, afirmando que formavam um par adorável. — Há uma festinha no apartamento de Rocky. E Jed, que aqui está, possui um restaurantezinho divino, uma coisinha louca, para onde iremos depois.

— Sim — disse Jan. — Temos que comemorr! Liz subiu de pôsto! Está com um lugarão!

— Desculpem... Tenho que telefonar — disse Liz, levantando-se. Mas, na verdade, preferia estar só, com Jan, a fim de pensar no novo cargo. Não tardou a voltar e disse a Jan, com ar intrigdo:

— Não respondem...

Jan apontou para a rua:

— Veja! Ainda não é noite. Você sabe como os nossos filhos gostam do ar livre. Telefona mais tarde.

MAIS tarde... também não houve resposta; mas Jan afirmou que **com uma noite igual àquela os garotos deviam estar jantando ao ar livre**. Liz, entretanto, sentia-se fatigada e tratou de apressá-lo. Mesmo assim eram onze horas quando chegaram a casa.

— Está tudo tão escuro — comentou Liz, saltando do automóvel.

— Claro! Você queria que estivessem todos acordados, a esta hora?

Liz esperou que Jan fechasse a garagem e, juntos, penetraram na casa sem luz. Logo que Jan ligou a luz do **hall**, Liz subiu a escada e, cinco segundos depois, Jan ouviu o seu grito de espanto e de mêdo.

— Jan! Êles não estão aqui!

Num instante, Jan estava ao seu lado, olhando com ar atordoado para os dois leitos vazios. Com espanto, Liz viu o marido abaixar-se para olhar sob as camas, como se as crianças ali pudessem estar.

— Margaret! — gritou Jan, correndo na direção do quarto da criada. Porém, êste também estava vazio e a cama ainda preparada para receber sua proprietária.

— Talvez ela tenha deixado algum recado na cozinha — disse Liz, satisfeita momentâneamente, por haver encontrado uma solução tão simples. E juntos correram para a cozinha. Esta, entretanto, estava limpa e o fogão frio. E não havia nenhum recado.

Dividiram tàcitamente a casa em duas e iniciaram uma busca minuciosa; Liz deixando a parte do quintal e do porão para o marido, temendo... temendo o que nem ela própria queria confessar. Nada! Nenhum sinal das crianças ou de Margaret.

— Oh! Se encontro Margaret sou capaz de matar essa criatura! Devíamos ter arranjado alguém **realmente** responsável! Talvez tenha ido fazer uma visita, longe de casa, esquecendo a hora de voltar! — gritou Jan, cujo rosto estava pálido e transtornado pelo furor e o mêdo.

Liz continuava a enrolar os cabelos, num gesto nervoso.

— Que vamos fazer? Temos que fazer alguma coisa! Não podemos ficar, aqui, sentados! Que fazer, antes de tudo? Para quem telefonar? Para a polícia?

— Não... Você se lembra de alguém vizinho em casa do qual possam estar?

Liz não pensava nada. Não podia pensar.

— A casa da sra. Clancy estava às escuras. Mas creio que ela poderia, talvez, informar...

Levantou-se e já empunhava o fone, quando Jan gritou:

— Espera! Aí vem um automóvel! Penso que são êles...

Liz pensou que seu coração ia parar para sempre, quando ouviu as vozes de Peter e Ellen. Ouviu a voz de Jan, gritando, desesperado e ameaçador:

— Por Deus! Onde vocês estavam?

LIZ tinha agora os filhos nos braços e ambos gemeram um pouco, protestando contra o apertão que sofreram.

— Queridinhos! Que susto me causaram!

— Por quê? Estivemos na festa do colégio... — dizia nesse instante Margaret, procurando mostrar-se calma. — Peter disse que tinha avisado à senhora, mas que o sr. Hawk e a senhora mesma tinham importantes negócios a tratar na cidade... Os Collins vieram apanhar as crianças, no seu automóvel, e elas teimaram que eu também devia ir. Divertiram-se tanto! A senhora desculpe...

— Está bem...

Liz olhava para Peter e descobria em seus olhinhos o mesmo ar alarmado que encontrara nos olhos do pai. Parecia pedir que ela nada dissesse, que não ralhasse com Margaret, porque êle explicaria...

— Peter foi o grande sucesso da festa! — disse Margaret, falando sem se dirigir especialmente a qualquer pessoa. — Ellen também brilhou... — acrescentou, afagando a cabecinha dourada e já pesada de sono. — Mas, para ser franca, Peter foi o maior! Acho melhor levar as crianças para a cama.

— Deixa que eu levo, Margaret — disse Liz, mansamente, continuando a abraçar os filhos.

Antes de subir, lançou um olhar para Jan, que continuava pálido e agora se mantinha em obstinado silêncio, observando os filhos.

— Acho melhor você preparar um café e tomá-lo — disse ela, falando por cima do ombro. — Você está precisando...

Ellen dormiu, mal pousou a cabeça no travesseiro. Porém, Peter estava "com a corda tôda".

— A senhora não está zangada, mamãe? — perguntou êle, parando um instante de escovar os dentes.

— Por que havia de estar? Você não fêz nada errado... **Fêz?**

— Bem... A senhora e papai tinham muitos negócios importantes na cidade... **Não tinham?**

— Por que você não pediu, primeiro, antes de ir a essa festa? — perguntou Liz com bondade.

— Eu pedi! Pedi, uma vez, por telefone... E a senhora não disse que não... Então pensei que estivesse muito ocupada. Devia ser mais importante do que a festa do colégio!

Liz voltou o rosto depressa, para que o filho não visse suas lágrimas.

— Da próxima vez, Peter, deixe que papai e eu estudemos a conveniência ou não de ir a uma festa. Há coisas que você e Ellen não podem resolver, sòzinhos...

Peter ouviu calado.

MAS, logo que se meteu na cama e Liz apagou a luz e curvou-se para beijá-lo, o menino começou a soluçar com a violência com que só as crianças soluçam, quando choram magoadas.

— A senhora nunca me verá como Robin Hood. Nunca haverá outra festa igual! Nem a senhora nem papai !

Liz viu Jan, de pé, junto da porta. Depois, pisando sem ruído, chegar-se para junto do leito e sustentar o menino nos seus braços até que, finalmente, Peter dormiu.

Liz foi a primeira a retornar, pé ante pé, ao quarto. Estava sentada diante da mesinha de **toilette**, olhando a lua subir além de Huckleberry Hill, quando ouviu Jan sentar pesadamente na cama.

Sem uma palavra, Liz foi soltar os sapatos de salto alto no armário embutido. A seguir, calçou um par de velhos sapatinhos de entrada baixa e depois, como se estivesse mais confortável e amparada, agora, voltou-se, para enfrentar o olhar de Jan.

— Não vou aceitar o emprêgo que Wes me ofereceu. Nem mesmo vou ficar com o pôsto que tenho agora

Falava como se já soubesse, há muito tempo, as frases exatas que agora pronunciava.

— Vou ficar em casa e... Jan! Compreenda, por favor, que não estou fazendo nenhum sacrifício, porque as crianças precisam de mim. Eu preciso mais, **muito mais**, dos meus filhos! Eu **quero** ficar com êles. Esta é a simples verdade! Gosto disto; adoro isto... e não me importa o que os outros possam pensar ou dizer, mesmo que eu me transforme na provinciana mais "bicho do mato" de todo o mundo!

Pronunciou as últimas palavras com ar desafiador e, quase em seguida, desatou a chorar, porque o rosto de Jan se mostrava tão terno, tão emocionado...

Ofereceram-se as mãos, num gesto tácito, e êle a chamou para o seu lado, bem juntinhos.

— Querida — disse Jan, beijando-lhe a fronte. — Você não deve mesmo ligar ao que eu possa pensar — ou os outros pensem. O importante é que nós dois, você e eu, nos entendamos. O resto não importa. Há coisas que só mesmo um casal resolve bem. A união e a compreensão é que valem. Mesmo para os que estejam casados há muito tempo. Há, até, mais necessidade dessa união de idéias, quando os anos passam...

Sorria, agora, para ela e Liz compreendeu que não estava só. Que nunca estaria só. Jan estaria com ela cada segundo da vida. — mesmo nas horas em que fôsse para o trabalho — criando ambos, laboriosamente, mas apaixonadamente também, um novo sistema de comunicação, **uma nova linguagem**, uma linguagem **que seria entendida** pelo seu maravilhoso mundo de quatro pessoas. E isso, afinal é o máximo que uma mulher pode fazer por sua família.

EU SEI TUDO

Nº 455 — Ano XXXVIII Nº 11 — Abril — 1955

SUMÁRIO:

Que Acha o Leitor? 3
A Mulher Traída (conto) 5
Cortesia "Yankee" 9
Mamãe Andorinha 9
A "Boa Resposta" do Mês 9
Medicina Hermetista — Em pleno século XX os médicos receitam pelos astros 10
Para as Suas Flores 15
Uma Questão de Dinheiro (conto) 16
Visão Mundial: O drama de um povo que assaltou o progresso 19
O Mêdo — Enfermidade Mortal do Homem Moderno (Mas a química prepara pílulas contra o mal) .. 27
Por Que Não Fazem? 31
A Arma Secreta de Cugat 32
Ondas Supersônicas Para Diagnosticar Moléstias Cardíacas 32
Superstições Sôbre o Okapi 32
Casadas Com Árvores 32
Você Acorda à Hora Que deseja? (O corpo humano também pode medir o tempo) 33
O Presente 34
Se não sabia 34
A Fôrça de Um Juramento (Romance, continuação) 35
Essa Linguagem do Amor (conto) 43
Como Virá a Morte Atômica? (Enquanto se ativa a fabricação de engenhos de morte, os laboratórios preparam drogas-milagre, que protegerão a humanidade das bombas-atômicas. Experiências em cobaias revelaram bons efeitos) 47
Não Era Para Êle 53
E Esta? 53
Pequena Enciclopédia Popular: Tudo Se explica 54
O Destino de Um Pedaço de Corda 54
Os Milenários Mistérios do Cavalo. (Obra do homem, não da natureza!) 55
O Tema 60
A Mais Empolgante Aventura de Todos os Tempos: Um sábio à procura de Adão! 61
Recurso Supremo 65
O Disco-Voador e o Pintor de Pio XII 66
A Origem do Hino Inglês 66
Diga "Ah!" 66
Uma Idéia, Sem Dúvida, Genial 66
Novo Milagre Para Salvar o Coração 67
Conselhos de Uma Quituteira 70
A Segunda Viagem à Lua (conto) (No ano 2.000, a expedição aterrissou. Devia ser esta a primeira a chegar, porém Humphrey a havia precedido de 115 anos!) 71
Agora, Já Fizeram Isto (Gêlo industrial — Gorro de trabalho — Soldadura para remendos — Sinal para os garções) 77
Um Destino (novela) 78
Na Inglaterra é Assim 82
Para Marcar o Preço nos Tecidos 82
Se Você, Algumas Vêzes, Fica Só... Distraia-se com o seu cérebro 83
Os Olhos de Marciano 86
O Diário de Felix Lane (Romance, continuação) ... 87
Memento EU SEI TUDO (Fevereiro de 1955) 95
Charadas — Quebra-Cabeças 102

CORRESPONDÊNCIA

"Que Acha o Leitor" — A redação agradece o entusiasmo com que os leitores atenderam ao nosso apêlo, no sentido de saber o que preferem ver em EU SEI TUDO, as seções que preferem, o gênero dos romances, contos, etc., e solicita que continuem enviando sugestões, que serão recebidas com o maior aprêço e levadas em grande consideração.

F. J. de Oliveira Costa (Pelotas, R. G. do Sul) — Embora pareçam produtos norte-americanos, extraímos as informações de uma revista francesa. Vamos procurar maiores detalhes que enviaremos por carta.

Maria Teresa Moura (D. Federal) — Não encontrará onde pretende. Também não fizemos edição, em livro, dessa obra. Quanto ao segundo pedido vai ser estudado.

Luís Augusto Sodré (D. Federal) — Apenas houve um engano do linotipista, não consertado pelo revisor. O preço é mesmo o de 60 cruzeiros e não 50. Já foi providenciado segundo o seu pedido.

Fábio Loureiro (Campinas, S. Paulo) — Sendo realmente segundo anuncia, por certo que será aproveitado. A pessoa indicada em sua carta ainda não procurou esta redação.

Carlos Galton de Sá (D. Federal) — Só mesmo percorrendo a coleção, que se encontra à disposição nesta redação. Adiantamos, entretanto, ser pouco provável. Gratos pelas referências.



A CAPA — Mêdo! Se você tem mêdo de tudo... ou apenas de determinadas coisas ou pessoas, não deve deixar de ler os recursos novos da medicina contra essa angústia vexatória... Depois tome uma pílula e fique valentão. (Leia artigo à página número 27.)